O LIVRO QUE DEU ORIGEM À CULTUADA SÉRIE *DEXTER*

JEFF LINDSAY

DEXTER

A MÃO ESQUERDA DE DEUS

Planeta

DEXTER
A MÃO ESQUERDA DE DEUS

JEFF LINDSAY

DEXTER

A MÃO ESQUERDA DE DEUS

Tradução
Beatriz Horta

7ª reimpressão

Planeta

Copyright © Jeff Lindsay, 2004

Título original: Darkly Dreaming Dexter *Direitos exclusivos de edição em português reservados para o Brasil.*

Preparação e revisão: Tulio Kawata, Flávia Yacubian e Vivian Miwa Matsushita *Diagramação:* Nobuca Rachi *Capa:* Graziella Iacocca *Imagem de capa:* © Corbis/LatinStock Conversão em epub: {kolekto}

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lindsay, Jeff
Dexter : a mão esquerda de Deus / Jeff Lindsay ; tradução Beatriz Horta. – São Paulo : Editora Planeta do Brasil, 2008.
Título original: Darkly dreaming Dexter
ISBN 978-85-422-0039-3
1. Ficção norte-americana I. Título.
07-9547 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2012

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York 05001-100 – São Paulo-SP
vendas@editoraplaneta.com.br

Para Hilary,
que é tudo para mim

AGRADECIMENTOS

Este livro só foi possível graças à generosa ajuda técnica e espiritual de Einstein e Deacon. Eles são o que há de melhor em matéria de policiais de Miami e me ensinaram um pouco do que é fazer esse duro trabalho num lugar mais duro ainda.

Gostaria também de agradecer a algumas pessoas que deram sugestões muito úteis, principalmente minha mulher, os Barclay, Julio S., o dr. A. L. Freundlich e senhora, Pookie, Bear e Tinky.

Agradeço profundamente a Jason Kaufman por sua sabedoria e perspicácia em dar forma a este livro.

Agradeço também a Doris, a Senhora que Ri por Último.

Agradecimentos especiais para Nick Ellison, que é tudo que um agente supostamente deve ser, mas quase nunca é.

Capítulo 1

~

Lua. Uma lua maravilhosa. Cheia, gorda, avermelhada, a noite clara como dia, o luar inundando a terra e trazendo alegria, alegria, alegria. Trazendo também o rugir da noite tropical, a voz macia e turbulenta do vento uivando nos pelos do braço, o lamento vazio da luz das estrelas, o grito trincado da luz da lua sobre a água.

Tudo isso chamando o Necessitado. Ah, o berro sinfônico das milhares de vozes ocultas, o grito interior do Necessitado, *a entidade*, o observador silencioso, a coisa fria e quieta, aquele que dança, o Bailarino da lua. O eu que não era eu, aquele que zombava, ria e vinha com sua fome. Com a Necessidade. E a Necessidade agora estava muito grande, muito atenta fria enroscada arrastada rachada ereta e pronta, muito grande, bem pronta... mesmo assim, esperava e observava, me fazia esperar e observar.

Eu esperava e observava o padre havia cinco semanas. A Necessidade alfinetara e provocara, me cutucando para encontrar um, encontrar o próximo, encontrar o padre. Havia três semanas eu sabia que era ele o próximo, nós (ele e eu) pertencíamos ao Passageiro das Trevas. Passei essas três semanas lutando

contra a pressão, a crescente *Necessidade* aumentando dentro de mim como uma grande onda que encrespa e arrebenta na praia e não recua, só cresce mais a cada segundo do relógio da noite luminosa.

Mas era hora também de tomar cuidado, hora de ter certeza. Não de que era o padre, não, pois havia muito eu sabia disso. Hora de ter certeza de que ia ser feito direito, limpo, com tudo se encaixando, tudo certo. Eu não podia ser pego, não agora. Tinha trabalhado duro por muito tempo para fazer esse trabalho, para proteger minha ditosa vidinha.

E eu estava me divertindo muito para interromper agora.

Portanto, tomava sempre muito cuidado. Sempre limpo. Sempre prevenido para que a coisa fosse *direita.* E, quando estava direita, dar um tempo extra para garantir. Era o estilo Harry, que Deus o abençoe, aquele sagaz policial perfeito, meu pai adotivo. Esteja sempre seguro, tenha cuidado, seja correto, ele disse, e há uma semana eu tinha certeza de que tudo estava tão direito *à la* Harry quanto possível. E, ao sair do trabalho naquela noite, eu sabia que era o dia. Aquela era a Noite. Era uma noite diferente. Nela ia acontecer, *tinha* de acontecer. Exatamente como tinha acontecido antes. Exatamente como ia acontecer de novo e de novo.

E dessa vez seria o padre.

Ele se chamava padre Donovan. Ensinava música para as crianças do Orfanato Santo Antônio, em Homestead, na Flórida. Os alunos adoravam-no. E, naturalmente, ele adorava os alunos. Dedicou a vida a eles. Aprendeu espanhol e crioulo. Aprendeu a música deles também. Tudo pelas crianças. Tudo que fazia, era por elas.

Tudo.

Eu o estava observando nessa noite, como fizera em tantas outras. Vi quando parou na porta do orfanato para falar com uma menina negra que foi atrás dele. Era pequena, não devia ter mais de oito anos e era miúda para a idade. Ele sentou-se na escada e conversou com a menina por cinco minutos. Ela também se sentou e ficou se levantando e sentando. Os dois riram. Ela se encostou nele. Ele tocou nos cabelos dela. Uma freira apareceu na porta e ficou parada, olhando-os antes de falar. Depois, sorriu e estendeu a mão. A menina tocou-a, com a cabeça encostada no padre. O padre Donovan abraçou-a, levantou-se e deu um beijo de boa-noite na garota. A freira riu e disse alguma coisa ao padre Donovan. Ele respondeu.

Então, o padre foi para seu carro. Finalmente, eu me levantei para atacar e...

Ainda não. Uma *minivan* de serviço de limpeza estava a uns dois metros da porta. O padre Donovan passou e a porta lateral da *van* se abriu. Saiu um homem com cigarro na boca e cumprimentou o padre, que se encostou na *van* e falou

com ele.

Sorte. De novo, sorte. Tenho tido sempre sorte nessas Noites. Não tinha visto aquele homem, não notei que estava lá. Mas ele teria me visto. Não fosse a Sorte.

Respirei fundo. Expirei lenta e firmemente, fazia um frio gélido. Foi só uma coisinha. Não esqueci nenhuma das outras. Tinha feito tudo certo, tudo igual, tudo como devia ser. Ia dar *certo*.

Agora.

O padre Donovan foi para seu carro novamente. Virou-se e disse alguma coisa. O faxineiro acenou da porta do orfanato, jogou a guimba do cigarro e entrou. Sumiu.

Sorte. Sorte, de novo.

O padre Donovan ficou procurando as chaves, abriu a porta do carro e entrou. Ouvi a chave entrar na ignição. O motor ligar. E então...

AGORA.

Sentei-me no banco traseiro e coloquei o laço em seu pescoço. Uma volta rápida, escorregadia e perfeita e a linha para peixes de quinze quilos ficou firme. Ele fez um pequeno movimento de pânico e pronto.

– Você agora é meu – eu disse, e ele ficou paralisado com precisão e perfeição, como se tivesse ensaiado, quase como se tivesse ouvido a outra voz, o observador risonho dentro de mim.

– Faça só o que eu mandar – falei.

Ele soltou uma exclamação e olhou no retrovisor. Meu rosto estava refletido lá, esperando por ele, envolto na máscara de seda branca que só deixava à mostra os olhos.

– Entendeu? – perguntei. A seda mexia na minha boca quando eu falava.

O padre Donovan não disse nada. Olhou bem nos meus olhos. Apertei o laço.

– Entendeu? – repeti, um pouco mais baixo.

Dessa vez, ele concordou com a cabeça. Pôs a mão no laço, sem saber o que aconteceria se tentasse desapertá-lo. O rosto dele estava ficando roxo.

Desapertei.

– Fique bonzinho e vai viver mais – falei.

Ele respirou fundo. Ouvi o ar raspar em sua garganta. Ele tossiu e respirou de novo. Mas ficou parado e não tentou fugir.

Isso era muito bom.

Saímos com o carro. O padre Donovan obedeceu a minhas ordens, sem trapaças nem indecisões. Fomos para o sul pela Florida City e pegamos a estrada Card Sound. Achei que ele ficou nervoso com aquela estrada, mas não se opôs.

Não tentou falar comigo. Manteve as mãos na direção, pálidas e tensas, os nós dos dedos estavam saltados. Aquilo também era muito bom.

Fomos para o sul, calados por mais cinco minutos, com exceção do som dos pneus, do vento e da grande lua lá em cima, tocando sua poderosa música nas minhas veias e o observador cuidadoso rindo baixo no furioso pulsar da noite.

– Vire aqui – mandei, por fim.

O padre me olhou pelo espelho. O pânico tentava saltar de seus olhos, passar pelo rosto e chegar à boca para falar, mas...

– Vire! – repeti, e ele obedeceu num golpe súbito, como se estivesse esperando pela ordem desde sempre.

Mal dava para ver a pequena estrada suja. Quase era preciso saber que ela existia. Mas eu sabia. Já estivera lá. A estrada tinha uns dois quilômetros, fazia três curvas na grama aparada e arborizada e seguia um pequeno canal até o pântano e a clareira.

Meio século antes, alguém tinha construído uma casa naquele lugar. Ela continuava quase inteira. Era grande. Tinha três quartos e a metade do telhado; estava completamente abandonada havia anos.

Menos a velha horta no quintal lateral. Ela mostrava indícios de ter sido cavada pouco tempo antes.

– Pare o carro – mandei, quando os faróis iluminaram a casa decadente.

O padre Donovan obedeceu com um movimento brusco do corpo. O medo estava grudado nele, os braços e as ideias estavam rígidos.

– Desligue o carro – mandei outra vez, e ele obedeceu.

De repente, ficou tudo muito silencioso.

Alguma coisa pequena chilreou numa árvore. O vento soprava com força na grama. Depois, mais silêncio, tão grande que quase engoliu o rugido da música noturna dentro do meu eu secreto.

– Saia – mandei.

O padre Donovan não se mexeu. Estava olhando a horta.

Havia sete montinhos de terra. Pareciam bem sombrios à luz da lua. O padre Donovan deve tê-los achado mais sombrios ainda. Continuou parado.

Puxei bem o laço, mais do que achava que ele poderia aguentar, mais do que poderia imaginar que fosse acontecer com ele. Arqueou as costas no assento do carro, as veias saltaram na testa e ele pensou que ia morrer.

Mas não ia. Ainda não. Na verdade, faltava um bom tempo.

Abri a porta com um chute e puxei-o atrás de mim, só para ele sentir a minha força. Caiu pesadamente no chão arenoso e serpenteou como uma cobra ferida. O Passageiro das Trevas riu, gostou e fiz a minha parte. Apoiei a bota no peito do padre e mantive o laço apertado.

– Faça o que eu mandar. *Tem* que fazer – expliquei. Inclinei-me e, com cuidado, desapertei o laço. – É importante que saiba disso.

Ele me ouviu. Os olhos estavam vermelhos de medo e dor, escorriam lágrimas pelo rosto, olhou para mim num lampejo de compreensão e tudo que ia acontecer estava lá para ele ver. Ele viu. E percebeu como era importante que fosse *obediente*. Co-
meçou a saber.

– Levante-se – mandei.

Devagar, bem devagar, sempre de olho em mim, ele se levantou. Ficamos assim por um bom tempo, nos olhando, nos transformando numa só pessoa com a mesma necessidade, depois ele tremeu. Levantou a mão quase até o rosto e deixou-a cair.

– Para a casa – eu disse, bem baixo. Na casa, estava tudo pronto.

O padre olhou para baixo. Olhou para mim, mas não conseguia mais ver. Virou para a casa e parou ao ver de novo os sombrios montes de terra na horta. Queria me olhar, mas não conseguia, depois de ver novamente aqueles sombrios montes iluminados pela lua.

Rumou para a casa e segurei a linha. Caminhou obediente, de cabeça baixa, uma vítima boa e dócil. Subiu os cinco degraus gastos, passou pela varanda estreita e chegou à porta da frente, que estava bem fechada. O padre Donovan parou. Não olhou. Não me olhou.

– Entre – mandei, com minha suave voz de comando.

O padre tremeu.

– Entre – repeti.

Mas ele não conseguia.

Passei o braço por cima dele e abri a porta. Empurrei o padre com o pé. Ele tropeçou, endireitou o corpo, entrou e ficou de olhos bem fechados.

Fechei a porta. Acendi o pequeno lampião a pilha que tinha deixado no chão, ao lado da porta.

– Olhe – sussurrei.

O padre abriu um olho lenta e cuidadosamente.

Estremeceu de pavor.

O tempo congelou para o padre Donovan.

– Não – ele disse.

– Sim – eu disse.

– Ah, não – ele disse.

– Ah, sim – eu disse.

Ele gritou.

– NÃÃÃÃO!

Puxei o laço. O grito foi interrompido e ele caiu de joelhos. Soltou um som rouco, úmido e lamentoso, cobriu o rosto.

– É, está uma grande bagunça, não? – perguntei.

Mexeu o rosto todo para fechar os olhos. Naquele momento, não conseguia olhar, pelo menos do jeito que estava o lugar. Não o culpei, não mesmo, pois *estava* uma grande bagunça. Fiquei aborrecido de saber que estava assim, já que eu tinha preparado o lugar para ele. Mas ele tinha de ver. Tinha. Não apenas para mim. Não apenas para o Passageiro das Trevas. Era para *ele*. Ele tinha de ver. E não estava vendo.

– Abra os olhos, padre Donovan – mandei.

– Por favor – ele pediu, num pequeno e horrível lamento. Aquilo me deu nos nervos, não devia, era preciso manter um frio controle, mas me atingiu no rosto ao ver aquela confusão no chão e chutei suas pernas por trás. Apertei bem o laço, segurei-o por trás do pescoço com a mão direita e enfiei sua cara no sujo piso de madeira empenada. Havia um pouco de sangue no chão e isso me deixou mais louco.

– Abra, abra os olhos. Abra AGORA. *Olhe*. – Agarrei-lhe os cabelos e puxei sua cabeça para trás. – Faça o que eu mandei. Olhe. Senão eu corto as suas pálpebras – ameacei.

Fui bem convincente. Ele então olhou. Fez o que mandei. Olhou.

Eu tinha me esforçado para fazer direito, mas só se pode usar o que há. Não poderia ter feito nada se eles não estivessem lá há tempo suficiente para secar, mas estavam muito sujos. Eu limpara quase toda a sujeira, mas alguns corpos tinham ficado na horta muito tempo e não dava para saber onde começava a sujeira e onde terminava o corpo. Na verdade, não dava para dizer, quando se para de pensar. Tão sujo...

Eram sete, sete pequenos corpos, sete órfãos bem sujos, deitados em tapetes de borracha para banheiro, que são mais limpos e não grudam. Sete linhas retas apontando direto através da sala.

Apontando direto para o padre Donovan. Então, ele entendeu.

Estava prestes a ficar como eles.

– Ave Maria, cheia de graça... – começou a rezar. Apertei bem o laço.

– Nada disso, padre. Agora, não. Agora deve dizer toda a verdade.

– Por favor – ele pediu, sufocando.

– Sim, pode me implorar. Muito bem, melhorou. – Apertei de novo. – O senhor acha que é só isso, padre? Sete corpos? Eles imploraram? – não respondeu. – Acha que são só esses, padre? Só sete? Peguei todos?

– Ah, céus – ele disse rouco, com uma dor agradável de ouvir.

– E nas outras cidades, padre? O que dizer de Fayetteville? Quer falar sobre

Fayetteville? – ele deu apenas um soluço, sem palavras. – E sobre East Orange? Foram três? Ou será que esqueci um? É difícil ter certeza. Eram quatro em East Orange, padre?

O padre Donovan tentou gritar. Sua garganta tinha pouco espaço para um bom berro, mas havia uma emoção real por trás, o que compensou a falta de técnica. Ele caiu de cara e deixei-o choramingar um pouco antes de puxá-lo para cima, de pé. Ele estava inquieto e agitado. Perdeu o controle da bexiga e um fio de baba escorria pelo queixo.

– Por favor, eu não consegui me conter, simplesmente não consegui. Por favor, entenda... – ele disse.

– Eu entendo, padre – falei; algo na minha voz era do Passa-
geiro das Trevas e fez o padre gelar. Levantou o rosto lentamente para mim e o que viu nos meus olhos fez com que ficasse bem parado. – Entendo perfeitamente – insisti, chegando bem perto de sua cara. O suor em seu rosto virou gelo. – Sabe, eu também não consigo me conter.

Estávamos bem perto, quase nos tocando, e a sujeira dele de repente tornou-se insuportável. Puxei o laço e chutei seus pés. O padre Donovan se esborrachou no chão.

– Mas *crianças*? Eu jamais faria isso com crianças. – Apoiei minha bota bem limpa na cabeça dele e empurrei com força seu rosto no chão. – Ao contrário de você, padre. Com crianças, nunca. Tenho de achar gente como você.

– Quem é você? – sussurrou o padre Donovan.

– Sou o começo e o fim – respondi. – Conheça o seu Des-
truidor, padre. – A agulha estava preparada e enfiei-a em seu pescoço como devia ser feito, os músculos rígidos resistiram um pouco, mas o padre Donovan, não. Empurrei o êmbolo e esvaziei a seringa, fazendo com que ele ficasse imediatamente bem calmo. Em poucos instantes, sua cabeça começou a flutuar e ele virou o rosto para mim.

Será que estava me vendo? Será que via as luvas de borracha dupla, os esmerados aventais, a lisa máscara de seda? Será que estava me vendo mesmo? Ou será que aquilo só acontecia na outra sala, a sala do Passageiro das Trevas, a Sala Limpa? Duas noites antes, ela fora pintada de branco, varrida, escovada, lavada, completamente limpa. No meio da sala, que estava com as janelas fechadas com grossos emborrachados brancos, sob as luzes no meio da sala, será que ele me viu lá na mesa que eu tinha feito, as caixas de saco de lixo branco, as garrafas de produtos químicos e a pequena fileira de serrotes e facas? Será que ele me viu, afinal?

Ou será que viu aqueles sete montes sujos e sabe lá quantos mais? Será que ele se viu sem poder gritar, se transformando naquela confusão na horta?

Não deve ter visto, claro. A imaginação não permitia que ele se visse como sendo da mesma espécie. De certa forma, ele estava certo. Jamais ia virar aquela porcaria em que ele tinha transformado as crianças. Pois eu jamais faria aquilo, não permitiria. Não sou como o padre Donovan, não sou esse tipo de monstro.

Sou um monstro bem asseado.

O asseio requer tempo, claro, mas vale a pena. Vale a pena agradar o Passageiro das Trevas, mantê-lo calmo por mais um tempo.Vale a pena fazer tudo direito e limpo. Tirar do mundo mais um monte de porcaria. Mais alguns sacos de lixo bem embrulhados e meu pequeno canto de mundo fica mais asseado, mais feliz. Um lugar melhor.

Eu tinha umas oito horas até ter de ir embora. Precisaria delas para fazer direito.

Prendi o padre na mesa com fita adesiva e cortei suas roupas. Fiz as preliminares rapidamente: barbeei, escovei, cortei tudo que era sujo. Como sempre, senti a maravilhosa, lenta e longa sensação de alívio ir tomando conta de todo o meu corpo. Aquela sensação palpitaria dentro de mim enquanto eu trabalhava, aumentando e se apossando de mim até o final, a Necessidade e o padre sendo levados juntos numa onda que ia se desmanchando.

Exatamente quando ia começar o trabalho duro, o padre Donovan abriu os olhos. Não havia medo, como ocorre às vezes. Olhou bem para mim e mexeu os lábios.

– O que disse? Não ouvi – avisei, aproximando a cabeça mais um pouco.

Ouvi-o respirar lenta e pacificamente e repetir, antes de fechar os olhos.

– Não há de quê – disse eu, e pus mãos à obra.

CAPÍTULO 2

~

LÁ PELAS QUATRO E MEIA DA MANHÃ, O padre estava todo limpo. Eu me senti bem melhor. Era sempre assim, depois. Matar faz com que me sinta bem. Desfaz os nós do esmerado esquema sombrio do querido Dexter. É um suave relaxamento, um necessário abrir de todas as pequenas válvulas hidráulicas internas. Gosto do meu trabalho, sinto muito se o incomoda. Ah, sinto muito mesmo. Mas eis aí. E não se trata apenas de um assassinato comum, claro. Tem que ser feito do jeito certo, na hora certa, com a pessoa certa; é bem complicado, mas muito necessário.

E sempre meio esgotante. Por isso eu estava cansado, mas a tensão da última semana tinha acabado, a fria voz do Passageiro das Trevas se calou e eu podia voltar a ser eu de novo. Esperto, engraçado, despreocupado, Dexter morto-por-dentro. Não era mais o Dexter com faca, Dexter, o Vingador. Pelo menos até a próxima vez.

Coloquei todos os corpos na horta outra vez, com o novo vizinho, e limpei o melhor que pude a casinha decrépita. Levei minhas coisas para o carro do padre e dirigi rumo ao sul, para o pequeno canal lateral onde tinha deixado

minha lancha, uma Whaler de cinco metros, linhas simples e motor potente. Empurrei o carro do padre para dentro do canal atrás da minha lancha e embarquei. Fiquei olhando o carro afundar e sumir na água. Depois, liguei o motor de popa e saí do canal pela baía, na direção norte. O sol estava nascendo e a luz batia nas partes metálicas da lancha. Fiz a minha cara mais feliz, eu era apenas mais um pescador madrugador voltando para casa. Alguém aí aceita um cioba?

Lá pelas seis e meia eu estava em casa, no meu apartamento de Coconut Grove. Peguei a lâmina de vidro no bolso, um vidro simples e limpo, com apenas uma gota de sangue do padre no meio. Linda e limpa, já seca, pronta para ser colocada sob o meu microscópio quando eu quisesse me lembrar. Deixei a lâmina junto às outras, trinta e seis simples e cuidadosas gotas de sangue bem seco.

Tomei um banho mais que demorado, deixando a água escaldante tirar o resto de tensão, desfazer os nós dos meus músculos e lavar o pouco que sobrava do cheiro pegajoso do padre e da horta da casinha no pântano.

Crianças. Eu devia tê-lo matado duas vezes.

Seja lá o que me fez ser do jeito que sou, deixou um buraco por dentro, incapaz de sentir. Não parece grande coisa. Tenho certeza de que a maioria das pessoas finge bastante no convívio diário com os outros. Eu apenas finjo completamente. Finjo muito bem e jamais sinto nada. Mas gosto de crianças. Jamais poderia ter filhos, pois não consigo nem pensar em sexo. Imagine fazer aquelas coisas... como é possível? Onde fica a sua dignidade? Mas as crianças são especiais. O padre Donovan merecia morrer. O Código de Harry fora cumprido, com a ajuda do Passageiro das Trevas.

Lá pelas sete e quinze, eu estava limpo outra vez. Tomei café, comi cereal e fui trabalhar.

O prédio onde trabalho é uma costrução moderna e grande, branca com muitas vidraças, perto do aeroporto. Meu laboratório fica nos fundos do segundo andar. Tenho um pequeno escritório ao lado do laboratório. Não é bem um escritório, mas é meu, um cubículo separado do laboratório principal de hematologia. Todo meu, ninguém pode entrar lá, ninguém divide espaço comigo bagunçou o meu pedaço. Tem uma mesa com cadeira, outra cadeira para visita, se a pessoa não for muito grande. Computador, estante, arquivo. Telefone. Secretária eletrônica.

Quando entrei, a secretária estava piscando, prova de que tinha uma mensagem. Recado para mim não é coisa de todo dia. Por algum motivo, pouca gente no mundo tem algo a dizer no horário de trabalho para um perito em análise de borrifos de sangue. Uma das poucas que têm é Deborah Morgan,

minha irmã adotiva. Policial, como o pai.

O recado era dela.

Apertei a tecla, ouvi uma música *tejana* metálica e a voz de Deborah. – Dexter, por favor, ligue assim que chegar. Estou no local de um crime na trilha Tamiami, no motel Cacique. – Fez-se uma pausa. Ouvi-a tampar o bocal enquanto falava alguma coisa com alguém. Mais um som alto de música mexicana e ela voltou ao telefone. – Pode vir para cá agora? Por favor, Dex?

Desligou.

Não tenho família. Quer dizer, pelo que sei. Tenho certeza de que em algum canto deve ter gente com o mesmo material genético que o meu. Lastimo por eles. Mas jamais os conheci. Não tentei conhecê-los e vice-versa. Fui adotado, criado por Harry e Doris Morgan, que são os pais de Deborah. Levando em conta o que sou, eles me criaram muito bem, não?

Os dois já morreram. Então, Deb é a única pessoa no mundo que dá um tostão para saber se estou morto ou vivo. Por algum motivo que não consigo imaginar, ela prefere que eu esteja vivo. Acho ótimo e, se eu pudesse sentir alguma coisa por alguém, seria por ela.

Então, fui para onde ela estava. Saí do estacionamento metropolitano de Dade e entrei na rodovia expressa seguinte, que me levou para o sul, na parte da trilha Tamiami, onde fica o motel Cacique e centenas de outros similares. De certa forma, é um paraíso. Principalmente se você for uma barata. São fileiras de prédios que conseguem brilhar e desmoronar ao mesmo tempo. Placas em néon forte sobre estruturas velhas, esquálidas, podres. Se você não puder ir lá à noite, melhor não ir. Porque vislumbrar esses lugares à luz do dia é ver o fim do nosso frágil contrato com a vida.

Toda cidade grande tem uma área como essa. Se um anão mestiço, leproso em estágio avançado, quer transar com um canguru e um bando de adolescentes, vai conseguir isso lá, além de arrumar um quarto. Quando terminar, pode levar todo mundo para tomar café cubano e comer sanduíche *medianoche* na lanchonete ao lado. Ninguém vai se incomodar, desde que ele dê gorjeta.

Ultimamente, Deborah vinha passando muito tempo nesse lugar. Segundo ela, não eu. Parecia um bom local para ir se você é policial e quer ter mais chance de pegar alguém fazendo algo horrível.

Deborah não via a coisa desse jeito. Talvez por ser do departamento de combate ao jogo, drogas e prostituição. Uma jovem policial bonita trabalhando na trilha Tamiami costuma funcionar de isca com ferrão, ficando na rua com pouca roupa para pegar homens que aceitem pagar por uma transa. Deborah detestava isso. Só conseguia aceitar a prostituição como tema sociológico. Achava que transar não era problema da lei. E só eu sabia que ela detestava

qualquer coisa que acentuasse demais sua feminilidade e seu corpo atraente. Mas ela queria ser policial e não tinha culpa de ser mais parecida com uma garota de pôster de revista masculina.

Quando entrei no estacionamento que ligava o motel Cacique ao estabelecimento vizinho, o Tito's Café Cubano, vi que o corpo dela estava destacado à beça. Usava um tomara que caia justo rosa-néon, *short* de *lycra*, meias arrastão pretas e sapatos de salto agulha. Direto da loja de roupas das Hollywood Hookers e em terceira dimensão.

Alguns anos atrás, alguém no Departamento de Narcóticos ouviu dizer que os cafetões estavam rindo dos tiras nas ruas, porque eram estes que escolhiam as roupas das policiais femininas da operação-ferrão. As roupas mostravam bem as estranhas preferências sexuais dos policiais, mas não pareciam traje de puta. Então, todo mundo na rua sabia que a nova garota tinha um distintivo e uma arma na *pochette*.

Por causa disso, os policiais do departamento passaram a insistir para as policiais disfarçadas escolhessem as próprias roupas de trabalho. Afinal, garotas sabem o que fica melhor nelas, não é?

Talvez a maioria saiba. Mas Deborah, não. Ela só se sente bem de *jeans*. Você tinha de ver o que ela queria usar no baile de formatura. E agora que Deb estava ali, eu jamais vi uma bela mulher usando roupa tão *sexy* que ficasse menos atraente.

Mas ela chamava a atenção. Estava controlando a multidão, com o distintivo de policial preso na blusa tomara que caia. Era mais visível do que os quinhentos metros de fita amarela que já estavam isolando a cena do crime e mais do que os três carros da polícia parados em ângulo, com as luzes piscando. O tomara que caia rosa e justo brilhava um pouco mais.

Deborah estava na lateral do estacionamento, mantendo a distância a crescente multidão de peritos de laboratório que iam para a caçamba de lixo da lanchonete. Gostei de não estar metido naquilo. O fedor atravessava o estacionamento e chegava até a janela do meu carro, um cheiro forte de lugar que serve café latino, misturado com fruta podre e carne de porco rançosa.

Eu conhecia o policial que estava na entrada do estacionamento. Ele acenou para mim e entrei.

– Deb, que roupa legal, realmente mostra o que o seu corpo tem de melhor – elogiei, ao dar uma volta por ali.

– Foda-se – disse ela e ruborizou. Era impressionante ver uma tira corar.

– Encontraram o corpo de mais uma puta – disse ela. – Pelo menos, acham que é puta. É difícil saber, pelo que sobrou.

– É a terceira em cinco meses – acrescentei.

– Quinta – ela me corrigiu. – Teve mais duas em Broward. Esses idiotas estão dizendo que, oficialmente, os casos não têm ligação. – Ela balançou a cabeça.

– Ia precisar de muito mais papel de ocorrência – eu disse, tentando ajudar.

Deb mostrou os dentes, como num sorriso.

– Que tal entender um pouco do trabalho da polícia? – zombou ela. – Qualquer idiota conseguiria ver que essas mortes têm ligação. – E o corpo dela estremeceu.

Olhei firme para ela, impressionado. Era policial, filha de policial. Não se assustava com as coisas. Quando era novata e os veteranos faziam brincadeiras com ela, mostrando os corpos retalhados que aparecem em Miami todos os dias, para que vomitasse o almoço, Deb nem ligava. Tinha visto de tudo. Ia lá, fazia o que tinha de fazer e pronto.

Mas aquela história a abalou.

Interessante.

– Este caso é especial, não? – perguntei.

– É da minha área, com as putas. – Ela apontou o dedo para mim. – ISSO quer dizer que tenho de marcar ponto, virar notícia, assim consigo transferência para o Departamento de Homicídios.

Dei o meu melhor sorriso.

– Ambição, Deborah?

– É isso aí – confirmou ela. – Quero sair do Narcóticos, não quero mais usar esta roupa *sexy*. Quero ir para Homicídios, Dexter, e esse caso pode ser a minha porta de entrada, com uma pequena brecha... – Ela fez uma pausa. Depois, disse algo totalmente incrível. – Por favor, me ajude, Dex. Detesto isso.

– Por favor, Deborah? Você pediu *por favor*? Sabe como isso me deixa nervoso?

– Pare com essa besteira, Dex.

– Mas Deborah, realmente...

– Pare, já disse. Vai me ajudar ou não?

Quando ela colocou desse jeito, com aquele estranho e raro “por favor” pairando no ar, o que eu poderia dizer senão: – Claro que vou, Deb, você sabe.

Ela me olhou duro, retirando o por favor.

– *Não sei*, Dex. Não sei nada sobre você.

– Claro que vou ajudar, Deb – repeti, tentando soar magoado. E, numa boa imitação de dignidade ofendida, me encaminhei para a caçamba de lixo com o pessoal do laboratório.

Camilla Figg estava engatinhando no lixo, à procura de impressões digitais. Era uma mulher atarracada de 35 anos, cabelos curtos, que jamais reagia aos

meus sutis e sedutores gracejos. Mas, quando me viu, ficou de joelhos no chão, ruborizada, olhou-me passar e não disse nada. Parecia que, sempre que me olhava, ela corava.

Ao lado da caçamba, Vince Masuoka estava sentado em uma embalagem plástica para leite virada para baixo, olhando um monte de restos. Ele era meio japonês e gostava de brincar dizendo que herdara a metade menor. De todo jeito, achava que isso era piada.

Havia algo levemente estranho no sorriso amarelo e brilhante de Vince. Como se tivesse aprendido a sorrir num livro de ilustrações. Mesmo quando fazia as piadas sujas de arrasar tira, ninguém ficava irritado com ele. Também ninguém ria, mas isso não o impedia de continuar contando. Fazia todos os gestos rituais corretos, mas parecia estar sempre fingindo. Acho que era por isso que eu gostava dele. Era outro sujeito fingindo ser humano, exatamente como eu.

– Ei, Dexter, o que houve para você aparecer aqui? – Vince perguntou, continuando a olhar para baixo.

– Vim ver como os verdadeiros especialistas atuam num ambiente totalmente profissional. Você viu algum por aí? – perguntei.

– Rá, rá – ele fez. Supostamente, era uma risada, mas foi ainda mais falsa que seu sorriso. – Você deve achar que está em Boston. – Ele encontrou alguma coisa, colocou sob a luz e ficou observando, com os olhos meio fechados. – Falando sério, por que está aqui?

– Por que não, Vince? É uma cena de crime, não? – devolvi, fingindo estar indignado.

– Você faz exame de borrifos de sangue – ele disse, jogando fora o que estava olhando e procurando outra coisa.

– Eu sei.

Ele me olhou com seu melhor sorriso falso.

– Aqui não tem sangue, Dex.

Fiquei bobo.

– Como assim?

– Não há sangue no corpo, nos objetos, nem nas imediações, Dex. Não há sangue nenhum. A coisa mais estranha que já se viu.

Sangue nenhum. Ouvi a frase ecoar na minha cabeça, cada vez mais alto. Nenhum pegajoso, quente, confuso, horrível sangue. Nenhuma gota. Nenhuma mancha. NADA DE SANGUE.

Por que não pensei nisso?

Era como a peça que faltava em algo que eu não sabia que estava incompleto.

Não pretendo compreender o que Dexter tem a ver com sangue. Só de pensar, me dá uma sensação desagradável e olha que eu, afinal, escolhi essa profissão, estudei, faz parte do meu trabalho. Claro que algumas coisas bem lá no fundo estão acontecendo, mas acho meio difícil me interessar. Sou o que sou e essa não é uma noite ótima para dissecar um matador de crianças?

Mas essa agora...

– Está se sentindo bem, Dexter? – perguntou Vince.

– Ótimo. Como o assassino faz então? – perguntei.

– Depende.

Olhei para Vince. Ele observava um punhado de grãos de café, empurrando-os cuidadosamente com o dedo enluvado.

– Depende do que, Vince?

– De quem *ele* é e do que está fazendo. Rá, rá.

Balancei a cabeça.

– Às vezes você se esforça muito para ser indecifrável. O que o assassino faz com o sangue?

– Difícil responder isso agora. Não encontramos nenhum traço de sangue. E o corpo não está em bom estado, então vai ser mais difícil.

Aquilo não parecia tão interessante. Gosto de deixar o corpo limpo. Nada de confusão, de bagunça, de sangue pingando. Se o assassino era apenas mais um cachorro arrancando carne do osso, aquilo para mim não era nada.

Respirei aliviado.

– Onde está o corpo? – perguntei para Vince.

Ele mostrou com a cabeça um lugar a uns dez metros.

– Lá, com LaGuerta.

– Ai, meu Deus, é LaGuerta que está cuidando do caso? – perguntei.

Ele fez o sorriso falso de novo.

– Sorte do assassino.

Olhei. Algumas pessoas estavam em volta de um monte de sacos de lixo.

– Não estou vendo – eu disse.

– Bem ali. Os sacos de lixo. Cada um tem um pedaço do corpo. Ele cortou a vítima em pedaços, depois embrulhou cada um como se fosse um presente de Natal. Já viu algo parecido?

Claro que sim.

É assim que eu faço.

Capítulo 3

~

Existe algo de estranho e frustrante em ver uma cena de homicídio à clara luz do dia em Miami. Parece que os assassinatos mais horrendos ficam assépticos, produzidos. Como se você estivesse numa nova e apavorante parte da Disney World. Terra de Dahmer. Venha passear na geladeira dos cadáveres. Por favor, vomite seu almoço apenas nos lugares indicados.

Não é que ver corpos mutilados tenha alguma vez *me* incomodado, ah, não, longe disso. Me incomodo um pouco com os corpos sujos, quando os assassinos não cuidam direito dos líquidos corpóreos, coisa repelente. Senão, não é pior do que olhar costeletas de porco no açougue. Mas, em cenas de crime, principiantes e curiosos costumam vomitar e, por algum motivo, vomitam bem menos aqui do que lá no norte. O sol simplesmente seca a coisa. Limpa, faz com que fique mais asseada. Talvez por isso eu goste de Miami. É uma cidade tão *asseada*.

E já era um lindo dia quente de Miami. Quem estivesse usando paletó, procurava onde dependurá-lo. Claro que não tinha um cabide naquele imundo e pequeno estacionamento. Havia apenas cinco ou seis carros e a caçamba. Estava enfiada no canto, perto da lanchonete, encostada num muro rosa com arame

farpado em cima. A porta dos fundos da lanchonete abria para lá. Uma garota mal-humorada entrava e saía trazendo café cubano e *pasteles* para os tiras e peritos. Os tiras de terno e gravata que aparecem nas cenas de homicídio para serem vistos, para pressionar ou para garantir que sabem o que está acontecendo agora tinham mais coisas para equilibrar. Café, *pasteles*, paletó.

O pessoal do laboratório não usava terno. Fazia mais o gênero deles usar camisa de boliche com dois bolsos, de malha lustrosa. Eu mesmo estava com uma. Era verde-limão, estampada com tocadores de tambor de ritual vodu e palmeiras. Estilosa, mas prática.

Fui na direção da camisa lustrosa mais próxima, no meio das pessoas que rodeavam o corpo. A camisa era de Angel Batista-sem-parentesco, como ele costumava se apresentar. Olá, sou Angel Batista, sem qualquer parentesco com o outro. Trabalhava com o médico-legista. Naquele momento, estava agachado, olhando nos sacos de lixo.

Fiquei ao lado. Estava louco para olhar no saco de lixo. Qualquer coisa que provocasse uma reação em Deborah valia a pena.

– Angel, o que nós temos aí? – perguntei.

– *Nós* quem, cara-pálida? Não tem sangue. Você está fora da jogada.

– Eu sei. O assassinato foi aqui ou só jogaram o corpo? – perguntei, agachando-me ao lado dele.

Ele balançou a cabeça.

– Difícil dizer. Eles esvaziam a caçamba duas vezes por semana, essa tem uns dois dias.

Olhei o estacionamento e a fachada bolorenta do Cacique.

– E o motel?

Angel deu de ombros.

– Ainda estão conferindo, mas acho que não vão achar nada. Como nas outras vezes, o assassino apenas usou uma caçamba que estava por perto. Argh – ele soltou, de repente.

– O que foi?

Ele abriu o saco plástico usando a ponta de um lápis.

– Olhe esse corte.

Apareceu a ponta de uma perna cortada na junta, muito branca e totalmente morta à forte luz do sol. A perna terminava no tornozelo, pois o pé fora cuidadosamente retirado. Restou uma pequena borboleta com uma asa só tatuada no tornozelo, a outra asa ficou no pé.

Assoviei. Era um corte quase cirúrgico. Aquele cara trabalhava bem, tão bem quanto eu.

– Muito limpo – reconheci. E estava mesmo, além da precisão do corte. Eu

nunca vira carne morta parecer tão limpa, seca, *asseada*. Maravilha.

– *Estoy cagando* para a limpeza e perfeição. O assassino não terminou o serviço – avisou.

Olhei por cima dele, mais no interior do saco plástico. Nada se mexia lá.

– Pra mim, está muito bem terminado, Angel.

– *Olhaí* – ele disse. Abriu um dos outros sacos. – Essa perna foi cortada em quatro partes. Quase como se o assassino tivesse medido com uma régua ou algo assim, certo? *Isso* aqui também – e apontou para o tornozelo que tinha me deixado tão admirado. – E essa ele cortou em dois pedaços só? Por que, hein?

– Não tenho ideia – respondi. – Pode ser que a detetive LaGuerta saiba.

Angel ficou me olhando um instante e nós nos esforçamos para não rir.

– Pode ser. Por que você não vai lá perguntar para ela? – disse, e voltou para o que estava fazendo.

– *Hasta luego*, Angel – me despedi.

– Com certeza – concordou, com a cara virada para o saco plástico.

Alguns anos antes, circulou um boato de que a detetive Migdia LaGuerta entrara para o Departamento de Homicídios porque deu para alguém. Só de olhar para ela é possível acreditar. Ela tem tudo no lugar certo para ser fisicamente atraente de um jeito irascível, aristocrático. Uma verdadeira artista na maquiagem e veste-se muito bem, no estilo Bloomingdale's. Mas o boato não pode ser verdade. Para começar, embora pareça muito feminina, jamais vi uma mulher mais macha por dentro. Era dura, ambiciosa da forma mais interesseira e sua única fraqueza parecia ser uma queda por homens tipo modelo, mais jovens que ela. Portanto, eu tinha certeza de que ela não entrara no departamento através de sexo. Entrara porque é cubana, sabe ser política e puxar saco. Tudo isso junto, em Miami, é melhor do que sexo.

LaGuerta é uma puxa-saco de padrão internacional. Puxou de todo mundo até o alto escalão de investigadores de Homicídios. Infelizmente, trata-se de um ofício em que sua capacidade de seduzir nunca foi exigida e ela era uma péssima detetive.

Isso acontece, a incompetência costuma ser mais recompensada do que se imagina. De todo jeito, sou obrigado a trabalhar com ela. Então, tenho usado meu considerável charme para fazer com que ela fique parecida comigo. É mais fácil do que soa. Qualquer pessoa pode ser atraente, se não se incomoda em fingir e dizer todas as coisas idiotas, óbvias e nauseantes que a consciência impede que a maioria diga. Felizmente, eu não tenho consciência. Por isso, digo tudo.

Aproximei-me do grupinho perto do café; LaGuerta estava interrogando alguém em espanhol, em ritmo alucinante. Falo espanhol, até entendo um pouco

de cubano. Mas só consegui sacar uma de cada dez palavras dela. O dialeto cubano é o inferno do mundo de língua espanhola. Parece que os cubanos querem competir com um cronômetro invisível e emitir em três segundos o máximo de palavras sem usar consoantes.

O truque para acompanhar é saber o que a pessoa vai dizer antes que diga. Isso costuma ajudar o espírito de grupo do qual não cubanos às vezes reclamam.

O homem que a detetive estava fritando era pardo, baixo e largo, com feições de índio e estava evidentemente intimidado com o dialeto, o tom da voz e a insígnia da detetive. Tentava não olhar para ela, o que parecia que a fazia falar ainda mais rápido.

– *No, nadie estaba afuera* – disse ele, baixo e lentamente, desviando o olhar. – *Todos estaban en el café*.

– *Donde estabas?* – ela perguntou.

O homem olhou para os sacos com pedaços de corpo e desviou o olhar.

– *En la cocina. Después, yo saqué la basura.*[1]

LaGuerta continuou, forçando-o verbalmente, fazendo perguntas erradas num tom de voz que intimidava e humilhava o homem até ele ir esquecendo o horror de achar pedaços de corpo na caçamba e ficar de mau humor, sem querer colaborar.

Aquele interrogatório era um autêntico toque de mestre: pegue a principal testemunha e faça com que fique contra você. Se você conseguir resolver o caso nas primeiras horas após o crime, que são vitais, economiza tempo e papel.

Ela terminou com algumas ameaças e dispensou o homem.

– Índio – xingou, depois que ele saiu andando pesadamente.

– Tem de tudo nesta cidade, detetive. Até *campesinos*. – Ela virou-se e lentamente percorreu meu corpo com os olhos enquanto fiquei parado, pensando por que me olhava daquele jeito. Será que tinha esquecido como eu era? Terminou a inspeção com um largo sorriso. A idiota realmente me apreciava.

– *Hola*, Dexter. Por que veio para cá?

– Soube que você estava aqui e não consegui ficar longe. Por favor, detetive, quando vai se casar comigo?

Ela riu. Os outros funcionários se entreolharam e desviaram o olhar.

– Não compro nem sapato sem antes experimentar – disse LaGuerta. – Mesmo que seja da melhor qualidade. – Eu tinha certeza de que era verdade, mas não entendi por que ficou me olhando com a língua entre os dentes depois de falar. – Agora vá indo, você me tira a atenção. Tenho trabalho sério a fazer.

– Eu sei. Já pegou o assassino?

Ela bufou.

– Você parece jornalista. Daqui a uma hora aqueles chatos estarão me

cercando.

– O que vai dizer para eles?

Ela olhou para os sacos com pedaços de corpo e franziu o cenho. Não porque aquilo a incomodasse. Estava vendo a carreira dela, tentando verbalizar o que declarar à imprensa.

– É só questão de tempo até o assassino cometer um erro e nós o pegarmos...

– O que significa que até agora ele não cometeu nenhum erro, você não tem qualquer pista e precisa esperar ele matar de novo para fazer alguma coisa? – perguntei.

Ela me olhou duramente.

– Esqueci uma coisa: por que é mesmo que eu gosto de você?

Apenas dei de ombros. Eu não tinha pista, mas parecia que nem ela.

– O que temos é *nada y nada*. Aquele guatemalteco – fez uma careta na direção do índio que tinha saído – encontrou o corpo quando trouxe o lixo do restaurante. Não sabia o que eram esses sacos e abriu um para ver se tinha alguma coisa que prestasse. Era a cabeça da vítima.

– Ah, como no jogo de esconde-esconde – comparei, calmo.

– Ahn?

– Nada.

Ela olhou em volta, franzindo o cenho, talvez esperando uma pista pular de repente e ela poder acertá-la com um tiro.

– É isso. Ninguém viu nem ouviu nada. Nada. Tenho de esperar seus amigos *nerds* terminarem o serviço deles para saber alguma coisa.

– Detetive – disse alguém atrás de nós. O capitão Matthews surgiu numa onda de loção pós-barba Aramis, o que queria dizer que os jornalistas estavam chegando.

– Olá, capitão – disse LaGuerta.

– Pedi para a policial Morgan manter um envolvimento periférico com este caso – ele informou. LaGuerta titubeou. – Como agente disfarçada, ela tem fontes na comunidade de prostitutas que podem nos ajudar a agilizar a solução. – O homem falava como um dicionário. Eram muitos anos de relatórios escritos.

– Capitão, não sei se precisa fazer isso – disse LaGuerta.

Ele pestanejou e pôs a mão no ombro dela. Gestão de pessoal é uma técnica.

– Relaxe, detetive. Ela não vai interferir nas suas prerrogativas de comando. Vai apenas avisar quando tiver algo a lhe informar. Testemunhas, essas coisas. O pai dela era um ótimo policial. Certo? – Os olhos dele brilharam e se fixaram em algo do outro lado do estacionamento. Olhei. Era a *van* do noticiário do canal 7

chegando. – Com licença – disse Matthews. Ajeitou a gravata, fez uma cara séria e foi na direção da *van*.

– Puta – disse LaGuerta, baixo.

Não sei se era uma avaliação da situação como um todo, ou se estava se referindo a Deb, mas achei que era uma boa hora de me escafeder também, antes que LaGuerta lembrasse que a policial Puta era minha irmã.

Reencontrei Deb enquanto Matthews cumprimentava Jerry Gonzalez, do canal 7. Na região de Miami, Jerry era o campeão do jornalismo se-sangra-é-notícia. Meu tipo de sujeito. Dessa vez, ele ia se desapontar.

Estremeci de leve. *Nada de sangue.*

– Dexter – Deborah me chamou, ainda tentando parecer uma policial, mas eu tinha certeza de que estava nervosa. – Falei com o capitão Matthews. Ele vai me deixar continuar neste caso.

– Eu soube, se cuide – sugeri.

Ela ficou indecisa.

– O que você quer dizer com isso?

– LaGuerta.

Deborah bufou.

– Ela.

– É, ela mesma. Não gosta de você e não quer que entre na área dela.

– Cabeça-dura. Ela recebe ordens do capitão.

– Hum, hum. E já passou cinco minutos pensando em como se safar dele. Portanto, se cuide, Debs.

Deb apenas deu de ombros e perguntou:

– O que você descobriu?

Balancei a cabeça.

– Nada, ainda. Nem LaGuerta. Mas Vince disse... – parei. Até falar naquele assunto parecia algo muito secreto.

– Disse o quê?

– Uma coisinha, Deb. Um detalhe. Quem sabe o que aquilo quer dizer?

– Se você não disser o que é, ninguém vai saber, Dexter.

– Parece... que não há sangue no corpo. Sangue nenhum.

Deborah ficou calada um instante, pensando. Não era uma pausa reverente, como foi a minha. Só pensando.

– Certo, desisto, o que quer dizer? – perguntou ela, enfim.

– É muito cedo para saber – considerei.

– Mas você acha que quer dizer alguma coisa.

Queria dizer uma estranha tontura. Queria dizer uma vontade de descobrir mais sobre o assassino. Queria dizer um riso aprovador do Passageiro das

Trevas, que deveria ter se acalmado após o padre. Mas era meio difícil explicar isso a Deborah, certo? Então eu disse apenas: – Pode ser, Deb. Quem sabe?

Ela me olhou friamente por um instante e deu de ombros.

– Está bem, o que mais?

– Ah, bastante. Foi um trabalho muito benfeito. Os cortes são quase cirúrgicos. A menos que encontrem alguma coisa no motel, o que ninguém espera, a vítima foi morta em outro lugar e jogada aqui.

– Morta onde?

– Boa pergunta. A metade do trabalho da polícia é fazer as perguntas certas.

– A outra metade é responder – acrescentou ela.

– Pois é. Ninguém sabe onde foi morta, Deb. E não tenho todos os dados da perícia...

– Mas começa a desconfiar de alguma coisa – ela sugeriu.

Olhei-a. Ela também me olhou. Eu sempre tinha um palpite. E certa fama por isso. Meus palpites costumavam ser muito certos. Como não? Sei como os assassinos raciocinam. Eu penso igual. Claro que nem sempre acerto. Às vezes, atiro longe do alvo. Não ficaria bem se acertasse sempre. E eu não queria que os tiras pegassem *todos* os assassinos em série. Senão, qual seria o meu *hobby*? Mas aquele caso... para que lado eu devia ir naquela confusão tão interessante?

– Escute, Dexter, você desconfia de alguma coisa?

– Acho que ainda é um pouco cedo – respondi.

– Bom, Morgan, vejo que você se vestiu para um verdadeiro trabalho policial – disse LaGuerta atrás de nós. Viramo-nos para ela.

Alguma coisa naquela voz foi como um tapa na cara. Deborah aprumou-se.

– Detetive, descobriu alguma coisa? – perguntou, num tom de quem já sabia a resposta.

Um tiro bobo. E não acertou. LaGuerta mexeu a mão, distraída.

– São apenas putas – disse, olhando fixamente para s seios de Deb, bem destacados naquele traje de prostituta. – Putas, só. O importante agora é não deixar a mídia ficar histérica. – Balançou a cabeça lentamente, como se estivesse descrente e olhou. – Considerando o que você consegue fazer com o princípio da gravidade, não deve ser difícil. – Piscou para mim e atravessou a área até o capitão Matthews, que conversava muito dignamente com Jerry Gonzalez, do canal 7.

– Sacana – xingou-me Deborah.

– Desculpe, Debs. Você preferia que eu dissesse *Vamos mostrar para ela?* Ou acha que seria melhor *Eu não disse para você?*

Ela me olhou fixamente.

– Merda, Dexter. Eu realmente quero achar esse cara.

E quando pensei no *sangue nenhum*...
Eu também queria. Eu também queria, realmente, achar o cara.

---

1 Na cozinha, depois trouxe o lixo para fora. (N. T.)

Capítulo 4

~

Naquela noite, após o trabalho, peguei minha lancha para fugir das perguntas de Deb e pensar no que eu estava sentindo. *Sentindo.* Eu, sentindo. Que ideia. Embiquei a Whaler lentamente para fora do canal, sem pensar em nada, num estado zen absoluto, navegando lentamente e passando pelos casarões separados por altas moitas e cercas de arame. Fiz uma onda grande girando o leme automático e dei um largo sorriso para os vizinhos em seus jardins arrumadinhos à margem do canal. Crianças brincavam na grama bem cuidada. Mamãe e papai faziam churrasco, relaxavam, ou poliam as cercas de arame, de olho nas crianças. Acenei para todos. Alguns até retribuíram. Eles me conheciam, já tinham me visto passar antes, sempre alegre, dando um grande olá para todo mundo. *Era um homem tão gentil. Muito simpático. Não consigo acreditar que tenha feito essas coisas terríveis...*

Acelerei ao entrar no canal, saí dele e rumei para sudeste, na direção do cabo Flórida. O vento no meu rosto e os borrifos de água salgada ajudaram a clarear as ideias, fizeram com que me sentisse limpo e um pouco mais animado. Ficou bem mais fácil pensar. Em parte, por causa da calma e da paz da água. E

em parte porque, na melhor tradição da navegação esportiva de Miami, quase todas as outras lanchas pareciam estar querendo me matar. Achei aquilo bem relaxante. Eu me sentia em casa. Este é o meu país, esta é a minha gente.

Passei o dia trabalhando para conseguir poucas informações novas da perícia. Na hora do almoço, o caso foi noticiado em cadeia nacional. Falava do assassinato das putas após a "terrível descoberta" no motel Cacique. O canal 7 prestou o ótimo serviço de apresentar todo o horror histérico dos pedaços de corpo numa caçamba, sem informar nada sobre eles. Como observou espertamente a detetive LaGuerta, as vítimas eram apenas putas, mas, quando o público começou a pressionar através da mídia, parecia que as vítimas eram filhas de senadores. Assim, o departamento começou a preparar uma longa série de manobras defensivas, sabendo exatamente que tipo de triste baboseira iria sair da brava e destemida infantaria da imprensa.

Deb permaneceu na cena do crime até o capitão ficar preocupado por ter que autorizar muitas horas extras e mandou-a para casa. Às duas da tarde, ela me ligou para saber o que eu tinha descoberto, que, aliás, era pouco. Não encontraram nada no motel. Havia tantas marcas diferentes de pneus no estacionamento que não dava para distinguir nenhuma. Também não havia impressões digitais ou marcas na caçamba, nos sacos de lixo, nem nos pedaços de corpo. Estava tudo de acordo com as normas de limpeza do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

A grande e única pista do dia foi a perna esquerda. Como tinha notado Angel, a perna direita fora cortada em determinadas partes: coxa, joelho e tornozelo. Mas a esquerda, não. Tinha sido cortada em apenas duas partes e cuidadosamente embrulhada. Rá-rá, concluiu a detetive LaGuerta, mulher genial. Alguém havia interrompido o trabalho do assassino: surpreendeu-o no ato, ele ficou tão assustado que não terminou o corte. Entrou em pânico. Então, LaGuerta concentrou todos os esforços em encontrar essa testemunha.

Havia um pequeno problema com a tese de interrupção do trabalho do assassino. Uma coisinha, talvez uma filigrana, mas... o corpo todo fora cuidadosamente limpo e embrulhado, provavelmente depois de ter sido cortado. Então foi levado até a caçamba, aparentemente com tempo e concentração suficientes para não errar nem deixar pistas. Quase ninguém mostrou isso para LaGuerta ou (maravilha das maravilhas!) será que ninguém mais percebeu? Era possível, pois grande parte do trabalho da polícia é de rotina, encaixar detalhes dentro dos padrões estabelecidos. E, se o padrão fosse completamente novo, a investigação podia acabar parecendo a história dos três cegos examinando um elefante com lupa.

Mas como eu não era cego, nem padecia de rotina, pareceu-me bem mais

provável que o assassino estivesse apenas insatisfeito. Teve bastante tempo para fazer o serviço, mas aquela era a quinta morte no mesmo estilo. Será que aquela história de cortar corpos estava ficando enfadonha? Estaria o Nosso Rapaz à procura de algo diferente? Uma nova direção, uma súbita virada?

Eu quase conseguia sentir sua frustração. Chegar tão longe, quase no final, seccionando as sobras para embrulhar em papel de presente. E, de repente, a conclusão: *Não é isso. Tem alguma coisa errada*. Coitus interruptus.

Ele não estava mais se satisfazendo com aquilo. Precisava de uma abordagem diferente. Estava tentando dizer alguma coisa e ainda não tinha encontrado as palavras. Na minha opinião (quer dizer, se fosse *eu*), ele deve ter ficado bem frustrado. E muito provavelmente queria uma resposta.

Logo.

Porém, vamos deixar LaGuerta procurar uma testemunha do crime. Não ia encontrar. Aquele era um monstro frio, cuidadoso e totalmente fascinante para mim. E o que eu deveria fazer com a minha fascinação? Não tinha certeza, então me retirei para a minha lancha, fui pensar.

Uma lancha Donzi, a uns cento e vinte por hora, cortou a curva que eu estava fazendo, a centímetros de distância. Acenei, alegre, e voltei ao presente. Estava me aproximando de Stiltsville, a mais abandonada coleção de velhas casas sobre palafitas perto do cabo Flórida. Fiz um grande círculo para lugar nenhum e deixei os pensamentos acompanharem aquele mesmo arco lento.

O que eu ia fazer? Precisava resolver naquele momento, antes de ficar útil demais para Deborah. Poderia ajudá-la a resolver o caso; evidentemente, não havia ninguém melhor do que eu. Ninguém estava sequer indo na direção certa. Mas será que eu queria ajudar? Queria que aquele assassino fosse preso? Queria encontrá-lo e impedi-lo de continuar? Além do mais (ah, que ideiazinha importuna), será que eu queria pará-lo?

O que fazer?

À direita, eu via Elliott Key à última luz do dia. E, como sempre, lembrei do acampamento que fiz naquele lugar com Harry Morgan. Meu pai adotivo. O Bom Tira.

Você é diferente, Dexter.

Sim, Harry, não há dúvida de que sou.

Mas pode aprender a controlar essa diferença e usá-la de forma positiva.

Certo, Harry. Se você acha. Mas como?

E ele me disse.

~

Quando você tem catorze anos e está acampando com seu pai, nenhum

lugar tem um céu tão estrelado quanto o sul da Flórida. Mesmo que ele seja apenas seu pai adotivo. E mesmo se a visão de todas essas estrelas cause apenas uma espécie de satisfação que não tem nada a ver com emoção. Você não sente. Por isso, em parte, é que você está lá.

A fogueira vai se apagando, as estrelas estão estupidamente brilhantes e o velho e querido pai adotivo está calado há algum tempo, dando pequenos goles no antigo modelo de garrafinha de bolso que tirou da aba externa da mochila. E ele não é muito bom nisso, não é como tantos outros tiras, isto é, não bebe bem. Mas a garrafinha está vazia e é hora de ele dizer sua parte, se é que um dia vai fazer isso.

– Você é diferente, Dexter – diz.

Tiro os olhos do brilho das estrelas. Em volta da pequena e arenosa clareira, a última chama da fogueira forma sombras. Algumas passam pelo rosto de Harry. Ele me parece estranho, como eu nunca tinha visto. Decidido, infeliz, um pouco confuso.

– O que você quer dizer, pai?

Ele não me olha.

– Os Billup disseram que Buddy sumiu.

– Aquele chatinho barulhento. Ficou latindo a noite toda. Mamãe não conseguiu dormir.

Mamãe precisava dormir, claro. Morrer de câncer exige muito repouso e ela não estava tendo, com aquele cachorrinho horroroso do outro lado da rua latindo para cada folha que voava na calçada.

– Encontrei a sepultura. Tinha um monte de ossos nela, Dexter. Não só do Buddy – disse Harry.

Nesse ponto, não há muito que dizer. Com cuidado, pego um punhado de agulhas de pinheiro e aguardo o que Harry vai perguntar.

– Há quanto tempo você vem fazendo isso?

Procuro ver o rosto dele, depois olho a praia, do outro lado da clareira. Nosso barco está lá, subindo e descendo calmamente, acompanhando o movimento da água. À direita, as luzes distantes de Miami formam um suave brilho branco. Não posso imaginar aonde Harry vai chegar, o que ele quer ouvir. Mas é meu pai adotivo direto-ao-ponto, Harry costuma achar que a verdade é uma boa ideia. Ele sempre sabe, ou descobre.

– Há um ano e meio – respondi.

Harry concorda com a cabeça.

– Por que começou?

Boa pergunta e certamente difícil de responder aos catorze anos.

– É só... uma espécie de... eu tinha de fazer – digo. Mesmo nessa época, em

que eu era bem jovem, era também bastante calmo.

– Você ouve alguma voz? Alguém ou alguma coisa dizendo o que é para fazer e como fazer? – ele pergunta.

– Hum, não é bem assim – explico, com a eloquência dos catorze anos.

– Conte como é – pede Harry.

Ah, uma lua, uma boa e gorda lua, algo maior para se olhar. Pego mais um punhado de agulhas de pinheiro. Meu rosto está quente, como se papai tivesse pedido para falar de sonhos sexuais. O que, de certa forma...

– Hum, eu meio que, sabe, *sinto* uma coisa dentro. Me olhando. Talvez, hum. Rindo? Mas não é bem uma voz, só... – Um eloquente dar de ombros adolescente. Mas parece fazer sentido para Harry.

– E essa *coisa* faz você matar.

Lá no alto, um avião a jato, lento e bojudo, atravessa o céu.

– Não, hum, não me *faz*, só... faz com que pareça boa ideia.

– Nunca teve vontade de matar outra coisa? Algo maior que um cachorro?

Tento responder, mas há uma coisa na minha garganta. Pigarreio.

– Já – respondo.

– Uma pessoa?

– Ninguém em particular, pai. Só... – dou de ombros de novo.

– Por que você não matou?

– É que... achei que você não ia gostar. Você e a mãe.

– Foi só por isso?

– Eu, hum... não queria que você se zangasse comigo. Hum... sabe, que ficasse desapontado.

Dou uma olhada em Harry. Ele está me olhando sem piscar.

– Foi por isso que fizemos esta viagem, pai? Pra conversar sobre isso?

– Foi. Precisamos fazer com que você se ajuste.

Ajustar, ah, sim, uma ideia bem Harry de como se deve viver a vida, com os lençóis esticados como nas camas dos hospitais e os sapatos engraxados. Mesmo nessa época eu sabia que, se precisasse matar alguém de vez em quando, mais cedo ou mais tarde eu ia precisar ser ajustado.

– Me ajustar como? – perguntei e ele me olha bastante e duramente, depois concorda com a cabeça ao ver que eu estava acompanhando passo a passo.

– Bom garoto. Pois é o seguinte. – E em vez de dizer logo, fica em silêncio por um longo tempo até falar de novo. Observo as luzes num barco que passa, talvez a umas duzentas jardas de distância da nossa prainha. Por cima do ronco do motor, um rádio toca uma barulhenta música cubana. – Pois é o seguinte – Harry repete e viro-me para ele. Mas ele está olhando para longe, para o outro lado da fogueira que se apaga, lá no futuro, em algum lugar distante. – É assim –

diz. Ouço, atento. É como Harry fala quando vai dizer uma verdade da mais alta importância. Como quando mostrou como atirar uma bola fazendo uma curva e como jogar um anzol com a esquerda. – *É assim* – ele dizia, e era sempre exatamente assim. – Estou ficando velho, Dexter. – Esperou que eu protestasse, mas não falei nada e ele concordou com a cabeça. – Acho que as pessoas veem as coisas de outro jeito quando envelhecem – concluiu ele. – Não é que fiquem mais complacentes, ou que vejam que as coisas também podem ser cinzentas, em vez de somente pretas ou brancas. Eu apenas estou vendo as coisas de outro jeito. Melhor. – Olha para mim, o olhar de Harry. Amor Irrestrito com olhos azuis.

– Certo – concordo.

– Se fosse dez anos atrás, eu colocaria você em alguma instituição – diz, e pestanejo. Essa afirmação quase dói, exceto pelo fato de que eu já tinha pensado nisso. – Mas, hoje, acho que sei melhor, conheço você e sei que é um bom garoto.

– Não – digo, e a voz sai bem calma e fraca, mas Harry ouve.

– Sim, você é um bom garoto, Dex, eu sei. Eu *sei* – repete ele, firme, quase para si mesmo, decerto para causar efeito, depois gruda os olhos nos meus. – Senão, você não ia se incomodar com o que eu acho, ou com o que sua mãe acha. Você apenas faria. Não pode evitar, eu sei. Por que... – Ele para e olha para mim um instante. Aquilo é bem desconfortável. – O que você lembra de antes? Quer dizer, de antes de nós ficarmos com você.

Isso continua machucando, não sei por quê. Eu tinha só três anos.

– Não lembro de nada.

– Certo, ninguém deveria lembrar daquilo. – E até o fim da vida foi tudo que ele disse sobre o assunto. – Mas, mesmo que você não lembre, Dex, aquilo teve consequências sobre você. Aquelas coisas fizeram você ser como é. Conversei com algumas pessoas sobre isso. – E, o mais estranho de tudo, ele me deu um pequeno, quase tímido, sorriso-Harry. – Eu já esperava. O que você passou quando era pequeno formou você. Tentei mudar, mas... – Ele deu de ombros. – Era uma coisa forte demais, demais. Você passou por ela cedo demais e não vai se livrar. Vai fazer você querer matar. E isso você não pode evitar. Não consegue mudar. Mas – ele disse, e olhou para longe outra vez, para ver não sei o quê. – Mas você pode canalizar isso. Controlar. Escolher... – as palavras eram tão cuidadosas, mais do que eu jamais tinha ouvido dele – escolher o quê... ou *quem*... matar... – E sorriu para mim como eu também nunca tinha visto, um sorriso tão desolado e seco como as cinzas da nossa fogueira se apagando. – Tem muita gente que merece morrer, Dex...

E com aquelas poucas palavras ele formou minha vida inteira, tudo, o meu

eu e quem sou. O maravilhoso, onividente, onisciente Harry. Meu pai. Se eu fosse capaz de amar, teria amado muito Harry.

~

Isso faz tanto tempo. Harry morreu há anos. Mas as lições que me deu continuam vivas. Não por causa de qualquer sentimento meu, caloroso e grudento. Mas porque ele tinha razão. Provei isso várias vezes seguidas. Harry sabia, me aconselhou com sabedoria.

Tome cuidado, ele disse. E me ensinou a tomar cuidado como só um tira poderia ensinar um assassino.

Escolher com cuidado os que mereciam. Ter absoluta certeza. Depois, limpar tudo. Não deixar pistas. E sempre evitar envolvimento emocional, o que pode causar erros.

Claro que tomar cuidado ia além do assassinato em si. Tomar cuidado queria dizer viver com cuidado tam bém. Compartimentado. Interagir. Imitar a vida.

Tudo isso eu fiz, com todo o cuidado. Era um holograma quase perfeito. Acima de qualquer suspeita, isento de qualquer erro, livre de qualquer crítica. Um monstro limpo e educado, o rapaz da casa ao lado. Até Deborah era enganada quase o tempo todo. Claro que ela também acreditava no que queria.

No momento, ela acreditava que eu podia ajudá-la a solucionar aqueles assassinatos, alavancar sua carreira, tirá-la daquela roupa *sexy à la* Hollywood e vesti-la num terninho sob medida. E estava certa, sim. Eu podia ajudar. Mas não queria, porque gostava de ver o trabalho daquele outro assassino e sentia uma espécie de ligação estética com ele, ou...

Envolvimento emocional.

Bom. Pois é. Era uma óbvia violação do Código Harry.

Embiquei a lancha de volta para o meu canal. Estava totalmente escuro, mas fui me orientando por uma torre de rádio situada poucos graus à esquerda das águas do meu cais.

Que seja. Harry sempre esteve certo e o estava mais uma vez. *Não se envolva emocionalmente*, ele havia dito. Então, eu não ia me envolver.

Ia ajudar Deb.

CAPÍTULO 5

~

NA MANHÃ SEGUINTE, CHOVIA E O TRÂNSITO estava caótico, como fica em Miami nessas ocasiões. Alguns motoristas dirigiam mais devagar nas estradas escorregadias. Por isso, os outros ficavam furiosos, grudavam na buzina, berravam pela janela, entravam no acostamento, aceleravam e ultrapassavam mostrando os punhos.

Na subida da LeJeune, um enorme caminhão de laticínios entrou roncando pelo acostamento e atingiu uma *van* cheia de crianças de uma escola católica. O caminhão capotou. Naquele momento, cinco meninas de saia xadrez estavam espantadas, sentadas numa enorme poça de leite. O trânsito ficou quase parado por uma hora. Uma criança foi levada de helicóptero para o hospital Jackson. Outras ficaram de uniforme no meio do leite e olhavam os adultos berrando uns com os outros.

Passei por lá calmamente, ouvindo o rádio. Dava a impressão de que a polícia estava empenhada atrás do Carniceiro de Tamiami. Não havia nada de concreto, mas o capitão Matthews concedeu uma encantadora entrevista. Deu a entender que iria pessoalmente prender o assassino, assim que terminasse de

tomar seu café.

Finalmente, saí para o asfalto e acelerei um pouco. Parei numa loja de rosquinhas perto do aeroporto. Comprei fatias de maçã fritas e uma rosca, mas acabei com a maçã antes de chegar ao carro. Tenho um metabolismo muito rápido. É porque levo uma boa vida.

Quando cheguei ao escritório, a chuva tinha parado. O sol brilhava e subia um vapor do chão; entrei no saguão do prédio, mostrei meu crachá e subi.

Deb já estava me esperando.

Ela não estava com uma cara boa naquela manhã. Claro, não existe mais muita cara boa. Afinal, ela é policial e a maioria não consegue digerir tudo. Passam muito tempo trabalhando, tentando não parecer humanos. Isso os deixa com a cara dura.

– Deb – cumprimentei, colocando o saco branco da rosca na minha mesa.

– Onde você estava na noite passada? – ela perguntou. Bem ácida, como eu esperava. Dentro de pouco tempo aquelas linhas na testa dela iam tornar-se permanentes, destruindo um lindo rosto: olhos azul-escuros, alertas de inteligência, nariz pequeno e empinado, salpicado de sardas e rosto emoldurado por cabelos negros. Lindas feições, no momento estragadas por uns duzentos gramas de maquiagem barata.

Olhei-a com carinho. Estava claro que vinha do trabalho, usava um sutiã de renda, *short* de *lycra* rosa-choque e sapatos de salto, dourados.

– Não se preocupe comigo – respondi. – Onde *você* estava?

Ela enrubesceu. Detestava usar outra coisa que não fosse *jeans* limpos e bem passados.

– Liguei para você – ela disse.

– Sinto muito – eu disse.

– É, tá.

Sentei-me na minha cadeira e fiquei calado. Deb gosta de descarregar as coisas em mim. É para isso que serve a família. – Por que queria tanto falar comigo?

– Eles estão me excluindo do caso – ela respondeu. Abriu o saco de papel e olhou dentro.

– O que você esperava? Sabe o que LaGuerta acha de você – comentei.

Ela pegou a rosca e a comeu inteira.

– Espero participar, como o capitão disse que seria – lembrou ela, de boca cheia.

– Você não tem nenhuma experiência na área, nem é política.

Ela amassou o saco de papel e jogou-o na minha cabeça. Não acertou.

– Droga, Dexter. Você sabe muito bem que mereço estar no Departamento

de Homicídios. Em vez de... – Puxou a alça do sutiã e mostrou a roupa sumária. – Em vez de usar esta porcaria.

Concordei com a cabeça.

– Mas fica bem em você – elogiei.

Ela fez uma expressão horrível, de raiva e nojo ao mesmo tempo. – Detesto esse trabalho, não posso ficar muito mais nesse departamento, senão juro que vou endoidar.

– É um pouco cedo para eu ter uma ideia dessa coisa toda, Deb.

– Droga – ela repetiu. Seja lá o que se ache do trabalho na polícia, o fato é que estava acabando com o vocabulário de Deborah. Ela me deu um olhar frio e duro de tira, o primeiro na vida. Era igual a Harry, os mesmos olhos, o mesmo jeito de procurar a verdade dentro de você. – Não me sacaneie, Dex – mandou. – Quase sempre, você só precisa ver o corpo para saber quem foi. Nunca perguntei como você consegue, mas, se tem alguma ideia sobre esse caso, eu quero saber. – Ela chutou com força a minha escrivaninha de metal e fez uma pequena marca. – Droga, quero tirar essa roupa idiota.

– Nós todos íamos adorar, Morgan – disse uma voz grossa e falsa atrás dela, na porta. Olhei. Vince Masuoka sorria para nós.

– Você não ia saber o que fazer, Vince – provocou Deb.

Ele aumentou o sorriso, aquele brilhante e falso sorriso de livro didático.

– Por que não experimentamos para descobrir?

– Só em sonhos, Vince – disse Debbie, ficando emburrada como eu não a via desde que ela tinha doze anos.

Vince fez sinal com a cabeça para o saco branco amassado sobre a minha mesa. – *Era* a sua vez de me trazer uma rosquinha, sabidão. O que você trouxe pra mim? Onde está?

– Sinto muito, Vince, Debbie comeu a sua rosquinha – avisei.

– Que pena. Eu ia comer a rosquinha de geleia dela – disse Vince, com seu olhar de esguelha imitando esperto. – Você me deve uma rosca das grandes, Dex – acrescentou.

– A única que você vai ter na vida – disse Deborah.

– Não é o tamanho que interessa, é a perícia do padeiro – disse Vince para ela.

– Por favor, vocês vão torcer um lóbulo frontal. Ainda é muito cedo para ser tão inteligente – falei.

– Rá, rá – fez Vince, com seu horrível riso falso. – Rá, rá, rá. Depois a gente se vê. – Piscou. – Não se esqueça da minha rosca. – E foi andando para seu microscópio no fundo do corredor.

– E aí, qual foi a sua conclusão? – perguntou Deborah para mim.

Deb achava que toda hora eu tinha um palpite. Havia motivo para isso. Geralmente, meus inspirados palpites tinham a ver com os malucos agressivos que gostavam de pegar algum pobre coitado só para zoar. Várias vezes Deborah me viu mostrar imediatamente uma coisa que ninguém tinha percebido. Ela nunca disse nada, mas minha irmã é uma porra de uma boa policial, por isso fazia tempo que desconfiava de alguma coisa em mim. Não sabe o que é, mas sabe que tem algo errado e de vez em quando fica uma fera porque, afinal, gosta de mim. A última coisa viva no mundo que me ama. Isso não quer dizer que eu tenha pena de mim, mas que possuo o mais frio e claro autoconhecimento. Eu sou uma pessoa "ingostável". Tentei seguir o plano de Harry e me envolver com outras pessoas, criar relações e até (nos momentos mais idiotas) gostar de alguém. Mas não funciona. Tem alguma coisa errada ou faltando em mim e, mais cedo ou mais tarde, o outro me pega Fingindo, ou vem uma Daquelas Noites.

Não posso nem ter bichos de estimação. Os animais me odeiam. Uma vez, comprei um cachorro e ele passou dois dias latindo e rosnando furiosamente para *mim*, sem parar, até que me livrei dele. Tentei uma tartaruga. Toquei nela uma vez, o bicho não saiu mais da casca e morreu dias depois. Preferiu morrer a me ver ou ser tocada por mim outra vez.

Ninguém gosta de mim, nem jamais gostará. Nem mesmo, e principalmente, eu. Sei o que sou e isso não é coisa para ninguém gostar. Sou sozinho no mundo, completamente só, a única pessoa que tenho é a Deborah. E, claro, a Coisa dentro de mim, que não dá as caras toda hora para brincar. E que na verdade não brinca comigo, tem que ter outra pessoa na jogada.

Portanto, eu gosto da querida Deborah como posso. Não deve ser amor, mas fico contente quando ela está feliz.

E ela estava sentada ali, a querida Deborah, infeliz. Minha família. Olhando para mim sem saber o que dizer, mas quase dizendo, como nunca tinha tentado antes.

– Bom, na verdade... – comecei.

– Eu *sabia*! Você TEM alguma coisa!

– Não interrompa o meu transe, Deborah. Estou em contato com o reino espiritual.

– Bota pra fora – ela mandou.

– É aquele corte que não foi terminado, Deb. Na perna esquerda.

– O que tem?

– LaGuerta acha que alguém surpreendeu o assassino enquanto cortava a vítima, e que ele ficou nervoso e não terminou o trabalho.

Deborah concordou com a cabeça.

– Na noite passada, ela me obrigou a perguntar às putas se viram alguma coisa. Alguém deve ter visto.

– Ah, não, você também. *Pense*, Deborah. Se o assassino parou porque ficou assustado...

– Os embrulhos – ela deixou escapar. – Ele ainda passou um bom tempo embrulhando os pedaços, limpando tudo. – Ela parecia surpresa. – Droga. *Depois* disso ele foi interrompido por alguém?

Bati palmas e fiz uma reverência para ela.

– Bravo, senhorita Marple.

– Então, não faz sentido.

– Pelo contrário. Se ele tem muito tempo, mas o ritual não é feito adequadamente, qual é a conclusão? Lembre-se, Deb, que o ritual é quase tudo.

– Por que você não responde, pelo amor de Deus? – ela disse, rispidamente.

– Que graça teria, se eu respondesse?

Ela expirou com força.

– Droga. Está bem, Dex. Se ele não foi interrompido e não terminou... Droga. Embrulhar o corpo era mais importante do que cortar?

Fiquei com pena dela.

– Não, Deb. Pense. Essa é a quinta vítima, exatamente igual a todas as demais. Quatro pernas esquerdas cortadas à perfeição. Já a quinta... – Dei de ombros e levantei uma sobrancelha para ela.

– Ah, droga, Dexter. Como vou saber? Vai ver que ele só precisava de quatro pernas esquerdas. Talvez... não sei, juro por Deus. O que é?

Eu sorri e balancei a cabeça. Para mim, aquilo estava tão claro.

– O problema é que acabou a emoção, Deb. Alguma coisa simplesmente não vai bem. Não está funcionando. Acabou alguma parte essencial da magia que faz a perfeição.

– Eu tinha de saber isso?

– Alguém devia saber, não acha? Então ele apenas dá uma parada, busca inspiração e não encontra.

Ela franziu a testa.

– Quer dizer que ele parou. Não vai mais fazer isso?

Ri.

– Ai, meu Deus, não, Deb. É exatamente o contrário. Se você fosse padre e realmente acreditasse em Deus, mas não achasse um jeito de adorá-lo, o que faria?

– Continuaria tentando até conseguir – ela respondeu. Olhou duro. – Nossa, é isso que você acha? Ele vai atacar de novo e logo?

– É só um palpite, posso estar enganado – consertei, modesto. Mas tinha

certeza de que estava certo.

– Devíamos armar um jeito de pegá-lo quando atacar. E não ficar procurando uma testemunha que não existe – sugeriu ela. Levantou-se e foi até a porta. – Ligo para você mais tarde. *Ciao!* – E se foi.

Dei uma olhada dentro do saco de papel branco. Não tinha sobrado nada. Estava como eu: por fora, limpo e quebradiço; por dentro, vazio.

Dobrei o saco e joguei-o na lata de lixo ao lado da mesa. Tinha trabalho naquela manhã, trabalho de laboratório para a polícia. Datilografar um longo relatório e anexar as fotos condizentes, prova para arquivo. Era coisa de rotina, um homicídio duplo que provavelmente jamais seria julgado, mas gosto de garantir que tudo que toco fique bem organizado.

Além do mais, aquele caso tinha sido interessante. Foi muito difícil identificar o borrifo de sangue e quase impossível encontrar onde esguichou o sangue das duas vítimas (que, obviamente, estavam se mexendo) e os cortes, que deveriam ter sido feitos por uma motosserra. Para checar a sala toda, tive de usar duas garrafas de Luminol, substância que mostra até a mais leve gota de sangue e custa estupidamente caro, doze dólares cada.

Tive de usar barbantes para conseguir visualizar os ângulos mais simples dos respingos, uma técnica tão antiga que parece alquimia. As manchas de sangue eram incríveis, vívidas e inúmeras: nas paredes, brilhantes e fatais, nos móveis, televisão, toalhas, cabeceiras, cortinas, um fantástico horror de sangue voador. Até em Miami você ia achar que alguém percebeu que alguma coisa estava acontecendo. Duas pessoas sendo serradas vivas num elegante e caro quarto de hotel, mas os vizinhos simplesmente ligaram a TV.

Você pode dizer que o querido e diligente Dexter gosta do que faz, mas aprecio fazer o serviço completo, quero saber todos os lugares onde o sangue se escondeu. Os motivos profissionais para isso são óbvios, mas não tão importantes para mim quanto os pessoais. Talvez um dia um psiquiatra do sistema penitenciário me ajude a descobrir exatamente por quê.

De todo jeito, os pedaços de corpo estavam bem frios quando chegamos ao local do crime e provavelmente jamais encontraríamos o sujeito de mocassim italiano feito à mão, tamanho 41. Destro, gordo e com um golpe de mão mortal.

Mas me esmerei e o trabalho ficou bem asseado. Não faço meu serviço para pegar os caras maus. Para quê? Não, faço meu serviço para colocar ordem no caos. Para obrigar as sórdidas manchas de sangue a se comportarem adequadamente e depois sumirem. Outros peritos podem usar meu serviço para pegar os criminosos, acho isso ótimo, mas a mim não interessa.

Se eu não tomar cuidado e for pego, vão dizer que sou um monstro sociopata, um doente, um demônio esquisito que não chega nem a ser humano e

decerto vão me executar numa Velha Elétrica com um choque dado por um sujeito convencido e falso. Se eles por acaso pegarem o Mocassim 41, vão dizer que é um homem mau, que ficou assim por motivos sociais, aos quais ele infelizmente não conseguiu resistir, aí ele passa dez anos na prisão e é solto com dinheiro para um terno e um serrote novo.

Todos os dias, no trabalho, entendo Harry um pouco mais.

CAPÍTULO 6

~

SEXTA-FEIRA À NOITE. DIA DE NAMORAR em Miami. E, acredite se quiser, Noite de Namorar para Dexter. Por estranho que pareça, encontrei alguém. O que, o que você disse? Dexter-dando-duro-em-damas-debutantes? Sexo entre os Não Mortos? Será que a minha necessidade de imitar a vida chegou ao ponto de fingir orgasmos?

Fique frio. Sexo nunca entrou na história. Após anos de horrível constrangimento, desconforto e embaraço tentando parecer normal, consegui finalmente fisgar a namorada ideal.

Rita era quase tão perturbada quanto eu. Casou cedo demais, passou dez anos se esforçando para que desse certo, teve dois filhos. Seu sedutor marido tinha pequenos problemas. Primeiro, a bebida; depois, a heroína e, acredite se quiser, finalmente o *crack*. Batia nela, o animal. Quebrava os móveis, berrava e jogava coisas, fazia ameaças. Depois, violentou-a. Contagiou-a com algumas doenças horrorosas do lugar onde fumam *crack*. Tudo isso seguido e Rita aguentando, trabalhava, e internou-o duas vezes em clínicas de recuperação. Até que uma noite ele foi atrás das crianças e Rita finalmente desistiu.

Claro que agora o rosto dela está direito. Todos os dias os médicos de Miami veem braços e costelas quebrados. Rita era bastante apresentável, como o monstro queria.

Veio o divórcio, o animal foi preso e aí? Ah, os mistérios da mente humana. Sabe-se lá por que e como, a querida Rita resolveu namorar de novo. Tinha certeza de que era a Coisa Certa a fazer, mas, devido às constantes surras dadas pelo Homem que Ela Amava, perdeu todo o interesse por sexo. Queria, talvez, só uma companhia masculina por um tempo.

Procurava o cara certo: sensível, gentil e que aceitasse esperar. Claro que procurou muito. Estava buscando um homem imaginário, mais interessado em alguém para conversar e ir ao cinema do que para fazer sexo, porque ela simplesmente Não Estava Preparada para Isso.

Eu disse homem imaginário? Bom, é. Porque homens reais não são assim. A maioria das mulheres sabe disso, depois de dois filhos e um divórcio. A coitada da Rita tinha casado cedo e mal demais e foi duro aprender essa lição valiosa. Como subproduto da recuperação do casamento horroroso, em vez de concluir que todos os homens são animais, ela ficou com essa linda imagem romântica de um perfeito cavalheiro que iria esperar indefinidamente até ela se abrir lentamente como uma florzinha.

Bom. Francamente. Talvez um homem assim possa ter existido na Inglaterra vitoriana, quando havia um bordel em cada esquina para ele liberar a pressão ejaculatória em meio a floreadas declarações de amor sem discussões. Mas, que eu saiba, isso não ocorre na Miami do século XXI.

Mas... eu conseguia imitar tudo isso perfeitamente. E queria mesmo. Não tinha interesse em relação sexual. Queria um disfarce e Rita era exatamente o que eu procurava.

Ela era, como eu disse, muito apresentável. Pequena, esperta e impetuosa, um corpo esguio e atlético, cabelos louros curtos e olhos azuis. Era fanática por exercícios físicos e passava todas as horas livres correndo, andando de bicicleta e tal. Na verdade, transpirar era uma de nossas atividades preferidas. Percorremos de bicicleta o Parque Nacional de Everglades, fizemos corridas de cinco quilômetros e até levantamos peso juntos.

Mas o melhor eram os dois filhos dela. Astor tinha oito anos e Cody, cinco, e eram muito sossegados. Tinham de ser, claro. Crianças cujos pais estão sempre tentando matar o outro com os móveis tendem a ser meio retraídas. Como qualquer criança criada num clima violento. Mas às vezes podem se curar, basta ver o meu caso. Quando criança, aguentei horrores sem nome e jamais vistos; mesmo assim, eis-me aqui: um cidadão útil, um pilar da comunidade.

Talvez fosse em parte por isso que eu tinha uma estranha preferência por

Astor e Cody. Pois eu gostava mesmo deles e isso não fazia sentido para mim. Sei o que sou e compreendo muitas coisas a meu respeito. Mas um dos poucos traços de caráter que realmente me intrigam é meu comportamento em relação às crianças.

Gosto delas.

Elas são importantes para mim. Têm valor.

Para ser franco, não entendo isso. Eu, sinceramente, não me importaria se todas as pessoas do mundo morressem de repente, com a provável exceção de mim e, talvez, de Deborah. Os outros têm menos importância para mim do que móveis de jardim. Como dizem os psicanalistas com tanta eloquência, não tenho qualquer noção da realidade do Outro. E não me incomodo com o fato.

Mas as crianças... as crianças são outra coisa.

Eu estava "namorando" a Rita havia quase um ano e meio e nesse período, lenta e deliberadamente, conquistei Astor e Cody. Eu estava bem. Não ia fazer nada de ruim para eles. Lembrava a data de seus aniversários, os dias de boletim da escola, as férias. Podia entrar na casa deles e não fazer nada. Era de confiança.

É irônico, mesmo. Mas verdade.

Eu, o único homem em quem eles podiam realmente confiar. Rita achava que isso fazia parte da minha longa e lenta corte. Mostrar para ela que as crianças gostavam de mim e, quem sabe...? Mas, na verdade, os dois eram mais importantes para mim do que Rita. Talvez já fosse tarde demais, mas eu não queria vê-las crescer para ficarem iguais a mim.

Nessa sexta à noite, Astor atendeu à porta. Estava com uma camiseta que ia até abaixo do joelho com a inscrição RATOS DE TAPETE. Os cabelos ruivos estavam presos em maria-chiquinha e seu pequeno rosto impassível não tinha qualquer expressão.

– Olá, Dexter – disse, do seu jeito calmo demais. Para ela, duas palavras eram uma longa conversa.

– Boa tarde, bela jovem – saudei com minha melhor voz de lorde Mountbatten. – Posso observar que hoje você está muito linda?

– Certo – disse ela, mantendo a porta aberta. – Ele chegou – disse por cima do ombro para a escuridão em volta do sofá.

Passei por ela. Cody estava atrás como se a protegesse, por precaução.

– Cody – disse eu, entregando um pacote de biscoitos Necco. Ele pegou sem tirar os olhos de mim e abaixou a mão sem olhar o presente. Só ia abri-lo depois que eu fosse embora e dividiria com a irmã.

– Dexter? – perguntou Rita da outra sala.

– Cheguei. Você não pode educar essas crianças?

– Não – respondeu Cody, calmo.

Uma piada. Olhei para ele. O que viria a seguir? Será que um dia ele ia ser cantor? Sapatear nas ruas? Discursar na convenção nacional do Partido Democrata?

Rita apareceu, agitada, colocando um brinco de argola na orelha. Pensando bem, ela estava provocante à beça. Usava um vestido de seda azul levíssimo que batia no meio das coxas e, claro, seus melhores tênis de caminhada New Balance. Eu nunca tinha conhecido nem ouvido falar de uma mulher que usasse tênis confortáveis para sair com o namorado. Aquela criatura encantadora.

– Olá, lindão – disse ela. – Vou falar com a babá e aí podemos sair. – Foi para a cozinha, onde deu recomendações para uma vizinha adolescente que ficava com as crianças para ela. A hora em que elas deviam dormir. Como fazer o dever de casa. O que pode ou não pode ver na TV. Número do celular dela. Número do pronto-socorro. O que fazer em caso de envenenamento ou decapitação acidental.

Cody e Astor continuavam olhando fixamente para mim.

– Vão ao cinema? – Astor perguntou.

Concordei com a cabeça.

– Se conseguirmos achar um filme que não faça a gente vomitar.

– Argh – ela fez, com uma carinha azeda. Vi um pequeno brilho de reconhecimento nos olhos.

– Você vomita em filmes? – perguntou Cody.

– Cody – disse Astor.

– Vomita? – insistiu ele.

– Não, mas em geral fico com vontade – respondi.

– Vamos. Obedeçam a Alice e, às nove, vocês vão dormir – avisou Rita, acenando e abaixando para dar um beijo no rosto de cada um.

– Você volta? – perguntou Cody.

– Cody! Claro que eu volto – reclamou Rita.

– Eu estava perguntando para o Dexter – Cody explicou.

– Você vai estar dormindo, mas faço um aceno para você, certo? – prometi.

– Não vou estar dormindo – disse ele, zangado.

– Então eu fico aqui e jogo baralho com você.

– É mesmo?

– Garantido. Pôquer de gente grande. O vencedor fica com os cavalos.

– Dexter! – disse Rita, mas sorria. – Você vai estar dormindo, Cody. E agora boa noite, crianças. Comportem-se. – Ela pegou meu braço e me levou para a porta. – Francamente – murmurou ela. – Você faz esses dois comerem na sua mão.

O filme não era nada de especial. Não tive vontade de vomitar, mas já tinha esquecido quase o enredo todo quando paramos num lugarzinho em South Beach para tomar um drinque de fim de noite. Ideia de Rita. Apesar de morar em Miami quase a vida inteira, ela ainda achava que South Beach era fino. Talvez fosse só por causa dos Rollerblades. Ou vai ver que achava que um lugar tão cheio de gente mal-educada *tinha* de ser fino.

Esperamos vinte minutos por uma mesinha, sentamos e aí esperamos mais vinte pelo garçom. Não me importei. Gostava de ficar olhando idiotas bem-apessoados se olhando. Um grande esporte para observadores.

Depois, andamos pelo Ocean Boulevard falando trivialidades, arte na qual sou insuperável. Estava uma linda noite. Uma esquina não tinha a lua cheia de algumas noites antes, quando eu tinha pegado o padre Donovan.

Após a nossa saída padrão, voltamos de carro para a casa de Rita em South Miami e passamos pelo cruzamento de uma das regiões mais decadentes de Coconut Grove. Uma luz vermelha piscando chamou minha atenção e olhei a rua lateral. Cena do crime: a fita amarela já estava isolando a área e vários carros da rádio-patrulha estavam estacionados paralelos.

Ele de novo, pensei, e sem perceber entrei com o carro na rua do crime.

– Aonde vamos? – perguntou Rita, como era de se esperar.

– Ah, vou ver se eles precisam de mim.

– Você não tem um bipe?

Dei meu melhor sorriso de sexta à noite.

– Nem sempre eles *sabem* que precisam de mim.

Eu podia ter parado de qualquer jeito, só para exibir Rita. A principal finalidade de se usar um disfarce é ser visto com ele. Mas, na verdade, a pequena e irresistível voz choramingando no meu ouvido faria com que eu parasse de qualquer jeito. *Ele, de novo.* E eu tinha de ver o que ele tinha feito. Deixei Rita no carro e corri para lá.

O sacana não tinha feito nada de bom, mais uma vez. Era o mesmo conjunto de pedaços de corpo cuidadosamente embrulhados. Angel-sem-parentesco estava inclinado quase na mesma posição em que o deixei na cena anterior.

– *Hijo de una puta* – xingou ele, quando me aproximei.

– Eu não, garanto – brinquei.

– Todos nós estamos reclamando de trabalhar numa noite de sexta-feira e você aparece com uma namorada sem, novamente, ter *nada* para fazer aqui – reclamou Angel.

– Foi o mesmo sujeito, o mesmo estilo?

– O mesmo. Seco, sem sangue algum – disse ele, abrindo o saco plástico

com a ponta da caneta.

Aquelas palavras fizeram com que me sentisse levemente tonto. Inclinei-me para dar uma olhada. Mais uma vez, os pedaços de corpo estavam incrivelmente limpos e secos. Tinham um tom quase azul e pareciam preservados em seu pequeno e perfeito tempo. Maravilhoso.

– Dessa vez, há uma pequena diferença nos cortes – observou Angel. – Foram feitos em quatro lugares. Aqui, de uma forma bem desajeitada, quase como se o assassino estivesse muito emocionado. Já aqui, nem tanto. Lá e lá, os cortes são de precisão média, não? – disse ele, apontando.

– Muito bem – concordei.

– Agora olha aqui – ele disse. Com a caneta, afastou o pedaço de corpo exangue que estava por cima. Embaixo, outro pedaço
brilhava, branco. Toda a carne tinha sido retirada com cuidado, para mostrar um osso limpo.

– Por que ele faria isso? – perguntou Angel, calmo.

Respirei fundo.

– Está experimentando, tentando achar o jeito certo. – Olhei para a parte limpa e seca até perceber que Angel me observava fazia tempo.

– É como uma criança brincando com a comida no prato – descrevi para Rita, quando voltei para o carro.

– Meu Deus, que coisa horrorosa – ela exclamou.

– Acho que a palavra certa é *hedionda* – eu disse.

– Como você pode brincar com isso, Dexter?

Dei um sorriso confiante.

– No meu trabalho, você meio que se acostuma, todos nós brincamos para esconder a nossa dor – expliquei.

– Nossa, espero que peguem logo esse maníaco.

Pensei nos pedaços de corpo cuidadosamente empilhados, a variedade de cortes, a incrível e total ausência de sangue.

– Vai demorar.

– O que você disse? – ela perguntou.

– Disse que vai demorar. O assassino é muito inteligente e a detetive encarregada do caso está mais interessada em fazer política do que em resolver crimes.

Ela me olhou para ver se eu estava brincando. Depois, calou-se, enquanto íamos para o sul pela US 1. Só falou quando chegamos a South Miami.

– Eu jamais me acostumaria a ver... não sei. O outro lado? O jeito como as coisas são? Como você vê – concluiu ela.

Fui pego de surpresa. Eu estava aproveitando o silêncio para pensar nos

pedaços de corpo cuidadosamen te empilhados que tínhamos acabado de deixar lá. Minha cabeça estava sedenta de curiosidade pelos membros cortados, limpos e secos, como se eu fosse uma águia procurando um naco de carne para arrancar com o bico. A observação de Rita foi tão inesperada que fiquei mudo por um instante.

– O que você quer dizer? – perguntei, por fim.

Ela franziu a testa.

– Eu... não sei direito. Só que... Nós todos achamos que... as *coisas*... são de um jeito. São como devem ser? E aí elas nunca são, são sempre mais... não sei. Mais sombrias? Mais humanas. Como isso. Acho que, claro, o detetive quer pegar o assassino, é para isso que servem os detetives, não? Mas nunca pensei que pudesse haver política envolvida com assassinato.

– Existe praticamente em tudo – observei. Virei na rua dela e parei em frente à casa limpa e igual às demais.

– Mas você – disse ela, sem parecer notar onde estávamos ou o que eu tinha dito. – Você começa num ponto onde a maioria das pessoas jamais terminaria.

– Não sou tão profundo, Rita – ironizei. Estacionei o carro.

– É como se houvesse duas maneiras de ver as coisas: a que nós fingimos que é e a que realmente é. Você sabe disso e age como se fosse um jogo.

Eu não tinha a menor ideia do que ela estava querendo dizer. Na verdade, tinha desistido de entender e, enquanto ela falava, fiquei pensando naquele novo assassinato, na limpeza da carne, na qualidade improvisada dos cortes, na absoluta ausência de pingos de sangue...

– Dexter... – ela chamou. Pôs a mão no meu braço.

Dei um beijo nela.

Não sei qual dos dois ficou mais surpreso. Não foi realmente uma coisa planejada. E certamente não foi por causa do perfume dela. Mas apertei minha boca na dela e fiquei assim por um longo instante.

Ela se afastou.

– Não, eu... não... Dexter.

– Certo – falei, ainda chocado com o que tinha feito.

– Acho que eu não quero... não estou *preparada* para... droga, Dexter. – Ela soltou o cinto de segurança, abriu a porta e correu para casa.

Oh, meu Deus, o que eu fiz agora? Pensei.

Sabia que devia estar pensando nisso e talvez desapontado por ter acabado de destruir meu disfarce após um ano e meio de dura encenação.

Mas só conseguia pensar naquela pilha de pedaços de corpo.

Sem sangue.

Nenhum.

Capítulo 7

~

ESTE CORPO ESTÁ POSICIONADO EXATAMENTE DO *jeito que eu gosto. Os braços e as pernas estão presos e a boca está tapada com fita adesiva, de forma que não vai haver barulho nem pingo de sangue na minha área de trabalho. Minha mão segura a faca com tanta firmeza que tenho quase certeza de que esse vai ser um caso legal, bem satisfatório...*

Só que não é a minha faca, é uma espécie de...

Só que não é a minha mão. Apesar de a minha mão estar se mexendo com aquela, não segura a faca. E a sala na verdade é meio pequena, tão estreita, o que faz sentido por que é... o quê?

Cá estou eu, flutuando sobre esse apertado local de trabalho e seu incrível corpo e pela primeira vez sinto frio em volta, dá a impressão de que o frio até entra em mim. Se eu pudesse sentir meus dentes, tenho certeza de que eles estariam batendo. Minha mão está em perfeita sintonia com aquela outra que se levanta formando um arco e abaixa para fazer um corte perfeito...

Claro que acordo no meu apartamento. De pé, na porta da frente e totalmente nu. Entendo que eu possa ter tido um ataque de sonambulismo, mas tirar a roupa dormindo? Francamente. Volto aos tropeções para minha cama

baixa, de rodinhas. As cobertas estão amontoadas no chão. O ar-condicionado baixou a temperatura para uns quinze graus. Na noite passada, ligar o ar pareceu uma boa ideia, já que eu estava me sentindo meio esquisito depois do que acontecera com Rita. Ridículo, se tivesse mesmo acontecido. Dexter, o bandido do amor, roubando beijos. Então, cheguei em casa, tomei uma longa chuveirada quente e abaixei totalmente o termostato quando deitei na cama. Não tenho a pretensão de entender o motivo, mas, nos meus momentos mais duros, eu acho o frio higiênico. Não só refrescante, mas necessário.

E estava frio mesmo. Frio demais para tomar café e começar o dia em meio aos últimos fios esgarçados do sonho.

Em geral, não lembro dos meus sonhos e, quando lembro, não acho que tenham importância. Portanto, era ridículo que aquele não me saísse da cabeça.

... flutuando sobre esse apertado local de trabalho... minha mão está em perfeita sintonia com aquela outra que se levanta formando um arco e abaixa para fazer um corte perfeito...

Eu li livros. Acho os humanos interessantes, talvez porque nunca serei um. Portanto, conheço todo o simbolismo dos sonhos: flutuar é uma forma de voar, significa sexo. E a faca...

Ja, *Herr Doktor*. A faca é *eine* mãe, *ja*?

Sai dessa, Dexter.

Não passa de um sonho idiota e sem sentido.

O telefone toca e eu quase pulo de dentro de mim.

– Que tal tomar o café da manhã no Wolfie’s? Eu pago – convida Deborah.

– Hoje é sábado, não vamos conseguir nem entrar – eu disse.

– Eu chego primeiro e pego uma mesa. Encontro você lá – decidiu ela.

O Wolfie’s, em Miami Beach, era uma tradição na cidade. E, como os Morgan são uma família de Miami, tomamos os cafés da manhã especiais lá, a vida inteira. Não consegui imaginar por que Deborah achou que hoje poderia ser uma dessas ocasiões especiais, mas eu tinha certeza de que ia me explicar. Então, tomei um banho, vesti meu melhor traje esporte de sábado e fui de carro para Miami Beach. O trânsito estava bom na nova e recauchutada estrada McArthur e dali a pouco eu estava educadamente abrindo caminho a cotoveladas em meio à multidão do Wolfie’s.

Como prometeu, Deborah tinha se apoderado de uma mesa de canto. Estava conversando com uma antiga garçonete, que até eu reconheci.

– Rose, meu amor – cumprimentei, me inclinando para beijar seu rosto enrugado. Ela virou-se de cara feia para mim. – Minha selvagem Rose irlandesa.

– Dexter, dá beijo como os *namoraidas* – ela falou, com a voz rouca e o forte sotaque da Europa central.

– *Namoiradas* é namorados em irlandês? – perguntei, sentando-me.

– *Fééé* – disse ela, indo para a cozinha e balançando a cabeça.

– Acho que ela gosta de mim – disse eu para Deborah.

– Alguém tem que gostar. Como foi o seu encontro ontem à noite?

– Bem divertido. Você devia dar uma saída de vez em quando – sugeri.

– *Fééé* – imitou Deborah.

– Não pode passar todas as noites de calcinha e sutiã na trilha Tamiami, Deb. Precisa viver.

– Preciso é mudar de departamento. Para Homicídios, aí veremos o que é viver – ela zombou.

– Sei. Para os filhos, certamente seria mais interessante dizer "mamãe é de Homicídios".

– Dexter, pelo amor de Deus – ela reclamou.

– É uma ideia natural. Ter sobrinhos e sobrinhas, pequenos Morgan. Por que não?

Ela deu um longo suspiro.

– Pensei que mamãe tinha morrido – ela disse.

– Sintonizei no espírito dela através da tortinha de cereja dinamarquesa.

– Bom, então vamos mudar de canal. O que você sabe sobre cristalização de célula?

Pestanejei.

– Opa. Você ganhou de goleada o Campeonato de Mudar de Assunto.

– Estou falando sério.

– Então fui realmente nocauteado, Deb. O que é cristalização de célula?

– As células se cristalizam quando expostas ao frio intenso – ela explicou.

Minha mente se iluminou.

– Isso mesmo, lindo – eu disse e lá dentro do meu cérebro pequenos sinos começaram a tilintar. *Frio... limpo e puro frio e a faca quase chia ao cortar a carne morna. Fria limpeza asséptica, o sangue circula mais devagar e inútil, tão corretamente certo e totalmente necessário. Frio*. – Como eu não... – comecei a dizer. Parei ao ver a cara de Deborah.

– Isso mesmo, como? – exigiu Deb.

Balancei a cabeça.

– Diga antes por que você quer saber.

Ela ficou me olhando por um longo e duro instante e suspirou de novo.

– Você sabe que houve outro assassinato – disse, por fim.

– Eu sei, passei lá na noite passada.

– Ouvi dizer que você não passou apenas.

Dei de ombros. A região metropolitana de Dade é como uma pequena

família.

– Então o que aquele “isso mesmo” queria dizer?

– Nada – respondi, meio irritado, finalmente. – O corpo parecia ter a pele diferente. Como se tivesse ficado num ambiente frio... – Levantei as mãos. – É só isso, certo? A quantos graus?

– Suficientes para congelar a carne. Por que ele faria isso? – perguntou ela.

Porque é lindo, pensei.

– Porque faz o sangue circular mais devagar – respondi.

Ela me olhou bem.

– Isso é importante?

Dei um suspiro longo e talvez levemente emocionado. Não só eu não poderia jamais explicar aquilo como ela me prenderia se eu explicasse.

– É básico – respondi. Por algum motivo, fiquei sem jeito.

– Por que básico?

– Por que, ah... não sei. Acho que tem a ver com o sangue, Deb. Desconfio que seja porque... não sei, não tenho nenhuma prova.

Ela estava me olhando daquele jeito, de novo. Pensei em falar alguma coisa, mas não consegui. O Dexter falante e eloquente estava com a boca seca e sem nada para dizer.

– Droga – disse ela, enfim. – É isso? O frio faz o sangue circular mais devagar e isso é básico? Espera um pouco: que utilidade tem isso, Dexter?

– Não faço nada “útil” antes do café, Deborah. Apenas tiro conclusões corretas – disse eu, após um enorme esforço para me recuperar.

– Droga – ela repetiu. Rose trouxe o nosso café. Deborah deu um gole. – Na noite passada, fui convidada para a reunião das setenta e duas horas – ela disse.

Bati palmas.

– Maravilha. Você conseguiu. Por que precisa de mim? – A delegacia metropolitana de Dade tem como estratégia reunir a equipe de Homicídios setenta e duas horas após um crime. A detetive e sua equipe conversam com o médico-legista e, às vezes, com alguém da promotoria. Assim, todo mundo recebe as mesmas informações. Se Deborah foi convidada, era porque estava no caso.

Ela se zangou.

– Não sou boa para fazer política, Dexter. Sinto que LaGuerta está me excluindo, mas não posso fazer nada.

– Ela continua à procura da testemunha misteriosa?

Deborah concordou com a cabeça.

– Francamente. Mesmo depois do assassinato de ontem?

– Ela diz que isso comprova. Porque os novos cortes estavam terminados.

– Mas eram *diferentes* – protestei.

Ela deu de ombros.

– E o que você disse...? – perguntei.

Deb desviou o olhar.

– Eu disse a ela que achava perda de tempo procurar uma testemunha, se está óbvio que ninguém interrompeu o assassino quando fazia os cortes, que ele apenas ficou insatisfeito.

– Puxa, você realmente *não* entende nada de política.

– Bom, dane-se, Dex. – Duas senhoras na mesa ao lado olharam fixamente para ela. Deb não percebeu. – O que você disse faz sentido. É óbvio, mas ela está me ignorando. Tem outra coisa pior.

– O que é pior do que ser ignorada? – perguntei.

Ela enrubesceu.

– Peguei dois policiais rindo de mim depois. Tem uma piada circulando a meu respeito. – Ela mordeu o lábio e olhou para longe. – Que eu sou Einstein – completou.

– Acho que não entendi.

– Estão dizendo que, se os meus peitos fossem cérebro, eu seria Einstein – disse ela, amarga. Pigarreei em vez de rir. – É o que ela está espalhando a meu respeito. Esse tipo de porcaria pega e depois você não é promovida, porque acham que não vai ser respeitada com um apelido desses. *Droga*, Dex, LaGuerta está acabando com a minha carreira – repetiu ela.

Senti um pequeno ataque de cálido instinto de proteção.

– Ela é uma besta.

– Devo dizer isso para ela, Dex? Acha que seria político?

Nossos pratos chegaram. Rose jogou-os na nossa frente como se tivesse sido condenada por um juiz corrupto a servir café da manhã para assassinos de bebês. Sorri de orelha a orelha para ela, que sumiu, resmungando.

Dei uma mordida e pensei no problema de Deborah. Tinha de pensar assim, problema de Deborah. E não “naqueles fascinantes assassinatos”. Não “naquele incrivelmente interessante *modus operandi*”, nem “naquele tipo de coisa que eu adoraria fazer um dia”. Eu tinha de continuar sem me envolver, mas o fato estava me instigando demais. Até o sonho da noite passada, com aquele frio. Pura coincidência, claro, mas de todo jeito era inquietante.

Esse assassino tinha atingido o cerne do que era matar para mim. Devido ao estilo de trabalho, claro, não pela escolha das vítimas. Tinha de ser impedido, é evidente, não se discute. Coitadas das prostitutas.

Mesmo assim... A necessidade de frio... Tão interessante para experimentar um dia. Num lugar bem escuro e estreito...

Estreito? De onde veio essa ideia?

Do sonho, naturalmente. Mas era o mesmo que dizer que o meu inconsciente queria que eu pensasse no assunto, não é? De certa forma, estreito parecia adequado. Frio e estreito...

– Um caminhão frigorífico – concluí.

Abri os olhos. Deborah tentou ajeitar a boca cheia de ovos mexidos para perguntar: – O quê?

– Ah, só um palpite. Não é uma conclusão, acho. Mas não faz sentido?

– O que faz sentido? – ela perguntou.

Olhei meu prato e franzi o cenho, tentando imaginar como aquilo ia funcionar.

– Ele quer um ambiente frio. Para diminuir o sangue e também porque é, hum... mais limpo.

– É o que você diz.

– É. E tem que ser um lugar estreito...

– Por quê? De onde saiu esse estreito, droga?

Preferi não ouvir a pergunta.

– Portanto, um caminhão frigorífico serviria. Além disso, ele é móvel, o que facilita bastante jogar o lixo depois.

Deborah mordeu uma rosquinha e pensou enquanto mastigava.

– Então o assassino deve ter acesso a um caminhão desses, ou ser dono de um? – concluiu, engolindo.

– Hum, talvez. A menos que o assassinato de ontem seja o primeiro a mostrar sinais de frio.

Deborah franziu o cenho.

– Então ele comprou um caminhão?

– Provavelmente, não. Isso ainda é uma experiência para ele. Deve ter sido um impulso de tentar o frio.

Ela concordou com a cabeça.

– E a gente não vai ter tanta sorte de ele ser motorista ou algo assim, não?

Dei meu feliz sorriso de tubarão.

– Ah, Deb. Como você está sagaz esta manhã. Não, acho que o nosso amigo é muito esperto para fazer isso.

Deborah deu um gole no café, colocou a xícara na mesa e recostou-se na cadeira.

– Portanto, estamos procurando um caminhão frigorífico roubado – concluiu ela.

– Acho que sim. Mas quantos devem ter sido roubados nas últimas setenta e duas horas?

– Em Miami? – ela bufou. – Alguém rouba um, espalha que vale a pena e de repente todo marginal fuleiro, *marielito*, craqueiro, espertinho, tem que roubar um só para entrar na onda.

– Vamos esperar que a notícia ainda não tenha se espalhado – eu disse.

Deborah engoliu o resto da rosquinha.

– Vou conferir – disse, colocando a mão sobre a mesa e apertando a minha. – Agradeço muito – disse ela. Deu um sorriso tímido e indeciso por dois segundos. – Mas fico preocupada pensando em como você chegou a essa conclusão, Dex. Eu simplesmente... – Olhou para a mesa e apertou minha mão de novo.

Retribuí. –

Deixe a preocupação comigo – sugeri. – Você tem apenas que encontrar o caminhão.

Capítulo 8

~

Em tese, a reunião das setenta e duas horas na delegacia metropolitana dá tempo para todo mundo tirar uma conclusão e, como o crime acontecera havia pouco tempo, as pistas ainda estavam quentes. Assim, na segunda-feira de manhã, numa sala de reuniões do segundo andar, a nata da equipe anticrime, liderada pela indomável detetive LaGuerta, juntou-se mais uma vez. Eu também estava presente. Recebi olhares e alguns cumprimentos animados dos tiras que me conheciam. Coisa simples, simpática, do tipo: – Olá, sanguíneo, cadê a gata? – Essa gente é o sal da terra e daqui a pouco a minha Deborah vai ser um deles. Eu me senti orgulhoso e humilde de estar na mesma sala que eles.

Infelizmente, esses sentimentos não eram compartilhados por todos.

– Que porra está fazendo aqui? – rosnou o sargento Doakes para mim. Era um negro enorme, com um jeito ofendido de agressividade permanente. Havia nele uma hostilidade fria que devia ser bem útil para alguém com o meu *hobby*. Pena que não podíamos ser amigos. Por algum motivo, ele odiava todos os peritos laboratoriais e por alguma razão suplementar isso sempre significou

principalmente Dexter. Ele detinha também o recorde da jurisdição de Dade no levantamento de peso em prancha. Assim, avaliou o meu sorriso político.

– Só dei uma passada para assistir, sargento – expliquei.

– Você não foi convocado para a reunião. Vá se mandando – ele disse.

– Ele pode ficar, sargento – LaGuerta avisou.

Doakes ficou sério e perguntou:

– Para que, droga?

– Não quero criar problema para ninguém – garanti, indo para a porta sem muita convicção.

– Está tudo certo – disse LaGuerta virando-se para Doakes. – Ele pode ficar – repetiu.

– Ele me dá coceira – resmungou Doakes. Comecei a gostar do cara. Claro que eu dava coceira nele. A única pergunta a fazer era: por que, numa sala cheia de tiras, só ele tinha a capacidade de ter coceira com a minha presença?

– Vamos começar – informou LaGuerta, estalando o chicote delicadamente para não deixar dúvida de quem mandava no pedaço. Doakes se largou na cadeira, fazendo uma última carranca para o meu lado.

A primeira parte da reunião era de rotina: relatórios, jogadas políticas e todas aquelas coisinhas que nos fazem humanos. Pelo menos, aqueles que são humanos. LaGuerta resumiu o que os policiais que lidavam com a imprensa podiam divulgar ou não. Na parte do que podiam, estava uma foto brilhosa dela, tirada para a ocasião. A pose era séria e, ao mesmo tempo, sedutora; enérgica, mas elegante. Quase dava para vê-la sendo promovida a tenente. Seria bom se Deborah tivesse ao menos esse tipo de esperteza para fazer relações públicas.

Levou mais de uma hora para chegarmos aos assassinatos em pauta. Finalmente, LaGuerta perguntou sobre as buscas para encontrar a misteriosa testemunha. Ninguém tinha nada a informar. Fiz um esforço para demonstrar estranheza.

LaGuerta franziu o cenho para todos, como quem está no comando.

– Vamos, pessoal. Alguém aqui precisa descobrir alguma coisa – lembrou ela. Mas ninguém descobriu e fez-se uma pausa enquanto as pessoas examinavam as próprias unhas, o chão, o revestimento acústico do teto.

Deborah pigarreou.

– Eu, hum – disse, e pigarreou de novo. – Eu, tive, hum, uma ideia. Uma ideia diferente. Tentar uma direção um pouquinho diferente. – Falou como se estivesse citando alguém e estava mesmo. Todo o meu cuidadoso trabalho de técnico não conseguiu fazer com que ela parecesse natural ao falar, mas tinha pelo menos usado a minha cuidadosa frase politicamente correta.

LaGuerta levantou uma sobrancelha perfeitamente artificial.

– Uma ideia? É mesmo? – fez uma careta para mostrar como estava surpresa e encantada. – Por favor, conte-nos policial Eins..., quer dizer, policial Morgan.

Doakes deu uma risadinha silenciosa. Que sujeito sedutor.

Deborah enrubesceu, mas continuou.

– A, hum, cristalização da célula na última vítima. Eu gostaria de ver se há registro de algum caminhão frigorífico roubado nas últimas semanas.

Silêncio. Enorme e mudo silêncio. Um silêncio bovino. Eles não entenderam, os burros, e Deborah não estava fazendo com que entendessem. Deixou o silêncio aumentar, silêncio que LaGuerta temperou com um lindo franzir de cenho e um olhar intrigado pela sala, para ver se alguém estava acompanhando o raciocínio, seguido de um olhar cortês para Deborah.

– Caminhões... frigoríficos? – perguntou LaGuerta.

Deborah parecia completamente confusa, a coitadinha. Não era uma garota que gostava de falar em público.

– Isso mesmo – confirmou.

LaGuerta deixou a frase no ar, se deliciando.

– Hum-hum – fez.

Deborah ficou com a expressão sombria, o que não era bom sinal. Pigarreei e, como isso não causou efeito algum, tossi alto para lembrá-la de ficar calma. Ela olhou para mim. LaGuerta também.

– Desculpem, acho que estou pegando um resfriado – expliquei.

Será que alguém pode ter um irmão mais legal?

– Hum, *resfriado* – Deborah deixou escapar, agarrando minha deixa. – Um veículo frigorífico poderia causar esse tipo de dano ao tecido do corpo. E, sendo móvel, seria mais difícil de ser capturado, além de facilitar bastante para o assassino se livrar do corpo. Então, hum, se tiver sido roubado um, quer dizer, um caminhão... frigorífico... isso pode nos dar uma pista.

Bom, o principal foi isso e ela parou por aí. Dois ou três cenhos franziram na sala. Eu quase conseguia ouvir as cabeças pensando.

Mas LaGuerta apenas concordou com a cabeça.

– É uma ideia... *interessante*, policial. – Deu menos ênfase à palavra *policial* para nos lembrar de que aquilo era uma democracia, onde todos tinham direito a se manifestar mas aquela ideia, francamente... – Porém, continuo achando que nossa melhor meta é encontrar a testemunha. Sabemos que ela existe. – Deu um sorriso politicamente discreto. – Ou *ele* – corrigiu, mostrando que era sagaz. – O fato é que alguém viu alguma coisa. Sabemos pela *prova*. Portanto, vamos nos concentrar nisso e deixar as filigranas para a delegacia de Broward apurar, certo? – calou-se, esperando um risinho soar pela sala. – Mas,

policial Morgan, gostaria que continuasse em contato com as prostitutas. Elas conhecem você.

Puxa, a mulher era boa de bola. Tinha impedido que qualquer pessoa pensasse na ideia de Deb, colocou-a no lugar e uniu a equipe em torno de si com a piada sobre nossa rivalidade com a delegacia do condado de Broward. Tudo isso em poucas palavras. Tive vontade de aplaudir.

Exceto, claro, pelo fato de eu ser do time da pobre Deborah, que tinha acabado de ser arrasada. Ela abriu a boca e a fechou, vi os músculos maxilares se contraírem enquanto ela fazia uma cara de Tira Neutro. De certa forma, um bom desempenho, mas não chegava aos pés de LaGuerta.

O resto da reunião ocorreu sem incidentes. Não havia mesmo nada a dizer além do que já fora dito. Assim, logo após o golpe de mestra de LaGuerta, a reunião terminou e voltamos para o corredor.

– Maldita – xingou Deborah, baixo. – Maldita, maldita, *maldita*!

– É mesmo – concordei.

Ela olhou para mim.

– Obrigada, irmão. Valeu pela ajuda.

Levantei a sobrancelha para ela.

– Mas combinamos que eu ficaria fora da história para você receber o crédito.

Ela foi ríspida:

– Crédito. Ela me fez de idiota.

– Com todo o respeito, querida irmã, você é que fez um acordo com ela.

Deborah olhou para mim, desviou o olhar e jogou as mãos para o ar, frustrada.

– O que eu podia falar? Nem sou da equipe. Fiquei na reunião porque o capitão disse que tinham de deixar.

– Mas ele não disse que as pessoas tinham também de ouvir a sua opinião – observei.

– Não têm de ouvir, nem vão – disse ela, amarga. – Em vez de permitir que eu vá para o Departamento de Homicídios, isso vai arrasar com a minha carreira. Vou acabar cuidando de parquímetros, Dexter.

– Existe uma solução, Deb – eu disse, e o olhar que ela me deu tinha apenas um terço de esperança.

– Qual é?

Sorri o meu mais simpático e provocante este-não-é-um-sorriso-de-tubarão.

– Encontre o caminhão – disse eu.

~

Passaram-se três dias até eu saber da minha querida irmã adotiva outra vez, um longo tempo para ela ficar sem falar comigo. Na quinta-feira, foi ao meu escritório logo depois do almoço, parecendo aborrecida.

– Achei – disse e eu não sabia a que ela se referia.

– Achou o que, Deb? A Fonte da Irritação?

– O caminhão. O caminhão frigorífico.

– Mas isso é uma grande notícia. Por que está com cara de quem quer pisar no pé de alguém?

– Porque estou mesmo – disse ela e espalhou umas cinco folhas na minha mesa. – Olhe isso.

Peguei uma folha e olhei.

– Ah, são quantos, no total? – perguntei.

– Vinte e três. No último mês, houve vinte e três boletins de ocorrência de roubo de caminhões frigoríficos. Os caras do trânsito dizem que a maioria aparece em canais, onde são jogados para receber o seguro. Ninguém se esforça muito em encontrá-los. Então, ninguém está se incomodando com esses, nem vai se incomodar.

– Seja bem-vinda a Miami – ironizei.

Deborah suspirou, pegou os boletins e desabou na minha cadeira extra como se tivesse perdido todos os ossos do corpo.

– Não posso checar sozinha. Levaria meses. Droga, Dexter. O que fazemos? – ela perguntou.

Balancei a cabeça.

– Agora, Deb, temos de esperar.

– Só isso? Esperar?

– Só.

E assim foi. Por mais duas semanas. Esperamos.

Até que...

CAPÍTULO 9

~

ACORDEI MOLHADO DE SUOR, SEM SABER direito onde estava, mas com absoluta certeza de que ia haver outro assassinato. Em algum lugar não muito distante, *ele* estava à procura da próxima vítima, se esgueirando pela cidade como um tubarão dando voltas num recife de areia. Eu tinha tanta certeza que quase ouvia o barulho da fita adesiva sendo rasgada. Ele estava lá, atendendo ao Passageiro das Trevas dele e falando com o meu. No sonho, eu estava com ele, um peixe-chupador fantasma nadando em grandes e lentos círculos.

Sentei-me na minha caminha e tirei as cobertas enroladas. O relógio de cabeceira marcava três e catorze da manhã. Fazia quatro horas que eu tinha ido dormir e a impressão era de que passara esse tempo todo andando pela selva carregando um piano nas costas. Estava suado, cansado e estúpido, incapaz de pensar em qualquer coisa, a não ser na certeza de que aquilo estava acontecendo em algum lugar sem a minha presença.

Era evidente que não ia mais conseguir dormir. Acendi a luz. Minhas mãos estavam úmidas e trêmulas. Enxuguei-as no lençol, não adiantou. Também

estavam úmidos. Fui aos tropeços lavar as mãos no banheiro. Deixei-as embaixo da torneira aberta. A torneira soltou um jato morno, na temperatura ambiente, e por um instante fiquei lavando as mãos em sangue e a água avermelhou; só por um segundo, na penumbra do banheiro, a pia ficou cor de sangue.

Fechei os olhos.

O mundo andou.

Eu queria me livrar daquela ilusão de luz e da minha cabeça meio adormecida. Feche os olhos, depois abra e essa impressão vai sumir, eu veria apenas água normal na pia. Mas fechar os olhos foi como abri-los para outro mundo.

Estava de novo no sonho, flutuando como uma lâmina de faca sobre as luzes do Biscayne Boulevard, voando frio e certeiro, atingindo o meu alvo e...

Abri os olhos de novo. A água na pia era apenas água.

Mas quem era eu?

Balancei a cabeça com força. Fica firme, meu velho, não tem nenhum Dexter lá no final, por favor. Respirei fundo e me espreitei no espelho. Estava com a cara que eu achava que tinha. Feições muito bem formadas. Olhos azuis, calmos e irônicos, uma imitação perfeita de vida humana. Exceto que meus cabelos estavam em pé como os do Magro nos filmes com o Gordo, não havia qualquer sinal de que alguma coisa tivesse acabado de passar pela minha cabeça semiadormecida e arrancada do sono.

Fechei os olhos de novo, com cuidado.

Escuridão.

Simples e pura escuridão. Sem voar, sem ver sangue, sem luzes da cidade. Só o velho e bom Dexter de olhos fechados na frente do espelho.

Abri os olhos. Olá, meu caro rapaz, que bom que voltou. Mas por onde, diabos, você andou?

Essa, naturalmente, era a questão. Passei quase a vida inteira sem ser incomodado por sonhos e alucinações. Nenhuma visão do Apocalipse, nenhum problemático ícone junguiano irrompendo, nenhuma imagem recorrente passando pela história do meu inconsciente. Nada que assuste no sono de Dexter. Quando durmo, tudo em mim dorme também.

Então, o que está havendo? Por que essas imagens ficam aparecendo?

Lavei o rosto e penteei os cabelos. Claro que isso não respondeu às perguntas, mas me senti um pouco melhor. Será que as coisas iam piorar se eu estivesse com o cabelo arrumado?

Na verdade, eu não sabia. As coisas podiam ficar ruins à beça. Eu podia estar ficando maluco. E se eu estivesse enlouquecendo aos poucos há anos e esse novo assassino tivesse apenas provocado o mergulho final na loucura completa?

Como medir a relativa sanidade de uma pessoa como eu?

As imagens pareciam reais em todos os sentidos. Mas não podia ser eu, pois não saí da minha cama. Mesmo assim, exausto, eu quase sentia o gosto de água salgada e o cheiro de perfume barato no Biscayne Boulevard. Completamente real... e esse não é um dos sinais de loucura, quando os delírios se inserem na realidade? Eu não sabia responder, nem tinha como. Claro que conversar com um psicanalista estava fora de cogitação; o coitado ia morrer de susto e considerar questão de honra me internar em algum canto. Certamente eu não podia argumentar sobre a sensatez dessa ideia. Mas, se estava perdendo o controle da minha sanidade mental do jeito que eu a tinha construído, o problema era só meu e a primeira parte dele era não ter como saber direito.

Embora, pensando bem, houvesse um jeito.

Dez minutos depois, eu estava na Dinner Key. Dirigia devagar, já que não sabia bem o que estava procurando. Aquela parte da cidade estava adormecida, como sempre. Algumas pessoas ainda percorriam a paisagem de Miami: turistas que tinham tomado muito café cubano e agora não conseguiam dormir. Gente de Iowa à procura de um posto de gasolina. Estrangeiros indo para South Beach. E os vândalos, claro: assassinos, ladrões, viciados em *crack*, vampiros, fantasmas e monstros variados como eu. Mas naquela região, àquela hora, eram poucos. Aquela era a Miami deserta, a mais deserta possível, um lugar que ficava solitário devido ao fantasma da multidão do dia. Era uma cidade que tinha se resumido a um mero campo de caça, sem os alegres disfarces do sol e das camisetas coloridas.

Assim, fui à caça. Naquela noite, olhos me seguiam e desviavam de mim quando eu passava sem reduzir a velocidade. Fui na direção norte, atravessei a velha ponte levadiça rumo ao centro de Miami, ainda sem saber o que estava procurando e sem ver o que era... mesmo assim, por alguma desconfortável razão, tinha certeza absoluta de que ia descobrir, que estava na direção certa, que *aquilo* estava me esperando lá na frente.

Logo depois do Omni, a noite ficava mais animada. Havia mais movimento, mais coisas para ver. Berrando nas calçadas, a música estridente entrava e saía pela janela dos carros. As garotas da noite estavam aos bandos nas esquinas, rindo entre si ou olhando absortas para os carros que passavam. Os carros diminuíam a marcha para retribuir e seus ocupantes davam um olhar estúpido para as roupas e as partes das garotas que estavam descobertas. Dois quarteirões além, um Corniche novo parou e ime-
diatamente um grupo delas saiu das sombras da calçada e foi para a rua, cercando o carro. O trânsito ficou meio engarrafado e os carros buzinaram. A maioria dos motoristas parou um instante, satisfeitos de olhar, mas um caminhão

impaciente deu a volta no aglomerado de carros, na direção da ilha para pedestres seguinte.

Um caminhão frigorífico.

Isso não é nada, pensei. É apenas a entrega noturna de iogurte e salsichas de porco para o café da manhã com frescor garantido. Ou um carregamento de garoupa sendo levado para o norte ou para o aeroporto. Caminhões frigoríficos passavam por Miami sem parar, até de noite, como naquele momento... Era só isso, mais nada.

Mas acelerei. Passei pelos carros, entrei e saí do trânsito. Fiquei a três carros do Corniche e seu motorista sitiado. O trânsito parou. Olhei lá na frente o caminhão. Ia correndo para Biscayne, avançando vários semáforos. Eu o perderia de vista se ficasse muito para trás. E de repente eu não queria perdê-lo de maneira alguma.

Esperei uma brecha no trânsito e rapidamente entrei na ilha para pedestres seguinte. Fiquei perto do Corniche, acelerei e me aproximei do caminhão. Tentei não ir depressa demais para não ser notado, mas aos poucos fui reduzindo a distância entre nós. Ele estava a três semáforos de distância, depois a dois.

Aí, o semáforo dele fechou e, antes que eu pudesse me alegrar e acelerar, o meu também fechou e parei. Notei com alguma surpresa que estava mordendo o lábio. Estava tenso, eu, Dexter, o Cubo de Gelo. Estava sentindo uma ansiedade humana, desespero, estresse emocional. Queria alcançar aquele caminhão e ver eu mesmo, ah, como eu queria pôr a mão na carroceria, abrir a porta da cabine, olhar lá dentro...

E depois? Prendê-lo sozinho? Levá-lo pela mão até a querida detetive LaGuerta? Veja o que consegui? Posso ficar com ele? O inverso também era possível, ou seja, ele ficar comigo. Ele ia à toda e eu apenas corria atrás, como um irmãozinho desprezado. E por que eu estava fazendo aquilo? Será que queria apenas provar a mim mesmo que *ele* estava ali realmente e eu não estava louco? E, se não estava louco, como sabia? O que se passava na minha cabeça? Talvez ficar louco fosse uma solução mais agradável, afinal.

Um velho atravessou a rua arrastando os pés na frente do meu carro, num andar incrivelmente lento e dolorido. Fiquei observando, encantado, como deve ser a vida quando se vai tão devagar, depois olhei o caminhão frigorífico à minha frente.

O semáforo dele tinha aberto. O meu continuava fechado.

Ele acelerou rápido para o norte, no máximo do limite de velocidade, com as luzes traseiras diminuindo enquanto eu olhava, esperando o meu semáforo mudar.

Mas me recusei a esperar. Rangendo os dentes – firme, Dex –, avancei o

sinal, quase atropelando o velho. Ele não olhou, nem parou.

O limite de velocidade nesse trecho do Biscayne Boulevard era de sessenta quilômetros. Em Miami, isso significa que, se você for a menos de oitenta, os outros motoristas jogam você para fora da estrada. Reduzi para cem, ziguezagueando pelo trânsito calmo, louco para encurtar a distância. As luzes do caminhão piscaram quando ele fez uma curva (ou será que entrou em alguma rua?). Passei para cento e vinte roncando, fiz a volta para o elevado da rua 79, na esquina do Mercado Publix, e entrei direto, procurando desvairadamente o caminhão.

E vi. Ali, na minha frente...

E vindo *na minha* direção.

O sacana tinha voltado. Será que viu que eu estava na cola dele? Sentiu o cheiro do meu escapamento? Não importa, era ele, o mesmo caminhão sem dúvida e, quando passei por ele, pegou o elevado.

Entrei no estacionamento de um *shopping*, reduzi a velocidade, virei e acelerei de volta para o Biscayne Boulevard, agora para o sul. Menos de um quarteirão depois, entrei no elevado também. Lá longe, na frente, perto da primeira ponte, vi as luzinhas vermelhas da traseira piscando, zombando de mim. Pisei no acelerador e segui.

Ele estava na subida da ponte, tomando velocidade, mantendo a mesma distância entre nós. O que significava que devia saber que estava sendo seguido. Acelerei um pouco mais, me aproximei, aos poucos, um pouco mais.

Ele então sumiu na curva no alto da ponte e pela lateral, em alta velocidade na direção de North Bay Village. Aquela era uma região muito bem policiada. Se ele corresse demais, seria visto e teria de parar no acostamento. E então...

Eu estava no alto da ponte e à minha frente...

Não havia nada.

A estrada estava vazia.

Reduzi a marcha e, do alto da ponte, olhei para todos os cantos. Vinha um carro na direção contrária, mas não era o caminhão, apenas um Mercury Marquis de para-lama amassado. Desci a ponte.

No final dela, ficava North Bay Village, que depois do elevado bifurcava em duas áreas residenciais. Atrás de um posto de gasolina à esquerda, uma série de condomínios e prédios de apartamentos formava um pequeno círculo. À direita, casas pequenas, mas caras. Nada se mexia em nenhum dos lados. Não havia luzes acesas, nem movimento, fosse de trânsito ou gente.

Lentamente, passei pela cidadezinha. Vazia. Ele tinha sumido. Numa ilha de uma rua só, ele tinha escapado de mim. Mas como?

Fiz a volta, entrei no acesso à estrada e fechei os olhos. Não sei por que,

talvez esperasse *ver* alguma coisa outra vez. Mas tudo que vi foi escuridão e pequenos pontos brilhantes dançando nas minhas pálpebras. Estava cansado. Me sentia idiota. Sim, eu, o distraído Dexter, tentando ser o Menino Maravilha, usando meus grandes poderes psíquicos para localizar o gênio do mal. Perseguindo-o na minha envenenada viatura contra o crime. E era bem provável que ele fosse apenas um entregador de mercadorias querendo participar de um pega de macho com o outro único motorista na estrada naquela noite. Uma coisa de Miami, que ocorria diariamente com todos os motoristas de nossa linda cidade. Vem, você não consegue me pegar. Depois, o dedo levantado, mostrar a arma e vrum-vrum, voltar ao trabalho.

Era apenas um caminhão frigorífico que agora estava correndo por Miami Beach com o rádio estrondando na estação de *heavy metal*. E não o assassino que eu procurava, não havia qualquer misteriosa ligação me fazendo pular da cama e atravessar a cidade no meio da noite. Pois aquilo era idiota demais para se colocar em palavras e mais idiota ainda para o Dexter sensato e sem coração.

Encostei a cabeça no volante do carro. Que maravilha ter uma experiência *humana* tão verdadeira. Agora eu sabia como era se sentir um idiota completo. Ouvi o sino na ponte levadiça tocar lá longe, avisando que a ponte ia ser içada. *Ding ding ding*. O alarme na minha inteligência com validade vencida. Bocejei. Hora de ir para casa, voltar para a cama.

Atrás de mim, ligaram um carro. Olhei.

Ele surgiu rapidamente, fazendo uma volta fechada por trás do posto de gasolina ao lado da ponte. Passou por mim derrapando e ainda acelerando e, à janela que passou em alta velocidade, vi um rosto duro e selvagem na direção. Abaixei a cabeça. Alguma coisa fez um baque surdo na lateral do meu carro, daqueles que deixam um amassado caro de consertar. Esperei um instante, só por precaução. Depois, levantei a cabeça e olhei. O caminhão ia em alta velocidade, atravessou a barreira da ponte levadiça quando ela começava a subir e foi para o outro lado sem dificuldade, enquanto o controlador da ponte metia a cabeça para fora da cabine e berrava. O caminhão então desapareceu do outro lado da ponte, de volta para Miami, distante daquele espaço que aumentava à medida que a ponte subia. Sumiu totalmente como se nunca tivesse existido. E eu jamais saberia se aquele era o meu assassino ou apenas mais um idiota normal de Miami.

Saí do carro para ver o amassado na lataria. Era grande. Olhei em volta para ver o que ele tinha jogado.

A coisa tinha rolado uns cinco metros e foi parar no meio da rua. Mesmo de longe, eu tinha certeza do que era, mas, só para garantir que estava absolutamente certo, a coisa foi iluminada pelos faróis de um carro que se

aproximava. O carro desviou, bateu numa sebe e, por cima da buzina que ficou tocando sem parar, o motorista berrou. Fui até a coisa para ter certeza.

É, confirmado. Era isso mesmo.

Uma cabeça de mulher.

Inclinei-me para olhar. Um corte benfeito, um ótimo trabalho. Quase não tinha sangue em volta do corte.

– Graças a Deus – eu disse e percebi que estava sorrindo, como não?

Não era uma maravilha? Afinal, eu não estava louco.

Capítulo 10

~

Pouco depois das oito da manhã, eu estava sentado no bagageiro do meu carro quando LaGuerta se aproximou. Bem-vestida, encostou-se na carroceria e se aproximou até nossas coxas se tocarem. Esperei que dissesse alguma coisa, mas ela não parecia ter palavras para aquele momento. Nem eu. Assim, fiquei vários minutos olhando para a ponte, sentindo o calor da perna dela na minha e pensando onde o meu assustado amigo tinha ido parar com seu caminhão. Fui arrancado do meu leve devaneio por uma pressão na perna.

Olhei para a minha calça. LaGuerta estava apertando a minha perna como se fosse massa de rosquinha. Olhei o rosto dela. Ela me olhou.

– Encontraram o corpo ao qual pertence aquela cabeça – ela informou.

Levantei-me.

– Encontraram onde?

Ela me olhou do jeito que uma tira olha para alguém que encontra cabeças sem corpo na rua. Mas respondeu:

– No Office Depot Center.

– Onde os Panthers jogam? – perguntei e senti um leve solavanco gelado. –

No rinque de gelo?

LaGuerta concordou com a cabeça, ainda me olhando.

– O time de hóquei no gelo chama-se Panthers?

– Acho que sim – respondi. Não pude me conter.

Ela apertou os lábios.

– Encontraram o corpo enfiado na rede do gol.

– No gol dos Panthers ou no do time visitante?

Ela pestanejou.

– Faz diferença?

Balancei a cabeça.

– Era só uma piada, detetive.

– Eu não saberia a diferença. Preciso achar alguém que entenda de hóquei – ela disse, com os olhos finalmente desgrudando de mim para as outras pessoas, como se procurasse alguém carregando um disco de hóquei. – Que bom que você consegue fazer piada com isso – acrescentou ela. – O que é uma... – franziu o cenho, tentando lembrar o nome – uma sambolia?

– Uma o quê?

Ela deu de ombros.

– Uma espécie de máquina usada para alisar o gelo.

– Você quer dizer uma Zamboni?

– Deve ser. O cara que dirigia essa máquina no gelo para o treino desta manhã... Os jogadores gostam de chegar cedo e querem o gelo liso, então esse cara, o... – ela hesitou um pouco – o motorista da sambolia, chega cedo nos dias de treino. E dirige essa máquina, certo? Viu aqueles sacos lá na rede do gol. Desceu da máquina e foi olhar. – Ela deu de ombros outra vez. – Doakes está lá agora. Ele disse que não conseguem acalmar o cara para que ele dê mais detalhes.

– Entendo um pouco de hóquei – informei.

Ela me olhou de novo com uma cara meio séria.

– Tem tanta coisa que não sei sobre você, Dexter. Joga hóquei?

– Não, nunca joguei – respondi, modesto. – Assisti a alguns jogos. – Ela não disse nada e tive de morder o lábio para não falar besteira. Na verdade, Rita tinha entradas para a temporada dos Florida Panthers e, para minha grande surpresa, descobri que gostava de hóquei. Não só da violência frenética, animada e homicida. Havia algo relaxante em sentar no meio do enorme e agradável estádio, eu seria capaz de ir lá até para assistir a uma partida de golfe. Na verdade, eu teria dito qualquer coisa para fazer LaGuerta me levar até o rinque. Estava louco para ir. Queria como nunca ver o corpo enfiado na rede sobre o gelo, queria levantar o saco plástico com cuidado e ver a carne seca e limpa.

Queria tanto ver que parecia um desenho animado de um cachorro alerta ao perceber a caça, queria tanto ir lá que me sentia com direito e possessivo em relação ao corpo.

– Certo – disse finalmente LaGuerta quando eu estava prestes a vibrar fora do meu próprio corpo. Ela deu um pequeno e estranho sorriso que em parte era profissional e em parte era... o quê? Várias coisas ao mesmo tempo, algo humano, mas que, infelizmente, estava fora da minha compreensão. – Vamos nos falar – ela acrescentou.

– Com todo prazer – concordei, exalando sedução. LaGuerta não reagiu. Vai ver que não ouviu, tudo bem. Ela era totalmente incapaz de entender qualquer ironia relacionada à própria imagem. Alguém podia fazer o pior elogio do mundo e ela aceitar como merecido. Eu não gostava nada de elogiá-la. Se não há desafio, não tem graça. Mas não sabia mais o que dizer. O que ela pensava que iríamos nos falar? Ela já tinha me tratado mal quando chegara à cena do crime.

Estávamos os dois ao lado do meu pobre carro amassado e víamos o sol nascer. Ela ficou olhando por cima do elevado e perguntou sete vezes se eu vi o motorista do caminhão, cada pergunta num tom um pouco diferente, franzindo o cenho entre uma e outra. Perguntou também cinco vezes se eu tinha certeza de que era um caminhão frigorífico (garanto que foi uma sutileza dela). Ela queria perguntar mais sobre isso, porém se conteve para não ficar óbvio. Uma vez até se distraiu e perguntou em espanhol. Respondi em espanhol que tinha certeza: ela me olhou, tocou no meu braço e não perguntou mais.

Olhou três vezes a inclinação da ponte, balançou a cabeça e xingou baixo:

– Puta! – evidentemente, tratava-se de uma menção à policial Puta, minha cara irmã Deborah. Era preciso um pouco de controle geral ao dar de cara com um caminhão frigorífico como Deborah havia previsto e eu podia garantir pelo jeito de LaGuerta mordiscar o lábio inferior que ela estava dando tratos à bola. Tinha certeza também de que ela ia concluir alguma coisa desagradável em relação a Deb (era o que LaGuerta sabia fazer melhor), mas, por enquanto, eu esperava que minha irmã tivesse um pequeno aumento no salário. Não graças a LaGuerta, claro, mas podia-se esperar que os outros notassem que a grande tentativa detetivesca de Debs tinha dado resultado.

Por estranho que pareça, LaGuerta não me perguntou o que eu estava fazendo de carro às quatro da manhã. Claro, eu não sou detetive, mas me parecia uma pergunta bastante óbvia. Talvez fosse descortês dizer que aquela omissão era típica, mas deixa para lá. Ela apenas não perguntou.

Mesmo assim, parecia que tínhamos mais o que conversar. Por isso, acompanhei-a até seu carro, um grande Chevrolet azul-claro lançado havia dois

anos e que ela usava a serviço. Fora do horário de trabalho, andava num pequeno BMW do qual, supostamente, ninguém sabia a existência.

– Entre – ela disse. E sentei-me no banco do carona, de estofamento azul lustroso.

LaGuerta dirigia rápido, entrava e saía do trânsito, e em poucos minutos estávamos no viaduto para Miami outra vez, passando por Biscayne e a uns quinhentos metros da I-95. Ela entrou na autoestrada e rumou para o norte numa velocidade que parecia exagerada até para Miami. Chegamos à estrada 595 e viramos para oeste. Ela me olhou de esguelha três vezes antes de falar.

– Bela camisa – elogiou.

Olhei a bela camisa. Eu tinha enfiado aquela quando saíra de casa apressado e era a primeira vez que prestava atenção nela: era de poliéster, estilo boliche, estampada com dragões vermelhos. Tinha-a usado o dia inteiro no trabalho e estava um pouco amassada, mas é, parecia mais ou menos limpa. Podia ser uma bela camisa, porém, mesmo assim...

Será que LaGuerta estava de papo para eu relaxar um pouco e declarar alguma coisa perigosa? Será que desconfiava que eu sabia mais do que estava dizendo e achava que conseguiria baixar minha guarda para eu contar?

– Você está sempre com umas roupas legais, Dexter – ela continuou. Olhou-me com um enorme sorriso enlevado, sem perceber que estava quase enfiando o carro na traseira de um caminhão-tanque. Notou a tempo, virou o volante com um dedo, passamos pelo caminhão e entramos a oeste na I-595.

Pensei nas roupas legais que eu estou sempre usando. Bom, claro, era isso mesmo. Eu me orgulhava de ser o monstro mais bem-
-vestido do condado de Dade. É verdade, ele fez picadinho daquele dr. Duarte tão simpático, mas estava tão bem-vestido! A roupa certa para cada ocasião. Aliás, o que se deve usar para presenciar uma decapitação logo de manhã cedo? A mesma camiseta estilo boliche usada há 24 horas e calças, naturalmente. Eu estava *à la mode*. Mas, à parte aquela roupa escolhida às pressas, eu realmente era cuidadoso. Era um dos conselhos de Harry: seja limpo, bem-vestido e evite chamar atenção.

Mas por que uma detetive politicamente preocupada com o departamento de Homicídios iria notar ou se importar com roupa? Não é que...

Ou será que era? Uma ideiazinha sórdida começou a se formar na minha cabeça. Alguma coisa naquele estranho sorriso que aparecia e sumia do rosto dela me deu a resposta. Era ridículo, porém, o que mais podia ser? LaGuerta não estava procurando um jeito de baixar minha guarda e perguntar coisas mais sagazes sobre o que eu vi. E não dava um peido voador sobre meus conhecimentos de hóquei.

LaGuerta estava sendo social.

Ela *gostava* de mim.

E lá estava eu, ainda me recuperando do terrível choque daquela investida esquisita, inesperada e sentimentaloide para cima da Rita e agora vinha mais essa? LaGuerta *gostava* de mim? Será que os terroristas jogaram alguma coisa no reservatório de água de Miami? Será que eu estava exsudando algum tipo de feromônio estranho? Será que todas as mulheres de Miami perceberam de repente como os homens reais não querem nada e de repente me tornei atraente por exclusão? Falando sério, que diabo estava acontecendo?

Claro que eu podia estar enganado. Fiquei pensando nisso como uma barracuda fisgada num reluzente anzol prateado. Afinal, que enorme narcisismo achar que uma mulher educada, sofisticada e carreirista como LaGuerta poderia ter algum interesse em mim. Era mais provável que, que...

Que o quê? Por mais improvável que fosse, fazia certo sentido. Nós tínhamos o mesmo tipo de trabalho e portanto a sabedoria convencional dos tiras diz que há mais chance de um casal assim se compreender e se perdoar. Nossa relação poderia resistir às horas de trabalho e ao ofício estressante dela. E, embora eu não ligue para isso, sou um homem apresentável; ou, como nós aqui costumamos dizer, causo boa impressão. Além de fazer charme para ela há anos. Era uma paquera meramente política, mas ela não precisava saber disso. Eu era *bom* de azaração, o que, aliás, é uma das minhas poucas vaidades. Tinha treinado por muito tempo e, quando resolvia dar em cima de uma mulher, ninguém podia dizer que era encenação. Eu era realmente muito bom em semear charme. Talvez fosse natural que algumas sementes germinassem.

Mas germinar assim? E naquela hora? Será que ela ia sugerir um jantar tranquilo numa noite dessas? Ou algumas horas de pura felicidade no motel Cacique?

Por sorte, chegamos ao local do crime pouco antes de eu entrar completamente em pânico. LaGuerta deu a volta no prédio, procurando a entrada certa. Não foi difícil encontrar. Uma frota de viaturas da polícia estava espalhada na frente de várias portas duplas. Ela enfiou seu carrão no meio delas. Saltei rapidamente, antes que ela pusesse a mão no meu joelho. Ela saiu e ficou me olhando por um instante. A boca tremia.

– Vou dar uma olhada – avisei. Não cheguei a correr para o estádio. Mas sim, estava fugindo de LaGuerta... e também muito ansioso para ver o que meu amigo brincalhão tinha feito, chegar perto da obra dele, observar a maravilha para aprender.

Lá dentro, ecoava o caos organizado de qualquer cena de crime; apesar disso, eu achava que o ar tinha uma eletricidade especial, uma sensação muda de

nervosismo e tensão que não se encontra num assassinato comum, uma impressão de que aquele era diferente, que coisas novas e maravilhosas poderiam acontecer, porque nós estávamos ali no fio da navalha. Mas podia ser apenas eu. Algumas pessoas estavam em volta da rede. Várias usavam uniformes do condado de Broward, estavam de braços cruzados e olhavam o capitão Matthews discutir sobre jurisdição com um homem de terno. Ao me aproximar, vi Angel-sem-parentesco numa posição estranha, de pé olhando por cima de um careca ajoelhado numa perna só, que por sua vez olhava uma pilha de pacotes bem embrulhados.

Parei no alambrado para olhar pelo vidro. Lá estava, a apenas três metros. Parecia tão perfeito na fria pureza do rinque de hóquei recém-aplanado pela Zamboni. Qualquer joalheiro vai informá-lo de que encontrar o veio certo é vital e aquilo ali... eu estava impressionado. Totalmente perfeito. Fiquei até um pouco tonto, sem saber se o alambrado aguentaria o meu peso, como se pudesse simplesmente passar direto pela madeira dura como se fosse uma nuvem.

Mesmo de onde eu estava, podia garantir. Ele tinha aproveitado o tempo, tinha feito direito apesar de, minutos antes, parecer ter escapado por pouco no elevado. Ou será que ele sabia que eu não era ameaça para ele?

Como fui eu que notifiquei o fato, será que não era ameaça para ele? Será que eu queria mesmo persegui-lo até a toca, depois aparecer todo agitado só para alavancar a carreira de Deborah? Eu achava que estava fazendo isso, claro, mas teria força bastante para ir em frente, caso as coisas continuassem tão interessantes? Estávamos ali no estádio de hóquei onde eu tinha passado muitas horas agradáveis assistindo a jogos; será que aquilo não provava ainda mais que esse artista (desculpe, claro que eu quis dizer “assassino”) estava numa trilha paralela à minha? Olha só o lindo trabalho que ele fez ali.

E a cabeça... era essa a chave. Sem dúvida, era uma peça tão importante para mostrar o que ele estava fazendo, não podia ser meramente desprezada. Será que ele jogou a cabeça para me assustar, me deixar louco de terror, pavor e medo? Ou sabia que eu sentia a mesma coisa que ele? Será que também sabia de uma ligação entre nós e queria apenas fazer uma brincadeira? Estaria me provocando? Tinha de haver um motivo importante para me deixar um troféu daqueles. Eu estava sentindo emoções fortes, vertiginosas... como ele podia não sentir nada?

LaGuerta se aproximou.

– Você está tão apressado – disse ela, com um leve toque de protesto na voz. – Está com medo de que fujam? – perguntou, indicando com a cabeça os pedaços de corpo empilhados.

Eu sabia que em algum lugar dentro de mim havia uma resposta inteligente,

algo que a faria sorrir, seduzi-la mais um pouco, amenizar aquela minha estranha fuga das garras dela. Mas, ali no alambrado, olhando o corpo sobre o gelo, na rede do gol (na presença da força, poder-se-ia dizer assim), não me ocorreu nenhum gracejo. Não berrei para ela calar a boca, mas popr pouco.

– Eu precisava ver – falei, sincero, depois me recuperei o suficiente para acrescentar: – É a rede do time da casa.

Ela deu um tapinha amistoso no meu braço.

– Você é terrível – disse. Por sorte, o sargento Doakes apareceu e a detetive não teve tempo de dar uma risadinha jocosa, o que seria mais do que eu poderia aguentar. Como sempre, Doakes parecia mais interessado em achar um jeito de abrir minhas costelas do que qualquer outra coisa e me saudou com um olhar tão penetrante e caloroso que sumi rapidamente e deixei-o com LaGuerta. Ele me olhou com uma expressão firme, indicando que eu tinha de ser culpado de alguma coisa e que gostaria muito de examinar minhas vísceras para descobrir que coisa era essa. Tenho certeza de que ele estaria mais feliz num lugar onde a polícia pode quebrar uma tíbia ou um fêmur de vez em quando. Afastei-me dele, dando a volta ao rinque lentamente até encontrar a entrada mais próxima. Descobri-a ao mesmo tempo que alguém se aproximou fora do meu campo visual e me deu um soco forte nas costelas.

Preparei-me para encarar o agressor com um ar meio ofendido e um sorriso forçado.

– Olá, querida irmã. Que bom ver um rosto amigo.

– Filho da puta! – ela xingou, baixo.

– Pode crer. Mas por que falar nisso agora? – perguntei.

– Porque você, filho da puta miserável, tinha uma pista e não me ligou!

– Uma pista? Por que você acha...? – perguntei, meio gago.

– Deixa para lá, Dexter. Você não estava de carro às quatro da manhã procurando putas. Você sabia onde ele estava, droga.

Começava a amanhecer. Eu estava tão envolvido com meus próprios problemas, a começar pelo sonho (e com o fato de que obviamente tinha sido algo mais que um sonho), seguido do encontro apavorante com LaGuerta, que não pensei que tinha enganado Deborah. Não a avisei. Claro que ela estava zangada.

– Não era pista, Deb – falei, tentando amansá-la um pouco. – Nada de concreto, só um... palpite. – Nada mais, pensei, não era nada mesmo...

Ela atacou de novo. – Só que *era*. Você o descobriu – rosnou.

– Na verdade, não sei. Acho que ele me descobriu.

– Pare de ser esperto – ela disse e abri as mãos para mostrar que isso era impossível. – Você prometeu, droga.

Não me lembrava de nenhuma promessa que incluísse ligar no meio da noite para contar meu sonho, mas não me pareceu muito político dizer isso, então fiquei quieto. – Desculpe, Deb, eu realmente não pensei que ia acertar. Era só um... palpite, juro. – Claro que eu não ia tentar nenhuma explicação parapsicológica, mesmo sendo para Deb. Ou talvez principalmente para ela. Mas pensei outra coisa e falei, mais baixo:

– Talvez você possa me dar uma ajudinha. O que digo quando *eles* perguntarem o que eu estava fazendo de carro lá às quatro da manhã?

– LaGuerta já interrogou você?

– Exaustivamente – respondi, contendo um tremor no corpo.

Deb fez cara de nojo.

– E não perguntou isso. – Não era pergunta.

– Tenho certeza de que a detetive tem muitas coisas na cabeça – comentei. Não acrescentei que, pelo jeito, parte dessas coisas era eu. – Mais cedo ou mais tarde, alguém vai me perguntar. – Olhei para o lugar de onde ela estava dirigindo a operação. – É bem provável que o sargento Doakes pergunte – imaginei, com um pavor autêntico.

Ela concordou com a cabeça.

– Ele é um policial decente. Se conseguisse perder um pouco da pose.

– Acho que ele só tem pose – opinei. – Mas existe um motivo para não gostar de mim. Vai perguntar qualquer coisa, se achar que pode me complicar.

– Pois diga a verdade. E conte primeiro para mim – disse Deborah, com o rosto totalmente inexpressivo. E me cutucou no mesmo lugar.

– Por favor, Deb, você sabe que fico com hematomas com facilidade.

– Não sei, mas acho que descobri – ela disse.

– Não vai mais acontecer, foi só uma daquelas inspirações que me ocorrem às três da manhã. O que você diria se eu ligasse para você e depois essa história não desse em nada? – perguntei.

– Mas deu, era verdade – ela disse, me cutucando outra vez.

– Realmente, eu não pensei que fosse dar. Ia me achar um idiota se metesse você nisso.

– Imagine como eu me sentiria se o cara tivesse matado você – ela supôs.

Fui pego de surpresa. Não conseguia nem pensar no que ela teria sentido. Arrependimento? Desapontamento? Raiva? Acho que esse tipo de coisa estava além da minha compreensão. Então, só fiquei repetindo:

– Desculpe, Deb. – E então, como sou do tipo animado como Poliana, acrescentei: – Pelo menos, o caminhão frigorífico estava lá.

Ela piscou e perguntou:

– O caminhão estava onde?

– Ah, Deb, eles não contaram para você?

Ela me socou com mais força ainda, no mesmo lugar.

– Droga, Dexter, que caminhão é esse?

– Estava lá, Deb – contei, constrangido pela reação totalmente emocional dela e também, claro, pelo fato de uma mulher bonita estar me dando porrada. – O cara que jogou a cabeça na estrada dirigia um caminhão frigorífico.

Ela segurou nos meus braços e ficou me olhando.

– Porra, não é possível.

– Porra, é.

– Meu Deus...! – ela exclamou, olhando para o nada e sem dúvida vendo a promoção flutuando um pouco acima da minha cabeça. Provavelmente, ia continuar me fazendo perguntas, mas naquele instante Angel-sem-parentesco levantou a voz sobre o barulho atordoante do estádio e chamou LaGuerta:

– Detetive. – Era um som estranho, inconsciente, o grito meio estrangulado de um homem que nunca fala alto em público e alguma coisa fez com que o local ficasse em silêncio na hora. O tom de voz era em parte assustado, em parte satisfeito, achei que era alguma coisa importante porém ai, meu Deus. Todos os olhos se concentraram em Angel, ele fez sinal com a cabeça mostrando o careca agachado que, lenta e cuidadosamente, pegava alguma coisa no saco plástico que estava por cima.

O homem finalmente tirou a coisa, desajeitado, soltou no chão e ela deslizou no gelo. Ele a pegou, ela escapou e o homem foi escorregando atrás da coisa brilhante até os dois pararem no alambrado. Com mão trêmula, Angel pegou a coisa e mostrou para todos nós vermos. O súbito silêncio no local foi inspirador, de tirar o fôlego, lindo, como a explosão de aplausos quando se retira o pano que cobre a obra de algum gênio.

Era o espelho retrovisor do caminhão.

Capítulo 11

~

O GRANDE VÉU DE SILÊNCIO ESTUPEFATO durou apenas um instante. Depois, o vozerio assumiu outro tom quando as pessoas passaram a querer ver, explicar, fazer suposições.

Um espelho. Que diabo significava aquilo?

Boa pergunta. Em vez de ficar muito impressionado com a coisa, não elaborei nenhuma tese imediata sobre o significado. Às vezes, a grande arte é assim. Ela causa um efeito sem que você saiba por quê. Seria profundamente simbólico? Um recado cifrado? Um lancinante pedido de ajuda e compreensão? Impossível dizer e, para mim, não era o mais importante. Eu queria apenas pensar um pouco. Deixar que os outros se preocupassem a respeito de como o espelho fora parar lá. Afinal, talvez ele apenas tenha caído e o cara resolveu jogá-lo no saco de lixo mais próximo.

Não era possível, claro que não. Então, fui obrigado a pensar naquela história. O espelho estava lá por algum motivo muito importante. Para ele, aqueles não eram sacos de lixo. Como ele havia provado de forma tão elegante com o rinque de hóquei, a apresentação era parte importante do que estava

fazendo. Ele não ia ser casual em nenhum detalhe. Por isso, comecei a pensar no que o espelho poderia significar. Eu tinha de concluir, por mais apressado que fosse, que colocar o espelho com os pedaços de corpo foi totalmente intencional. Desconfiava também, ideia que borbulhava em algum lugar atrás dos meus pulmões, que era um manifesto bem cuidadoso e pessoal.

Para mim?

Se não era para mim, para quem seria? O restante foi dirigido ao mundo em geral: vejam o que eu sou. Vejam o que todos nós somos. Vejam o que estou fazendo com isso. Um espelho de caminhão não fazia parte do manifesto. Cortar o corpo em pedaços, drenar o sangue, isso era necessário e elegante. Mas o espelho era diferente, principalmente se fosse do caminhão que persegui. Um gesto elegante, sim, mas informava algo sobre as coisas como realmente são? Nada. Foi acrescentado com outra finalidade, que tinha de ser um novo e diferente tipo de manifesto. Eu sentia a eletricidade da ideia aumentando dentro de mim. Se o espelho era daquele caminhão, o manifesto só podia ser para mim.

Mas o que significava?

– Que diabo significa um espelho. Por quê? – perguntou Deb, ao meu lado.

– Não sei – respondi, ainda sentindo a forte vibração dentro de mim. – Mas aposto um jantar no Joe's Stone Crabs que o espelho era do caminhão.

– Não precisa apostar. Mas pelo menos chama atenção para um fato importante – ela concluiu.

Olhei-a, assustado. Será que ela teve alguma intuição repentina que me escapou?

– Que questão, mana?

Ela fez sinal com a cabeça para o grupo de policiais administrativos que continuava discutindo na beira do rinque.

– A questão da jurisdição do crime. Essa jurisdição é nossa, ora.

Aparentemente, a detetive LaGuerta não estava impressionada com aquela nova prova. Talvez estivesse escondendo uma profunda preocupação com o simbolismo do espelho, e tudo que ele implicava, sob uma expressão de indiferença aparente e cuidadosamente preparada. Ou então ela era burra como uma porta. Continuava com Doakes que, felizmente, parecia preocupado. Mas talvez tivesse apenas se cansado daquele olhar eternamente mesquinho e estivesse tentando algo novo.

– Morgan, não reconheci você vestida – disse LaGuerta para Deb.

– Às vezes, é possível não notar coisas óbvias, detetive – disse Deb, antes que eu pudesse impedir.

– É verdade. Por isso tem gente que nunca chega a detetive – alfinetou LaGuerta. Foi uma vitória total e sem esforço e LaGuerta sequer esperou para

ver a frase atingir o alvo. Virou as costas para Deb e ordenou a Doakes: – Descubra quem tem as chaves do rinque e pode entrar lá quando quer.

– Rã-rã – concordou Doakes. – Checar todos os armários, ver se há algum arrombado?

– Não – disse LaGuerta com um lindo franzir de cenho. – Nós agora temos uma conexão com o gelo. – Olhou para Deborah e acrescentou: – Aquele caminhão frigorífico é só para nos confundir. – Voltou a falar com Doakes: – O ferimento foi feito pelo gelo daqui. Portanto, o assassino está ligado ao gelo deste lugar. – Olhou uma última vez para Deborah: – E não ao caminhão.

– Rã-rã – repetiu Doakes. Não pareceu convencido, mas não era ele quem chefiava a operação.

LaGuerta olhou para mim.

– Pode voltar para casa, Dexter. Se precisar de você, sei onde mora. – Pelo menos, falou sem pestanejar.

Deborah me acompanhou até os dois portões duplos do rinque.

– Se continuar assim, daqui a um ano eu serei guarda de trânsito – reclamou.

– Besteira sua, Deb. No máximo, em dois meses – gracejei.

– Obrigada.

– Bom, francamente, você não pode desafiá-la assim *às claras*. Não viu como o sargento Doakes fez? Seja um pouco mais sutil, pelo amor de Deus.

– Sutil. – Ela parou de andar e me agarrou. – Olha aqui, Dexter, isso não é um jogo.

– Mas é, Deb. Um jogo político. E você não está jogando direito.

– Não estou jogando – ela zombou. – O que está em jogo são vidas humanas. Há um carniceiro solto e vai continuar enquanto a idiota da LaGuerta fica imaginando coisas.

Controlei um ataque de esperança.

– Pode ser...

– Pode ser não, *é* – ela insistiu.

– ... mas, Deborah, você não vai mudar isso se ficar exilada no Departamento de Trânsito de Coconut Grove.

– Não, mas posso mudar, se encontrar o assassino.

Eis aí. Muita gente não tem a menor ideia de como o mundo gira. Mas Deb era uma pessoa inteligente, era mesmo. Tinha herdado toda a retidão de Harry, a segurança em lidar com as coisas, sem se tolher com toda a prudência dele. Para Harry, a franqueza era uma forma de lidar com o material fecal. Para Deborah, era uma forma de fingir que não havia nada.

Voltei para o meu carro de carona com uma das patrulhas que estavam fora

do estádio. Entrei no meu carro e fui para casa, imaginando que tinha pegado aquela cabeça, enrolado com cuidado em papel-toalha e colocado no banco traseiro. Uma ideia horrível e boba, eu sei. Pela primeira vez, entendi aqueles sujeitos tristes, geralmente fetichistas, que gostam de sapatos de mulher ou carregam roupa de baixo suja. Foi uma sensação horrível, que me deu vontade de tomar um banho quase tanto quanto de pegar a cabeça.

Mas, como eu não estava com ela, só me restava voltar para casa. Dirigi devagar, bem abaixo do limite mínimo de velocidade. Em Miami, isso é a mesma coisa que escrever no traseiro CHUTE-ME. Claro que ninguém me deu um chute. Teriam de andar mais devagar que eu para fazer isso. Mas buzinaram sete vezes, me ultrapassaram oito e cinco carros passaram roncando por mim, pelo acostamento ou pela pista.

Nesse dia, nem a irritação cheia de energia dos outros motoristas conseguiu me animar. Eu estava exausto, confuso e precisava pensar, longe do barulho ecoante do estádio e da gritaria burra de LaGuerta. Dirigir devagar me dava tempo para pensar e encontrar o sentido de tudo que tinha acontecido. Vi então que uma frase boba continuava martelando na minha cabeça, batendo nas pedras e fendas do meu cérebro exaurido. A frase passou a ter vida própria. Quanto mais soava na cabeça, mais fazia sentido. Além do sentido, ficou uma espécie de ladainha interessante. Era a chave para pensar sobre o assassino, a cabeça rolando na rua, o espelho retrovisor enfiado nos pedaços de corpo maravilhosamente secos.

Se tivesse sido eu...

Assim: “se tivesse sido eu, o que ia querer dizer com o espelho?”. Ou: “se tivesse sido eu, o que teria feito com o caminhão?”.

Claro que não tinha sido eu e esse tipo de inveja faz muito mal à alma, mas, já que eu sabia que não tinha alma, não tinha importância. Se *tivesse* sido eu, o caminhão teria sido jogado numa vala perto do estádio. Depois, eu rapidamente iria para bem longe... num carro escondido? Roubado? Depende. Se tivesse sido eu, teria planejado deixar o corpo no estádio, ou aquilo seria uma reação à perseguição no elevado?

Só que isso não fazia sentido. Ele não sabia que seria perseguido na cidadezinha de North Bay, sabia? Mas então por que estava com a cabeça pronta para jogar? E por que levar o resto do corpo para o estádio? Parecia uma decisão estranha. Sim, tinha muito gelo lá e o frio fazia muito bem. Mas o vasto espaço barulhento não seria adequado para meu momento íntimo, se tivesse sido eu. Existia uma desolação terrível e escancarada que não ajudava em nada para um ato de real criatividade. O estádio era interessante de se visitar, mas não era o ateliê de um verdadeiro artista. Um lugar triste, não um local de trabalho.

Simplesmente não tinha o clima adequado.

Quer dizer, se tivesse sido eu.

Portanto, o estádio foi um golpe ousado num território inexplorado. Poderia ajudar a polícia e, mais exatamente, fazer com que eles pegassem o caminho errado. Caso vissem que havia uma direção a seguir, o que parecia cada vez menos provável.

E completar o trabalho com o espelho... se eu estava certo sobre por que escolher o estádio, então o espelho vinha, claro, confirmar isso. Seria um comentário sobre o que tinha acabado de acontecer, ligado ao ato de deixar a cabeça. Seria um manifesto que juntaria todas as outras tramas e as embrulharia tão bem quanto os pedaços de corpo empilhados, um elegante destaque para uma grande obra. Mas então qual seria o manifesto no espelho, se tivesse sido eu?

Eu vejo você.

Bom. Claro que era isso, apesar de ser um pouco óbvio. Eu vejo você. Sei que você está atrás de mim e estou observando-o. Mas estou bem na frente, controlando o seu caminho, a sua velocidade e vendo-o me seguir. Eu vejo você. Sei quem é você e onde está, enquanto você só sabe que estou observando-o. Eu vejo você.

Isso parecia certo. Mas por que eu não estava me sentindo melhor?

Além do mais, até onde eu podia contar essa história para a coitada e querida Deborah? Aquilo estava ficando tão pessoal que era difícil lembrar que havia um lado público, importante para minha irmã e a carreira dela. Eu não podia começar a contar para ela (nem para ninguém) que achava que o assassino estava querendo me dizer alguma coisa, se eu tivesse a sensatez de ouvir e responder. Mas o resto, será que precisava contar para ela e será
que realmente queria?

Era demais. Precisava dormir antes de decidir tudo isso.

Não cheguei a me lamuriar quando deitei na cama, mas quase. O sono me pegou rápido e entrei em sua escuridão. Dormi quase duas horas e meia até o telefone tocar.

– Sou eu – disse a voz no outro lado da linha.

– Claro que é. Deborah, não? – evidente.

– Achei o caminhão frigorífico.

– Bom, parabéns, Deb. Ótima notícia.

Houve um silêncio bastante longo do outro lado.

– Deb? É uma boa notícia, não? – perguntei, por fim.

– Não.

– Ah. – A necessidade de dormir socava minha cabeça como limpadores de tapete batendo num tapete de oração, mas tentei me concentrar. – Hum, Deb, o

que você... o que houve?

– Fiz tudo certo. Completamente certo. Consegui fotos, número das peças mais importantes do carro, tudo. Depois, como boa bandeirante, contei para LaGuerta.

– E ela não acreditou? – perguntei, na dúvida.

– Deve ter acreditado.

Tentei piscar, mas meus olhos queriam se fechar, então desisti.

– Desculpe, Deb, mas um de nós não está sendo claro. Será que sou eu?

– Tentei explicar para ela – disse minha irmã numa voz bem fraca e cansada que me deu a terrível impressão de entrar em mar alto sem bote salva-vidas. – Contei tudo. Fui até educada.

– Muito bem. O que ela disse? – perguntei.

– Nada.

– Nada?

– Nada – Deb repetiu. – Só agradeceu como se faz com um manobrista no estacionamento. Deu aquele sorrisinho engraçado e foi embora.

– Bom, Deb, você realmente não pode esperar que ela... – ponderei.

– Depois descobri por que deu o sorrisinho. Era como se eu fosse uma débil mental e ela tivesse finalmente concluído onde me trancar.

– Ah, não, quer dizer que você está fora do caso? – perguntei.

– Todos nós estamos fora, Dexter – disse ela, com a voz tão cansada quanto parecia. – LaGuerta prendeu um cara.

De repente, fez-se um silêncio tão grande na linha que não consegui pensar, mas, pelo menos, me deixou bem acordado.

– O que você disse?

– LaGuerta prendeu um cara que trabalha no estádio. Foi detido e ela tem certeza de que é o assassino.

– Não é possível – eu disse, embora sabendo que era, em se tratando daquela filha da puta burra. (LaGuerta, não Deb.) – Eu sei, Dexter. Mas não diga nada. Ela tem certeza de que pegou o cara certo.

– Por quê? – perguntei. Minha cabeça estava rodando e eu tinha vontade de vomitar. Não sabia direito por quê.

Deb bufou.

– Daqui a uma hora, vai dar uma entrevista coletiva. Para ela, isso é positivo.

O latejar na minha cabeça ficou tão forte que não consegui ouvir o que Deb disse depois. LaGuerta prendeu um cara? Quem? Quem ela poderia ter culpado? Será que podia mesmo ignorar todas as pistas, o cheiro e o gosto daqueles assassinatos e prender alguém? Pois quem fez o que aquele assassino tinha feito

(e estava fazendo!) não ia deixar uma pústula como LaGuerta pegá-lo. Jamais. Eu apostava a minha vida.

– Não, Deborah, não é possível. Ela prendeu o cara errado.

Deborah riu, um riso cansado de policial que está no limite.

– É, eu sei disso e você também. Mas ela não sabe. Quer ouvir uma coisa engraçada? O preso também não sabe.

Aquilo não fazia o menor sentido.

– O que está dizendo, Deb? Quem não sabe?

Ela deu de novo aquele risinho horrível.

– O cara que ela prendeu. Acho que deve estar quase tão enrolado quanto LaGuerta, Dex. Porque ele confessou.

– O quê?

– Ele confessou, Dexter. O filho da puta confessou.

Capítulo 12

~

Ele se chamava Daryll Earl McHale e era o que a gente costuma chamar de um perdedor de marca maior. Tinha passado doze de seus últimos vinte anos como hóspede do estado da Flórida. O estimado sargento Doakes conseguiu achar o nome dele no arquivo dos funcionários do estádio. Depois, procurou no computador quais desses funcionários tinham registro por violência ou delitos graves e o nome de Daryll Earl apareceu duas vezes.

O detido bebia e espancava a mulher. Às vezes, atacava postos de gasolina só para se distrair. Arrumava emprego de salário mínimo, mas não durava mais de dois meses. Até que, numa bela noite de sexta-feira, bebeu umas seis latas de cerveja e começou a achar que era a Ira de Deus. Ficou dando voltas de carro até encontrar um posto de gasolina onde simplesmente se ferrou. Foi acusado de ameaçar com arma e levar o dinheiro do caixa. Usou então a bolada de oitenta ou noventa dólares para comprar mais umas seis latas até se sentir tão legal que só precisava espancar alguém. Daryll Earl não era um sujeito grande: tinha um metro e setenta, era magro. Portanto, por precaução, acabava espancando sempre a própria mulher.

Já tinha feito isso algumas vezes. Mas uma noite foi um pouco longe demais e a mulher teve que ficar com as pernas imobilizadas durante um mês. Ela deu queixa e, como ele já tinha registro na polícia, a coisa ficou séria.

Continuava bebendo, mas ficou bem assustado com a temporada que passou no presídio de Raiford e se segurou um pouco. Arrumou emprego de vigia do estádio e ficou lá. Pelo que sabíamos, não espancava a mulher havia séculos.

E Nosso Rapaz teve seus minutos de fama quando o time do Panthers participou da Copa Stanley. Parte do trabalho dele consistia em retirar imediatamente do rinque tudo que os torcedores jogavam lá. Na Copa Stanley daquele ano, o trabalho tinha sido duro, já que, toda vez que os Panthers marcavam, os torcedores jogavam trezentos ou quatrocentos ratos de plástico no rinque. Daryll Earl tinha de pegar tudo, o que sem dúvida era um trabalho bem chato. Assim, uma noite, incentivado por algumas doses de vodca barata, ele pegou um dos ratos de plástico e fez uma "Dancinha do Rato". A multidão adorou e berrou pedindo mais. Começaram a pedir a dança toda vez que ele entrava no rinque. E fez a dança pelo resto da temporada.

Hoje, os ratos de plástico estão proibidos. Mesmo se seu uso fosse exigido por lei federal, ninguém poderia jogá-los, pois os Panthers não fazem gol desde os tempos em que Miami tinha um prefeito honesto, lá pelo século passado. Mas Daryll Earl ainda aparecia nos jogos, esperando dar dois derradeiros passos de dança na frente da câmera.

Na entrevista coletiva, LaGuerta usou esse fato com perfeição. Deu a entender que Daryll Earl chegou a matar devido à lembrança de sua efêmera fama. E, claro, com a bebida e seu passado de violência com mulheres, era o suspeito ideal para aquela série de assassinatos estúpidos e brutais. Porém, as prostitutas de Miami podiam ficar tranquilas, não ia mais haver assassinato. Graças à enorme pressão de uma investigação intensa e implacável, Daryll Earl tinha confessado. O caso estava encerrado. Garotas, podem voltar ao trabalho.

A imprensa engoliu. Não se poderia culpar os jornalistas, creio eu. LaGuerta fez um trabalho de mestre ao apresentar apenas os dados suficientes, coloridos com muito brilho do que gostaria que fosse verdade. Praticamente qualquer pessoa teria acreditado. Além disso, é evidente que ninguém faz teste de QI para ser repórter. Mas eu sempre espero um mínimo de brilho da parte deles. E sempre me desaponto. Deve ser porque vi muito filme preto e branco quando criança. Eu ainda achava que o bêbado cínico e cansado deste mundo, que trabalhava na redação do grande diário metropolitano, devia fazer uma pergunta instigante e obrigar os detetives a rever as provas com cuidado.

Infelizmente, porém, nem sempre a vida imita a arte. E, na coletiva de

LaGuerta, o papel de Spencer Tracy foi interpretado por uma série de modelos masculinos e femininos de cabelos impecáveis e ternos de lã leve. Suas perguntas perspicazes chegavam a “O que você sentiu ao encontrar a cabeça?” e “Podemos tirar umas fotos?”.

Só um repórter, Nick Alguma Coisa, da afiliada local da NBC, perguntou a LaGuerta se tinha certeza de que Daryll Earl era o assassino. Quando ela respondeu que a enorme quantidade de provas indicava que sim e que, de qualquer maneira, a confissão foi determinante, o repórter não perguntou mais nada. Ou porque estava satisfeito, ou porque a resposta foi longa demais.

E assim foi. Caso encerrado, justiça feita. Mais uma vez, a poderosa máquina do aparato contra o crime da região metropolitana de Miami tinha vencido as forças sombrias que ameaçavam Nossa Linda Cidade. Foi um belo espetáculo. LaGuerta entregou algumas fotos bem sinistras, feitas para a ficha de prisão de Daryll Earl, juntamente com novas e lindas fotos dela investigando o caso, tiradas por um fotógrafo de moda de South Beach que cobrava 250 dólares a hora.

Foi um pacote maravilhosamente irônico: a aparência de perigo e a realidade letal, tão diversas. Por mais bruto e agressivo que Daryll Earl parecesse, a verdadeira ameaça à sociedade era LaGuerta. Ela havia chamado a matilha, acabado com a gritaria e o choro e mandado as pessoas irem dormir num prédio em chamas.

Seria possível que só eu via que Daryll Earl McHale não podia ser o assassino? Que havia um estilo e um humor naqueles crimes que um grosseirão como ele não era capaz nem de entender?

Nunca estive mais isolado do que na minha admiração pelo trabalho do verdadeiro assassino. Os pedaços de corpo pareciam cantar para mim uma rapsódia de maravilha exangue que alegrava meu coração e enchia minhas veias de uma embriagadora admiração. Mas isso certamente não ia atrapalhar meu intento de pegar o verdadeiro assassino, um frio e temerário executor de inocentes que precisava ser levado ao tribunal. Certo, Dexter? Certo? Alô?

Eu estava no meu apartamento, esfregando os olhos sonolentos e pensando no espetáculo a que tinha acabado de assistir. Foi tão perfeito quanto uma entrevista coletiva podia ser, sem comida grátis e nudez. Era evidente que LaGuerta fez todo o possível e conseguiu dar uma coletiva com grandes chances de repercussão. E talvez pela primeira vez em sua carreira cheia de acessórios Gucci, ela real e sinceramente acreditava que tinha encontrado o homem certo. Tinha de acreditar. Era meio triste, realmente. Dessa vez, ela achava que tinha feito tudo certo. Na cabeça dela, não estava apenas fazendo jogadas políticas, mas realizando um trabalho correto e bem investigado. Resolveu o crime de seu

jeito, pegou o cara, parou com os assassinatos. Aplausos merecidos por uma investigação benfeita. E que maravilhosa surpresa ela teria quando o próximo corpo aparecesse.

Pois eu tinha certeza absoluta de que o assassino continuava solto. Devia estar assistindo à entrevista coletiva transmitida pelo canal 7, o preferido das pessoas com queda por sangue. Naquele instante, ele devia estar rindo tanto que não conseguia segurar uma faca, mas isso ia passar. E, quando passasse, seu humor certamente faria com que comentasse o caso.

Por algum motivo, a ideia não me deu medo, aversão, nem a firme intenção de pegar aquele louco antes que fosse tarde. Senti foi uma leve ansiedade. Sabia que era muito errado me sentir desse jeito e talvez por isso fosse melhor ainda. Ah, eu queria que pegassem aquele assassino e o levassem à justiça, sim, sem dúvida... mas será que precisava ser logo?

Havia também uma pequena troca a fazer. Se eu ia fazer minha parte na captura do verdadeiro assassino, precisava fazer também algo positivo. Enquanto pensava nisso, o telefone tocou.

– Sim, eu vi na TV – avisei ao telefone.

– Nossa, acho que vou passar mal – disse Deborah do outro lado da linha.

– Bom, eu não vou colocar compressa fria na sua testa febril, mana. Tenho mais o que fazer.

– Nossa, o que você tem que fazer? – ela perguntou.

– Escuta, está em maus odores, mana? – perguntei.

– Estou cansada, Dexter. E mais irritada do que nunca na vida. O que quer dizer maus odores?

– É a expressão que papai usava para dizer que a pessoa está na casa do cachorro. Está mal cotada no departamento? Sua reputação profissional está enlameada, prejudicada, suja, manchada, questionada?

– Com os golpes traiçoeiros de LaGuerta e aquela história de Einstein? Minha reputação profissional está péssima – respondeu ela, com mais amargura que eu imaginava possível numa pessoa tão jovem.

– Bom. É importante que você não tenha nada a perder.

Ela bufou.

– Estou contente por ter podido ajudar. Pois estou no caso, Dexter. Se afundar mais no departamento, vou preparar café em atividades comunitárias. Onde isso vai parar, Dex?

Fechei os olhos e recostei-me na cadeira.

– Você vai notificar ao capitão e ao departamento que acredita que Daryll Earl não é o homem e que vai haver outro assassinato. Vai apresentar alguns motivos importantes, concluídos a partir de suas investigações e durante algum

tempo vai ser motivo de piada na região metropolitana de Miami.

– Eu já sou. Não é nada de mais. Mas tem algum motivo para eu dizer isso? – ela perguntou.

Balancei a cabeça. Às vezes eu tinha dificuldade de acreditar que ela pudesse ser tão ingênua.

– Queridíssima irmã, você não acredita que Daryll Earl seja culpado, acredita?

Ela não respondeu. Ouvi a respiração dela e pensei que devia estar tão cansada quanto eu, mas sem o meu choque de energia pelo fato de eu ter certeza.

– Deb?

– O cara confessou, Dexter – disse ela por fim e ouvi a imensa fadiga da voz. – Eu... eu me enganei antes, mesmo quando... quer dizer, mas ele *confessou*. Isso não... Droga. Vai ver que devemos apenas deixar as coisas como estão, Dex.

– Ah, vós, homens de pouca fé – citei. – Ela pegou o cara errado, Deborah. E agora você vai reescrever a jogada política.

– Claro que vou.

– Não é Daryll Earl McHale. Tenho certeza absoluta – garanti.

– Mesmo que você esteja certo: e daí?

Foi a minha vez de pestanejar e pensar.

– O que você disse? – perguntei.

– Bom, veja: se eu fosse esse assassino, como não ver que tinha escapado do anzol? Pois, com esse outro cara preso, a coisa esfria. Por que então não paro de matar? Ou vou para outro lugar e começo de novo?

– Impossível. Você não entende o raciocínio desse cara – observei.

– É. Mas como você entende? – ela perguntou.

Preferi ignorar a pergunta.

– Ele vai ficar aqui mesmo e vai matar de novo. Tem de mostrar a todos o que acha de nós.

– E acha o quê?

– Nada de bom – admiti. – Fizemos uma besteira em prender um sujeito como Daryll Earl. É engraçado.

– Rá-rá – zombou Deb, sem achar graça.

– Mas também o ofendemos. Consideramos que esse operário burro fez o trabalho, o que é o mesmo que dizer a Jackson Pollock que você tem um filho de seis anos que podia ter feito um quadro igual ao dele.

– Jackson Pollock, o *pintor*? Dexter, esse cara é um carniceiro.

– De certa forma, Deborah, ele é um artista. E se considera como tal.

– Pelo amor de Deus. Essa é a coisa mais idiota...

– Confie em mim, Deb.

– Certo, eu confio em você. Como não? Portanto, temos um artista irritado que não vai sair daqui para lugar nenhum, certo?

– Certo. Ele tem que fazer de novo, tem que ser debaixo do nosso nariz e, provavelmente, um pouco maior.

– Você quer dizer que dessa vez ele vai matar uma prostituta gorda?

– Maior em proporção, Deborah. Maior no conceito. Capaz de repercutir mais, de se espalhar mais.

– Ah, espalhar mais. Claro. Como, por exemplo, usando uma máquina de aparar grama.

– As apostas aumentaram, Debs. Nós o apertamos e agredimos e o próximo crime vai mostrar isso.

– Rá-rá. E como vai ser? – ela perguntou.

– Não sei – admiti.

– Mas tem certeza.

– Tenho.

– Ótimo, agora eu sei o que esperar

Capítulo 13

~

Na segunda-feira, quando entrei em casa depois do trabalho, sabia que alguma coisa estava errada. Alguém tinha entrado no meu apartamento.

A porta e as janelas não estavam arrombadas e não havia sinal de vandalismo, mas eu tinha certeza. Pode chamar de sexto sentido ou seja lá o que for. Alguém tinha entrado lá. Talvez eu estivesse sentindo os feromônios que o intruso deixara nas moléculas do ar. Ou a aura da minha poltrona reclinável La-Z-Boy tivesse sido alterada. Não importa como: eu simplesmente sabia. Alguém tinha entrado no meu apartamento enquanto eu estava trabalhando.

Isso podia parecer pouca coisa. Afinal, estamos em Miami. Todo dia, as pessoas chegam em casa e descobrem que a TV foi roubada, as joias e os aparelhos eletrônicos foram levados, a casa foi invadida, os bens sumiram e a cachorra está grávida. Mas aquilo ali era outra coisa. Fiz uma busca rápida no apartamento, mas sabendo que não ia dar falta de nada.

Eu estava certo. Não faltava nada.

Mas tinha alguma coisa a mais.

Levei uns minutos para descobrir. Algum reflexo profissional fez com que conferisse primeiro as coisas óbvias. Quando um ladrão visita a sua casa, seguindo o curso natural das coisas, somem coisas: bugigangas, objetos de valor material, outros de valor sentimental, os últimos biscoitos de chocolate. Assim, conferi tudo.

Mas estava tudo no lugar. O micro, o aparelho de som, a TV e o vídeo, exatamente onde eu tinha deixado. Até minha pequena coleção de preciosas lâminas estava enfiada na estante, cada uma com sua gota de sangue no lugar. Tudo exatamente como eu
tinha deixado.

A seguir, conferi a área íntima, só por precaução: quarto, banheiro, armário de remédios. Estava tudo certo, aparentemente intocados e, mesmo assim, havia a impressão no ar sobre cada objeto de que ele havia sido observado, tocado e recolocado, com tanto cuidado que até as partículas de pó estavam no lugar certo.

Voltei para a sala, desmontei-me na poltrona e olhei em volta, subitamente inseguro. Eu tinha certeza absoluta de que alguém tinha entrado ali, mas por quê? E quem eu imaginava que estaria tão interessado no meu pobre e velho eu para entrar e deixar meu modesto lar exatamente como era? Pois nada tinha sido levado, nada tinha sido mexido. A pilha de jornais na caixa de material reciclável podia estar ligeiramente inclinada para a esquerda... mas não seria imaginação? Não podia ter sido uma corrente do ar-condicionado? Nada estava concretamente diferente, nada fora do lugar ou faltando, nada.

E por que alguém ia entrar no meu apartamento, afinal? Não tem nada especial lá, posso garantir. Faz parte do meu perfil no Estilo Harry. Misture-se. Aja normalmente, seja até metódico. Não faça nem tenha nada que possa causar comentários. Foi o que fiz. Meus únicos bens de valor eram o som e o computador. A vizinhança tinha coisas muito mais atraentes.

De todo jeito, por que alguém iria entrar e não levar nem fazer nada, sem deixar pista? Recostei-me na cadeira e fechei os olhos, vai ver que eu estava imaginando aquilo tudo. Só podiam ser os nervos abalados. Sinais de falta de sono e preocupação excessiva com a carreira tão prejudicada de Deborah. Só mais um pequeno sinal de que o Pobre e Velho Dexter estava à deriva em Águas Profundas. Fazendo uma última transição indolor de sociopata a psicopata. Em Miami, não é necessariamente loucura achar que você está cercado de inimigos anônimos, mas agir como se achasse isso é socialmente inaceitável. Eles finalmente teriam de me internar.

Mesmo assim, a impressão era muito forte. Tentei afastá-la, era só uma fantasia, uma contração dos nervos, uma indigestão passageira. Levantei-me,

espreguicei, respirei fundo e procurei pensar em coisas boas. Não consegui. Balancei a cabeça, fui à cozinha beber água e lá estava.

Lá estava.

Fiquei na frente da geladeira e olhei não sei por quanto tempo, só fiquei olhando, feito idiota.

Presa na porta da geladeira com um dos pequenos ímãs em forma de fruta tropical, estava a cabeça de uma boneca Barbie. Eu não lembrava de ter colocado aquilo lá. Não lembrava sequer de ter uma. Era o tipo de coisa de que eu me lembraria.

Peguei a pequena cabeça de plástico. Ela balançou devagar, batendo na porta da geladeira com um pequeno som, *tac*. Girou um pouquinho até a Barbie olhar para mim alerta, com o interesse de um *collie*. Olhei para trás.

Sem saber direito o que e por que estava fazendo aquilo, abri a porta da geladeira. Dentro, deitado na gaveta de gelo, estava o corpo da Barbie. Os braços e pernas tinham sido arrancados e o corpo, quebrado na cintura. Os pedaços estavam empilhados, perfeitamente embrulhados e amarrados com barbante rosa. Numa das mãozinhas da boneca havia um pequeno acessório, um espelho da Barbie.

Após um longo instante, fechei a porta da geladeira. Eu queria me deitar no chão e apertar a cara no linóleo frio. Mas puxei a cabeça da Barbie com o dedo mínimo. Ela bateu *tac tac* na porta. Puxei de novo. *Tac tac*. Oba, eu tinha um novo *hobby*.

Deixei a boneca lá e voltei para minha poltrona, me enfiei bem nas almofadas e fechei os olhos. Sabia que tinha de estar inquieto, irritado, amedrontado, invadido, cheio de uma compreensível hostilidade e raiva paranoica. Não estava. Eu estava... o quê? Mais do que um pouco tonto. Ansioso, talvez, ou será que era alegre?

Não havia, é claro, nenhuma dúvida sobre quem tinha estado no meu apartamento. A menos que eu conseguisse engolir a ideia de que algum estranho, por motivos ignorados, tivesse escolhido meu apartamento ao acaso como lugar ideal para colocar sua Barbie decapitada.

Não. Eu tinha sido visitado por meu artista preferido. Como ele me descobriu não era importante. Naquela noite, na estrada, era fácil anotar a minha placa. Escondido atrás do posto de gasolina, ele teve bastante tempo para me observar. Depois, qualquer pessoa que soubesse mexer em um computador poderia encontrar o meu endereço. Então, seria fácil entrar no apartamento, dar uma olhada e deixar um recado.

O recado era o seguinte: a cabeça estava separada, os pedaços do corpo enfiados na minha bandeja de gelo com o maldito espelho outra vez. Somado ao

total desinteresse por tudo mais que havia no apartamento, a conclusão era uma só.

Qual?

O que ele estava dizendo?

Podia ter deixado qualquer coisa ou nada. Podia ter enfiado uma faca de açougueiro ensanguentada no coração de uma vaca e deixado no meu linóleo. Ainda bem que não fez isso (seria uma sujeira), mas por que a Barbie? À parte o fato óbvio de que a boneca repetia o assassinato mais recente, por que me falar nele? E será que aquilo era mais sinistro do que algum outro recado suave e pegajoso... ou menos? Será que era: “Estou de olho em você e vou pegá-lo?”.

Ou será que estava perguntando: “Olá, quer brincar?”.

E eu queria. Claro que queria.

Mas e o espelho? Incluí-lo dessa vez dava um sentido que ia muito além do caminhão e da perseguição na estrada. Agora tinha de haver um sentido bem maior. Só o que eu podia concluir era: “Olhe para você mesmo”. E qual o sentido? Por que eu devia olhar para mim mesmo? Não sou tão vaidoso para gostar de espelho... pelo menos em relação à minha aparência física. E por que eu ia querer me olhar, quando queria mesmo era ver o assassino? Portanto, o espelho tinha outro sentido que eu não estava percebendo.

Mesmo aí, eu não tinha certeza. Era possível que não tivesse sentido nenhum. Eu não queria pensar isso de um artista tão elegante, mas era possível. E o recado podia muito bem ser pessoal, louco, sinistro. Não havia como saber. Assim, não tinha jeito também de saber o que eu devia fazer. Se é que realmente devia fazer alguma coisa.

Fiz a escolha humana. É engraçado, quando se pensa nisso: eu fazer a escolha humana. Harry se orgulharia de mim. Humanamente, então, preferi não fazer nada. Esperar e ver. Não ia comunicar o que tinha acontecido. Afinal, o que tinha a dizer? Não levaram nada. Não havia o que dizer oficialmente, exceto: “Ah, capitão Matthews, acho que preciso avisar que entraram no meu apartamento e deixaram uma boneca Barbie na geladeira”.

Aquilo soava bem. Eu tinha certeza de que ia funcionar no departamento. Talvez o sargento Doakes investigasse pessoalmente e finalmente mostrasse alguns talentos ocultos para interrogatório sem restrições legais. E talvez eles simplesmente me jogassem numa lista de Mentalmente Incapazes para o Trabalho, com a pobre Deb, já que oficialmente o caso estava encerrado e, mesmo se fosse reaberto, não tinha nada a ver com bonecas Barbie.

Eu não tinha realmente nada a dizer, pelo menos nada que conseguisse explicar. Assim, arriscado a levar outra forte cotovelada, não ia contar nem para Deborah. Por motivos que não conseguiria explicar nem para mim, aquilo era

pessoal. E, ao considerá-lo assim, havia uma chance maior de me aproximar do meu visitante. Para levá-lo à justiça, claro. Naturalmente.

Após tomar a decisão, fiquei mais leve. Quase tonto, na verdade. Não tinha ideia de no que aquilo podia se transformar, mas estava pronto a enfrentar o que viesse. A sensação permaneceu a noite toda e até o dia seguinte no trabalho, enquanto eu preparava um relatório do laboratório, consolava Deb e roubava uma rosquinha de Vince Masuoka. A sensação continuou comigo ao voltar para casa, em meio ao alegre e homicida trânsito noturno. Eu estava num estado de alerta zen, preparado para qualquer surpresa.

Ou era o que eu achava.

Tinha acabado de chegar ao meu apartamento, reclinar-me na poltrona e relaxar, quando o telefone tocou. Deixei tocar. Queria respirar um pouco e não conseguia pensar em nada que não pudesse esperar. Além disso, paguei quase cinquenta dólares por uma secretária eletrônica. Deixa ela mostrar que vale o preço.

Dois toques. Fechei os olhos. Inspirei. Relaxa, meu velho. Três toques. Expirei. A secretária fez um clique e meu recado lindamente cosmopolita começou a ser transmitido.

“Olá, no momento não posso atender, mas ligo para você assim que possível. Deixe o seu recado após o bipe. Obrigado.”

Que lindo tom de voz. Que humor ácido! Ao mesmo tempo, um genuíno bom recado. Soava quase humano. Eu estava bem orgulhoso. Inspirei de novo, ouvindo o melodioso BIIIIIP! que
se seguiu.

– Olá, sou eu.

Uma voz feminina. Não era Deborah. Senti uma pálpebra contrair-se de irritação. Por que tanta gente começa o recado dizendo “Sou eu”? Claro que é você. Nós sabemos. Mas quem É você, porra? No meu caso, as opções eram poucas. Eu sabia que não era Deborah. Não parecia ser LaGuerta, embora tudo fosse possível. Portanto, só podia ser...

Rita?

– Hum, desculpe, eu... – Um longo expirar. – Olha, Dexter, desculpe. Pensei que você fosse me ligar e, como não ligou, eu... – Outro longo expirar. – Mas precisamos conversar. Porque percebi... quer dizer... ah, droga. Pode, hum, me ligar? Se... você sabe.

Eu não sabia. Não mesmo. Não tinha ideia de quem fosse. Será que era a Rita mesmo?

Outro longo suspiro. – Desculpe se... – Pausa bem longa. Duas respirações. Inspirar, expirar. Inspirar profundamente e de repente expirar. – Por favor, me

ligue, Dexter. Só... – Longa pausa. Outro suspiro. E desligou.

Muitas vezes na minha vida eu senti que estava perdendo alguma coisa, alguma peça fundamental do quebra-cabeça que todo mundo carrega sem pensar nele. Não costumo me incomodar, já que na maioria das vezes acaba sendo uma peça incrivelmente idiota do comportamento humano, tipo entender as regras de meio-campo no beisebol ou não transar logo no primeiro encontro.

Essa foi uma das vezes.

Eu sabia que Rita devia estar se referindo a alguma coisa bem específica, que as pausas e gagueiras se referiam a uma coisa grande e maravilhosa que um macho humano entenderia na hora. Mas eu não tinha qualquer pista do que poderia ser, nem como descobrir. Será que devia contar o número de respirações na gravação? Somar a quantidade de pausas e depois procurar esse número nos versículos da Bíblia para chegar ao código secreto? O que ela estava querendo me dizer? Por que, aliás, estava querendo me dizer alguma coisa?

Pelo que entendi, quando beijei Rita naquele impulso estranho e idiota, ultrapassei uma linha que tínhamos combinado respeitar. Agora, não tinha como desfazer a coisa, como voltar atrás. À sua maneira, o beijo tinha sido um assassinato. De qualquer forma, era confortador pensar assim. Eu tinha matado a nossa cuidadosa relação ao enfiar a língua no coração dela e empurrá-la num precipício. *Bum*, morreu. Desde aquele dia, eu não tinha nem pensado em Rita. Ela estava acabada, fora da minha vida graças a um capricho incompreensível.

E agora me ligava e gravava a respiração para o meu prazer.

Por quê? Será que estava querendo me castigar? Me xingar, esfregar meu nariz na minha loucura, me obrigar a entender o tamanho da minha agressão?

Comecei a ficar bem irritado com aquela coisa toda. Andei pelo apartamento. Por que tinha de pensar em Rita? Havia coisas mais importantes com as quais me preocupar naquele momento. Rita era apenas o meu disfarce, uma roupa boba de criança usada nos fins de semana para esconder que eu era um sujeito que fazia o que aquele cara interessante estava fazendo, mas eu não tinha feito aquilo.

Será que era ciúme? Claro que eu não estava fazendo aquelas coisas. Por enquanto, estava satisfeito. Certamente não ia fazer de novo tão cedo. Era arriscado demais. E não tinha preparado nada.

Mesmo assim...

Fui para a cozinha e mexi na cabeça da Barbie. *Tac*. *Tac tac*. Eu estava sentindo alguma coisa. Vontade de brincar? Enorme e profunda preocupação? Ciúme profissional? Não sabia dizer e a Barbie não falava.

Era simplesmente demais. A confissão obviamente falsa, a violação do meu canto mais íntimo e agora, ainda por cima, a Rita? Um homem não aguenta

tanto. Mesmo um falso homem como eu. Comecei a ficar inquieto, tonto, confuso, agitado e letárgico ao mesmo tempo. Fui até a janela e olhei lá fora. Estava escuro e, longe, sobre a água, surgiu uma luz no céu; ao vê-la, uma vozinha má veio bem de dentro de mim.

Lua.

Um cochicho no meu ouvido. Não chegava a ser um som, só a leve impressão de alguém dizendo o seu nome, quase ouvido ali por perto. Bem perto, talvez se aproximando mais. Sem palavras, só um seco roçar de não voz, um não som, um sussurro. Fiquei com o rosto quente e de repente passei a ouvir minha respiração. A voz voltou, suave, no meu ouvido. Virei-me, embora soubesse que não havia ninguém lá e que não era o meu ouvido, mas meu caro amigo dentro de mim, despertado por sei lá o que e pela lua.

Que gorda e feliz lua tagarela. Ah, quanta coisa ela tinha a dizer. Por mais que tentasse argumentar que aquela não era a hora, que ainda era muito cedo, que eu tinha outras coisas a fazer naquele momento, coisas importantes... a lua tinha resposta para tudo e mais ainda. Assim, embora eu ficasse lá por quinze minutos e argumentasse, não havia dúvida.

Fui ficando desesperado, usei todos os meus truques e, quando falharam, fiz algo que me deixou profundamente chocado. Liguei para Rita.

– Ah, Dexter – ela disse. – É que eu... estava com medo. Obrigada por ligar. Eu...

– Eu sei – eu disse, embora, é claro, não soubesse.

– Será que nós poderíamos... não sei o que você... posso encontrar você mais tarde... gostaria muito de falar com você.

– Claro – concordei. Combinamos de nos encontrar mais tarde em sua casa e fiquei pensando o que se passava na cabeça dela. Violência? Choro de recriminação? Xingar bastante? Para mim, aquela área era desconhecida... eu podia estar pisando em qualquer coisa.

Depois que desliguei o telefone, fiquei quase meia hora totalmente distraído até a suave voz interior se inserir na minha cabeça com calma insistência para dizer que aquela noite tinha de ser especial.

Senti-me empurrado de volta para a janela e lá estava ela outra vez, a enorme e feliz cara no céu, a lua gargalhante. Fechei a cortina e me afastei, andei de um cômodo a outro, tocando nas coisas e dizendo a mim mesmo que estava conferindo se faltava alguma coisa, sabendo que não faltava e sabendo também por quê. A cada volta que eu dava pelo apartamento, me aproximava mais da mesinha da sala com meu computador, sabendo o que eu queria e, ao mesmo tempo, não queria fazer até que finalmente, quarenta e cinco minutos depois, a vontade era muito grande. Fiquei tonto demais para permanecer em pé e pensei

em simplesmente desmoronar na cadeira, já que estava próxima e, como eu estava ali, liguei o computador e assim...

Não, eu não estou preparado, pensei.

Mas claro que isso não importava. Eu estar preparado não fazia diferença. *Ele* estava preparado.

CAPÍTULO 14

~

EU TINHA QUASE CERTEZA DE QUE ERA ELE, embora, nas ocasiões anteriores, nunca tivesse só *quase* certeza. Senti-me fraco, bêbado, meio enjoado, num misto de nervosismo, incerteza e total erro... mas claro que o Passageiro das Trevas estava agora no banco de trás e o que eu sentia não importava mais, porque *ele* estava forte, frio, ansioso e pronto. Ele ia crescendo dentro de mim, surgindo dos cantos escuros de Dexter, no meu cérebro de lagarto, um subir e aumentar que só podia acabar de um jeito e, sendo assim, tinha de ser esse o cara.

Eu o descobrira vários meses antes, mas, após observar um pouco, decidi que o padre era garantido, enquanto aquele cara podia esperar mais um pouco.

Eu estava bastante enganado. Descobri naquele momento que o cara não podia esperar mais.

Ele morava numa ruazinha em Coconut Grove. A poucos quarteirões de sua mísera casinhola, os moradores de um lado da rua eram negros de baixa renda e havia churrascarias e igrejas caindo aos pedaços. No sentido oposto, a uns quinhentos metros, milionários viviam em enormes casas modernas e

construíram muros de coral para afastar de lá gente como ele. Mas Jamie Jaworski ficava bem no meio, na casa que dividia com um milhão de baratas e o cachorro mais feio que já vi.

Mesmo assim, era uma casa que ele não devia ter condição de comprar. Jaworski era porteiro da Escola Primária Ponce de Leon e acho que essa era sua única fonte de renda. Trabalhava lá três vezes por semana, o que deveria dar o suficiente para viver e mais nada. Claro, eu não estava interessado nas finanças dele. Estava interessado era no fato de ter havido um aumento pequeno, mas significativo, de crianças desaparecidas naquela escola desde que ele começou a trabalhar lá. Todas meninas louras, de doze a treze anos.

Cabelos louros. Isso é importante. Por algum motivo, é o tipo de detalhe que a polícia costuma desprezar, mas que sempre chama a atenção de uma pessoa como eu. Talvez o sujeito não fosse politicamente correto, pois meninas morenas de cabelos pretos deveriam ter a mesma oportunidade de serem sequestradas, molestadas sexualmente e depois mortas na frente de uma câmera, você não acha?

Jaworski costumava ser também a última pessoa a ter visto as meninas. A polícia conversou com ele, deteve-o por uma noite, interrogou-o e não conseguiu acusá-lo de nada. Claro, eles tinham de atender a determinadas exigências legais insignificantes. Tortura, por exemplo, não costumava ser vista com bons olhos. E, sem ser forçado por alguma coisa bem forte, Jamie Jaworski jamais contaria seu *hobby*. Garanto.

Mas eu sabia que era ele quem estava fazendo. Ajudava aquelas meninas a sumirem em rápidas e finais carreiras de cinema, fotografando-as em poses sensuais. Eu tinha quase certeza. Não encontrei pedaços de corpo, nem o vi matando, mas tudo se encaixava. E consegui encontrar na internet algumas fotos bem criativas de três das meninas desaparecidas. Não pareciam muito contentes nas fotos, embora algumas coisas que estavam fazendo supostamente alegrassem, pelo que ouvi dizer.

Não podia ligar Jaworski às fotos. Mas o endereço de correspondência era em South Miami, a alguns minutos da escola. E ele estava morando num lugar acima de suas posses. De todo jeito, eu estava me lembrando cada vez mais, graças à voz no escuro banco traseiro, que eu estava descompassado, que aquele não era um caso onde a certeza fosse muito importante.

Fiquei preocupado com o cachorro feio. Cães são sempre um problema. Não gostam de mim e costumam gostar menos ainda do que faço com seus donos, principalmente porque não divido as partes boas. Precisava encontrar uma forma de chegar a Jaworski sem passar pelo cachorro. Talvez ele saia da casa. Se não, eu tinha de achar como entrar.

Passei de carro três vezes pela casa de Jaworski, mas não tive nenhuma ideia. Precisava de um pouco de sorte antes que o Passageiro das Trevas me obrigasse a fazer alguma coisa apressada. E exatamente quando meu caro amigo começou a sugerir baixinho coisas imprudentes, tive meu quinhão de sorte. Passei de carro na hora em que Jaworski saía da casa e entrava em seu surrado Toyota vermelho. Reduzi a marcha ao mínimo e num instante ele ligou a picape e seguiu em direção à estrada Douglas. Dei a volta e fui atrás.

Eu não tinha ideia de como ia fazer aquilo. Não estava preparado. Não tinha um lugar seguro, nem avental limpo, só um rolo de fita adesiva e uma faca para peixe sob o assento do carro. Não podia ser visto, notado e tinha de ser perfeito, embora não soubesse como. Detestava improvisar, mas não tinha escolha.

Mais uma vez, tive sorte. O trânsito estava bom enquanto Jaworski seguia rumo sul para a antiga estrada Cutler e, uns quinhentos metros depois, entrou à esquerda na direção do mar. Mais um enorme lançamento imobiliário estava sendo construído para melhorar a vida de todos nós, transformando árvores e animais em cimento e velhos de Nova Jersey. Jaworski passou devagar pela obra, pelo campo de golfe meio demarcado com bandeirolas mas sem grama, até quase chegar à água. A lua estava escondida atrás da estrutura de um grande quarteirão de prédios em construção. Fiquei bem longe, apaguei os faróis e fui me aproximando de carro para ver o que o meu rapaz ia fazer.

Jaworski passou ao lado dos futuros condomínios e estacionou. Saiu da pequena picape e ficou entre ela e um monte de areia. Olhou em volta um instante enquanto eu entrei no acostamento e desliguei o carro. Jaworski ficou observando os condomínios e a estrada até a água. Pareceu satisfeito e entrou no prédio em construção. Eu tinha quase certeza de que ele estava procurando um guarda. Eu também estava. Esperava que ele tivesse feito seu dever de casa. Em geral, nesses lançamentos imobiliários enormes, um guarda fica circulando por toda a área num carrinho de golfe. Economiza dinheiro e, de todo jeito, estamos em Miami. Uma parte das despesas de qualquer projeto imobiliário é para o material de construção que vai sumir sem fazer barulho. Eu tinha a impressão de que Jaworski queria ajudar a construtora a preencher sua cota de material desaparecido.

Saí do carro e guardei a faca para peixe e a fita adesiva numa sacola barata que tinha levado. Já estavam nela umas luvas emborrachadas de jardinagem e algumas fotos, pouca coisa. Pequenas fotos que eu tinha baixado da internet. Pendurei a sacola no ombro e caminhei lentamente pela noite até chegar à estropiada picapezinha dele. O chão estava tão vazio quanto a cabine. Montes de copos e sacos do Burger King, maços de Camel vazios. Tudo era pequeno e sujo como o próprio Jaworski.

Olhei. Por cima da silhueta do condomínio em obras, vi o brilho da lua. Um vento noturno soprou no meu rosto, trazendo todos os cheiros encantadores de nosso paraíso tropical: óleo diesel, vegetação definhando, cimento. Respirei fundo e voltei a pensar em Jaworski.

Ele estava em algum lugar dentro do esqueleto do prédio. Eu não sabia de quanto tempo dispunha e uma certa vozinha me apressava. Deixei a picape e entrei no prédio. Quando passei pela porta, ouvi a voz dele. Ou melhor, ouvi um estranho chiado, um som que tinha de ser ele ou...

Parei. O som vinha do outro lado e fui até lá sem fazer barulho. Havia um cano subindo pela parede, era o condutor elétrico. Encostei a mão nele e senti que vibrava como se alguma coisa estivesse passando dentro.

Acendeu uma luz na minha cabeça. Jaworski estava roubando fios de iluminação. O cobre era bem caro e havia um próspero mercado negro para compra de todo tipo. Era mais um jeitinho de aumentar o parco salário de porteiro, ajudando a cobrir o longo período de escassez financeira entre o desaparecimento de uma menina e outra. Ele podia faturar centenas de dólares com uma carga de cobre.

Depois que descobri o que ele ia fazer, comecei a ter uma vaga ideia. Pelo som, ele estava em algum lugar acima de mim. Poderia encontrá-lo com facilidade, observá-lo até chegar a hora e atacar. Mas eu estava praticamente sem proteção, totalmente exposto e despreparado. Estava acostumado a fazer aquilo de uma determinada maneira. Sair das minhas redondezas seguras fazia com que eu me sentisse muito desconfortável.

Um pequeno tremor percorreu minha espinha. Por que eu estava fazendo aquilo?

A resposta imediata, claro, era que eu não estava fazendo nada. Quem estava era o meu caro amigo no escuro banco de trás. Eu estava ali porque tinha carteira de motorista. Mas tínhamos feito um acordo, ele e eu. Tínhamos conseguido uma vida cuidadosa e equilibrada, uma forma de conviver através de nossa solução Harry. E agora ele estava ultrapassando os limites cuidadosos e lindos que Harry demarcou com giz. Por quê? Raiva? Será que a invasão da minha casa deixou-o tão irritado que saiu para se vingar?

Achei que ele não *estava* zangado comigo... como sempre, ele estava frio, calmamente divertido, ansioso para pegar sua presa. Eu também não estava zangado. Estava... meio bêbado, alto como uma pipa no céu, me equilibrando no fio da navalha da euforia, cambaleando numa série de ondas internas, bem parecidas com o que sempre imaginei que fosse uma emoção. Essa vertigem me levou para aquele lugar perigoso, sujo e não planejado, para fazer algo no calor do momento, que antes eu sempre preparei com cuidado. Apesar disso, eu queria

muito fazer. *Tinha* de fazer.

Pois muito bem. Mas não precisava fazer sem a roupa adequada. Olhei em volta. Num canto, havia uma grande pilha de gesso cartonado envolto em plástico. Num instante, fabriquei com o plástico um avental e uma estranha máscara transparente. Apertei bem até minhas feições ficarem irreconhecíveis. Passei as pontas do plástico atrás da cabeça e dei um nó desajeitado. Virei um perfeito anônimo. Pode parecer bobagem, mas eu costumava caçar de máscara. E, à parte uma compulsão neurótica por fazer tudo *direito*, era apenas menos uma coisa para pensar. Peguei as luvas na sacola e calcei-as. Estava pronto.

Encontrei Jaworski no terceiro andar. Com um monte de fios de cobre aos pés. Fiquei no canto escuro da escada e observei-o puxar o fio. Encostei-me à parede da escada e abri a sacola. Grudei fita adesiva nas fotos que tinha trazido. Lindas fotos das meninas desaparecidas, numa série de poses comovedoras e bastante explícitas. Prendi-as nas paredes de concreto onde Jaworski iria vê-las assim que passasse pela porta da escada.

Olhei de novo para ele. Puxava mais uns vinte metros de fio. O fio prendeu em alguma coisa e não saía mais do condutor. Jaworski puxou o fio duas vezes, depois pegou do bolso traseiro duas pesadas tesouras e cortou-o. Juntou os que estavam a seus pés e enrolou-os. Depois, foi para a escada... onde eu estava.

Encolhi-me na parede da escada e esperei.

Jaworski não estava preocupado com o barulho. Não esperava que ninguém o interrompesse... e certamente não esperava me ver. Ouvi os passos dele e o fio sendo arrastado. Mais perto...

Atravessou a porta e deu um passo sem perceber minha presença. Aí, viu as fotos.

– *Uof* – fez, como se tivesse recebido um bom soco no estômago. Ficou olhando, de boca aberta, sem conseguir sair do lugar, e me posicionei por trás, com a faca em seu pescoço.

– Não se mexa, nem fale – avisei.

– Ei, *peraí*... – ele disse.

Girei um pouco o pulso e enfiei a ponta da faca embaixo do queixo dele. Ele sibilou ao ver o pequeno e horrível esguicho de sangue. Aquilo era totalmente desnecessário. Por que algumas pessoas não obedecem ao que se pede?

– Eu mandei não fazer barulho – nós dissemos, e ele ficou quieto.

O único som que se ouviu a seguir foi o da fita adesiva sendo desenrolada, Jaworski respirando e o riso baixo do Passageiro das Trevas. Grudei a fita sobre a boca dele, enrolei nos pulsos do porteiro um pouco de seu precioso fio de cobre e puxei-o para cima de outra pilha de gesso cartonado envolto em plástico.

Em poucos minutos, ele estava bem preso sobre a falsa mesa.

– Vamos conversar – dissemos, na voz calma e educada do Passageiro das Trevas.

Ele não sabia que era permitido falar e, de todo jeito, a fita adesiva dificultava, então ficou calado.

– Vamos falar de desaparecimentos – dissemos, arrancando a fita adesiva da boca dele.

– Êêêiii... hum... *doquevos* está falando? – perguntou. Mas não foi muito convincente.

– Acho que você sabe do que é – nós dissemos.

– Nãão – ele disse.

– Siiiim – dissemos.

Provavelmente, uma palavra a mais. Meu tempo estava se esgotando, a noite estava acabando. Mas ele ficou corajoso. Olhou para minha cara brilhosa.

– Você é o quê, um tira ou alguma coisa assim? – perguntou.

– Não – respondemos, e cortamos a orelha esquerda dele. Era o que estava mais próximo. A faca foi rápida e por um instante ele ficou sem acreditar que aquilo estava acontecendo com ele, nunca mais teria orelha esquerda. Joguei então a orelha no peito de Jaworski para ele acreditar. Arregalou os olhos e encheu os pulmões para berrar, mas enfiei um maço de plástico em sua boca.

– Nada disso, podem acontecer coisas piores – avisamos. Elas iam ocorrer, ah, sem dúvida, mas por enquanto ele não precisava saber.

– E os desaparecimentos? – perguntamos, gentil e friamente, olhando-o um instante para garantir que não ia gritar, depois tiramos o plástico.

– Meu Deus, a minha orelha... – espantou-se ele, com voz rouca.

– Você tem outra igual. Conte para nós sobre as meninas daquelas fotos – pedimos.

– Para nós? Como assim, nós? Meu Deus, está doendo – lamentou.

Tem gente que simplesmente não entende. Enfiei o plástico em sua boca outra vez e pus mãos à obra.

Quase me animei, foi fácil, considerando a situação. Meu coração batia como louco e tive de me esforçar muito para não tremer a mão. Mas comecei o trabalho, explorando, procurando alguma coisa que estava sempre além da ponta dos meus dedos. Era excitante... e terrivelmente frustrante. A pressão dentro de mim aumentava, subia até meus ouvidos e berrava para se libertar... mas a libertação não vinha. Só a pressão crescente e a impressão de que alguma coisa maravilhosa esperava, fora dos meus sentidos, que eu a descobrisse e entrasse nela de cabeça. Mas não a encontrei e nenhum dos meus velhos procedimentos me deu qualquer prazer. O que fazer? Na confusão, cortei uma veia que formou

uma horrível poça de sangue no plástico em volta do porteiro. Parei um instante, esperando uma resposta, não encontrei nenhuma. Olhei lá fora, pela moldura da janela. Fiquei fixado, me esqueci até de respirar.

A lua estava sobre a água. Por algum motivo que eu não sabia explicar, aquilo pareceu tão certo, tão *necessário*, que fiquei um instante apenas olhando a água lá longe, emitindo uma luz tremeluzente, tão absolutamente perfeita. Estremeci, meu corpo bateu na falsa mesa e voltei à consciência. Mas a lua... ou será que foi a água?

Tão perto... fiquei tão perto de alguma coisa que quase senti o cheiro dela, mas o que era? Um calafrio percorreu meu corpo... e isso também foi muito certo, tão certo que detonou uma série de calafrios até que meus dentes começaram a bater. Mas por quê? O que significava? Alguma coisa estava lá, algo *importante*, uma pureza e uma clareza esmagadoras na luz da lua e na água pouco além da ponta da minha faca para peixe e eu não conseguia pegá-la.

Olhei para o porteiro. Fiquei com muita raiva dele, por causa do jeito em que estava, cheio de marcas improvisadas e sangue desnecessário. Mas era difícil continuar irritado com a linda lua da Flórida sobre mim, a brisa tropical soprando, os belos sons noturnos de fita adesiva e o pânico respirando. Quase ri. Tem gente que escolhe morrer por motivos bem incomuns, mas aquele horrendo insetinho estava morrendo por causa de fio de cobre. E a expressão no rosto dele: tão magoado, confuso e desesperado. Seria risível, se eu não estivesse tão frustrado.

Ele realmente merecia um esforço maior de minha parte; afinal, não tinha culpa por eu estar fora do meu estilo normal. Ele nem era vil o bastante para estar no topo da minha lista de COISAS A FAZER. Era apenas uma repulsiva lesminha que matava crianças para ganhar dinheiro e excitação e, pelo que eu sabia, só matou quatro ou cinco. Quase fiquei com pena. Ele realmente não estava preparado para enfrentar times maiores.

Ah, bom. Voltemos ao trabalho. Fiquei ao lado de Jaworski. Ele agora não se debatia muito, mas ainda estava bem vivo para a aplicação dos meus métodos habituais. Claro que nessa noite eu não dispunha dos meus apetrechos altamente profissionais e a coisa podia ser um pouco dura para ele. Mas, como um autêntico artista experiente, ele não reclamou. Senti uma onda de afeto, fiz uma abordagem mais lenta e me dediquei por algum tempo às mãos dele. Ele reagiu com bastante entusiasmo e mudei de assunto, perdido numa alegre pesquisa.

De vez em quando, seus gritos abafados e o louco debater faziam com que eu voltasse a mim. E lembrei que não tinha nem confirmado sua culpa. Esperei que se acalmasse e tirei o plástico da boca dele.

– Os desaparecimentos? – nós perguntamos.

– Ah, Jesus. Ah, meu Deus. Ah, Jesus – ele disse, fraco.

– Acho que não, acho que esquecemos de falar nisso – dissemos.

– Por favor, ah, por favor... – ele pediu.

– Fale sobre os desaparecimentos – nós mandamos.

– Certo – ele respirou.

– Você pegou aquelas meninas.

– Sim...

– Quantas foram?

Ele respirou por um instante. Estava de olhos fechados e achei que podia ter morrido um pouco cedo. Finalmente, abriu os olhos e me viu.

– Foram cinco. Cinco belezinhas. Não me arrependo – disse ele, enfim.

– Claro que não. Agora, eu também não – dissemos. E coloquei a mão em seu braço. Foi um lindo instante.

Enfiei o plástico na sua boca e voltei ao trabalho. Mas eu tinha apenas retomado o meu ritmo quando ouvi o guarda chegar lá embaixo.

Capítulo 15

~

Foi a estática do radiotransmissor que entregou o guarda. Quando a ouvi, eu estava totalmente absorto em algo que nunca tinha experimentado antes. Estava trabalhando no torso de Jaworski com a ponta da faca e sentia as primeiras reações de formigamento na espinha e nas pernas, não queria parar. Mas um radiotransmissor... era pior do que apenas um guarda chegando. Se ele pedisse reforço ou mandasse bloquear a estrada, eu teria certa dificuldade em explicar algumas coisas que andei fazendo.

Olhei para Jaworski. Estava quase terminado, mesmo assim não fiquei satisfeito com a forma como as coisas se passaram. Estava uma bagunça enorme e eu não tinha descoberto o que procurava. Houve alguns momentos em que me senti à beira de algo maravilhoso, alguma revelação incrível... qual? A água escorrendo pela janela?... Porém a revelação não veio. E eu com um serviço por terminar naquele estuprador de crianças, me sentindo sujo e insatisfeito, e ainda por cima com um guarda vindo ao nosso encontro.

Detesto apressar o final. É um momento tão importante e um verdadeiro alívio para nós dois, o Passageiro das Trevas e eu. Mas que opção eu tinha? Por

um longo instante (longo demais, realmente, fico muito envergonhado), pensei em matar o guarda e continuar o trabalho. Seria fácil e eu poderia prosseguir explorando, num novo começo...

Não. Claro que não. Não era certo. O guarda era inocente, tão inocente quanto qualquer pessoa pode ser, mesmo morando em Miami. Ele decerto não tinha feito nada pior do que, algumas vezes, atirar em outros motoristas na via expressa Palmetto. Era uma pessoa praticamente tão imaculada quanto a neve. Não, eu tinha de sair dali logo e pronto. Se era obrigado a largar o porteiro sem terminar o trabalho e continuar insatisfeito, bom, tomara que na próxima vez eu tenha mais sorte.

Olhei aquele imundo insetinho e tive muito nojo. Ranho e sangue escorriam dele ao mesmo tempo, a feia poça de sangue formava bolhas em sua cara. Um medonho fio vermelho saía da boca. Num súbito ataque de irritação, cortei a garganta de Jaworski. Imediatamente, me arrependi da precipitação. Apareceu uma horrível fonte de sangue e, ao ver aquilo, tudo ficou parecendo mais lastimável, um confuso erro. Eu me senti sujo e insatisfeito, corri para a escada. Fui seguido por um resmungo frio e arrogante do meu Passageiro das Trevas.

Saí no segundo andar e andei encostado à parede até uma janela sem vidraças. Lá embaixo, estava parado o carrinho de golfe do guarda, apontando na direção da antiga estrada Cutler, o que significava, esperava eu, que ele tinha vindo pelo outro lado e não vira o meu carro. Junto ao carrinho, um jovem gordo e moreno, de cabelos pretos como o fino bigode, olhava para cima... por sorte, olhava para o outro lado, naquele momento.

O que ele teria ouvido? Será que estava na ronda normal? Eu tinha de esperar que sim. Se ele ouviu alguma coisa... se ficou lá fora e pediu ajuda, eu provavelmente ia ser pego. E, por mais esperto e falante que fosse, não era tão bom de papo para me safar dessa.

O jovem guarda cofiou o bigode e puxou-o, como para ajudar a engrossar os fios. Franziu o cenho, passou os olhos pela frente do prédio. Tirei a cabeça da janela. Quando olhei de novo, um instante depois, só vi o alto de sua cabeça. Estava entrando no prédio.

Esperei até ouvi-lo subindo a escada. Fiquei do lado de fora da janela, entre o primeiro e o segundo andares, segurando no áspero parapeito de cimento e pulei. Caí com força, um tornozelo bateu numa pedra, raspei o nó de um dedo. O mais rápido que consegui, fui mancando no escuro em direção ao meu carro.

Meu coração batia forte quando finalmente entrei no carro. Olhei para trás e não vi sinal do guarda. Liguei o carro e, de faróis apagados, dirigi o mais rápido e mais silenciosamente que pude para a antiga estrada Cutler, rumo a South Miami, pegando o longo caminho para casa pela via expressa Dixie. As batidas

do meu coração ainda latejavam nos meus ouvidos. Como fui assumir um risco tão idiota. Nunca fizera algo tão impulsivo, nunca agi sem um cuidadoso planejamento. Era esse o Estilo Harry: tenha cuidado, seja seguro, prepare-se. Os Escoteiros das Trevas.

Mas não, fui fazer daquele outro jeito. Podia ter sido pego. Podia ter sido visto. Idiota, idiota... se não tivesse ouvido o radiotransmissor do jovem guarda naquela hora, podia ser obrigado a matá-lo. Matar um homem inocente de forma violenta; eu tinha certeza de que Harry não aprovaria. Além do mais, foi tão confuso e desagradável.

Claro que eu ainda não estava a salvo, o guarda poderia muito bem ter anotado a placa do meu carro ao passar com o carrinho de golfe. Corri um perigo desatinado e terrível, fui contra todos os meus cuidadosos procedimentos, arrisquei a minha vida tão cuidadosamente montada... para quê? Um assassinato emocionante? Que vergonha. Bem no fundo da minha cabeça, ecoou a frase *Ah, sim, que vergonha* e ouvi o risinho conhecido.

Respirei fundo e olhei minha mão no volante. Mas *tinha* sido emocionante, não? Tinha sido muito excitante, cheio de emoção, novas sensações e enorme frustração. Tinha sido algo completamente novo e interessante. E a estranha impressão de que foi em outro lugar, um lugar importante que era ao mesmo tempo novo e conhecido... e na próxima vez eu teria de explorar isso um pouco melhor.

Não que fosse haver uma próxima vez, claro. Eu certamente nunca mais faria uma coisa tão idiota e impulsiva. Nunca. Mas fazer uma vez... foi meio divertido.

Não importa. Eu voltaria para casa, tomaria um banho excepcionalmente longo e na hora que terminasse...

Hora. A palavra veio à minha cabeça sem querer, sem que eu perguntasse. Eu tinha concordado em encontrar Rita às... exatamente àquela hora, segundo o relógio do painel. E com que obscura finalidade? Impossível saber o que se passa na cabeça das mulheres. Por que eu tinha de pensar no “para quê” numa hora daquelas, quando todos os meus terminais nervosos estavam ligados e berrando de frustração? Não me interessava o que Rita queria gritar comigo. Não ia me incomodar, quaisquer que fossem as duras críticas que ela fizesse aos meus defeitos de caráter, mas era irritante ser obrigado a perder tempo ouvindo, quando eu tinha coisas bem mais importantes para pensar. Queria pensar, principalmente, no que deveria ter feito e não fiz com o caro e finado Jaworski. Até o auge cruelmente interrompido e inacabado, tantas coisas novas tinham ocorrido que exigiam o meu melhor esforço mental. Eu precisava refletir, avaliar e compreender aonde tinham me levado. E qual era a relação com aquele artista

lá, que estava me toldando e me desafiando com seu trabalho?

Com tanta coisa para pensar, por que eu precisaria de Rita exatamente naquele momento?

Mas claro que eu ia. E claro também que teria uma pequena finalidade, caso precisasse de um álibi para minha aventura com o pequeno porteiro. “Detetive, como você pode pensar que eu...? Além do mais, nessa hora eu estava brigando com minha namorada. Ah, ex-namorada, na verdade.” Pois não havia qualquer dúvida na minha cabeça de que Rita queria apenas... qual é a palavra que se usa hoje em dia? Desabafar? É, Rita queria que eu fosse lá para desabafar. Eu tinha uns defeitos de caráter grandes que ela precisava me mostrar, com a inerente explosão de emoções, e precisava da minha presença.

Já que era assim, usei um minuto a mais para me limpar. Dei a volta em Coconut Grove e estacionei longe da ponte, mas próximo do rio. Por ali passava um canal bem fundo. Peguei umas pedras grandes de coral no sopé das árvores à beira d’água, enfiei-as na sacola onde estavam o plástico, as luvas, a faca, e joguei tudo no meio do canal.

Parei mais uma vez, num pequeno e escuro parque perto da casa de Rita e me limpei bem. Tinha de estar limpo e apresentável; levar bronca de uma mulher furiosa era para ser considerado um evento quase formal.

Imagine a minha surpresa quando toquei a campainha alguns minutos depois. Ela não escancarou a porta nem começou a jogar móveis em mim e me insultar. Na verdade, abriu a porta bem devagar e com cuidado, meio escondida atrás dela, como se estivesse com muito medo do que poderia esperá-la do outro lado. Considerando que era eu quem estava ali, aquilo parecia de um raro bom-senso.

– Dexter? – ela perguntou, baixo, tímida, como se não tivesse certeza de que a resposta seria sim ou não. – Eu... não achei que você viria.

– Pois cá estou – disse eu, solícito.

Ela ficou sem falar por um tempo bem mais longo do que parecia adequado. Finalmente, abriu um pouco mais a porta e perguntou:

– Pode... entrar? Por favor?

Se foi uma surpresa aquele tom de voz hesitante, diferente de todos os que eu tinha visto ela usar, imagine o meu espanto com a roupa que ela vestia. Acho que a coisa se chama *peignoir* ou talvez fosse um *negligé*, já que sem dúvida era negligente na quantidade de tecido usada. Seja qual for o nome certo, o fato é que ela estava usando um. E, por mais bizarra que fosse a ideia, acho que o alvo da roupa era eu.

– Por favor? – ela repetiu.

Foi tudo um pouco demais. Quer dizer, francamente, o que eu tinha de fazer

lá? Eu estava furioso de insatisfação por causa do experimento com o porteiro; ainda ouvia no banco de trás a voz murmurando reclamações. E um rápido retrospecto da situação mostrava que eu estava sendo prejudicado pela querida Deb e o artista das trevas e agora se esperava que eu fizesse algo de humano ali, como... o quê, afinal? Ela certamente não ia querer, quer dizer, ela não estava uma FERA comigo? O que estava acontecendo ali? E por que comigo?

– Mandei as crianças para a casa da vizinha – disse Rita. Fechou a porta com a coxa.

Entrei.

Posso pensar em muitas coisas para contar o que se passou a seguir, mas nenhuma parece adequada. Ela foi para o sofá. Eu também fui. Ela sentou-se. Eu também. Ela parecia desconfortável e apertava a mão esquerda com a direita. Dava a impressão de que estava esperando alguma coisa e, como eu não sabia direito o que era, fiquei pensando no trabalho inacabado com Jaworski. Se ao menos eu tivesse um pouco mais de tempo! As coisas que eu poderia ter feito!

Enquanto pensava nessas coisas, notei que Rita estava chorando baixinho. Olhei bem para ela por um instante, tentando apagar as imagens de um porteiro esfolado e sem sangue. Juro pela minha vida que não entendi por que ela estava chorando, mas, como ensaiei muito como imitar seres humanos, sabia que eu tinha de consolá-la. Inclinei-me e coloquei o braço no ombro dela. “Rita, calma, calma.” A frase não tinha uma palavra de sinceridade, mas era aconselhada por muitos especialistas. E deu resultado. Rita se aproximou e encostou o rosto no meu peito. Apertei o braço em volta dela e com isso vi minha mão. Menos de uma hora antes, aquela mesma mão estava segurando uma faca para peixe sobre o pequeno porteiro. Fiquei meio tonto de pensar nisso.

E, francamente, não sei como, mas aconteceu. Num instante eu estava dando tapinhas nela, dizendo “calma, calma” e olhando as veias na minha mão, com a lembrança pulsando nos meus dedos, a onda de força e brilho quando a faca entrou na barriga de Jaworski. E no instante seguinte...

Acho que Rita olhou para mim. Tenho também uma razoável certeza de que olhei para ela. Mesmo assim, não era bem Rita que eu via, mas uma pilha limpa de braços e pernas frios e sem sangue. E não era a mão de Rita que eu sentia na fivela do meu cinto, mas o coro insatisfeito e cada vez mais alto do Passageiro das Trevas. Pouco depois...

Bom. É de certa forma impensável. Quer dizer, bem ali no sofá.

Como é que *aquilo* pôde acontecer?

~

Quando deitei na minha caminha, estava exausto. Em geral, não preciso dormir

muito, mas naquela noite parecia que precisava de umas boas trinta e seis horas de sono. Os altos e baixos da noite, a tensão de tantas experiências novas, tudo tinha sido esgotante. Mais esgotante para Jaworski, claro, aquela coisinha horrorosa e úmida, mas, naquela impetuosa noite, eu tinha usado toda a adrenalina a que tinha direito no mês inteiro. Não conseguia sequer pensar no que aquilo significava, no estranho impulso de voar pela noite, tão louco e temerário, até as coisas inacreditáveis que ocorreram com Rita. Deixei-a dormindo e, aparentemente, bem mais contente. Mas Dexter, o pobre louco sombrio, estava de novo sem uma pista e, quando encostei a cabeça no travesseiro, dormi quase imediatamente.

Lá estava eu por cima da cidade como um pássaro sem osso voando veloz e o ar frio me impulsionava, me empurrava para onde a luz da lua ondeava no mar e chego na dura e fria sala de matar onde o porteirinho olha para mim e ri, de braços e pernas esticados como uma águia sob a faca, ri e o esforço que faz contorce e muda o rosto dele, não é mais Jaworski que está ali, mas uma mulher e o homem com a faca olha para onde eu flutuo sobre as vísceras vermelhas girando e quando o rosto aparece, ouço Harry lá fora e viro pouco antes de ver quem está na mesa, mas...

Acordo. Sinto uma dor de cabeça capaz de abrir um melão ao meio. Parecia que eu tinha acabado de adormecer, mas o relógio na cabeceira mostrava que eram cinco e catorze da manhã.

Outro sonho. Outra ligação interurbana na minha linha telefônica coletiva e fantasma. Dava para entender por que passei quase a vida inteira sem conseguir sonhar. Símbolos tão óbvios, tão idiotas, tão sem finalidade. Uma sopa de ansiedades totalmente incontrolável, odiosa, sem sentido.

E agora não conseguia dormir de novo, pensando nas imagens pueris. Se era para sonhar, por que não podia ser um sonho mais parecido comigo, interessante e diferente?

Sentei-me e esfreguei a testa que latejava. Uma terrível e entediante inconsciência escoava como um abscesso drenando e fiquei na beira da cama num torpor turvo. O que estava acontecendo comigo? E por que não acontecia com outra pessoa?

Aquele sonho parecia diferente e eu não sabia direito qual era a diferença ou o que significava. Na última vez, tive certeza absoluta de que ia haver outro assassinato, sabia até onde seria. Mas dessa vez...

Dei um suspiro e fui até a cozinha beber água. A cabeça da Barbie fez *tac tac* quando abri a geladeira. Fiquei parado olhando e bebi um copão de água gelada. Os brilhantes olhos azuis se fixaram em mim sem piscar.

Por que tive aquele pesadelo? Seria apenas o estresse das aventuras da tarde

passada repercutindo no meu desgastado inconsciente? Nunca tive estresse; na verdade, sonhar sempre foi um *alívio* do estresse. Claro, eu também nunca tinha chegado tão perto de cometer um desastre. Mas por que sonhar com ele? Algumas imagens eram dolorosamente óbvias: Jaworski, Harry e o rosto invisível do homem com a faca. Francamente. Por que me incomodar com temas de psicologia de botequim?

Por que me incomodar com um sonho? Eu não precisava. Precisava era de descanso e, em vez disso, estava ali na cozinha, brincando com uma boneca Barbie. Mexi na cabeça dela de novo: *tac tac*. Aliás, que história era essa de Barbie? E como eu ia resolver isso a tempo de salvar a carreira de Deborah? Como me livrar de LaGuerta, se a coitada estava tão caída por mim? Por tudo que é sagrado: se alguma coisa estava mesmo acontecendo, por que Rita precisava fazer AQUILO comigo?

De repente, parecia uma reviravolta de novela e era demais. Achei alguns comprimidos de aspirina e mastiguei três, encostado na bancada da cozinha. Não me incomodei com o sabor. Jamais gostei de nenhum remédio, exceto com uma finalidade prática.

Principalmente depois que Harry morreu.

Capítulo 16

~

A morte de Harry não foi rápida nem simples. Levou um tempo horrível, foi o primeiro e único ato de egoísmo que ele cometeu na vida. Harry ficou morrendo por um ano e meio, em pequenos estágios, piorando em algumas semanas, depois lutando até ficar quase bom outra vez e deixando todos nós tontos tentando adivinhar. Será que ele ia embora daquela vez, ou será que tinha conseguido vencer tudo? Nunca sabíamos, mas, como se tratava de Harry, parecia bobagem desistirmos. Ele ia fazer o que fosse certo, por mais duro que fosse, mas o que significava aquilo em relação à morte? Era certo lutar e continuar nos fazendo sofrer com uma morte interminável, se ela acabaria chegando, não importando o que Harry fizesse? Ou será que o certo era morrer tranquilamente e sem confusão?

Com dezenove anos, eu certamente não sabia a resposta, embora já soubesse mais sobre a morte do que a maioria dos cabeças-ocas espinhentos da minha turma de calouros na Universidade de Miami.

E numa linda tarde de outono, após a aula de química, eu estava andando pelo *campus* rumo ao diretório estudantil, quando Deborah surgiu ao meu lado.

– Deborah, vamos tomar uma Coca? – convidei, achando aquilo bem no estilo colegial. Harry tinha me dito para entrar para o diretório e beber Coca. Disse que isso me ajudaria a passar por humano e aprender como os outros se comportavam. Claro que ele tinha razão. Apesar de a Coca estragar meus dentes, eu estava aprendendo bastante sobre a desagradável espécie humana.

Nessa época, Deborah tinha dezessete anos e já era séria demais; então, respondeu ao meu convite balançando a cabeça.

– Vim aqui por causa do papai – disse. E dali a pouco atravessamos a cidade de carro até o hospital onde tinham internado Harry. Hospital não era uma boa notícia. Significava que os médicos estavam dizendo que Harry estava prestes a morrer e pedindo para ele cooperar.

Quando chegamos, Harry não parecia bem. Estava com uma cor verde e tão duro na cama que pensei que tínhamos chegado tarde demais. Estava magro e cansado daquela longa batalha, além de dar a impressão de estar muito preocupado com alguma coisa. O respirador ao lado dele sibilava, um som Darth Vader que vinha de uma sepultura viva. Harry estava vivo, digamos assim.

– Papai, eu trouxe Dexter – disse Deborah, pegando na mão dele.

Harry abriu os olhos e virou a cabeça para nós, como se alguma mão invisível o tivesse empurrado do outro lado do travesseiro. Mas aqueles não eram os olhos de Harry. Eram pontos azul-escuros, parados e vazios, inabitados. O corpo de Harry podia estar vivo, mas ele não estava lá dentro.

– O pai de vocês não está bem e estamos tentando fazer com que ele se sinta confortável – disse a enfermeira para nós. E pegou uma enorme seringa numa bandeja, encheu-a e virou-a para tirar a bolha de ar.

– Espere... – foi um pedido tão fraco, que primeiro pensei que fosse o som do respirador. Olhei pelo quarto e finalmente parei no que tinha sobrado de Harry. Por trás do vazio embaçado dos olhos, havia um pequeno brilho. – Espere... – ele repetiu, fazendo sinal com a cabeça para a enfermeira.

Ou ela não ouviu o pedido, ou resolveu ignorá-lo. Ficou ao lado, levantou gentilmente o braço raquítico e esfregou um algodão no braço dele.

– Não... – arfou Harry, quase inaudível.

Olhei para Deborah. Ela parecia atenta, numa perfeita pose de incerteza formal. Olhei de novo para Harry. Ele grudou os olhos nos meus.

– Não... injeção... não... – disse, e seus olhos tinham algo próximo do horror.

Adiantei-me e segurei o braço da enfermeira antes que ela enfiasse a agulha na veia de Harry.

– Espere – eu disse. Ela me olhou e, por uma fração de segundo, notei alguma coisa naqueles olhos. Quase caí de surpresa. Os olhos tinham um ódio

frio, desumano, tipo lagarto pensando Eu-Quero, como se o mundo fosse sua área de caça. Foi só um lampejo, mas eu tinha certeza. Ela queria enfiar a agulha no meu olho porque a interrompi. Queria enfiar a agulha no meu peito e apertar até minhas costelas saltarem, meu coração pular na mão dela e ela apertar e torcer até me matar. Aquela mulher era um monstro, uma caçadora, uma assassina. Aquela era uma predadora, uma coisa desalmada e ruim.

Exatamente como eu.

Mas seu sorriso artificial voltou logo.

– O que foi, filhinho? – perguntou, sempre tão docemente, a perfeita Última Enfermeira.

Minha língua parecia grande demais dentro da boca e tive a impressão de demorar vários minutos para finalmente responder:

– Ele não quer tomar a injeção.

Ela sorriu de novo, uma coisa linda que ficou na cara dela como a bênção de um deus todo compreensivo.

– Seu pai está muito doente. E com muita dor – informou. Manteve a agulha virada para cima, iluminada por uma luz melodramática vinda da janela. Brilhava como se fosse seu Cálice Sagrado. – Precisa da injeção – avisou ela.

– Mas não quer – repeti.

– Ele está com dor – ela disse.

Harry disse algo que não consegui ouvir. Fixei os olhos nos da enfermeira e ela nos meus, dois monstros sobre a mesma presa. Sem desviar o olhar, inclinei-me sobre meu pai.

– Eu... QUERO... a dor... – disse Harry.

Isso fez com que eu olhasse para ele. Por trás do esqueleto aninhado sob o corte escovinha que, de repente, parecia grande demais na cabeça, Harry tinha voltado à consciência e estava lutando em meio à névoa. Fez um sinal com a cabeça, esticou devagar a mão para pegar a minha e apertou-a.

Olhei de novo para a Última Enfermeira.

– Ele prefere sentir dor – eu disse e, em alguma parte de sua pequena testa, com o arrogante menear da cabeça, ouvi o rugido de um animal selvagem vendo a presa fugir para a toca.

– Terei de comunicar o médico – ela disse.

– Pode comunicar, nós esperamos aqui – concordei.

Olhei-a sair do quarto para o corredor como um pássaro enorme e implacável. Senti uma pressão na mão. Harry observava-me olhar a Última Enfermeira.

– Você... pode dizer... – disse Harry.

– Sobre a enfermeira? – perguntei. Ele fechou os olhos e concordou de leve

com a cabeça, só uma vez. – Sim, eu posso – confirmei.

– Como... você – disse Harry.

– O que vocês estão falando? Papai, você está bem? O que é “como você”? – perguntou Deborah.

– Ela gosta de mim. Ele acha que a enfermeira deve estar apaixonada por mim, Deb – eu disse e virei para Harry.

– Ah, certo – resmungou Deborah, mas eu já estava prestando atenção em Harry.

– O que ela fez? – perguntei a ele.

Harry tentou balançar a cabeça, mas só conseguiu mexê-la de leve. Pestanejou. Vi que a dor tinha voltado, como ele queria.

– Demais – ele disse. – Ela... dá demais – ele ficou ofegante e fechou os olhos.

Nesse dia, eu devia estar meio burro, pois não entendi na hora o que ele disse.

– Demais o quê? – perguntei.

Harry abriu um olho turvo e cheio de dor.

– Morfina – sussurrou.

Parecia que eu tinha sido atingido por uma onda de luz.

– *Overdose*. Ela mata de *overdose*. Num lugar como este, onde o trabalho dela quase consiste nisso, ninguém vai questionar... pois...

Harry apertou minha mão de novo e eu parei com bobagem.

– Não a deixe fazer isso – ele pediu com voz rouca e forte, o que era surpreendente. – Não a deixe... me dopar de novo.

– Por favor, do que vocês estão falando? – perguntou Deborah, quase ríspida. Olhei para Harry, mas ele fechou os olhos ao sentir uma súbita pontada de dor.

– Ele acha que hum... – comecei a falar e parei. Deborah não tinha ideia de quem eu era, claro, e Harry tinha recomendado com firmeza para eu mantê-la por fora. Então, o problema era como contar aquilo sem revelar nada. – Ele acha que a enfermeira está aplicando morfina demais. De propósito – contei, por fim.

– Isso é loucura, ela é uma enfermeira – disse Deb.

Harry olhou para ela sem dizer nada. Para ser sincero, também não consegui dizer nada para a incrível ingenuidade de Deb.

– O que faço? – perguntei a Harry.

Ele ficou me olhando um bom tempo. Primeiro, pensei que estivesse devaneando por causa da dor, depois vi que estava bem consciente. As mandíbulas estavam tão rígidas que achei que os ossos podiam entrar na pele fina; os olhos estavam claros e penetrantes como sempre foram, como na

primeira vez em que ele me deu sua solução Harry para me adaptar ao mundo humano.

– Pare com ela – disse ele, por fim.

Senti uma vibração enorme por todo o meu corpo. Parar com ela? Seria possível? Será que ele queria dizer... *parar*? Até então, Harry tinha me ajudado a controlar o meu Passageiro das Trevas oferecendo a ele animais vadios, cervos de caça e, numa gloriosa ocasião, fomos juntos pegar um macaco selvagem que estava aterrorizando os arredores de South Miami. Fora uma ocasião quase tão humana... mas também direita, claro, realizando todos os estágios teóricos de ficar de tocaia, provar que obedeceu à lei de caça e assim por diante. Harry sabia que um dia Aquilo ia acontecer e queria que eu estivesse preparado para fazer direito. Ele sempre me impediu de realmente Fazer. Mas, naquele momento... parar a enfermeira? Será que estava falando sério?

– Vou conversar com o médico. Ele vai mandar a enfermeira dosar o seu remédio – disse Deborah.

Abri a boca para falar, mas Harry apertou minha mão e fez sinal com a cabeça, com dor.

– Vá – ele disse.

Deborah olhou-o por um momento, antes de ir procurar o médico. Depois que ela saiu, o quarto ficou imerso num silêncio perturbador. Eu só conseguia pensar no que Harry tinha dito: “pare com ela”. E não podia dar outra interpretação àquilo, exceto que ele estava finalmente me soltando, me autorizando a fazer a Coisa Verdadeira. Mas não ousei confirmar, por medo de que ele dissesse que se referia a outra coisa. Então, fiquei por um bom tempo na pequena janela, olhando o jardim lá fora, com flores vermelhas salpicadas ao redor de uma fonte. O tempo passou. Fiquei com a boca seca.

– Dexter... – chamou Harry.

Não respondi. Nada que eu pensasse parecia adequado.

– É o seguinte – disse ele, lenta e dolorosamente. Olhei-o. Ele me deu um meio sorriso cansado quando viu que eu estava com ele, finalmente. – Vou embora logo. E não posso impedir você de... ser o que é.

– Ser *o que* sou, papai – repeti.

Ele fez um gesto com a mão fraca, trêmula.

– Mais cedo ou mais tarde... você vai... *precisar*... fazer com uma pessoa – ele disse e meu sangue cantou com a ideia. – Alguém que... *precise*...

– Como a enfermeira – completei, com a língua grossa.

– É. Ela precisa, Dexter. É... – ele disse, fechando os olhos um instante e, quando prosseguiu, a voz estava fraca por causa da dor. – Ela precisa, Dexter, é uma... – Ele respirou com dificuldade. Ouvi sua língua estalar como se a boca

estivesse seca demais. – Ela está dando... doses excessivas aos doentes... matando... matando de propósito... Ela é uma assassina, Dexter... assassina.

Pigarreei. Estava meio tonto e constrangido, mas, afinal, aquele era um momento especial na vida de um jovem. – Você quer... – comecei, e parei porque minha voz falhou. – Acha que tudo bem se eu... parar com ela, papai?

– Sim, pare com ela – disse Harry.

Por algum motivo, achei que eu tinha de ter certeza absoluta.

– Você está dizendo para eu fazer o que tenho feito com você? Como fizemos com aquele macaco?

Harry estava de olhos fechados e flutuando numa onda de dor que ia aumentando. Respirou de forma leve e desigual.

– Pare... a enfermeira. Como a gente... fez com o macaco... – Jogou um pouco a cabeça para trás e ficou respirando mais rápido, ainda com dificuldade.

Bom.

Foi isso.

“Pare a enfermeira como a gente fez com o macaco.” Tinha algo de louco. Mas na minha cabeça, que rodava sem parar, tudo era música. Harry estava me soltando. Eu tinha autorização. Tínhamos conversado sobre fazer isso um dia, mas ele sempre me impediu. Até aquele momento.

Agora.

– Nós falamos... sobre isso. Você sabe o que fazer... – disse Harry, ainda de olhos fechados.

– Falei com o médico – avisou Deborah, entrando no quarto. – Ele vem aqui acertar os remédios na planilha.

– Que bom – aprovei, sentindo uma coisa aumentar dentro de mim, vindo da base da espinha até o alto da cabeça, uma onda elétrica que me atingiu e me cobriu como um capuz negro. – Vou falar com a enfermeira.

Deborah parecia assustada, talvez por causa do meu tom de voz.

– Dexter... – ela chamou.

Parei, tentando controlar a alegria selvagem que se apossava de mim.

– Não quero nenhum mal-entendido – acrescentei. Minha voz soava estranha até para mim. Passei por Deborah antes que ela conseguisse registrar a minha expressão.

No corredor do hospital, fui abrindo caminho entre pilhas de lençóis brancos e bem passados e senti o Passageiro das Trevas assumir o controle pela primeira vez. Dexter ficou em segundo plano, quase invisível, as listras claras no corpo de um tigre voraz e transparente. Misturei-me a tudo, quase impossível de ser notado, mas estava lá, de tocaia, dando voltas para encontrar minha presa. Naquele enorme lampejo de liberdade, a caminho da Coisa pela primeira vez,

autorizado pelo todo-poderoso Harry, eu sumi, me fundi no cenário do meu próprio eu nas trevas, enquanto o outro eu engatinhava e rugia. Finalmente, eu ia fazer Aquilo, fazer o que tinha sido criado para fazer.

E fiz.

Capítulo 17

~

E fiz. Fazia tanto tempo, mas a lembrança ainda pulsava dentro de mim. Claro, eu ainda guardava aquela primeira gota de sangue na lâmina. Foi a minha primeira vez e eu conseguia lembrar a qualquer hora, bastava pegar minha pequena lâmina e olhar. Eu fazia isso, de vez em quando. Tinha sido um dia muito especial para Dexter. A Última Enfermeira foi a Primeira Brincadeira e abriu tantas maravilhosas portas para mim. Eu aprendi tanto, descobri tantas coisas novas.

Mas por que estava lembrando da Última Enfermeira agora? Por que aquela série de fatos parecia estar me fazendo voltar no tempo? Eu não lembrava com alegria das primeiras calças compridas que usei. Precisava entrar em ação, tomar grandes decisões e iniciar atividades importantes. Em vez de patinhar bobamente no terreno da memória e navegar nas boas lembranças da minha primeira lâmina de sangue.

Sangue que, lembrei então, eu não tinha retirado de Jaworski. Era o tipo de detalhe pequeno e infinitamente sem importância que transformava homens fortes e ativos em neuróticos agitados e chorões. Eu *precisava* daquela lâmina. A

morte de Jaworski não valia nada sem a lâmina. Toda a idiotice do fato foi pior do que uma bobagem impulsiva e burra; o ato estava incompleto. Eu não tinha a lâmina.

Balancei a cabeça tentando, como num espasmo, juntar duas células cinzentas na mesma sinapse. Tinha vontade de pegar minha lancha e dar uma volta de manhã cedo. Talvez o ar salgado tirasse a estupidez da minha cabeça. Ou então podia ir rumo ao sul, para Turkey Point, e esperar que a radiação me fizesse voltar a ser uma criatura racional. Em vez disso, fiz café. Realmente, não tinha a lâmina. Aquilo desvalorizava todo o fato. Sem a lâmina, era melhor ter ficado em casa. Ou quase, de qualquer modo. Tive outras recompensas. Sorri satisfeito, lembrando a mistura de luz da lua e gritos abafados. Ah, que monstrinho doido eu tinha sido. Aquele episódio foi diferente de todos os demais. De vez em quando, é bom sair da rotina entediante. E tinha também Rita, claro, mas eu não sabia o que pensar sobre aquilo, então não pensei. Pensei na brisa fria passando pelo homenzinho se debatendo, o homenzinho que gostava de atacar crianças. Tinha sido uma ocasião quase feliz. Mas, daqui a dez anos, claro que a memória vai falhar e sem aquela lâmina eu não conseguirei lembrar. Precisava do meu *souvenir*. Bom, veremos.

Enquanto fazia o café, dei uma olhada para ver se o jornal tinha chegado, mais por expectativa do que por certeza. Era raro o jornal chegar antes das seis e meia da manhã e aos domingos costumava ser entregue depois das oito e meia. Aquilo era mais um claro exemplo da deterioração da sociedade que tanto preocupava Harry. Francamente: se você não consegue entregar meu jornal na hora, como espera que eu consiga não matar pessoas?

O jornal não fora entregue, mas não tinha importância. Nunca tive grande interesse pela cobertura que a imprensa dava para as minhas aventuras. E Harry tinha me avisado que era estupidez fazer um álbum de recortes de jornal. Ele não precisava e eu raramente dava uma olhada nas notícias sobre as minhas performances. Claro que dessa vez foi um pouco diferente, já que eu tinha sido tão impetuoso e não tinha certeza se tinha apagado as marcas direito. Estava também um pouquinho curioso para ler o que iam dizer do meu caso acidental. Então, fiquei uns quarenta e cinco minutos sentado tomando café até ouvir o jornal ser jogado na porta. Peguei-o e abri-o.

Não importa o que digam sobre os jornalistas (e há muito o que dizer, quase uma enciclopédia de coisas), eles não costumam ter problema de memória. Pois o mesmo jornal que poucas semanas antes trombeteava POLICIAIS ENCURRALAM ASSASSINO agora alardeava ESFRIA A HISTÓRIA DO HOMEM GELO! Era uma matéria longa e adorável, escrita em estilo bem dramático, contando em detalhes a descoberta de um corpo muito mutilado, num prédio em construção perto da

antiga estrada Cutler. “Um porta-voz da delegacia de Miami (*leia-se detetive LaGuerta, posso garantir*) declarou que era cedo demais para ter certeza, mas que devia ser um assassinato por imitação.” O jornal tirava suas próprias conclusões (outra coisa que os jornalistas costumam fazer com gáudio) e conjeturava se o distinto cavalheiro que estava atrás das grades, o sr. Daryll Earl McHale, seria o autor do crime. Ou será que o assassino continuava solto, como mostrava a mais recente afronta à moral pública? Pois, refletia o jornal com zelo, como acreditarmos que dois criminosos desse quilate possam estar à solta ao mesmo tempo? Era muito bem pensado e achei que, se eles tivessem gasto a mesma energia e perspicácia para resolver os assassinatos, a coisa toda já estaria encerrada.

Mas, claro, a matéria era muito interessante. E sem dúvida fez com que eu especulasse um pouco. Meu Deus, seria possível que aquele animal louco ainda estivesse solto? Será que alguém estava seguro naquela cidade?

O telefone tocou. Olhei o relógio da parede, eram quinze para as sete. Só podia ser Deborah.

– Estou lendo – avisei ao telefone.

– Você disse que ele ia fazer uma coisa maior, de mais repercussão – disse ela.

– E essa notícia não é? – perguntei, com grande inocência.

– Ele não matou uma prostituta. Só um porteiro que trabalhava meio expediente na Escola Primária Ponce Junior, mutilado dentro de uma obra na antiga Cutler. Que diabo, Dexter?

– Sabe que eu não sou perfeito, não é, Deborah?

– Nem segue o padrão: onde está o lugar frio que você mencionou? E estreito?

– Estamos em Miami, Deb, as pessoas roubam qualquer coisa.

– Não é nem um assassinato parecido – disse ela. – É diferente dos outros. Até LaGuerta concorda, já disse na imprensa. Droga, Dexter. Já estou tão exposta e esse caso é só um esfaqueador atacando aleatoriamente, ou alguma coisa ligada ao narcotráfico.

– Você não pode me culpar, não é justo.

– Droga, Dex – disse ela e desligou.

O noticiário matinal na TV gastou quase um minuto falando da chocante descoberta do corpo mutilado. O canal 7 usou os melhores adjetivos. Mas ninguém sabia mais do que o jornal. Eles exalavam ódio e um tom sombrio de desastre que invadiu até a previsão meteorológica. Acho que isso foi causado em grande parte pela falta de fotos na reportagem.

Fazia mais um lindo dia de sol em Miami. Com possibilidade de cadáveres

mutilados enfrentarem chuva à tarde. Vesti-me e fui para o trabalho.

Confesso que tinha um pequeno motivo suplementar para ir trabalhar tão cedo e destaquei-o parando para comprar docinhos. Duas roscas, uma porção de fatias de maçã fritas e um rocambole de canela do tamanho do meu pneu estepe. Comi as fatias e uma rosca enquanto costurava alegremente o trânsito assassino. Não sei como consigo comer tantas roscas. Não engordo, nem fico com espinhas e, embora isso possa parecer injusto, não me queixo. Sou razoavelmente aquinhoado em matéria de genética: tenho um metabolismo rápido, boa altura e força, o que ajuda no meu *hobby*. E me disseram que sou agradável de se ver, o que deve ser considerado um elogio, acho.

Também não preciso dormir muito, o que foi ótimo hoje de manhã. Eu esperava chegar bem cedo, antes de Vince Masuoka, e parecia que tinha conseguido. A sala dele estava escura quando cheguei com o saco de papel branco para disfarçar, pois minha ida lá não tinha nada a ver com rosquinhas. Dei uma olhada rápida no escritório dele, procurando a reveladora caixa de provas com a etiqueta JAWORSKI e data do dia anterior.

Achei-a e peguei logo algumas amostras. Deviam ser suficientes. Coloquei luvas de borracha e num instante tinha imprensado as amostras na lâmina de vidro. Tenho consciência da besteira que foi assumir mais aquele risco, mas eu precisava da minha lâmina.

Tinha acabado de colocar a lâmina na minha sacolinha plástica quando Vince se aproximou atrás de mim. Coloquei rapidamente as coisas de volta no lugar, girei de frente para a porta enquanto ele entrava e me via.

– Puxa! Você não faz barulho quando anda! Parece que *fez* treinamento ninja.

– Tenho dois irmãos mais velhos, é a mesma coisa – disse Vince.

Mostrei o saco de papel branco e fiz uma reverência dizendo:

– Mestre, trouxe uma oferenda.

Curioso, ele olhou a “oferenda”.

– Que Buda o abençoe, maconheiro. O que é?

Joguei o saco de papel para ele. Bateu em seu peito e caiu ao chão.

– Não adiantou nada o treinamento ninja – eu disse.

– Meu corpo sarado precisa de café para funcionar – disse Vince, abaixando-se para pegar o saco. – O que tem dentro? Doeu. – Ele mexeu no saco, franzindo o cenho. – Espero que não sejam pedaços de corpo. – Pegou o enorme rocambole de canela e olhou. – Caramba. Este ano a minha aldeia não vai passar fome. Agradecemos muito, maconheiro. – Fez uma reverência segurando o rocambole e disse: – Saldar uma dívida é uma bênção para todos nós, meu filho.

– Sendo assim, você tem arquivado o caso do corpo achado na noite passada, perto da antiga estrada Cutler?

Vince deu uma boa mordida no rocambole. Ficou com a boca brilhando por causa da cobertura de açúcar e foi mastigando devagar.

– *Humpp* – ele fez, e engoliu. – Nós estamos nos sentindo rejeitados?

– Se esse "nós" se refere a Deborah, sim. Eu disse que daria uma olhada no arquivo para ela.

– *Ulf* – ele fez, com a boca cheia. – Plo mens tmuim sandessavez.

– Perdão, mestre, não entendo a sua língua.

Ele mastigou e engoliu.

– Eu disse que pelo menos dessa vez tem muito sangue. Mas você continua uma peça decorativa. Bradley recebeu um telefonema sobre esse caso.

– Posso ver o arquivo?

Ele deu outra mordida.

– El estafvivo...

– Isso mesmo, sem dúvida. Em língua de gente, o que disse?

Vince engoliu.

– Disse que o cara ainda estava vivo quando foi esfolado.

– Os seres humanos são resistentes, não?

Vince enfiou o resto do rocambole na boca, pegou a pasta e entregou-a ao mesmo tempo que dava uma boa mastigada. Segurei a pasta.

– Preciso ir, antes que você tente falar de novo – eu disse.

Ele engoliu o rocambole.

– Agora é tarde – disse.

Fui devagar para o meu canto, enquanto olhava a pasta. O corpo foi encontrado por Gervásio César Martez. O depoimento dele estava na primeira página da pasta. Trabalhava havia catorze meses como segurança da Sago Security Systems. Não tinha ficha na polícia. Encontrou o corpo mais ou menos às vinte e duas horas e dezessete minutos e imediatamente deu busca na região antes de chamar a polícia. Queria pegar o *pendello* que fez aquilo, porque ninguém podia fazer uma coisa daquela, ainda por cima no turno dele, Gervásio. Era como se tivesse sido com ele, entende? Por isso, ele mesmo ia pegar o monstro. Mas não foi possível. Não encontrou qualquer sinal do assassino, então chamou a polícia.

O coitado levou a coisa para o lado pessoal. Eu compartilhava do ódio dele. Uma brutalidade dessas não devia ser permitida. Claro, fiquei também muito grato porque aquele conceito de honra me deu tempo de sumir. Eu, que sempre achei que moral fosse algo inútil.

Virei-me em direção à minha pequena sala escura e dei de cara com a

detetive LaGuerta.

– Ahh, você não está com uma aparência muito boa – ela disse, sem sair do lugar.

– Não sou de acordar cedo. Meu biorritmo só começa a funcionar ao meio-dia – eu disse.

Ela me olhou a um centímetro de distância e observou:

– Pois seu biorritmo me parece ótimo.

Contornei-a e fui para a minha sala.

– Posso dar uma pequena contribuição matinal para a autoridade máxima da lei? – perguntei.

Ela ficou me olhando e disse:

– Tem um recado na sua secretária eletrônica.

Olhei a secretária. É, a luz estava piscando. Aquela mulher era mesmo uma detetive, sem dúvida.

– A ligação é de uma garota que parece meio sonolenta e feliz. Tem namorada, Dexter? – a voz dela tinha um estranho toque de desafio.

– Sabe como é. As mulheres hoje são muito atiradas e, quando o cara é bonito como eu, elas se jogam de cabeça. – Talvez a escolha de palavras não tivesse sido feliz, pois lembrei da cabeça de mulher que jogaram em cima de mim pouco tempo antes.

– Pois se cuide. Mais dia, menos dia, uma delas vai grudar em você. – Eu não tinha ideia do sentido que ela quis dar à frase, mas era uma imagem bem inquietante.

– Tenho certeza de que você tem razão. Até lá, é melhor *carpe diem* – eu disse.

– O quê?

– É uma expressão latina. Significa aproveitar o dia.

– O que você sabe sobre esse caso de ontem à noite? – ela perguntou, de repente.

Mostrei a pasta.

– Eu estava justamente dando uma olhada.

– Não é a mesma coisa – disse ela, franzindo o cenho. – Não importa o que aqueles jornalistas idiotas digam. McHale é o culpado, ele confessou. Esse caso agora é diferente.

– Acho que é uma grande coincidência. Dois assassinatos brutais ao mesmo tempo.

LaGuerta deu de ombros.

– Estamos em Miami, eles pensam o quê? É aqui que esses caras vêm passar férias. Existem montes de maus sujeitos, eu não posso pegar todos.

Na verdade, ela não podia pegar nenhum, a menos que eles se jogassem de um prédio e caíssem no banco da frente de seu carro, mas não parecia boa hora para tocar no assunto. LaGuerta aproximou-se e deu uma batidinha na pasta com a unha pintada de vermelho-escuro.

– Preciso que você encontre algo aí, Dexter. Para mostrar que não é a mesma coisa.

Tive uma luz. Ela estava sendo pressionada, provavelmente pelo capitão Matthews, um sujeito que acreditava em tudo que lia nos jornais, desde que escrevessem o nome dele direito. E ela precisava de munição para reagir.

– Claro que não é a mesma coisa. Mas por que eu é que tenho de encontrar? – perguntei.

Ela ficou me olhando com olhos semicerrados, o que causou um efeito curioso. Acho que vi aquele mesmo olhar nuns filmes a que Rita me arrastou para assistir, mas por que diabos a detetive LaGuerta ficava me olhando daquele jeito, eu não sei.

– Deixei você assistir à reunião das setenta e duas horas. Apesar de Doakes querer vê-lo morto.

– Muito obrigado.

– Pedi para você porque às vezes tem uns palpites para essas coisas, assassinatos em série. É o que todos dizem: Às vezes, Dexter tem um palpite.

– Ah, acertei só uma ou duas vezes, por sorte.

– E preciso que uma pessoa do laboratório descubra algo.

– Então por que não pede ao Vince? – perguntei a ela.

– Porque ele não é tão esperto. Descubra alguma coisa – insistiu ela.

Ela continuava desconfortavelmente próxima, tão perto que dava até para sentir o cheiro do xampu que usava.

– Vou encontrar – prometi.

Ela fez sinal com a cabeça para a secretária eletrônica.

– Vai retornar a ligação dela? Você não tem tempo para ficar procurando namorada.

Ela não arredava pé e levei um instante para concluir que estava se referindo ao recado na secretária. Dei o meu melhor sorriso político.

– Acho que ela está me caçando, detetive.

– Ahh! Essa você acertou. – Ela me olhou por um bom tempo, virou-se e saiu. Não sei por que, mas fiquei olhando-a ir embora. Não conseguia pensar em nada para fazer. Pouco antes de virar no corredor, ela passou a mão na saia e olhou para trás. Depois, sumiu em meio aos vagos mistérios da Política de Homicídios.

E eu? O pobre coitado do Dexter confuso? O que podia fazer? Larguei o

corpo na minha cadeira e apertei o botão da secretária eletrônica. “Oi, Dexter, sou eu.” Claro que era ela. E, por estranho que parecesse, na voz lenta e levemente rouca parecia que o “eu” era Rita. “Hum... fiquei pensando na noite passada. Ligue para mim, senhor.” Como LaGuerta tinha dito, ela parecia meio cansada e feliz. Pelo jeito, eu tinha uma namorada de verdade.

Onde aquela loucura iria parar?

Capítulo 18

~

Fiquei alguns momentos pensando só nas cruéis ironias da sorte. Vivi tantos anos de solitária independência e de repente estava sendo atacado de todos os lados por mulheres ansiosas. Tinha a impressão de que Deb, Rita e LaGuerta não conseguiam viver sem mim. Mas a única pessoa com quem eu queria passar um tempo estava quieta, deixando bonecas Barbie na minha geladeira. Isso era justo?

Enfiei a mão no bolso e senti a pequena lâmina de vidro bem guardada no saco plástico. Por um instante, aquilo me deixou melhor. Pelo menos, eu estava fazendo alguma coisa. E a única obrigação da vida, afinal, era ser interessante e sem dúvida minha vida estava sendo, no momento. A palavra "interessante" não descrevia bem a situação. Eu daria um ano de vida para descobrir mais sobre aquele furtivo enganador cujo trabalho tão elegante estava me intrigando cruelmente. Na verdade, quase dei mais de um ano com meu momento com o pequeno Jaworski.

É, as coisas estavam sem dúvida interessantes. E será que as pessoas diziam mesmo no departamento que eu tinha um palpite para crimes em série? Isso era

bem problemático. Significava que meu cuidadoso disfarce podia estar prestes a ser descoberto. Eu tinha acertado muito, várias vezes. Poderia virar um problema. Mas o que fazer? Passar um tempo sendo idiota? Não sabia como, mesmo depois de tantos anos observando atentamente.

Ah, puxa. Abri a pasta de Jaworski, o coitado. Fiquei uma hora estudando-a e cheguei a duas conclusões. Primeira e mais importante: eu ia me afastar daquele caso, apesar da enorme atração que sentia por ele. Segunda: devia ter um jeito de Deb lucrar com o caso. Se ela conseguisse provar que era obra do nosso primeiro artista, enquanto LaGuerta insistia com a tese da cópia, Deb poderia passar de alguém em quem não confiavam nem para trazer café a queridinha do mês. Claro que aquele crime não tinha realmente a mesma autoria dos assassinatos anteriores, mas, àquela altura, parecia um problema sem importância. Como eu tinha certeza de que logo seriam encontrados mais corpos, não valia a pena me preocupar.

Naturalmente, ao mesmo tempo, eu tinha de dar uma corda para a irritante detetive LaGuerta se enforcar. Ocorreu-me então que isso poderia também ser útil numa esfera mais pessoal. Encurralada e parecendo idiota, LaGuerta iria tentar culpar o incompetente do laboratório, isto é, o idiota e obscuro Dexter, que a fez tirar a conclusão errada. E minha fama passaria a ser de uma muito necessária mediocridade. Evidentemente, aquilo não ameaçaria o meu emprego, já que eu era perito em borrifos de sangue e não em perfil de assassinos. Sendo assim, eu ajudaria LaGuerta a demonstrar como era incompetente e aumentaria ainda mais a fama de Deborah.

Era ótimo quando as coisas corriam tão bem. Liguei para Deborah.

No dia seguinte, à uma e meia da tarde, encontrei-a num pequeno restaurante a poucos quarteirões ao norte do aeroporto. Ficava num pequeno *shopping*, entre uma loja de acessórios de carro e outra de venda de armas. Um lugar que nós dois conhecíamos bem, não ficava muito longe da sede da delegacia de Miami-Dade e tinha os melhores sanduíches cubanos do mundo. Talvez isso pareça pouco, mas garanto que às vezes só um *medianoche* resolve e, nessa hora, o Café Relâmpago é o único lugar para se ir. Era frequentado pela família Morgan desde 1974.

E eu achava que cabia um leve toque, se não fosse para comemorar, pelo menos para reconhecer que as coisas estavam, aos poucos, melhorando. Talvez eu estivesse mais alegre porque tinha gasto um pouco de energia com meu caro amigo Jaworski, mas, de qualquer jeito, estava me sentindo muito bem. Pedi até um *batido de mamé*, uma vitamina cubana com sabor especial de melancia, pêssego e manga.

Claro que Deb não compartilhava do meu bom humor irracional. Dava a

impressão de que ela andara estudando as expressões faciais de peixes grandes, tristes e sorumbáticos.

– Por favor, Deb, se você não parar com isso, sua cara vai ficar paralisada para sempre nessa expressão. As pessoas vão achar que você é uma garoupa – sugeri.

– Tenho certeza de que não vão achar que sou uma policial, pois não serei mais.

– Bobagem. Não prometi uma coisa a você?

– É, prometeu também que isso ia dar certo. Mas não disse nada a respeito das caras que o capitão Matthews ia me fazer.

– Ah, Deb. Ele *olhou* para você? Lastimo demais – eu disse.

– Quero que você se foda, Dexter. Você não estava lá, nem é a sua vida que está entrando pelo cano.

– Eu disse que a situação ia ser difícil durante um tempo, Debs.

– Bom, pelo menos nisso você acertou. Segundo Matthews, estou prestes a ser suspensa.

– Mas ele deixou você usar as horas livres para estudar melhor o caso?

Ela bufou.

– Ele disse "não posso impedi-la, Morgan. Mas estou bastante desapontado. Fico pensando no que seu pai diria".

– E você então retrucou "meu pai jamais daria o caso por encerrado botando na cadeia o cara errado"?

Ela pareceu surpresa.

– Não, eu não disse isso. Mas andei pensando como você sabe que é o cara errado.

– Mas não *disse* para Matthews que você pensou isso, não é, Deborah?

– Não.

Empurrei o copo de vitamina para ela.

– Tome o seu *mamé*, mana. As coisas estão melhorando.

Ela me olhou.

– Você não está só enchendo o meu saco?

– Jamais faria isso, Deb. Como?

– Com a maior facilidade.

– Francamente, mana. Você tem de confiar em mim.

Ela me encarou por um instante e olhou para baixo. Ainda não tinha tocado na vitamina, o que era lastimável. O sabor era delicioso.

– Confio em você, mas juro por Deus que não sei por quê. – Olhou para mim com uma expressão estranha, que surgia e desaparecia. – Às vezes acho até que não devia, Dexter.

Dei o meu melhor sorriso firme de irmão.

– Daqui a dois ou três dias vai aparecer algo novo. Prometo.

– Você não pode adivinhar – ela disse.

– Sei que não posso, Deb. Mas tenho certeza de que vai. Vai mesmo.

– Então por que está tão feliz com isso?

Tive vontade de dizer que era porque a ideia me deixava feliz. Porque só de pensar em ver a maravilha exangue, eu ficava mais feliz do que com qualquer outra coisa. Mas, claro, não era um sentimento que ela compartilharia comigo, então fiquei quieto.

– Estou feliz por você, naturalmente.

Ela bufou. – Está bem, esqueci – ela disse. Pelo menos, deu um gole na vitamina.

– Olha, se LaGuerta estiver certa... – avaliei.

– Eu estou fodida e mal paga.

– Mas, se ela estiver *errada*, você está virgem e bem paga. Está acompanhando o meu raciocínio, mana?

– Hum – ela fez, bem de má vontade, considerando a paciência que eu demonstrava.

– Se você gostasse de apostar, apostaria que ela tem razão? Em alguma coisa?

– Talvez, em matéria de moda. Ela realmente sabe se vestir – disse Deb.

Os sanduíches chegaram. O garçom largou-os de qualquer jeito no meio da mesa, sem dizer nada, e voltou para trás do balcão. Apesar disso, eram sanduíches ótimos. Não sei por que eram melhores que todos os *medianoches* da cidade, mas eram; pão crocante por fora e macio por dentro, a quantidade certa de carne de porco e picles, o queijo derretido na medida: pura felicidade. Dei uma boa mordida. Deborah brincava com o canudo da vitamina.

Engoli.

– Debs, se minha lógica mortal e um sanduíche do Relâmpago não conseguem animar você, então é tarde demais. Você já morreu.

Ela me olhou com sua cara de garoupa e mordeu o sanduíche.

– Está muito gostoso, viu como me animei? – disse, inexpressiva.

A coitadinha não estava convencida, o que era um terrível golpe no meu ego. Mas, afinal de contas, eu tinha oferecido a ela uma tradicional delícia gastronômica da família Morgan. E dei notícias ótimas, mesmo se ela não reconhecesse. Se aquilo não a alegrou, bom, francamente. Não posso fazer mais nada.

Outra coisinha que eu podia fazer era alimentar LaGuerta também, o que não era tão saboroso quanto os sanduíches do Relâmpago, mas era comestível a

seu modo. Assim, naquela tarde, liguei para a boa detetive em seu escritório, que era um adorável cubículo no canto de um salão com outra meia dúzia de cubículos. O dela era o mais elegante, claro: as divisórias tinham boas fotos de LaGuerta ao lado de celebridades. Reconheci Gloria Estefan, Madonna e Jorge Mas Canosa. Sobre a mesa, havia um mata-borrão verde-jade revestido de couro e um fino porta-caneta de ônix verde com relógio de quartzo no centro.

Quando entrei na sala, LaGuerta estava ao telefone, falando rápido em espanhol. Ela me olhou sem me ver e desviou o olhar. Um instante depois, voltou a me olhar. Dessa vez, por inteiro; depois franziu o cenho e disse "Certo, certo, *ta luo"*, que é *hasta luego* em cubano. Desligou e continuou me olhando.

– Que notícias me traz? – perguntou, por fim.

– Maré mansa – respondi.

– Se isso quer dizer boas notícias, eu poderia aproveitar algumas.

Puxei com o pé uma cadeira dobrável até o cubículo dela.

– Não há dúvida de que você prendeu o cara certo – anunciei, sentando-me na cadeira. – O assassino da antiga estrada Cutler é outro cara.

Ela apenas me olhou por um instante. Fiquei pensando se levava tanto tempo para processar a informação e responder.

– Você garante? Tem certeza? – perguntou, por fim.

Claro que eu podia garantir, mas não ia, por mais que confessar fizesse bem à alma. Em vez disso, coloquei a pasta na mesa dela.

– Os fatos falam por si. Não há a menor dúvida – completei. Claro que ela não perguntou nada, como eu sabia muito bem. – Olhe... – eu disse e peguei uma folha de fatos cuidadosamente comparados. – Em primeiro lugar, a vítima é um homem. Todas as demais eram mulheres. Esta vítima foi encontrada perto da antiga Cutler. Todas as vítimas de McHale estavam perto da trilha Tamiami. Esta vítima estava relativamente intacta e no lugar onde foi morta. As vítimas de McHale estavam completamente mutiladas e foram levadas para outro local.

Continuei e ela ouviu, atenta. A lista era boa. Levei horas para chegar às comparações mais óbvias, bobas e de uma idiotice transparente; devo dizer que fiz um trabalho muito bom. LaGuerta também fez sua parte maravilhosamente. Engoliu tudo. Claro que estava ouvindo o que queria ouvir.

– Para resumir, esse novo crime tem uma marca de vingança, provavelmente relacionada com drogas. O cara na cadeia cometeu os outros assassinatos e estão todos total e completamente encerrados. Não voltarão a ocorrer jamais. Ponto final. – Coloquei a pasta na mesa dela e mostrei minha lista.

Ela pegou a folha e ficou olhando-a por um bom tempo. Franziu o cenho. Olhou a folha de cima a baixo algumas vezes. Contraiu o canto do lábio inferior.

Depois, colocou a folha com cuidado sobre a mesa, embaixo de um pesado grampeador verde-jade.

– Certo – concluiu, arrumando o grampeador para ficar perfeitamente alinhado com o mata-borrão. – Certo, muito bem. Isso pode ajudar. – Olhou para mim de novo, a pele franzida ainda grudada na testa e sorriu de repente. – Certo. Obrigada, Dexter.

Foi um sorriso tão inesperado e sincero que, se eu tivesse sentimentos, teria me sentido bem culpado.

Ela se levantou, ainda sorrindo e, antes que eu pudesse sair de lá, colocou os braços em volta do meu pescoço.

– Gostei mesmo. Você me deixa... MUITO grata. – Esfregou o corpo no meu de um jeito que só podia ser considerado sugestivo. Não havia dúvida de que... quer dizer, ei-la, defensora da moral pública, bem ali em público... e mesmo que fosse na privacidade de um cofre de banco eu não teria o menor interesse em ser roçado por ela. Sem falar que eu tinha acabado de entregar uma corda, na esperança de que ela a usasse para se enforcar, o que não parecia coisa para alguém comemorar... bom, francamente, será que o mundo enlouqueceu? O que está havendo com os humanos? Nenhum deles pensa nisso?

Quase em pânico, tentei me soltar.

– Por favor, detetive...

– Me chame de Migdia – ela pediu, dependurada em mim e se esfregando mais. Quando pôs a mão na frente da minha calça, dei um pulo. Considerando pelo lado positivo, consegui desestruturar a carinhosa detetive. Pelo lado negativo, ela girou de lado, bateu com a coxa na escrivaninha, tropeçou na cadeira e se estabacou no chão.

– Eu, ah, eu... preciso trabalhar. Tem uma importante, ah... – gaguejei. E não consegui pensar em nada mais importante do que correr e saí do cubículo enquanto ela ficou me olhando.

Não parecia um olhar muito amistoso.

Capítulo 19

~

Acordei de pé, ao lado da pia, com a torneira aberta. Tive um instante de pânico absoluto, uma sensação de total desorientação, o coração batendo enquanto minhas pálpebras pesadas adejavam, tentando se abrir. O lugar não era aquele. A pia parecia errada. Eu não tinha certeza nem de quem era; no sonho, eu estava na frente da pia do meu banheiro, com a torneira aberta, mas não era aquela pia. Estava lavando as mãos, passando o sabonete com força, limpando cada microscópica mancha de horrível sangue vermelho com água tão quente que a pele ficou rosada, nova e asséptica. A água estava ainda mais quente depois do frio que fazia no quarto de onde eu tinha acabado de sair, o quarto de brinquedos, o quarto de matar, o quarto do corte seco e cuidadoso.

Fechei a torneira e fiquei ali um instante, encostado na pia fria. Tinha sido tudo tão real, não parecia com nenhum sonho. E eu lembrava tão bem do quarto. Conseguia vê-lo só de fechar os olhos.

Estou inclinado sobre a mulher, observando-a mexer-se e comprimir a fita adesiva que a prende, vendo o horror aumentar nos olhos nublados e passar a desespero; a grande onda de encantamento aumenta dentro de mim e faz meu

braço pegar a faca. Quando vou começar...

Mas esse não é o começo. Porque sob a mesa há outra mulher, já seca e bem embrulhada. E no canto da sala tem mais uma, esperando a vez com um desesperançado pavor negro, diferente de tudo que eu já vi, embora seja de certa maneira familiar e necessário esse abandono de todas as outras possibilidades, pois sou tão completamente inundado por uma energia limpa e pura, mais embriagadora do que...

Três.

Dessa vez, são três.

Abri os olhos. Eu estava refletido no espelho. Olá, Dexter. Teve um sonho, meu velho? Interessante, não? Três mulheres, hein? Mas era apenas um sonho. Nada mais. Sorri para mim, testando os músculos da face, totalmente em dúvida. E, por mais extasiante que tivesse sido, eu estava acordado, só com ressaca e as mãos úmidas.

O que poderia ter sido um agradável intervalo no meu inconsciente, me deixou trêmulo e incerto. Estava com muito medo de pensar que minha cabeça tinha se mudado da cidade e deixado o aluguel para eu pagar. Pensei nas três garotas cuidadosamente embrulhadas e tive vontade de voltar para elas e continuar. Pensei em Harry e vi que não podia fazer isso. Eu estava perdido entre um sonho e uma lembrança e não sabia dizer o que era mais constrangedor.

Aquilo já não tinha graça. Eu queria a minha mente de volta.

Sequei as mãos e voltei para a cama, mas naquela noite não tinha mais sono para o querido e arrasado Dexter. Apenas deitei e fiquei olhando as manchas escuras flutuando no teto até que o telefone tocou, às quinze para as seis.

– Você tinha razão – disse Deb, quando atendi.

– É uma sensação deliciosa – eu disse, me esforçando muito para ser brilhante como sempre. – Razão sobre o quê? – perguntei.

– Sobre tudo. Estou na cena de um crime na trilha Tamiami. Sabe de uma coisa?

– Eu tinha razão?

– É ele, Dexter. Tem que ser. E vai dar mais repercussão ainda.

– Repercussão como, Deb? – perguntei, pensando, são *três corpos*, esperando que ela não confirmasse e excitado pela certeza da confirmação.

– Parece que são várias vítimas – ela disse.

Senti um choque por dentro, do estômago para cima, como se tivesse engolido uma pilha ligada. Mas fiz um enorme esforço para dizer algo inteligente.

– É ótimo, Deb. Você está falando exatamente como um relatório de Homicídios.

– É, bem. Estou começando a achar que um dia vou escrever um. Mas estou contente de que não seja este, porque é estranho demais. LaGuerta não sabe o que pensar.

– Na verdade, ela não sabe nem pensar. O que tem de estranho, Deb?

– Preciso ir. Venha para cá, Dexter, precisa ver isso – ela disse, de súbito.

Quando cheguei lá, havia uma multidão de pessoas em volta da barreira, a maioria jornalistas. É sempre difícil passar por um monte de repórteres farejando sangue. Você pode não pensar assim, já que na tela da TV eles parecem sujeitos certinhos, de inteligência restrita e graves distúrbios alimentares. Mas ponha-os dentro de um curral da polícia e ocorre um milagre. Eles ficam fortes, agressivos, enérgicos e capazes de empurrar qualquer um ou qualquer coisa e passar por cima. É meio parecido com as histórias de mães idosas que conseguem levantar um caminhão quando o filho está preso embaixo. A força surge de algum lugar misterioso e, de certa forma, quando há sangue no chão, essas criaturas anoréxicas conseguem empurrar o que for. E sem desarrumar os cabelos.

Por sorte, um dos caras uniformizados que estavam fazendo a barreira me reconheceu.

– Pessoal, deixa ele passar – o policial disse para os jornalistas.

– Obrigado, Júlio. Parece que cada ano tem mais jornalistas – eu disse.

Ele bufou.

– Alguém deve estar clonando. Parecem todos iguais.

Passei por baixo da fita amarela e quando cheguei ao outro lado tive a estranha sensação de que alguém estava adulterando o ar de Miami. Eu estava na parte suja de uma obra. Construíam o que deveria ser um prédio de escritórios de três andares do tipo usado por empreendedores marginais. E, à medida que eu avançava lentamente, acompanhando o movimento em torno da estrutura semipronta, sabia que não era coincidência o fato de estarmos todos lá. Com esse assassino, nada era coincidência. Tudo era intencional, cuidadosamente calculado para causar impacto estético, explorado por necessidade artística.

Estávamos na obra porque era preciso. Ele estava fazendo sua declaração como eu tinha dito a Deborah que faria. Estava dizendo: *vocês pegaram o cara errado. Trancaram um cretino porque vocês também são cretinos. São burros demais para ver, a menos que eu esfregue no nariz de vocês. Portanto, eis aí.*

Mais que isso, mais do que o recado para a polícia e o público, ele estava falando comigo; escarnecendo de mim, me provocando ao citar um trecho do meu trabalho feito às pressas. Ele levou os corpos para uma obra porque eu matei Jaworski em uma obra. Estava brincando de pegar comigo, mostrando para todos nós como ele era bom de bola e dizendo para um de nós (ou seja, para

mim) que estava observando. *Sei o que você fez, eu também posso fazer. Melhor ainda.*

Acho que eu devia ficar meio preocupado.

Mas não fiquei.

Fiquei foi quase tonto, como uma garota do secundário quando o capitão do time toma coragem e convida-a para sair. Você está me convidando? A pobre euzinha? Ai, minha nossa, é mesmo? Licença, enquanto bato as pestanas.

Respirei fundo e tentei lembrar que eu era uma garota legal e não fazia aquelas coisas. Mas sabia que *ele* fazia e eu queria muito sair com ele. Por favor, Harry, dá um jeito?

Pois, muito além de apenas fazer umas coisas interessantes com um novo amigo, eu precisava encontrar aquele assassino. Tinha de vê-lo, falar com ele, provar a mim mesmo que ele existia e que...

Que o quê?

Que ele não era eu?

Que eu não estava fazendo aquelas coisas horríveis e interessantes?

Por que eu haveria de pensar isso? Era mais do que idiotice, era totalmente indigno da atenção do cérebro do qual um dia me orgulhei. Exceto se... naquele momento em que a ideia chacoalhava lá dentro, eu não conseguia que ela parasse quieta. E se fosse mesmo eu? E se eu tivesse feito aquilo sem saber? Claro que não era impossível, totalmente impossível, mas...

Acordo na frente da pia do banheiro, tirando o sangue das mãos após um "sonho" em que, cuidadosa e alegremente, me sujei fazendo coisas que em geral só faço em sonhos. De alguma forma, sei de coisas sobre a série de assassinatos que só poderia saber se eu...

Se eu nada. Tome um tranquilizante, Dexter. Comece de novo. Respire, seu bobo; inspire ar puro e expire ar viciado. Era apenas mais um sintoma da minha nova cabeça fraca. Eu estava apenas ficando precocemente senil devido ao estresse de toda a minha vida limpa. Admito que eu tinha tido um ou dois instantes de humana estupidez nas últimas semanas. E daí? Isso não provava necessariamente que eu era humano. Ou que eu tinha sido criativo no sonho.

Não, claro que não. Muito bem, não significava nada disso. Então, hum, o que queria dizer?

Eu achava que estava simplesmente endoidando, jogando um monte de neurônios no lixo. Muito consolador... mas, se eu estava pronto a admitir isso, por que não admitir também que podia ter cometido uma série de deliciosas travessuras sem me lembrar, exceto como trechos de sonhos? Será que era mais fácil aceitar a loucura do que a inconsciência? Afinal, era apenas uma forma mais elevada de sonambulismo. "Sono assassino." Vai ver que era bem comum.

Por que não? Eu já entregava o volante da minha consciência quando o Passageiro das Trevas vinha dar uma volta. Não fazia muita diferença aceitar que a mesma coisa estava acontecendo naquele momento de forma um pouquinho diferente. O Passageiro das Trevas estava apenas pegando o carro emprestado enquanto eu dormia.

De que outra maneira explicar o fato? Dizer que eu estava siderado, projetando fatos enquanto dormia e sintonizando minhas vibrações com as do assassino devido à ligação que tivemos numa vida anterior? Certamente, isso fazia sentido... se Miami fosse no sul da Califórnia. Em Miami, parecia meio esquisito. Assim, se eu entrasse naquele prédio em construção e visse três corpos arrumados de um jeito que parecia estar falando comigo, teria de pensar na possibilidade de ter escrito a mensagem. Não fazia mais sentido do que acreditar que eu estava ligado a uma espécie de linha telefônica coletiva do inconsciente?

Eu estava na escada externa do prédio. Parei por um instante, fechei os olhos e encostei na parede de concreto aparente. Era um pouco mais fria que o ambiente, além de áspera. Encostei o rosto nela e a sensação foi uma mistura de prazer e dor. Por mais que eu quisesse subir e ver, ao mesmo tempo não queria.

Fale comigo. Conte o que você fez. Eu sussurrava ao Passageiro das Trevas.

Mas claro que não tive resposta além do riso de sempre, frio e distante. E isso não serviu de ajuda. Eu estava meio enjoado, levemente tonto, inseguro e não gostava dessa história de “estar sentindo”. Respirei fundo três vezes, endireitei o corpo e abri os olhos.

O sargento Doakes estava me olhando a um metro de distância, na escada, com um pé no primeiro degrau. Seu rosto era uma máscara negra esculpida com uma estranha agressividade, como um cachorro *rottweiler* que quer arrancar o seu braço, mas antes gostaria de saber que gosto tem. Havia alguma coisa na expressão dele que eu nunca tinha visto em ninguém, a não ser no meu espelho. Era um vazio enorme e profundo de quem viu a charada da vida humana em quadrinhos e leu a última linha.

– Com quem você está falando? Tem alguém aí com você? – ele perguntou, mostrando os dentes brilhantes e famintos.

As palavras e o jeito de quem sabia de alguma coisa penetraram em mim e transformaram o meu interior em geleia. Por que o sargento perguntou exatamente aquilo? O que queria dizer com “aí com você”? Será que ele sabia do Passageiro das Trevas? Impossível. A menos que...

Doakes soubesse quem eu era.

Exatamente como eu sabia da Última Enfermeira.

A Coisa Interna reconhece um igual. Será que o sargento Doakes também transportava um Passageiro das Trevas? Seria possível? Um sargento homicida,

um predador Dexter sombrio? Impensável. Mas, então, como explicar? Eu não consegui pensar em nada e passei um bom tempo apenas olhando para ele. E ele me olhando.

Finalmente, ele balançou a cabeça, sem tirar os olhos de mim.

– Um dia desses, você e eu, a gente se acerta – ele disse.

– Hoje não. Mas quem sabe um dia? – falei, com todo o bom humor que consegui. – Enquanto isso, me dá licença...?

Ele ficou lá, ocupando toda a escada e só olhando. Finalmente, fez um leve sinal com a cabeça e deu passagem.

– Um dia desses – repetiu, enquanto eu passava e subia a escada.

O choque desse encontro me tirou instantaneamente do meu pavorzinho hipócrita. Claro que eu não estava matando sem ter consciência. À parte o ridículo da ideia, seria um desperdício impensável fazer tudo aquilo e depois não lembrar. Devia haver outra explicação, alguma coisa simples e fria. Certamente eu não era o único nas proximidades a ter esse tipo de criatividade. Afinal, estava em Miami, cercado de gente perigosa como o sargento Doakes.

Subi rapidamente a escada, sentindo a adrenalina circulando, era quase eu mesmo de novo. Em parte, meus passos tinham uma saudável elasticidade porque eu estava fugindo do bom sargento. E mais: estava ansioso para ver a mais recente afronta ao bem-estar público, sentia uma curiosidade natural, nada mais. Eu certamente não ia encontrar nenhuma impressão digital minha.

Cheguei ao segundo andar. Algumas esquadrias tinham sido instaladas nas janelas, mas o andar estava quase sem paredes. Quando entrei na área principal, vi Angel-sem-parentesco agachado no meio, imóvel. Estava com os cotovelos encostados nos joelhos e o rosto apoiado na mão, só olhando. Parei e olhei para ele, assustado. Era uma das coisas mais impressionantes que eu já tinha visto, um perito em homicídio de Miami paralisado pelo que tinha encontrado na cena do crime.

E o que tinha encontrado era mais interessante ainda.

Era uma cena tirada de algum melodrama sombrio, um *vaudeville* para vampiros. Exatamente como no lugar onde eu tinha deixado Jaworski, havia uma pilha de divisórias de gesso cartonado envoltas em plástico. Foram encostadas numa parede e estavam iluminadas pelas luzes da obra e outras que a equipe de investigação tinha instalado.

No alto do gesso cartonado, arrumado como se fosse um altar, estava uma bancada preta, portátil. Tinha sido colocada para a luz incidir direto sobre ela, ou melhor, mostrar apenas o que estivesse em cima.

Era, naturalmente, uma cabeça de mulher. Na boca, tinha o espelho retrovisor de algum carro ou caminhão, o que dava ao rosto uma aparência quase

cômica de surpresa.

Acima dessa, à esquerda, havia outra cabeça. Sob o queixo dela, colocaram o corpo de uma Barbie, de forma que ficou uma cabeça enorme de mulher com o corpinho da boneca.

À direita, estava a terceira cabeça cuidadosamente montada sobre um pedaço de gesso cartonado, com as orelhas presas por parafusos que deviam ser do cartonado. Não havia sangue empoçado em volta. As três cabeças não tinham sangue.

Um espelho, uma Barbie e gesso cartonado.

Três assassinatos.

Completamente secos.

Olá, Dexter.

~

Não havia dúvida. O corpo da Barbie era uma clara referência ao que estava na minha geladeira. O espelho se referia à cabeça jogada no elevado e o gesso cartonado, a Jaworski. Ou alguém estava tão dentro da minha cabeça que já era quase eu, ou tinha sido realmente eu.

Respirei devagar e com dificuldade. Tenho certeza de que minhas emoções não eram as mesmas dele, mas eu queria me agachar no chão ao lado de Angel-sem-parentesco. Precisava de um instante para lembrar como se pensa e o chão parecia um bom lugar. Mas fui andando lentamente para o altar como se estivesse sobre trilhos bem azeitados. Não conseguia parar, ir mais devagar ou fazer qualquer coisa que não fosse me aproximar. Só conseguia olhar maravilhado e me concentrar em respirar pelo lugar certo. Em toda volta, percebi aos poucos que eu não era o único a não acreditar bem no que estava vendo.

No exercício da minha profissão (para não falar no meu *hobby*), estive em centenas de cenas de crime, muitas das quais tão terríveis e cruéis que conseguiram chocar até a mim. Em todos esses assassinatos, a equipe da delegacia Miami-Dade fez seu trabalho de forma calma e profissional. Em todos, alguém ficou tomando café, outro encomendou *pasteles* ou rosquinhas e outro ainda ficou contando piada ou mexericos enquanto limpava o sangue. Em todas as cenas de crime em que eu tinha estado, um grupo ficava tão pouco impressionado com a carnificina que podia estar jogando boliche com o time da igreja.

Até aquele crime ali.

Dessa vez, a grande e vazia sala de concreto aparente estava artificialmente quieta. Os policiais e técnicos se agruparam silenciosos com dois ou três colegas, como se estivessem com medo de ficar sozinhos e só olhavam o que estava no

fundo da sala. Se alguém por acaso fazia um barulhinho, todo mundo pulava e olhava para a pessoa. A cena era tão comicamente estranha que eu certamente teria rido alto, se não estivesse tão hipnotizado quanto os demais.

Será que eu tinha feito aquilo?

Era lindo, num sentido horrível, claro. Mesmo assim, o arranjo era perfeito, interessante, lindamente exangue. Mostrava bastante sagacidade e um grande senso de composição. Alguém tinha tido muita dificuldade para transformar aquilo numa verdadeira obra de arte. Alguém com estilo, talento e uma noção mórbida de brincadeira. Em toda a minha vida, só conheci uma pessoa assim.

Será que essa pessoa poderia ser o Dexter de sonhos sombrios?

CAPÍTULO 20

~

FIQUEI O MAIS PRÓXIMO POSSÍVEL DA cena dramática sem mexer nela, só olhando. O pequeno altar ainda não tinha sido polvilhado para colher impressões digitais, nada tinha sido feito, mas já deviam ter fotografado. E, ah, como eu queria levar para casa a cópia de uma daquelas fotos. Com o tamanho de um cartaz e em cores, sem sangue. Se eu *tivesse* feito aquilo, era um artista bem melhor do que pensava. Mesmo ali, vistas tão de perto, as cabeças pareciam flutuar no espaço, acima da terra mortal, numa paródia atemporal e exangue do paraíso, literalmente separadas dos corpos...

Os corpos: olhei em volta. Não havia sinal deles, nenhuma reveladora pilha de pacotes cuidadosamente embrulhados. Só a pirâmide de cabeças.

Olhei mais um pouco. Alguns minutos depois, Vince Masuoka surgiu lentamente, de boca aberta, o rosto pálido.

– Dexter – ele chamou, e balançou a cabeça.

– Olá, Vince. Onde estão os corpos? – perguntei. Ele balançou a cabeça de novo.

Ficou observando as cabeças por um bom tempo. Depois, olhou para mim

com cara de inocência perdida.

– Em algum lugar – respondeu.

Houve um barulho na escada e o encanto se quebrou. Saí da cena dramática enquanto LaGuerta chegava com alguns jornalistas cuidadosamente selecionados: Nick Alguma Coisa, Rick Sangre, da TV local, e Eric, o Viking, um estranho e respeitado colunista do jornal. Por um instante, a sala ficou bem movimentada, Nick e Eric deram uma olhada e correram escada abaixo tapando a boca com as mãos. Rick Sangre franziu bem o cenho, olhou as luzes e virou-se para LaGuerta.

– Existe uma tomada de luz? Preciso trazer meu câmera – ele disse.

LaGuerta negou com a cabeça.

– Aguarde os outros – disse.

– Preciso de imagens – insistiu Rick Sangre.

O sargento Doakes apareceu por trás de Sangre. O repórter o viu.

– Não pode gravar – avisou Doakes.

Sangre abriu a boca, olhou Doakes um instante e fechou a boca de novo. Mais uma vez, as qualidades excelsas do bom sargento tinham salvado o dia. Ele recuou e ficou protetoramente ao lado das partes de corpo expostas, como se aquilo fosse um projeto de Feira de Ciência e ele, o segurança.

Alguém tossiu à porta: Nick Alguma Coisa e Eric, o Viking, voltavam pela escada, arrastando os pés como se fossem velhos. Eric não olhou para o fundo da sala. Nick tentou não olhar, mas sua cabeça ficou virando para a horrível cena e ele fez força para olhar LaGuerta de novo.

Ela começou a falar. Aproximei-me para ouvir.

– Pedi para vocês três verem isso antes de autorizarmos a cobertura oficial da imprensa – ela disse.

– Mas podemos cobrir sem ser oficialmente? – interrompeu Rick Sangre.

LaGuerta ignorou a pergunta.

– Não queremos qualquer especulação na imprensa sobre o que houve aqui. Como podem ver, este é um crime bizarro e doentio... – parou por um instante e acrescentou, com cuidado: – Diferente de Tudo Que Já Vimos. – Dava para ouvi-la colocando as palavras em letra maiúscula.

Nick Alguma Coisa murmurou algo, pensativo, enquanto Eric, o Viking, entendeu na hora.

– Ei, espera aí. Você está dizendo que este é um novo assassino? Uma série de assassinatos totalmente diferente?

LaGuerta olhou para ele, bem enfática.

– Claro que ainda é muito cedo para garantir qualquer coisa – disse, parecendo segura. – Mas vamos ser lógicos, certo? Primeiro – e levantou um

dedo –, temos um cara que confessou os outros crimes. Está preso e nós não deixamos ele sair da cadeia para fazer isso. Segundo, isso não parece com nada que eu já vi, certo? São três cabeças empilhadas direitinho, certo? – Benza Deus, ela havia percebido.

– Por que não posso trazer o meu câmera? – perguntou Rick Sangre.

– Não tinha um espelho num dos outros assassinatos? – perguntou, tímido, Eric, o Viking, se esforçando para não olhar.

– Você já identificou o hum... – disse Nick Alguma Coisa. A cabeça dele foi virando para a cena, ele percebeu e voltou a olhar para LaGuerta. – As vítimas eram prostitutas, detetive?

– Escutem – disse LaGuerta. Ela parecia meio aborrecida e, por um segundo, a voz ficou com um toque cubano. – Deixe-me *decir* uma coisa. Não me importa se eram prostitutas. Não importa se há um espelho. Nada disso me interessa. – Respirou e continuou, mais calma. – Estamos com o outro assassino na cadeia. Temos a confissão dele. Este é um caso totalmente novo, certo? Isso é o importante. Vocês podem ver, é diferente.

– Então por que você está cuidando dele? – perguntou Eric, o Viking, com toda a razão, pensei.

LaGuerta mostrou dentes de tubarão:

– Porque resolvi o outro caso.

– Mas tem certeza de que esse é outro assassino, detetive? – insistiu Rick Sangre.

– Não há dúvida. Não posso contar detalhes, mas tenho um laboratório de perícia para confirmar o que digo. – Tive certeza de que ela estava se referindo a mim. Senti uma ponta de orgulho.

– Mas foi meio parecido, não? Mesma jurisdição, mesma técnica... – começou a avaliar Eric, o Viking. LaGuerta cortou.

– Completamente diferente, completamente – discordou ela.

– Então você tem absoluta certeza de que McHale cometeu os outros crimes e este é totalmente diferente – disse Nick Alguma Coisa.

– Totalmente. Além do mais, eu nunca disse que McHale cometeu os outros crimes.

Por um segundo, os repórteres esqueceram o horror de não terem fotos ou imagens.

– O quê? – perguntou, enfim, Nick Alguma Coisa.

LaGuerta enrubesceu, mas insistiu:

– Eu nunca disse que McHale matou. Ele é que disse que matou, certo? O que eu podia fazer? Dizer para ele ir embora, que eu não acreditava?

Eric, o Viking, e Nick Alguma Coisa trocaram um olhar significativo. Eu

teria feito o mesmo se tivesse alguém para olhar. Em vez disso, vi a cabeça no meio do altar. Ela não chegou a piscar para mim, mas garanto que estava tão impressionada quanto eu.

– Isso é loucura – murmurou Eric, mas foi atropelado por uma pergunta de Rick Sangre.

– Podemos entrevistar McHale? Com imagens? – quis saber Sangre.

A chegada do capitão Matthews nos salvou da resposta de LaGuerta. Ele subiu a escada fazendo barulho e parou ao ver nossa pequena mostra de arte.

– Meu Deus! – exclamou. Depois, olhou para os jornalistas em volta de LaGuerta e perguntou: – O que vocês estão fazendo aqui?

LaGuerta deu uma olhada na sala, mas ninguém se ofereceu para responder.

– Eu autorizei. Extraoficialmente, sem publicar ou noticiar nada – disse ela, por fim.

– Você não disse que não era para noticiar – exaltou-se Rick Sangre. – Disse apenas extraoficialmente.

LaGuerta olhou bem para ele.

– Extraoficialmente *quer dizer* para não noticiar.

– Saiam. Oficialmente e extraoficialmente. Fora daqui – rosnou Matthews.

Eric, o Viking, pigarreou.

– Capitão, o senhor concorda com a detetive LaGuerta de que esta é uma nova série de assassinatos cometidos por outro criminoso?

– Fora, respondo às perguntas lá embaixo – repetiu Matthews.

– Preciso de imagens, leva só um minuto – pediu Rick Sangre.

Matthews fez sinal com a cabeça para a porta.

– Sargento Doakes?

Doakes apareceu e segurou Rick Sangre pelo cotovelo.

– Senhores – disse, com a voz macia e apavorante. Os três jornalistas olharam para ele. Vi Nick Alguma Coisa engolir em seco. Os três então se viraram sem dizer nada e saíram juntos.

Matthews observou-os ir embora. Quando estavam fora do alcance da voz, virou-se para LaGuerta: – Detetive, se algum dia repetir uma besteira dessas, terá sorte se conseguir emprego de segurança no estacionamento do Walmart – disse, numa voz tão peçonhenta que só pode ter aprendido com Doakes.

LaGuerta ficou verde-clara, depois vermelho-forte.

– Capitão, eu queria apenas... – ela ia dizer. Mas Matthews já tinha ido embora. Ele arrumou a gravata, ajeitou os cabelos com a mão e desceu a escada atrás dos jornalistas.

Virei-me para o altar outra vez. Estava igual, mas os peritos jogavam um pó para detectar impressões digitais. Depois, iriam analisar as cabeças. Dali a

pouco, tudo seria apenas uma linda lembrança.

Desci a escada rapidamente para procurar Deborah.

Lá fora, Rick Sangre já estava com um câmera gravando. O capitão Matthews ficou sob os holofotes com microfones grudados no queixo, dando sua declaração oficial: – ... a política do departamento sempre foi dar autonomia ao policial investigador até ficar evidente que a competência dele ficou ameaçada devido a uma série de graves erros de avaliação. Ainda não foi o caso desse crime, mas estou monitorando de perto. Com tanta coisa em jogo para a comunidade...

Enxerguei Deborah e passei ao lado deles. Ela estava junto à fita amarela da barreira, usando seu uniforme azul de patrulha.

– Linda roupa – elogiei.

– Eu gosto. Você viu a cena do crime? – ela perguntou em seguida.

– Vi. E também o capitão Matthews discutindo o caso com a detetive LaGuerta.

Deborah prendeu a respiração.

– O que eles disseram?

Dei um tapinha no braço dela.

– Uma vez, papai usou uma expressão forte que serve para a situação. Matthews “deu-lhe um bom esporro”. Conhece essa?

Ela pareceu assustada e depois satisfeita.

– É uma ótima expressão. Agora realmente preciso da sua ajuda, Dex.

– Além do que já ajudei, certo?

– Não sei se já ajudou, mas não bastou.

– Você é bem injusta, Deb. E pouco gentil. Afinal, está numa cena de crime usando seu uniforme. Preferia estar com aquela roupa *sexy*?

Ela estremeceu.

– Não é esse o problema. Você ficou guardando algo o tempo todo e agora quero saber o que é.

Por um instante, eu não soube o que dizer, era sempre uma sensação desconfortável. Não sabia que ela era tão sensível.

– Ora, Deborah...

– Olha, você pensa que não sei que essa história de política funciona e pode ser que eu não seja tão esperta quanto você, mas agora eles vão estar mais preocupados em proteger o próprio rabo. O que significa que ninguém vai investigar.

– O que significa que você tem uma oportunidade de mostrar serviço? Muito bem, Debs.

– E que preciso da sua ajuda como nunca. – Apertou a minha mão e pediu:

– Por favor, Dexy?

Não sei o que me deixou mais chocado: a conclusão dela, o aperto de mão ou o apelido Dexy. Ela não o usava desde que eu tinha dez anos. Queira ou não, quando disse “Dexy”, transportou nós dois imediatamente para a Terra de Harry, um lugar onde a família era importante e as obrigações eram tão reais quanto prostitutas sem cabeça. O que eu podia dizer?

– Claro, Deborah – respondi. Dexy, isso mesmo. Quase que ela conseguiu me emocionar.

– Ótimo – ela disse e ficou toda profissional outra vez, uma mudança maravilhosamente rápida que eu tinha de admirar. – O que mais chama a sua atenção? – ela perguntou, fazendo um gesto para o segundo andar.

– Os pedaços de corpo que faltam. Alguém os está procurando? – perguntei.

Deborah deu um de seus novos olhares de Tira Internacional, um que era ácido.

– Pelo que sei, há mais policiais encarregados de afastar as câmeras de TV do local do que fazendo algo nesse sentido.

– Ótimo. Se conseguirmos encontrar os pedaços, podemos adiantar as coisas – eu disse.

– Certo. Onde a gente procura?

Era uma boa pergunta, que, naturalmente, me deixava em desvantagem, pois eu não tinha ideia da resposta. Será que os membros ficaram na sala em que as vítimas foram mortas? Eu achava que não, seria uma bagunça; seria impossível ele usar a sala de novo, com aquela desagradável confusão em volta.

Muito bem, então o resto dos corpos tinha ficado em outro lugar. Mas onde?

Aos poucos, foi me ocorrendo que a verdadeira pergunta talvez fosse: por quê? As cabeças foram colocadas naquele lugar por um motivo. Qual seria o motivo para colocar o resto dos corpos em outro lugar? Apenas para disfarçar? Não, nada era simples com esse sujeito e disfarçar, evidentemente, não era uma qualidade que ele admirava muito. Sobretudo naquele momento, quando estava se exibindo um pouco. Sendo assim, onde largaria um monte de restos?

– Então? O que acha? Onde a gente procura? – exigiu Deborah.

Balancei a cabeça.

– Não sei – respondi devagar. – Onde quer que tenha deixado, faz parte da declaração dele. E nós ainda não sabemos direito o que ele quer declarar, não é?

– Droga, Dexter...

– Sei que ele quer esfregar o nosso nariz nisso. Precisa mostrar que fizemos algo incrivelmente estúpido e, mesmo se não tivéssemos feito, que ele ainda é mais esperto do que nós.

– Por enquanto, ele tem razão – Debs concordou, fazendo sua cara de garoupa.

– Então... não importa onde tenha jogado a coisa, precisa continuar aquela declaração. De que somos estúpidos, ou melhor, de que FIZEMOS uma coisa estúpida.

– Certo. Essa diferença é muito importante.

– Por favor, Deb, assim você vai quebrar a cara. A diferença é importante porque ele vai comentar o ATO e não os ATORES.

– Ahn-Ahn. Muito bem, Dex. Então a gente devia ir para o teatro mais próximo e procurar um ator com sangue até os cotovelos, certo?

Balancei a cabeça.

– Sem sangue, Deb. Nada de sangue. Essa é uma das coisas fundamentais.

– Como você pode ter tanta certeza?

– Porque não havia sangue em nenhuma das cenas. Isso é proposital, além de fundamental para o que ele está fazendo. Dessa vez, vai repetir as partes importantes, mas comentar o que já foi feito e nós não percebemos, entende?

– Claro, entendo. Faz sentido. Então por que não vamos checar no Office Depot Center? Ele deve ter deixado os corpos na rede do gol outra vez.

Abri a boca para fazer uma observação bastante sagaz. O rinque de hóquei foi uma escolha completamente errada, era óbvio. Foi um teste que ele fez, algo diferente, mas eu sabia que não ia repeti-lo. Comecei a explicar para Deb que a única razão para repetir o rinque seria... parei, de boca aberta. *Claro*, pensei. *Naturalmente*.

– Agora quem está fazendo cara de peixe, hein? O que há, Dex?

Por um instante, fiquei calado. Estava muito ocupado tentando segurar meus pensamentos rodopiantes. *O único motivo para ele repetir o rinque de hóquei será para mostrar que prendemos o cara errado.*

– Ah, Deb, claro. Tem razão, o estádio. Você acertou por todos os motivos errados, mas...

– Mesmo errando, eu acerto na mosca – ela concluiu, indo para o carro.

Capítulo 21

~

Você entendeu bem que é um tiro no escuro? É provável que não encontremos nada – avisei.

– Eu sei – disse Deb.

– E essa área não é da nossa jurisdição. Estamos em Broward e os caras daqui não gostam de nós, então...

– Pelo amor de Deus, Dexter. Você fala sem parar, parece uma garotinha do primário – ela reclamou.

Vai ver que ela estava certa, embora não fosse muito gentil dizer. Por outro lado, Deborah parecia um feixe de nervos de aço bem apertados. Quando saímos da via expressa Sawgrass e entramos no estacionamento do Office Depot Center, ela apertou os maxilares. Quase deu para ouvir as mandíbulas rangerem. Dirty Harriet,[1] disse para mim mesmo, mas achei que Deb fingiu não ouvir.

– Foda-se – ela xingou.

Parei de olhar o perfil escuro de Deborah e passei para o estádio. Por um breve momento, com o sol do amanhecer incidindo diretamente, parecia que o prédio estava cercado por uma frota de discos voadores. Claro que eram apenas

as luzes da parte externa batendo no rinque como enormes cogumelos de metal. Alguém deve ter dito ao arquiteto que aquilo dava um efeito elegante. Ou, mais provavelmente, um efeito “jovem e cheio de energia”. Tenho certeza de que dava mesmo, com a luz adequada. Esperava, com toda a sinceridade, que eles logo achassem qual era a luz adequada.

Demos uma volta no estádio, procurando sinais de vida. Na segunda volta, apareceu um Toyota surrado, ao lado de uma das portas. A porta do carona estava fechada com uma corda presa ao batente. Ao mesmo tempo que estacionava, Deborah abriu a porta do carro e saltou com ele ainda em movimento.

– Por favor, senhor? – pediu ao homem que saía do Toyota. Ele tinha uns cinquenta anos, era atarracado e usava gastas calças verdes e uma jaqueta de náilon azul. Viu Deb de uniforme e ficou nervoso na hora.

– O quê? Não fiz nada – ele disse.

– O senhor trabalha aqui?

– *Craro*. Por que acha que estou aqui às oito da manhã?

– Por favor, como se chama?

Ele procurou a carteira.

– Steban Rodriguez. Olha a carteira de identidade.

Deborah fez sinal de que não precisava.

– Não. O que faz aqui a esta hora, senhor?

Ele deu de ombros e guardou a carteira no bolso.

– Tenho de chegar mais cedo, mas agora o time está viajando... Foi para Vancouver, Ottawa e L.A. Então, venho um pouco mais tarde.

– Tem mais alguém aqui, Steban?

– *Nãão*, só eu. Eles dormem tarde.

– E de noite? Tem vigia?

Ele abanou a mão.

– A segurança faz ronda no estacionamento, mas não muito. Na *mor* parte sou eu que chego *primero*.

– Quer dizer que é o primeiro a entrar no estádio?

– Isso, não foi o que eu disse?

Saltei do carro e inclinei-me sobre a capota.

– É você quem passa a Zamboni no rinque para o treino da manhã? – perguntei.

Deb me olhou, preocupada. Steban virou-se para mim e notou minha garbosa camisa havaiana e as calças de gabardine.

– Que tipo de tira é você, ahn?

– Um tira quadrado, trabalho no laboratório – respondi.

– Aaaaah, *craaaro* – disse ele, balançando a cabeça como se aquilo fizesse sentido.

– Você dirige a Zamboni, Steban? – repeti.

– Sim, mas durante os jogos não posso. Só os caras de uniforme. Gostam de colocar um jovem ou alguém conhecido. Pra dar volta no rinque e acenar pra arquibancada, essas porcarias. Mas eu dirijo a Zamboni de manhã bem cedo. Quando o time está na cidade. Eles agora estão viajando, então chego mais tarde.

– Nós gostaríamos de dar uma olhada no estádio – disse Deb, sem esconder a impaciência por eu estar falando. Steban virou-se para ela, com um brilho esperto passando pelos olhos.

– *Craaaro*. Têm autorização?

Deborah corou. O rubor do rosto fazia um lindo contraste com o azul do uniforme, mas certamente não era a coisa mais eficaz para reforçar sua autoridade. Eu a conhecia bem, sabia que ela ia perceber o rubor e ficar irritada. Não tínhamos autorização nem, na verdade, nada que pudesse ser considerado uma permissão oficial e achei que se irritar não era a nossa melhor tática.

– Steban – chamei, antes que Deb pudesse dizer algo lastimável.

– Ahn?

– Há quanto tempo você trabalha aqui?

Ele deu de ombros.

– Desde que abriu. Já trabalhava no estádio anterior fazia dois anos.

– Então estava aqui na semana passada, quando encontraram o corpo no gelo?

Steban desviou o olhar. Sob a pele morena, ele ficou verde. Engoliu em seco.

– *Homi*, nunca mais quero ver uma coisa daquelas. Nunca – garantiu.

Concordei com autêntica solidariedade sintética.

– Você tem toda a razão. É por isso que estamos aqui, Steban.

Ele franziu o cenho.

– *Oqui* quer dizer?

Olhei para Deb para garantir que ela não ia puxar uma arma ou algo assim. Ela fez cara de desaprovação, apertou os lábios e bateu os pés no chão, mas não disse nada.

– Steban – repeti, chegando mais perto e fazendo a voz mais confidencial e máscula possível. – Nós achamos que pode ser que, quando você abrir esses portões agora, vai encontrar o mesmo tipo de coisa esperando lá.

– Droga! Não quero ter nada a ver *coaquilo* – explodiu ele.

– Claro que não.

– *Estoy cagando* para aquela droga – ele disse.

– Certamente. Então por que não deixa a gente dar uma olhada antes? Só para garantir – sugeri.

Ele olhou para mim um instante, depois para Deborah, que continuava zangada, o que caía muito bem nela, o uniforme destacava.

– Pode dar problema e eu perder o emprego – disse Steban.

Dei um autêntico sorriso solidário.

– Ou você pode entrar e achar uma pilha de braços e pernas. Muitos mais, dessa vez.

– Droga. Se der problema, perco meu emprego, ahn? Por que eu ia fazer isso para você, ahn?

– E seu dever cívico?

– Vem cá, cara, está querendo me foder? Que diferença faz para você se eu perder o emprego?

Ele não estendeu a mão, o que achei bastante educado, mas era evidente que esperava alguma compensação financeira pela provável perda do emprego. Uma preocupação razoável, levando em conta que estávamos em Miami. Mas eu só tinha cinco dólares e realmente precisava de uma rosquinha e um café. Assim, apenas concordei com a cabeça, com uma compreensão viril.

– Você tem razão. Achávamos que você não precisava ver os pedaços de corpo, eu disse que dessa vez seriam vários, não? Mas, claro, não quero que perca seu emprego. Desculpe incomodar, Steban. Tenha um bom dia! – Sorri para Deborah. – Vamos, agente. Temos de voltar para a outra cena do crime e procurar as impressões digitais.

Deborah ainda estava irritada, mas pelo menos conseguiu cooperar. Abriu a porta do carro enquanto eu dava um aceno simpático para Steban e entrava.

– Esperem! – ele chamou. Olhei-o com uma expressão de educado interesse. – Juro por Deus, não quero encontrar aquela droga de novo. – Olhou para mim, talvez esperando que eu fosse amaciar e entregar um punhado de moedas de ouro, mas, como já disse, eu só pensava na rosquinha. Steban lambeu os lábios, virou-se e enfiou uma chave na fechadura da grande porta dupla. – Pode entrar, eu espero aqui.

– Se você tem certeza... – eu disse.

– Anda, cara, o que quer? Entre!

Levantei-me do carro e sorri para Deborah.

– Ele tem certeza – falei. Debs apenas balançou a cabeça, numa estranha combinação de nervosismo de irmãzinha com mau humor de tira. Deu a volta no carro, entrou no estádio e fui atrás.

Lá dentro estava tudo frio e escuro, o que não devia me surpreender. Afinal, era um rinque de hóquei de manhã cedo. Steban sabia onde ficavam os

interruptores de luz, mas não nos informou. Deb pegou a grande lanterna que carregava no cinto e passou o facho de luz sobre o gelo. Prendi a respiração enquanto a luz mostrava a rede de um gol, depois a outra. Deb percorreu a área com a lanterna outra vez, devagar, parando uma ou duas vezes e voltou a luz para mim.

– Não tem nada, droga nenhuma – ela disse.

– Você parece desapontada.

Ela bufou e se encaminhou para a saída. Fiquei no meio do rinque, no frio que vinha do gelo e com meus bons pensamentos. Ou, mais exatamente, não tão *meus*.

Pois, quando Deb virou-se para ir embora, ouvi uma vozinha vinda de algum lugar soprando no meu ombro um riso frio e seco, um leve toque quase inaudível. E quando a querida Deborah saiu, fiquei paralisado lá no gelo, fechei os olhos e ouvi o que meu velho amigo tinha a dizer. Não foi muita coisa, só um quase sussurro, um não som, mas ouvi. Ele riu e resmungou coisas terríveis e suaves no meu ouvido, enquanto no outro ouvido eu escutava Deborah dizer a Steban para entrar e ligar as luzes. Ele fez isso logo a seguir, enquanto a vozinha aumentava num súbito crescendo de alegria barulhenta e horror afável.

O que é isso? Perguntei, educado. A única resposta foi um surto de ávido deleite. Eu não tinha ideia do que aquilo significava. Mas não fiquei muito surpreso quando ouvi o grito.

Steban tinha realmente um grito horrível. Era um grunhido rouco e embargado, parecia que estava passando muito mal. O homem não dava um toque musical na coisa.

Abri os olhos. Naquelas circunstâncias, era impossível me concentrar e, de todo jeito, não havia mais o que ouvir. Assim que a gritaria começou, o sussurro parou. Os gritos diziam tudo, não? Abri os olhos no momento em que Steban pareceu ser arremessado do pequeno cômodo do outro lado do estádio e pulou no rinque. Foi pisando barulhentamente pelo gelo, escorregando e resmungando coisas roucas em espanhol até cair de cabeça, horrorizado. O gelo ficou com uma pequena mancha de sangue no lugar onde ele caiu.

Deborah entrou rapidamente pela porta, de arma na mão e Steban passou por ela, cambaleando de encontro à claridade do dia.

– O que foi? – perguntou Deborah, segurando a arma com firmeza.

Inclinei a cabeça, ouvindo um último eco de riso seco e, com o grito de horror rouco ainda soando nos ouvidos, entendi.

– Acho que Steban encontrou alguma coisa – respondi.

1 Referência no feminino ao personagem Dirty Harry, policial que Clint Eastwood interpretou na série de filmes dos anos 1980. (N. T.)

Capítulo 22

~

Eu me esforcei bastante para mostrar a Deborah que a politicagem na polícia era uma coisa escorregadia e com inúmeros tentáculos. E quando se juntam duas delegacias que não querem saber uma da outra, as operações tendem a ser demoradas e seguir o que reza a cartilha, com boa dose de lentidão, pedidos de desculpas, além de xingamentos e ameaças velados. Tudo isso era muito divertido de assistir, claro, mas fazia com que as coisas pouco andassem. Assim, só várias horas depois dos berros apavorados de Steban, decidiu-se qual delegacia seria encarregada do caso e nossa equipe começou a examinar a feliz surpresinha que nosso novo amigo tinha descoberto ao abrir a porta do cômodo.

Nesse tempo todo, Deborah ficou quase à parte, mal conseguindo disfarçar a impaciência. O capitão Matthews chegou com a detetive LaGuerta a reboque. Trocaram apertos de mão com os colegas do condado de Broward: o capitão Moon e o detetive McClellan. Bateram-se em alguns duelos verbais pouco educados que podem ser resumidos no seguinte: Matthews tinha quase certeza de que a descoberta de seis braços e seis pernas em Broward ligava-se à

investigação de sua delegacia sobre três cabeças sem corpo encontradas na região Miami-Dade. Afirmou, com palavras bastante amistosas e simples, que era um pouco fora de propósito achar que ele encontraria três cabeças sem corpos e depois fossem aparecer ali três corpos de outras cabeças.

Usando da mesma lógica, Moon e McClellan observaram que em Miami as pessoas encontram cabeças o tempo todo, mas em Broward isso não era tão comum e, portanto, podiam levar aquilo um pouco mais a sério. De todo jeito, não havia como saber se os crimes tinham ligação sem um trabalho preliminar, o que evidentemente devia ser feito por eles, já que estava em sua jurisdição. Claro que teriam prazer em nos comunicar os resultados.

É claro que Matthews não aceitou a proposta. Explicou, cuidadoso, que o pessoal de Broward não sabia o que procurar, podia perder alguma pista ou destruir uma prova importante. Nada disso, claro, por incompetência ou burrice; Matthews tinha certeza de que o pessoal de Broward era muito competente.

Evidente que Moon não considerou a sugestão como um auspicioso espírito cooperativo e observou, um pouco ofendido, que ela parecia dar a entender que a delegacia dele estava cheia de idiotas de segundo time. A essa altura, o capitão Matthews ficou irritado o suficiente para reagir com excesso de gentileza dizendo que ah, não, segundo time, de maneira nenhuma. Tenho certeza de que a conversa teria terminado em socos se o encarregado da chefia de polícia da Flórida (CPF) não tivesse chegado para apartar.

A CPF é uma espécie de FBI em âmbito estadual. Seus agentes controlam todo o estado e, ao contrário dos federais, são respeitados pela maioria dos tiras locais. O policial em questão tinha altura mediana, cabeça raspada e barba curta. Não me pareceu um homem especial, mas, quando se colocou entre os dois policiais bem maiores, estes calaram a boca e recuaram na hora. Em poucas palavras, ele acalmou e organizou as coisas e voltamos imediatamente a ser os limpos e bem-arrumados responsáveis pela investigação de um homicídio múltiplo.

O homem da CPF decidiu que a investigação pertencia à jurisdição de Miami-Dade, a menos e até que as amostras de tecido provassem que os pedaços de corpo dali e as cabeças de lá não estavam relacionados. Em termos práticos e imediatos, isso significava que o capitão Matthews seria o primeiro a ser fotografado pela multidão de jornalistas que já estava aglomerada lá fora.

Angel-sem-parentesco chegou e começou a trabalhar. Eu não tinha muita certeza do que fazer com aquilo e não estou me referindo à disputa de jurisdição. Não, eu estava muito mais preocupado com o fato em si, que me dava muito o que pensar: não só nos assassinatos e na redistribuição das partes, que já era bastante intrigante. Mas claro que eu tinha conseguido dar uma olhada no

quartinho de horrores de Steban antes que as patrulhas chegassem: alguém pode me culpar por isso, sinceramente? Eu queria apenas tirar amostras da carnificina e tentar entender por que o meu caro e desconhecido sócio nos negócios escolheu deixar lá as sobras. Estou dizendo a verdade, eu só queria dar uma rápida olhada.

Então, assim que Steban abriu a porta e ficou berrando e grunhindo como um porco engasgado com uma toronja, voltei ansioso para ver por que ele ficou fora de si.

Dessa vez, as partes não estavam cuidadosamente embrulhadas, mas arrumadas no chão em quatro grupos. Quando olhei mais de perto, notei uma coisa maravilhosa.

Uma perna tinha sido colocada no lado esquerdo do cômodo. Sem sangue, tinha cor azul esbranquiçada e até uma pequena corrente de ouro no tornozelo, com berloque de coração. Muito bonito, realmente, sem manchas de sangue, um trabalho muito elegante. Dois braços escuros, também bem cortados, foram dobrados no cotovelo e colocados ao lado da perna, com o cotovelo apontando para fora. Ao lado desses membros, todos dobrados nas juntas, as pernas foram colocadas formando dois grandes círculos.

Levei um instante para perceber. Pisquei e, de repente, foquei a vista e tive de franzir o cenho com força para não rir alto como uma garotinha, como Deb tinha me acusado.

Pois ele tinha colocado os braços e pernas formando uma palavrinha usada para assustar: *BOO*.

Os três torsos estavam cuidadosamente arrumados sob o *BOO* em semicírculo, fazendo um lindo sorriso de Dia das Bruxas.

Que sacana.

Mas, enquanto admirava o espírito brincalhão que essa brincadeira demonstrava, pensei por que ele havia escolhido colocar ali, num quarto, em vez de no rinque, onde poderia ser visto por muito mais gente. Admito que o cômodo era espaçoso, mas fechado, grande apenas para caber os pedaços. Então, por quê?

Enquanto eu pensava nisso, a porta externa do estádio se abriu com um estalido, devia ser a primeira equipe de resgate chegando. E a porta aberta provocou um golpe de ar frio no rinque de gelo e nas minhas costas...

O ar frio percorreu minha espinha e foi rebatido por uma lufada de calor. Penetrou de leve até o fundo escuro da minha consciência, algo mudou em alguma profundeza da noite sem lua do meu cérebro de lagarto, senti o Passageiro das Trevas concordar freneticamente com algo que não ouvi ou compreendi, exceto que tinha a ver, de alguma forma, com a urgência primal de

ar frio, paredes se fechando e uma agressiva sensação de...

Correção. Sem dúvida. Alguma coisa ali era muito correta e deixava o meu obscuro carona satisfeito, agitado e contente de um jeito que eu não estava entendendo. Flutuando acima de tudo estava a estranha impressão de que aquilo era bem conhecido. Nada fazia qualquer sentido para mim, mas aquela impressão estava lá. E antes que eu pudesse explorar mais um pouco essas estranhas revelações, um atarracado jovem de uniforme azul mandou-me dar um passo atrás e ficar com as mãos à vista. Claro que ele era o primeiro da patrulha a chegar e apontava sua arma para mim de forma bastante convincente. A cara dele só tinha uma sobrancelha negra, parecia não ter testa, por isso concluí que era boa ideia obedecer. Ele era do tipo brutamontes burro capaz de atirar num inocente (ou até em mim). Afastei-me do cômodo.

Infelizmente, ao me afastar, permiti que fosse visto o pequeno diorama no quarto e o jovem de repente ficou muito ocupado em achar um lugar onde depositar seu café da manhã. Encaminhou-se para uma grande lata de lixo a uns dois metros de distância, antes de iniciar os feios sons de vomitar. Fiquei parado e esperei-o terminar. Um desagradável hábito, jogar fora assim comida mal digerida. Pouco higiênico. E ele era um guardião da saúde pública também.

Mais uniformes entraram trotando no local e dali a pouco meu amigo simiesco estava dividindo a lata de lixo com vários colegas. O barulho era extremamente desagradável, sem falar no cheiro que vinha para o meu lado. Mas, educado, esperei eles terminarem, já que uma das coisas fascinantes sobre armas é que elas podem ser disparadas até por alguém que está vomitando. Um dos uniformizados acabou, aprumou-se, limpou a cara na manga da camisa e passou a me interrogar. Daí a pouco, fui colocado de lado com a recomendação de não sair nem mexer em nada.

O capitão Matthews e a detetive LaGuerta chegaram logo após e, depois que finalmente se inteiraram dos fatos, relaxei um pouco. Mas naquele momento, em que eu não podia ir a lugar nenhum e tocar em nada, apenas parei e pensei. E o que pensei era bem complicado.

Por que eu tinha a impressão de que conhecia o que estava no cômodo?

A menos que voltasse à idiotice anterior, pensada naquele mesmo dia, e me convencesse de que eu tinha feito aquilo, estava totalmente perdido quanto ao motivo de a coisa parecer tão deliciosamente não surpreendente. Evidente que eu não tinha feito aquilo. Já estava envergonhado com a estupidez da ideia. *Boo* mesmo. Não valia nem a pena zombar da ideia. Ridículo.

Então, hum... por que parecia conhecido?

Suspirei e senti mais uma emoção nova, um torpor. Eu simplesmente não tinha ideia do que estava acontecendo, só que, de certa forma, fazia parte da

coisa. Não era uma revelação que ajudasse muito, já que combinava perfeitamente com todas as minhas conclusões analíticas anteriores. Se eu aceitasse a ideia absurda de que tinha feito aquilo inconscientemente (e aceitei), então cada explicação posterior ficaria ainda mais improvável. Assim, Dexter resumiria o caso da seguinte forma: ele está envolvido de alguma maneira, mas não sabe o que isso significa. Senti que as rodinhas do meu antes orgulhoso cérebro saíam dos trilhos e batiam no chão com estrépito. *Clang-clang*. Uau. Dexter descarrilou.

Por sorte, fui salvo de desmoronar completamente graças à chegada de minha querida Deborah.

– Venha, nós vamos lá para cima – avisou, bruscamente.

– Posso saber por quê?

– Vamos falar com os funcionários, ver se sabem de alguma coisa – ela respondeu.

– Devem saber, se têm um escritório – sugeri.

Ela me olhou um instante e virou-se.

– Vamos – chamou.

Talvez por causa do tom de ordem, fui. Andamos até o outro lado de onde eu estava sentado e fomos para o saguão. Um tira da jurisdição de Broward estava ao lado do elevador e dava para ver outros formando uma barreira à entrada da longa série de portas de vidro. Deb marchou até o tira do elevador e disse:

– Meu nome é Morgan. – Ele concordou com a cabeça e chamou o elevador. Olhou para mim com uma cara inexpressiva que dizia muito.

– Meu nome também é Morgan – informei. Ele apenas me olhou e virou-se para as portas de vidro.

Ouviu-se um ruído silencioso de correntes e o elevador chegou. Deborah entrou, apertou com força o botão a ponto de o tira olhar para ela. A porta se fechou.

– Por que tanta cara feia, mana? Não era esse o trabalho que você queria fazer? – perguntei.

– É, todo mundo sabe que esse trabalho é inútil – ela zombou.

– Mas é de detetive – observei.

– Aquela vadia da LaGuerta meteu o nariz. Assim que eu terminar aqui, tenho de voltar ao meu serviço com as prostitutas.

– Ai, meu Deus. Naquela sua roupinha *sexy*?

– Isso mesmo – ela confirmou e, antes que eu conseguisse formular alguma palavra mágica de consolo, chegamos ao andar do escritório e as portas do elevador se abriram. Deb saltou, fui atrás. Encontramos logo a sala da equipe,

onde os funcionários foram reunidos e aguardavam que todo o império da lei falasse com eles. Havia mais um tira da jurisdição de Broward na porta da sala, imagina-se que para garantir que nenhum funcionário pudesse escapar pela fronteira com o Canadá. Deborah cumprimentou o tira na porta e entrou. Fui atrás sem muito ânimo e fiquei pensando no meu problema. Um instante depois, fui arrancado do devaneio quando Deborah fez sinal para mim com a cabeça e deixou entrar um jovem carrancudo, de cara oleosa e horrendos cabelos compridos. Fui atrás, de novo.

Naturalmente, Deborah estava separando o jovem para interrogatório, um ótimo procedimento policial, mas, para ser bem honesto, aquilo não me entusiasmou. Eu sabia por instinto que nenhuma daquelas pessoas tinha nada de importante a contribuir. A julgar por aquele primeiro espécime, talvez fosse seguro usar essa generalização em relação a ele e ao assassinato. Interrogatório não passa de trabalho chato e improdutivo, entregue a Deb porque o capitão achou que ela fez algo certo, mas continuava sendo um inseto nocivo. Assim, mandou-a para longe, ocupar-se de uma peça detetivesca e enfadonha e ficar fora de vista. Fui arrastado junto porque minha irmã queria. Decerto, esperava que meus incríveis poderes extrassensoriais pudessem adivinhar o que aquele bobo de escritório tinha comido no café da manhã. Só de olhar para o rapaz, eu tinha certeza de que comeu *pizza* fria com batata frita e um litro de Pepsi. A comida tinha acabado com o corpo dele e lhe dado um ar de vaga agressividade.

Mesmo assim, segui Deborah quando o sr. Carrancudo levou-a para uma sala de reuniões no fundo do prédio. A sala tinha no centro uma comprida mesa de carvalho com dez cadeiras pretas de espaldar alto e uma mesinha no canto, com computador e equipamento audiovisual. Deb e seu jovem amigo espinhento sentaram-se e começaram a trocar cenhos franzidos, enquanto fui para a mesinha. Ao lado dela, sob a janela, havia uma pequena estante de livros. Olhei pela janela. Quase embaixo de onde eu estava, vi a aglomeração cada vez maior de repórteres e viaturas da polícia em volta da porta pela qual tínhamos entrado com Steban.

Olhei para a estante pensando em achar um canto para me encostar, a uma agradável distância da conversa de Deb. Na estante havia várias pastas de papel pardo e, no alto, um pequeno objeto cinzento. Era quadrado e parecia de plástico. Um arame preto ia desse objeto para a parte de trás do computador. Peguei-o.

– Ei, não mexa com a *webcam*! – mandou o repelente carrancudo.

Deb e eu nos entreolhamos e juro que as narinas dela inflaram como as de um cavalo de corrida na hora da largada.

– Não mexa com o quê? – ela perguntou, calma.

– A câmera está focada na entrada do prédio. Agora vou ter de focar de novo. Cara, por que você foi mexer nas minhas coisas?

– Ele disse *webcam* – respondi para Deborah.

– Uma câmera – ela me disse.

– É.

Ela virou-se para o jovem Príncipe Encantado e perguntou:

– A câmera está ligada?

Olhou-a, surpreso, preocupado em manter o cenho franzido adequado.

– O quê?

– A câmera está funcionando? – repetiu Deborah.

Ele bufou e passou o dedo no nariz.

– Você acha que eu ia ter tudo aí se não funcionasse? Duzentos paus. Funciona direitinho.

Olhei pela janela na direção onde a câmera apontava, enquanto o rapaz rosnava seu mau humor.

– Tenho um *site* na rede e tudo. Chama-se kathouse.com. Quem acessa pode ver o pessoal entrando e saindo do prédio.

Deborah levantou-se e ficou ao meu lado, olhando pela janela.

– A câmera estava apontada para a porta – eu disse.

– Claro, senão como é que quem entra no meu *site* ia ver o pessoal? – perguntou o nosso amigo feliz.

Deborah virou-se para ele. Após uns cinco segundos, ele enrubesceu e olhou para a mesa.

– A câmera estava ligada ontem à noite? – ela perguntou.

Sem olhar, ele apenas resmungou.

– Claro, quer dizer, acho que sim.

Deborah virou-se para mim. Seus conhecimentos de informática resumiam-se ao preenchimento dos relatórios padrão da delegacia. Ela sabia que eu entendia um pouco mais.

– Como funciona? As imagens são arquivadas automaticamente? – perguntei por cima da cabeça do jovem.

Dessa vez, ele olhou. Eu tinha usado “automaticamente”, portanto devia entender.

– Sim. Reabastece a cada quinze segundos e joga para o disco rígido. Costumo apagar de manhã – respondeu ele.

Deborah apertou meu braço com tanta força que tirou a pele.

– Você apagou esta manhã? – ela perguntou.

Ele desviou o olhar de novo.

– Não, porque vocês chegaram berrando e fazendo tanto barulho que nem

consegui abrir o meu e-mail.

Deborah me olhou.

– Acertou – eu disse.

– Venha aqui – disse ela para o nosso infeliz soldadinho.

– Ahn? – ele perguntou.

– Venha aqui – ela repetiu, e o rapaz se levantou devagar, de boca aberta e esfregando os nós dos dedos.

– O que é? – ele disse.

– O senhor pode vir aqui, por favor? – perguntou Deborah com uma autêntica técnica de tira experiente e ele se movimentou. – Podemos ver as imagens da noite passada, por favor? – ela pediu.

O rapaz olhou para o computador, depois para ela:

– Por quê? – ah, os mistérios da inteligência humana.

– Porque acho que você tem uma imagem do assassino – ela respondeu, bem lenta e cuidadosamente.

Ele olhou-a, piscou e corou.

– De jeito nenhum – ele disse.

– Claro que sim – eu disse.

Ele olhou para mim, depois para Deb, abrindo a boca.

–Estranho, tá falando sério?... Quer dizer, não é... – Ele corou ainda mais.

– Podemos ver as imagens? – repetiu Deb.

Ele ficou parado por um instante, afundou na cadeira do micro e pegou no *mouse*. Imediatamente, a tela ganhou vida, ele começou a digitar e mexer o *mouse* furiosamente. – Peço para mostrar as imagens a partir de que horas?

– A que horas os funcionários saem? – perguntou ela.

Ele deu de ombros.

– Na noite passada não houve jogo. Todo mundo já tinha ido embora lá pelas... oito da noite, acho.

– Comece à meia-noite – eu disse e ele assentiu com a cabeça.

– Certo – concordou, dando os comandos em silêncio, depois resmungou: – Anda. Este micro tem só seiscentos mega. Eles não querem atualizar, ficam dizendo que está ótimo, mas é tãão lento que não vai... conseguiu – ele disse, interrompendo a frase de repente.

A tela mostrou uma imagem escura: o estacionamento vazio, embaixo de onde estávamos.

– Meia-noite – ele disse e olhou para a tela. Quinze segundos depois, a imagem mudou para outra igual.

– Vamos ficar olhando isso por cinco horas? – perguntou Deborah.

– Vá passando as imagens e procure faróis ou alguma coisa mexendo –

sugeri.

– Ceeerto – ele disse. Mexeu um pouco no teclado e no *mouse*, as imagens começaram a passar uma por segundo. No começo, não mudaram muito, era o mesmo estacionamento escuro, uma luz brilhante na beira da tela. Depois de umas cinquenta imagens rápidas, apareceu um objeto.

– Um carro! – exclamou Deborah.

Nosso querido micreiro balançou a cabeça.

– É da segurança – ele disse e na imagem seguinte apareceu o carro da segurança.

Ele continuou passando as imagens, eternas e imutáveis. A cada trinta ou quarenta, víamos o carro da segurança passar e depois, nada. Ficamos vários minutos assim, houve um longo trecho com nada.

– Travou– concluiu meu oleoso novo amigo.

Deborah olhou feio para ele.

– A câmera está quebrada?

O rapaz olhou para ela, corou de novo e desviou o olhar.

– Os caras da segurança são umas bestas. Toda noite, lá pelas três da manhã, eles estacionam o carro do outro lado e dormem – explicou, mostrando as imagens passando, inalteradas. – Está vendo? Olá, sr. Segurança? Está dando duro no trabalho? – Ele fez um som molhado no fundo do nariz que entendi que devia ser um riso. – Não muito! – repetiu o ronco e começou a passar as imagens de novo.

E então, de repente:

– Pare! – gritei.

Surgiu na tela uma *van*, na porta embaixo de onde estávamos. A imagem mudou e um homem ficou ao lado do veículo.

– Pode aproximar a imagem? – pediu Deborah.

– Dê um *zoom* – eu disse, antes de ele fazer mais do que franzir um pouco o cenho. Moveu o cursor, destacou a figura escura na tela e clicou o *mouse*. A imagem ficou mais próxima.

– Não vai conseguir uma nitidez melhor que essa, os *pixels*... – ele disse.

– Fique quieto – mandou Deborah. Ela olhava a tela com tanta intensidade que era capaz de derretê-la. Quando vi, entendi por quê.

Era noite e o homem na tela ainda estava longe demais para se ter certeza, mas, pelos poucos detalhes que vi, ele tinha algo estranhamente familiar na posição em que ficou congelado, apoiando o corpo nos pés, de perfil. Por mais indefinida que fosse a imagem, dava para concluir alguma coisa. Como uma onda muito brilhante de riso sibilante, a ideia veio do fundo do assento traseiro do meu cérebro e caiu em cima de mim com a força de um grandioso concerto

de piano: ele realmente parecia muito com...

– Dexter...? – disse Deborah, numa espécie de apressado e estrangulado crocitar.

Isso mesmo.

Parecia muito com Dexter.

Capítulo 23

~

Tenho certeza de que Deborah levou o jovem sr. Cabelo Horroroso de volta à sala porque, quando olhei outra vez, ela estava sozinha, de pé na minha frente. Naquele momento, apesar do uniforme azul, não parecia nada com uma tira. Parecia preocupada, parecia não saber se gritava ou chorava como uma mãe cujo filhinho querido tinha aprontado uma boa.

– Então? – perguntou, e tive de convir que ela queria alguma coisa.

– Nada mal. E você, o que acha? – devolvi.

Ela chutou uma cadeira, que caiu ao chão.

– Droga, Dexter, não me pergunte essa besteira esperta! Diga alguma coisa. Diga que não era você! – Eu não disse nada. – Ou então diga que *é* você. Mas diga ALGUMA COISA! Qualquer coisa!

Balancei a cabeça.

– Eu... – Não havia realmente o que dizer, então balancei a cabeça de novo. – Tenho quase certeza de que não sou eu. Quer dizer, acho que não. – Mesmo para mim, aquilo soava como se eu estivesse com os pés plantados na terra das respostas furadas.

– O que quer dizer “tenho quase certeza”? Quer dizer que não tem certeza? Que pode ser você naquela imagem? – ela perguntou.

– Bom, talvez. Eu não sei – respondi, o que foi realmente brilhante, considerando a situação.

– “Não sei” quer dizer que não sabe se vai me dizer ou que não sabe mesmo que é você na imagem?

– Tenho quase certeza de que não sou eu, Deborah – repeti. – Mas realmente não tenho certeza. Parece comigo, não é?

– Droga – ela xingou, chutando a cadeira no chão, que bateu na mesa. – Como pode não saber, droga?

– É meio difícil de explicar.

– Tente!

Abri a boca, mas, pela primeira vez na minha vida, não saiu nada. Como se tudo já não estivesse bem ruim, eu parecia burro. – Eu apenas... tenho tido aqueles... sonhos, mas... Deb, realmente não sei – respondi e pode ter sido um resmungo.

– Droga droga DROGA! – exclamou Deborah. Chute chute chute.

Era difícil discordar de sua análise da situação.

Todas as minhas reflexões idiotas e automutilantes voltaram-se contra mim com um toque brilhante e zombeteiro. *Claro que não era eu... como poderia ser? Se fosse, eu não saberia?* Pelo jeito, não, meu caro rapaz. Pelo jeito, você não sabia de nada. Porque nossas profundas e sombrias cabecinhas dizem todo tipo de coisas que entram e saem da realidade, mas imagens não mentem.

Deb fez uma nova série de ataques ferozes à cadeira e depois se aprumou. Estava com o rosto bem vermelho e os olhos mais parecidos com os de Harry que nunca.

– Está certo, é isso – disse. Piscou e parou um instante enquanto nós dois percebíamos que ela havia acabado de dizer uma frase Harry.

E por um segundo Harry ficou na sala entre mim e ela, os dois tão diferentes e, mesmo assim, filhos de Harry, os dois estranhos
herdeiros de seu legado ímpar. As costas de Deb ficaram menos rígidas e ela pareceu humana, coisa que eu não via havia algum tempo. Olhou para mim por um bom tempo e desviou o olhar.

– Você é meu irmão, Dex – ela disse. Eu tinha certeza de que não era isso que ela queria dizer no começo.

– Ninguém vai recriminá-la – eu disse.

– Droga, você é meu *irmão*! – ela berrou com uma agressividade que me pegou completamente de surpresa. – Não sei o que você e papai conversaram. Qual foi o assunto que vocês nunca comentaram. Mas eu sei o que ele faria.

– Ele me acusaria – eu disse e Deborah concordou com a cabeça. Alguma coisa brilhou no canto do olho dela.

– Minha família é só você, Dex.

– Não dá para você barganhar muito com isso, não é?

Ela virou-se para mim, estava com lágrimas nos olhos. Por um longo instante, ficou apenas me olhando. Vi a lágrima sair do olho esquerdo e escorrer pelo rosto. Ela enxugou-a, aprumou-se, respirou fundo e virou-se para a janela mais uma vez.

– Está certo. Ele acusaria você. É o que eu vou fazer. – Olhou pela janela, lá longe no horizonte. – Tenho de acabar esses interrogatórios. Você fica encarregado de verificar se essa prova é importante. Ponha o disquete no seu computador em casa e veja o que há. Quando eu terminar aqui, antes de voltar ao trabalho, vou lá ver o que você tem a dizer. – Olhou o relógio no pulso. – Oito horas. E se eu tiver de prender você, prendo. – Olhou de novo para mim por um bom tempo. – Droga, Dexter – disse ela, baixo, e saiu da sala.

Fui até a janela e olhei. Lá embaixo, o circo de tiras, jornalistas e idiotas estava funcionando, o mesmo. Mais longe, depois do estacionamento, a via expressa estava cheia de carros e caminhões buzinando no limite de velocidade de Miami, de 150 km por hora. Mais além, na distância turva, aparecia a silhueta dos arranha-céus de Miami.

E aqui na frente estava o turvo e confuso Dexter olhando pela janela uma cidade que não falava e, mesmo se falasse, não ia contar nada para ele.

Droga, Dexter.

Não sei quanto tempo fiquei na janela, mas acabei concluindo que lá fora não havia respostas. Mas podia haver algumas, no micro do capitão Espinhento. Virei para a mesinha. O computador tinha um programa para cópia de CD. Na estante de cima, achei uma caixa de CDs para gravar. Coloquei um, copiei o arquivo de imagens e tirei o CD. Olhei-o, ele não tinha muito o que dizer e devo ter imaginado o leve riso sombrio no assento de trás. Só por precaução, apaguei o arquivo do disco rígido.

Ao sair, os guardas de Broward que estavam de plantão não me pararam, nem falaram comigo, mas tive a impressão de que me olharam com grande e desconfiada indiferença.

Fiquei pensando se aquilo era o que eu sentiria se tivesse consciência. Achei que jamais saberia... ao contrário da coitada da Deborah, que sofria por excesso de fidelidades impossíveis de coexistir na mesma cabeça. Admirei a solução que ela deu, me encarregando de dizer se a prova era importante. Muito limpo. Tinha um toque bem Harry, como deixar uma arma carregada sobre a mesa, na frente de um amigo culpado e ir embora, sabendo que a culpa puxaria o

gatilho e economizaria para a cidade os gastos com um julgamento. No mundo de Harry, a consciência de um homem não conseguia conviver com a vergonha da culpa.

Mas, como Harry sabia muito bem, o mundo dele tinha acabado havia tempos... e eu não tinha nenhuma consciência, vergonha ou culpa. Só tinha um CD com algumas imagens. E, claro, aquelas imagens faziam menos sentido ainda do que uma consciência.

Tinha de haver alguma explicação que não envolvesse Dexter dormindo na direção de um caminhão em Miami. Claro, muitos dos motoristas na estrada pareciam conseguir isso, mas estavam no mínimo meio acordados quando ligaram o carro, não? E lá estava eu, de olhos abertos e alertas e nem um pouco o tipo de cara que iria percorrer a cidade e matar alguém sem ter consciência disso. Não, eu era do tipo que queria estar acordado durante todos os momentos da coisa. Além do mais, havia aquela noite no elevado: era fisicamente impossível eu jogar a cabeça no meu próprio carro, não?

A menos que eu tivesse me convencido de que podia estar em dois lugares ao mesmo tempo, o que fazia bastante sentido... considerando que a única alternativa crível era que *pensei* que estava sentado no meu carro e vi alguém jogar a cabeça, quando na verdade eu tinha jogado no meu próprio carro e depois...

Não. Ridículo. Não podia pedir às últimas partículas de cérebro que me restavam para acreditarem nessa espécie de conto de fadas. Deveria haver alguma explicação bem simples e lógica; eu ia encontrá-la e, embora parecesse um homem tentando se convencer de que não havia nada embaixo da cama, falei alto:

– Há uma explicação simples e lógica. – Como nunca se sabe se tem alguém ouvindo, acrescentei: – E não tem nada embaixo da cama.

Mais uma vez, a única resposta foi o significativo silêncio do Passageiro das Trevas.

Apesar da alegre ânsia de sangue dos outros motoristas, não encontrei respostas ao dirigir de volta para casa. Ou, para ser totalmente honesto, não encontrei respostas com sentido. Havia muitas respostas idiotas. Mas todas giravam em torno da mesma premissa de que havia algo de errado dentro do crânio do nosso monstro preferido e tive muita dificuldade em aceitar isso. Talvez apenas porque não achava que estivesse nem um pouco mais louco do que já me achei. Não notei nenhuma massa cinzenta faltando, não parecia estar pensando mais devagar ou de forma mais estranha e, até então, não tinha conversado com amigos invisíveis.

Exceto quando dormia, claro... mas isso contava? Todos nós não

enlouquecemos quando dormimos? O que era o sono, afinal, senão o processo no qual jogamos nossa insanidade num buraco escuro do inconsciente e saímos do outro lado prontos para comer sucrilhos em vez dos filhos do vizinho?

À parte os sonhos que eu tinha tido, tudo fazia sentido: alguém jogou a cabeça no meu carro no elevado; alguém tinha deixado uma Barbie no meu apartamento e arrumado os corpos de um jeito esquisito. Alguém, não eu. Alguém que não era o caro Dexter sombrio. Essa pessoa tinha sido finalmente capturada bem ali, nas imagens do CD. Eu ia olhar as imagens e provar de uma vez por todas que...

Que era bem provável que o assassino fosse eu?

Boa, Dexter. Muito bem. Eu disse a você que havia uma explicação lógica. Alguém que na verdade era eu. Claro. Fazia todo o sentido, não?

Cheguei em casa e dei uma boa olhada em tudo. Não parecia haver ninguém à minha espera. Nem tinha motivo para isso, claro. Mas, saber que esse arquiamigo que estava aterrorizando a metrópole conhecia meu endereço era um pouco inquietante. Ele tinha mostrado que era o tipo de monstro que podia fazer qualquer coisa... podia até entrar e deixar mais pedaços de boneca a qualquer hora. Principalmente se ele fosse eu.

Mas, naturalmente, não era. Certamente, não. As imagens iam mostrar alguma coisinha para provar que a semelhança era apenas coincidência... e o fato de eu estar tão estranhamente ligado aos assassinatos também era coincidência, sem dúvida. Sim, evidente, era uma série de coincidências monstruosas perfeitamente lógicas. Talvez eu devesse comunicar ao pessoal do *Guinness Book*. Fiquei pensando: qual seria o recorde mundial de incerteza de uma pessoa para saber se cometeu uma série de assassinatos?

Coloquei um CD do Philip Glass e sentei-me na minha poltrona. A música agitava o vazio dentro de mim e poucos minutos depois algo como minha calma de sempre e minha fria lógica voltaram. Fui até o micro e liguei-o. Coloquei o CD e olhei as imagens. Aproximei e distanciei algumas e fiz tudo que sabia para clareá-las. Tentei coisas de que só tinha ouvido falar e coisas que inventei na hora, mas nada funcionou. No final, eu estava no mesmo ponto de quando comecei. Não era possível ter nitidez suficiente para clarear o rosto do homem. Mesmo assim, fiquei olhando a tela. Vi as imagens por diversos ângulos. Imprimi-as e segurei-as sob a luz. Fiz tudo que uma pessoa normal faria e, embora estivesse satisfeito com a minha imitação de gente, só descobri que o homem na imagem era parecido comigo.

Era simplesmente impossível ter uma ideia nítida de alguma coisa, até mesmo da roupa que ele usava. Estava com uma camisa que podia ser branca, marrom, amarela ou até azul-clara. A luz do estacionamento era uma das

brilhantes Argon anticrime, que emitia um brilho rosa-alaranjado e, com a falta de nitidez da imagem, era impossível dizer mais alguma coisa. Ele usava calças largas e de cor clara. No conjunto, uma roupa padrão que qualquer homem podia usar, inclusive eu. Tive muitas roupas iguais àquela em diversas ocasiões, suficientes para vestir um batalhão de homens parecidos com Dexter.

Consegui aproximar a imagem no lado da *van* para ver a letra “A” e, embaixo, um “B” seguido de um “R” e um “C” que também podia ser “O”. Mas o veículo estava fora do alcance da câmera e só deu para ver isso.

Nenhuma das outras imagens dava uma pista. Assisti à sequência de novo: o homem sumia, reaparecia e depois a *van* ia embora. Não havia ângulos bons, nem lampejos ocasionais da placa... e nenhum motivo para dizer com segurança que aquele era ou não o esperto e sonhador Dexter.

Quando finalmente saí do computador, era noite, lá fora estava escuro. Fiz o que uma pessoa normal certamente teria feito várias horas antes: desisti. Não havia mais nada que eu pudesse fazer, a não ser esperar Deborah. Eu teria de deixar minha pobre irmã atormentada me arrastar para a cadeia. Afinal, de uma forma ou de outra, eu era culpado. Tinha mesmo de ser preso. Talvez até dividir uma cela com McHale. Ele poderia me ensinar a dança do rato.

Pensando nisso, fiz uma coisa realmente maravilhosa.

Dormi.

Capítulo 24

~

Não sonhei, não tive a sensação de sair do meu corpo, não vi nenhum desfile de corpos fantasmagóricos, decapitados ou exangues. Também não vi rosquinhas dançando na minha cabeça. Não tive nada durante o sono, nem mesmo eu, só um sono escuro e imenso. Mesmo assim, quando o telefone me acordou, eu sabia que era sobre Deborah e que ela não vinha me encontrar. Minha mão já estava transpirando quando peguei o fone.

– Alô – atendi.

– Aqui é o capitão Matthews, preciso falar com a detetive Morgan, por favor – disse a voz.

– Ela não está aqui – respondi, com um pouco de mim afundando por causa da ideia e do que significava.

– Hum. Aaah, bom, não é... A que horas ela saiu?

Por instinto, olhei para o relógio, eram nove e quinze e eu estava transpirando mais ainda.

– Ela não esteve aqui – eu disse ao capitão.

– Mas disse que ia para a sua casa. Ela está a serviço... deveria estar aí.

– Não esteve aqui.

– Bom, que droga, ela disse que você tinha umas provas de que precisamos.

– Tenho, sim – confirmei. E desliguei.

Eu tinha algumas provas, tinha a terrível certeza disso. Só não sabia direito quais eram. Mas precisava inventar e achava que não tinha muito tempo. Ou, para ser mais exato, achava que Deb não tinha muito tempo.

Mais uma vez, não sei como, eu soube disso. Não pensei conscientemente "ele pegou a Deborah". Não surgiram na minha cabeça imagens alarmantes do terrível destino dela. E não passei por nenhuma conclusão paralisante, nem pensei "Ué, Deb já devia ter chegado, ela não costuma se atrasar". Eu simplesmente sabia, como soube, quando acordei, que Deb estava a caminhode minha casa e não conseguira chegar. E sabia o que isso queria dizer.

Ele estava com ela.

Pegou-a só para me proteger, disso sabia eu. Ele estava se aproximando cada vez mais de mim, entrando no meu apartamento, mandando pequenos recados através de suas vítimas, me provocando com pistas e sinais do que estava fazendo. E agora estava o mais perto que podia chegar de mim, sem estar no mesmo lugar que eu. Tinha pego Deb e estava esperando com ela. Esperando por mim.

Mas onde? E por quanto tempo ia esperar até se impacientar e começar a brincar sem mim?

Sem Dexter, eu sabia bem quem seria a parceira de jogo: Deborah. Ela tinha vindo para a minha casa com a roupa de prostituta, vestida de presente para ele. Ele deve ter achado que o Natal chegou. Ele estava com ela e naquela noite minha irmã seria sua amiga especial. Eu não queria pensar nela presa com fita adesiva, bem esticada numa mesa e vendo pedaços horrendos de seu corpo sumirem lentamente para sempre. Mas era assim que seria. Em outras circunstâncias, poderia ser uma ótima diversão noturna, mas não com Deborah. Eu tinha certeza de que não queria aquilo, não queria que ele fizesse nada definitivo e maravilhoso nessa noite, não. Mais tarde e com outra pessoa, podia ser. Quando nos conhecêssemos um pouco melhor. Mas não agora. Não com Deborah.

Pensando assim, claro que tudo melhorava. Era ótimo ter tudo acertado. Eu preferia minha irmã viva, em vez de em pequenos pedaços exangues. Lindo, um sentimento quase humano da minha parte. Agora isso estava acertado: o que fazer a seguir? Eu podia ligar para Rita, talvez ver um filme ou andar no parque. Ou, vejamos... talvez, não sei... salvar Deborah? É, isso soava interessante. Mas...

Como fazer?

Eu tinha algumas pistas, claro. Sabia como ele pensava: afinal, eu pensava do mesmo jeito. E ele queria que eu o encontrasse. Estava mandando esse recado em alto e bom som. Se eu conseguisse tirar da cabeça toda a bobagem dispersiva (os sonhos, as caçadas imaginárias da Nova Era e tudo o mais), tinha certeza de que, então, podia chegar ao lugar certo e lógico. Ele não pegaria Deb sem pensar que tinha me dado tudo que um monstro inteligente precisaria para encontrá-lo.

Muito bem, então, inteligente Dexter: encontre-o. Vá atrás do sequestrador de Deb. Deixe a sua lógica incansável seguir a trilha como uma matilha de lobos na neve. Bote o enorme cérebro em marcha rápida, deixe o vento passar entre as velozes sinapses de sua mente poderosa até ela chegar a uma conclusão bela e inevitável. Vá, Dexter, vá!

Dexter?

Olá, tem alguém aí?

Pelo jeito, não. Não ouvi nenhum vento das sinapses passando rápido. Eu estava vazio como nunca. Não sentia um redemoinho de emoções debilitantes, claro, já que eu não tinha nenhuma emoção para redemoinhar. Mas o resultado era igualmente assustador. Eu estava tão atordoado e esgotado como se realmente pudesse sentir alguma emoção. Deborah tinha sumido. E corria grande perigo de se tornar uma fascinante obra de arte performática. A única esperança de ela manter algum tipo de vida fora uma série de fotos na mesa de um laboratório de polícia era o cansado e arrasado irmão. Pobre Dexter mudo, sentado numa poltrona com a cabeça girando, querendo morder o próprio rabo, uivando para a lua.

Respirei fundo. Dentre todas as ocasiões em que precisei ser eu, essa foi a mais importante. Concentrei-me, acalmei-me e, enquanto uma pequena parte de Dexter voltava a preencher o vazio na cavidade cerebral, percebi quão humano e burro eu tinha ficado. Não havia muito mistério. Na verdade, era completamente óbvio. Meu amigo tinha feito tudo, exceto enviar um convite formal dizendo: “Aguardamos sua honrada presença na vivisseção da sua irmã. O uso de coração negro é opcional”. Mas até essa pequena gota de lógica secou no meu crânio latejante ao surgir uma nova ideia purgando da lógica podre.

Eu estava dormindo quando Deb sumiu.

Isso significava que, mais uma vez, eu tinha feito uma coisa sem saber? E se eu tivesse levado Deb para algum lugar, empilhado os pedaços num pequeno quarto de despejo frio e...

Quarto de despejo? De onde veio essa ideia?

A sensação de confinamento... a disposição dos pedaços de corpos no cômodo do rinque de hóquei... o vento frio passando pela minha espinha... Por que tinha importância? Por que eu ficava pensando nisso? Por que, não importa

o que houvesse, eu voltava para aquelas mesmas lembranças ilógicas, sem que visse um motivo? O que significavam? E por que eu buscava sentido numa coisa sem importância? Pois, quer significasse alguma coisa ou não, era só tudo que eu tinha para me basear. Precisava encontrar um lugar que juntasse aquela sensação de frio com a de aperto. Não havia outro lugar: eu tinha de achar o contêiner. Nele eu encontraria Deb e encontraria a mim mesmo ou o não eu. Não era simples?

Não. Não era nada simples, só simplório. Não tinha sentido dar atenção para os fantasmagóricos recados secretos flutuando nos meus sonhos. Sonhos não têm nada a ver com a realidade, não deixam que as marcas de garras de Freddy Krueger de *A hora do pesadelo* apareçam no nosso mundo desperto. Eu não podia sair feito louco do meu apartamento, pegar o carro e dirigir sem rumo num pânico psicológico. Sou um ser frio e lógico. Portanto, fria e logicamente, tranquei o apartamento e fui para o carro. Ainda não tinha a menor ideia de para onde eu ia, mas a necessidade de chegar lá logo assumiu as rédeas e me levou para o estacionamento do prédio, onde eu deixava meu carro. Mas, a poucos metros do carro, parei como se tivesse batido numa parede invisível.

A luz interna do carro estava acesa.

Eu tinha certeza de que não a deixara ligada, pois estacionei de dia e vi que as portas estavam bem trancadas. Um eventual ladrão deixaria a porta aberta para evitar o barulho de fechá-la.

Aproximei-me lentamente sem saber direito o que ia ver ou se realmente queria ver. A poucos centímetros, percebi alguma coisa no banco do carona. Dei a volta no carro com cuidado e, com os nervos tensos, olhei. Lá estava.

Mais uma Barbie. Eu estava ficando com uma coleção.

Essa usava um bonezinho de marinheiro, saia de cintura baixa e *short* rosa, justos. Tinha uma bolsa pequena, com a marca da companhia de navegação CUNARD gravada na lateral.

Abri a porta e peguei a boneca. Tirei a bolsinha da mão dela e abri. Alguma coisa caiu e rolou pelo chão. Peguei-a. Parecia muito com o anel de formatura de Deborah. Na parte interna estava gravado D.M., as iniciais dela.

Caí sentado no banco do carro, segurando a Barbie nas mãos úmidas. Virei-a. Dobrei suas pernas. Abri seus braços. E o que você fez na noite passada, Dexter? Ah, brinquei com minhas bonecas enquanto um amigo cortava minha irmã em pedaços.

Não perdi tempo pensando como a Barbie Cruzeiros Marítimos Puta tinha entrado no meu carro. Aquilo era sem dúvida um recado... ou uma pista? Mas as pistas deviam levar a alguma coisa e aquela parecia indicar o caminho errado. Claro que ele estava com Debbie... mas Cruzeiros Marítimos Cunard? Como se

encaixava num espaço frio e apertado para matar? Eu não conseguia ver uma ligação. Mas só havia um lugar em Miami que se encaixava.

Peguei a antiga estrada Douglas e virei à direita para Coconut Grove. Tive de reduzir a marcha para passar pela série de idiotas felizes dançando na rua, entre as lojas e os bares. Todos pareciam ter tempo e dinheiro de sobra e poucas pistas além daquelas e levei mais tempo do que devia para me livrar deles, mas era difícil ficar muito nervoso, já que não sabia para onde ia. Ia para algum lugar, pela Bayfront Drive, depois Brickle e o centro de Miami. Não vi grandes sinais de néon com flechas luminosas me orientando: “Dissecação por aqui!”. Mas continuei, me aproximando do ginásio da American Airlines e, pouco depois, do elevado MacArthur. Olhei rapidamente a lateral do ginásio e vi um enorme transatlântico em Government Cut, não da Cunard, claro, mas procurei, ansioso, algum sinal. Parecia óbvio que eu não estava sendo levado para um transatlântico, teria muita gente, muitos funcionários bisbilhoteiros. Mas em algum lugar ali perto, algum lugar relacionado... que significava o quê? Não havia mais pistas. Olhei tanto o navio que podia derreter o tombadilho, mas nem assim Deborah surgiu do porão e veio dançando pelo passadiço.

Olhei mais um pouco. Ao lado do navio, guindastes de carga deixavam aparecer ao fundo o céu noturno, como se fossem adereços de *Guerra nas estrelas*. Um pouco além, mal se via a pilha de contêineres na escuridão sob os guindastes, pareciam montes de sujeira espalhados pelo chão, como se uma criança enorme e muito entediada tivesse jogado sua caixa de brinquedos cheia de blocos de montar. Alguns contêineres eram refrigerados. E além desses contêineres...

Espera um instante, meu caro rapaz.

Quem estava sussurrando para mim, cochichando coisas suaves para o solitário motorista Dexter? Quem estava sentado atrás de mim naquele momento? De quem era o riso seco vindo do banco traseiro? E por quê? Que recado estava chacoalhando na minha cabeça descerebrada e vazia?

Contêineres.

Alguns, refrigerados.

Mas por que os contêineres? Por que me interessar por uma pilha de espaços frios, fechados e apertados?

Ah, sim. Bom. Se você vê por esse lado.

Poderia ser esse o lugar, a futura sede do Museu do Local de Nascimento de Dexter? Com exposições de verdade, ao vivo, inclusive com uma rara apresentação da única irmã dele?

Segurei bem o volante e cortei um BMW de buzina potente. Mostrei meu dedo médio para o motorista: por uma vez, eu estava dirigindo como o nativo de

Miami que era e acelerei para o elevado.

O navio estava à esquerda. A área com todos os contêineres era à direita, separada por uma cerca com arame farpado no alto. Contornei a pista de acesso, o que provocou uma onda crescente de certeza e fez aumentar um coro; parecia que o Passageiro das Trevas estava fazendo um desafio com as músicas de luta que cantávamos no secundário. A pista terminava numa cabine de guarda bem antes de chegar aos contêineres. Tinha um portão com vários cavalheiros uniformizados e para entrar era preciso antes responder a perguntas bastante embaraçosas. Sim, senhor guarda, será que posso entrar e dar uma olhada? Sabe, achei que era um bom lugar para um amigo meu cortar a minha irmã em pedaços.

Passei por um caminho cheio de cones laranja a poucos metros do portão e voltei. O navio agora estava à minha direita. Virei à esquerda, pouco antes de entrar na ponte e passar por um terminal numa ponta e uma corrente impedindo a passagem na outra. A cerca estava cheia de placas da Alfândega dos Estados Unidos ameaçando punição grave para quem entrasse.

A cerca indicava o caminho de volta para a estrada principal, ao lado de um grande estacionamento, vazio àquela hora da noite. Passei devagar, olhando os contêineres lá longe. Deveriam vir de portos estrangeiros e iam passar pela Alfândega, com acesso rigidamente controlado. Era quase impossível alguém entrar e sair dali, principalmente carregando estranhos pedaços de corpo e similares. Ou eu encontrava outro lugar ou admitia que era perda de tempo seguir vagas impressões a partir de sonhos escarnecedores e uma boneca com pouca roupa. E quanto mais cedo eu admitisse isso, mais chance tinha de encontrar Deb. Ela não estava ali. Não havia por que estar.

Finalmente, um pensamento lógico. Já estava me sentindo melhor e me convenceria disso, se não tivesse visto uma *van* conhecida estacionada do outro lado da cerca, com a inscrição lateral ALLONZO brothers. O pessoal que fica no porão do meu cérebro cantou alto demais para eu conseguir ouvir meu riso orgulhoso, então encostei o carro e parei. A minha porção inteligente estava batendo na porta do meu cérebro e berrando “Corra! Corra! Vá-vá-vá!”. Mas o lagarto apareceu sorrateiro na janela e esticou sua prudente língua, por isso fiquei parado um instante, depois saltei do carro.

Fui até a cerca e fiquei como um figurante em filme de campo de concentração da Segunda Guerra, segurando na cerca, olhando ávido o que estava do outro lado, a poucos e inalcançáveis metros de distância. Eu sabia que devia haver uma forma bem simples para um sujeito estupidamente inteligente como eu entrar lá, mas o fato de não conseguir juntar uma ideia com outra mostrava o estado em que me encontrava. Tinha de entrar, mas não podia.

Assim, fiquei lá, agarrado na cerca, sabendo muito bem que tudo que me interessava estava logo ali, a poucos metros, e eu não conseguia arremessar meu enorme cérebro em cima do problema e fazer com que retornasse para mim com uma solução. A mente leva um bocado de tempo para se mexer, não?

Meu alarme do banco traseiro tocou. Eu tinha de sair dali e tinha de ser já. Estava parado à noite, em atitude suspeita numa área bem policiada. A qualquer momento um dos guardas certamente se interessaria pelo bonito rapaz que olhava pela cerca com ar inteligente. Eu tinha de sair e achar um jeito de entrar enquanto seguia de carro. Afastei-me da cerca dando-lhe uma última e apaixonada olhada. Bem ali onde meus pés tinham tocado na cerca, fora feito um buraco quase escondido. A cerca tinha sido cortada para permitir a entrada de uma pessoa, ou mesmo de uma boa cópia de gente como eu. O pedaço de arame tinha ficado no lugar graças ao peso da *van* estacionada. Aquilo devia ter sido feito há pouco tempo, naquela tarde, depois que o veículo chegou.

Era meu último convite.

Fui me afastando lentamente, sentindo um distraído sorriso automático de olá-pessoal aparecer no meu rosto como disfarce. Olá, guarda, estou só dando uma caminhada. Linda noite para cortar braços e pernas de alguém, não? Com cuidado, caminhei sem fazer barulho até o meu carro, olhando apenas para a lua refletida na água e assoviando uma canção alegre enquanto entrava e ligava o carro. Ninguém parecia estar prestando a menor atenção, exceto, é claro, pelo coro entoando *Aleluia* na minha cabeça. Enfiei o carro num estacionamento perto do escritório da empresa de navegação, a uns cem metros da minha pequena passagem artesanal para o Paraíso. Havia uns poucos carros estacionados por ali. Ninguém ia se incomodar com o meu.

Quando estacionei, apareceu outro carro ao lado, um Chevy azul-claro com uma mulher na direção. Fiquei parado um instante. Ela também. Abri a porta e saltei do carro.

A detetive LaGuerta também.

Capítulo 25

~

Sempre me saí muito bem em situaçõES sociais esquisitas, mas confesso que aquela me pegou de jeito. Eu não sabia o que dizer, fiquei olhando para LaGuerta e ela para mim, sem piscar, e mostrando os caninos como um felino predador pensando se brinca ou se come você. Eu não conseguia pensar em nada que não começasse com um gaguejo e ela parecia interessada em apenas me observar. Então, simplesmente ficamos lá um instante. Por fim, ela quebrou o gelo com uma pequena ironia.

– O que tem lá? – perguntou, fazendo sinal com a cabeça para a cerca, a alguns metros.

– Ué, detetive! – estranhei, efusivo, esperando que ela não percebesse o que tinha perguntado. – O que você faz aqui?

– Segui o seu carro. O que tem lá?

– Lá? – devolvi. Eu sei, foi uma pergunta bem idiota, mas, sinceramente, minhas perguntas inteligentes tinham acabado e não se pode esperar uma boa ideia naquelas circunstâncias.

Ela inclinou a cabeça para um lado e passou a língua pelo lábio inferior;

depois, lentamente para o lado esquerdo, o direito, o esquerdo e pôs a língua para dentro. Então, concordou com a cabeça.

– Você deve achar que sou burra – ela disse. E, realmente, aquilo tinha passado pela minha cabeça uma ou duas vezes, mas não seria político admitir. – Mas tem de lembrar que sou detetive titular e estamos em Miami. Como acha que cheguei aonde estou, hein?

– Graças à boa aparência? – perguntei, dando um lindo sorriso. Nunca ofende elogiar uma mulher.

Ela exibiu a linda fileira de dentes, mais brilhantes ainda sob as lâmpadas potentes que iluminavam o estacionamento.

– Muito bem – disse ela e deu um estranho meio sorriso que fez o rosto afundar e ela parecer velha. – Era esse tipo de besteira que eu gostava de ouvir quando achava que você gostava de mim.

– Gosto de você, detetive – garanti, talvez um pouco ansioso demais. Ela não pareceu ouvir.

– Mas aí você me derruba no chão como se eu fosse um porco e fico pensando o que tenho de errado. Será que é mau hálito? E me magoa. Mas não sou eu, é você. Você é que tem algo de errado.

Claro que ela estava certa, mesmo assim não era agradável ouvir.

– Eu não... o que você quer dizer?

Ela balançou a cabeça de novo.

– O sargento Doakes quer matar você sem nem saber por quê. Eu devia ter ouvido o que ele disse. Você tem algo de errado. E tem alguma ligação com essas prostitutas.

– Ligação... como assim?

Dessa vez, o sorriso tinha uma ponta de alegria selvagem e ela voltou a falar com sotaque.

– Você pode guardar a encenação para o seu advogado. Ou, talvez, para um juiz. Porque acho que agora te peguei. – Ficou me olhando um bom tempo e seus olhos negros brilharam. Parecia tão inumana quanto eu e senti um pequeno calafrio na nuca. Será que eu realmente a havia subestimado? Será que ela era tão boa assim?

– Mas então você seguiu meu carro?

Mais dentes.

– Isso mesmo, é. Por que está olhando pela cerca? O que tem lá?

Tenho certeza de que, em circunstâncias normais, eu teria pensado nisso antes, mas vou alegar que fui forçado a isso. Realmente, só naquela hora me ocorreu. Então, foi como uma pequena e dolorosa luz piscando.

– A partir de onde você me seguiu? Da minha casa? A que horas?

– Por que você fica mudando de assunto? Aí tem coisa, não?

– Detetive, por favor... isso pode ser muito importante. Quando e onde passou a me seguir?

Ela me observou por um instante e comecei a perceber que eu a tinha mesmo subestimado. Aquela mulher tinha bem mais do que instinto político. Ela realmente parecia ter algo mais. Eu ainda não estava convencido de que esse algo mais fosse inteligência, mas ela era paciente, o que às vezes era mais importante do que inteligência, em seu ofício. Ela aceitou simplesmente esperar, me observar e ficar repetindo a pergunta até conseguir uma resposta. Depois, provavelmente repetiria a pergunta mais algumas vezes, esperaria e me observaria mais um pouco para ver o que eu ia fazer. Normalmente, eu podia enganá-la, mas não podia esperar mais, pelo menos nessa noite. Então, fiz a expressão mais humilde e repeti:

– Por favor, detetive...

Ela pôs a língua de fora outra vez e finalmente guardou-a.

– Está bem, quando sua irmã sumiu por algumas horas sem dar notícia, comecei a achar que talvez estivesse com algum problema. Sei que ela não consegue fazer nada sozinha, então aonde ela teria ido? – LaGuerta arqueou a sobrancelha e continuou em tom triunfal: – Para a sua casa, claro! Falar com você! – Balançou a cabeça, satisfeita com sua lógica dedutiva. – Então, pensei um pouco em você: está sempre aparecendo e olhando, mesmo quando não precisa. Como você conseguiu descobrir aqueles assassinos em série, mas não esse? E como você me sacaneou com aquela lista idiota, me fez parecer idiota, me empurrou na porra do chão... – Ela estava com a cara mais dura e, por um instante, um pouco mais velha outra vez. Sorriu e continuou. – Comentei uma coisa no meu escritório e o sargento Doakes disse: “Eu comentei sobre ele, mas você não me ouve”. E de repente a sua grande e linda cara estava no lugar e não devia estar. – Ela deu de ombros. – Então, eu também fui à sua casa.

– Quando? Sabe a que horas?

– Não. Mas fiquei lá só durante vinte minutos, então você saiu, brincou com a sua boneca Barbie puta e veio para cá.

– Vinte minutos... – Portanto, ela não esteve lá a tempo de ver quem pegou Deborah. E era bem provável que estivesse dizendo a verdade e me seguido apenas para ver... o quê?

– Mas por que me seguiu?

Ela deu de ombros.

– Você tem ligação com essa história. Talvez não seja o autor, não sei. Mas vou descobrir. E o que eu achar terá a ver com você. O que tem lá naqueles contêineres? Vai me dizer ou vamos ficar aqui a noite toda?

Do jeito dela, tinha colocado o dedo em cima. Não podíamos ficar ali a noite toda. Não, eu tinha certeza de que não podíamos ficar mais, sobretudo porque coisas horríveis podiam acontecer com Deborah. Se é que já não tinham acontecido. Naquele momento, precisávamos encontrar o assassino e impedi-lo. Mas como eu ia fazer isso com LaGuerta junto? Eu me sentia como um cometa com uma cauda que não queria.

Respirei fundo. Rita uma vez me levou para uma palestra sobre Alerta Saudável da Nova Era que destacou a importância de respirar fundo para limpar o corpo. Dei uma respirada. Não me senti mais limpo, mas, pelo menos, meu cérebro entrou em funcionamento e notei que eu teria de fazer algo que raramente fazia: dizer a verdade. LaGuerta continuava me olhando à espera de resposta.

– Acho que o assassino está lá dentro com a policial Morgan – eu disse.

Ela me olhou por um instante sem se mexer.

– Certo – disse, afinal. – E então você ficou na cerca olhando? Gosta tanto da sua irmã que quer assistir?

– Eu queria entrar lá. Estava procurando um buraco na cerca.

– Por que você esquece que trabalha na polícia?

Pronto, claro. Ela pulou para o verdadeiro problema, direto e sem ajuda de ninguém. Eu não tinha uma boa resposta para aquilo. Toda aquela história de contar a verdade não parece funcionar sem uma estranha e desagradável sensação.

– Eu apenas... queria ter certeza, antes de fazer uma grande confusão.

Ela concordou com a cabeça.

– Hum-hum. Muito bem. Mas eu acho o seguinte: ou você fez algo errado ou sabe dessa história. E está escondendo ou quer descobrir sozinho.

– Sozinho? Mas por que ia querer isso?

Ela balançou a cabeça para mostrar como eu era idiota.

– Para ficar com todo o prestígio. Você e a sua irmã. Pensa que não percebi? Já disse que não sou burra.

– Não sou seu algoz, detetive – eu disse, ficando à mercê dela, totalmente seguro de que ela era ainda menos clemente do que eu. – Mas acho que ele está lá num dos contêineres.

Ela umedeceu os lábios.

– Por quê?

Fiquei indeciso, mas ela manteve seu olhar de lagarto, sem piscar. Por mais sem jeito que eu ficasse com aquele olhar, tinha de dizer mais uma pequena verdade. Mostrei com a cabeça a *van* dos irmãos Allonzo estacionada do outro lado da cerca.

– Essa *van* é dele.

– Ahh – fez ela e, finalmente, piscou. Parou de me olhar um instante e pareceu pensar em alguma coisa profunda. Os cabelos? A maquiagem? A carreira? Não sei. Mas havia várias perguntas esquisitas que uma boa detetive poderia ter feito naquele momento: como eu sabia que aquela *van* era dele? Como a descobri ali? Por que tinha tanta certeza de que ele não tinha simplesmente largado o veículo lá e ido para outro lugar? Mas, no fim das contas, LaGuerta não era uma boa detetive, então apenas concordou com a cabeça, umedeceu os lábios outra vez e perguntou: – Como vamos encontrá-lo no meio de tudo isso?

Estava evidente que eu a havia subestimado. Ela passara de "você" para "nós" sem uma alteração visível.

– Não quer pedir reforço? – perguntei. – Esse homem é muito perigoso. – Confesso que estava apenas a alfinetando. Mas ela levou a sério.

– Se eu não pegar esse cara sozinha, daqui a duas semanas vou cuidar do parquímetro nos estacionamentos – ela disse. – Tenho minha arma. Ninguém vai fugir de mim. Vou pedir reforço depois de pegá-lo. – Ela me observou sem piscar. – E, se ele não estiver lá, entrego você para eles.

Aquela me pareceu uma boa ideia.

– Você consegue que passemos pelo portão?

Ela riu.

– Claro que sim. Tenho o meu distintivo da polícia, entramos em qualquer lugar. E depois?

Esta era a parte sutil. Se ela fosse lá, eu podia ir para casa.

– Nós então nos separamos e procuramos até encontrá-lo.

Ela me observou. Vi em sua cara o que tinha visto quando saiu do carro: o olhar da ave de rapina avaliando a presa, pensando onde e como atacar e quantas garras usar. Era horrível... eu me senti levando uma surra da mulher.

– Certo, entre no meu carro – ela disse finalmente, mostrando o carro com a cabeça.

Entrei. Ela dirigiu o carro para a estrada e o portão. Mesmo àquela hora, havia um pouco de trânsito. A maioria parecia ser gente de Ohio procurando seu navio, mas alguns se amontoavam no portão onde os guardas os mandavam voltar para o lugar de onde tinham vindo. A detetive LaGuerta passou à frente de todos, enfiando seu enorme Chevy no começo da fila. Sua perícia na direção estilo Meio-Oeste não combinava com uma cubana de Miami com bom seguro médico, num carro com o qual não se incomodava. Ouvimos algumas buzinas trombeteando e alguns xingamentos abafados e chegamos à cabine do guarda.

Ele se inclinou na janela, era um negro magro e musculoso.

– Senhora, não pode...

Ela mostrou o distintivo.

– Polícia. Abra o portão. – Ordenou com uma autoridade tão cortante que quase saltei do carro para fazer o que ela mandava.

Mas o guarda gelou, respirou pela boca e olhou nervoso para dentro da cabine.

– O que a senhora quer com...

– Abra a droga do portão, Rental – mandou LaGuerta, mostrando o distintivo e o guarda finalmente descongelou.

– *Dexavê* o distintivo – ele pediu. LaGuerta mostrou, com má vontade, fazendo-o se inclinar para ver. Franziu o cenho e não achou nada para impedir. – Ahn-ahn. Pode me informar o que deseja fazer lá?

– Posso informar que, se não abrir o portão em dois segundos, vou colocá-lo na mala do meu carro, levá-lo para uma cela cheia de ciclistas *gays* e esquecer onde deixei você.

O guarda se levantou.

– Estava só querendo ajudar – ele disse, e falou por cima do ombro: – Távio, abra o portão!

O portão subiu e LaGuerta entrou com o carro dizendo:

– Tem alguma coisa que esse filho da puta não quer que eu saiba. – A voz dela era ao mesmo tempo de quem se diverte e de quem está cada vez mais agitado. – Mas esta noite não quero saber de contrabando. Aonde vamos? – perguntou ela, olhando para mim.

– Não sei, acho que devemos começar por onde ele deixou a *van* – respondi.

Ela concordou com a cabeça e acelerou no caminho formado por pilhas de contêineres.

– Se ele tem um corpo para carregar, deve ter parado bem perto do lugar aonde ia. – Quando nos aproximamos da cerca, ela reduziu a marcha, enfiou o carro sem fazer barulho a meio metro da *van* e parou. – Vamos dar uma olhada na cerca – ela disse, colocando a marcha em ponto morto e saindo do carro.

Fui atrás. LaGuerta pisou em algo de que não gostou e levantou o pé para olhar a sola do sapato.

– Droga – xingou. Passei por ela, com o coração batendo forte e rápido, e fui para a *van*. Contornei-a e tentei abrir as portas. Estavam trancadas e, embora houvesse duas pequenas janelas traseiras, estavam pintadas por dentro. Mesmo assim, subi no para-choque e tentei olhar, mas a tinta não tinha falhas. Não havia mais nada para ver daquele lado, me agachei e olhei o chão. Senti mais do que ouvi LaGuerta vindo atrás de mim.

– O que você descobriu? – ela perguntou. Levantei-me.

– Nada. As janelas traseiras estão pintadas por dentro – respondi.

– Pode ver pelo painel?

Fui para a frente do veículo. Também não havia nenhuma pista lá. Por dentro do para-brisa, colocaram um filme muito usado na Flórida, impedindo que se visse dentro da cabine. Subi no para-choque da frente e no capô, engatinhando da direita para a esquerda, mas não havia furos no filme.

– Nada – eu disse, e desci.

– Certo. Para onde você quer ir? – perguntou ela, me olhando com pálpebras pesadas e a ponta da língua para fora.

Por aqui, alguém sussurrou bem dentro da minha cabeça. *Por aqui*. Olhei para a direita, onde os dedos mentais gargalhantes tinham apontado, e depois para LaGuerta, que me observava com seu faminto olhar de tigre, sem piscar.

– Faço a volta pela esquerda; você vai pela direita e nos encontramos no meio do caminho.

– Certo – disse ela, com um sorriso de fera. – Mas eu vou pela esquerda.

Tentei fazer cara de surpresa e desapontamento e acho que consegui uma cópia aproximada, porque ela me observou e depois concordou com a cabeça.

– Certo – repetiu e entrou no corredor formado pela primeira fileira de contêineres empilhados.

Fiquei sozinho com meu discreto amigo interior. E agora? Agora que eu tinha feito LaGuerta me deixar com o caminho da direita, o que ia fazer? Afinal, eu não tinha motivo para achar que era melhor que o da esquerda, ou melhor do que ficar junto à cerca fazendo malabarismo com cocos. Havia apenas o meu sibilante clamor interno a me guiar e será que isso era suficiente? Quando você é uma torre gelada de puro racionalismo como eu sempre fui, naturalmente procura pistas lógicas para orientar o seu mecanismo de ação. Da mesma forma, você ignora as vozes musicais guinchando alto no fundo do seu cérebro tentando mandar você, indeciso, pelo caminho, por mais urgentes que elas tenham ficado à luz ondulante da lua.

Quanto ao resto, os detalhes de onde eu deveria ir naquele momento... olhei em volta, pela comprida e irregular fileira de contêineres. No lado que LaGuerta tinha ido com seu salto agulha, havia várias séries de coloridos caminhões para transporte de contêineres. E na minha frente, pela direita, estavam os contêineres de navio.

De repente, fiquei muito inseguro. Não gostei da sensação. Fechei os olhos. Nesse momento, o sussurro se tornou uma nuvem de som e, sem saber por que, fui na direção de alguns contêineres perto da água. Eu não tinha ideia se aqueles eram um pouco diferentes ou melhores, nem se aquela direção era mais

adequada ou compensadora. Meus pés simplesmente andaram e eu os acompanhei. Era como se eles estivessem seguindo um caminho que só os dedos pudessem enxergar, ou como se o meu coro interno de lamúrias estivesse cantando algo incentivador, que meus pés traduziam e depois me levavam.

À medida que os pés andavam, o som aumentava dentro de mim, um rugido alegre e abafado, me empurrando mais rápido que meus pés e me puxando com força; fui aos tropeços pelo tortuoso caminho entre os contêineres, sob fortes e invisíveis empurrões. Ao mesmo tempo, uma nova voz, pequena e racional, me puxava para trás, dizendo que aquele era o último lugar em que eu queria estar, choramingando para eu correr, voltar para casa, ir embora daquele lugar e fazia tão pouco sentido quanto todas as outras vozes. Eu era empurrado e puxado ao mesmo tempo, com tanta força que não conseguia mexer as pernas direito, acabei tropeçando e caindo de cara no duro chão de pedra. Fiquei de joelhos, com a boca seca e o coração pesado, e enfiei o dedo num rasgão da minha linda camisa de dácron modelo boliche. Enfiei o dedo e mexi em mim mesmo. Olá, Dexter, aonde vai? Olá, sr. Dedo. Não sei, mas estou quase chegando. Ouço meus amigos chamando.

Levantei-me, os pés ficaram subitamente instáveis e ouvi. Ouvi bem, mesmo de olhos abertos e senti com tanta força que não pude nem andar. Parei um instante, encostado num dos contêineres. Uma ideia bem sensata, como se eu precisasse de uma. Algo sem nome nasceu naquele lugar, algo que vivia no buraco mais escuro e escondido da coisa que era Dexter e, pela primeira vez desde que me lembrava, fiquei apavorado. Não queria estar ali naquele lugar onde coisas horríveis estavam à espreita. Mas eu tinha de encontrar Deborah. Estava sendo puxado para lados opostos, num invisível cabo de guerra. Sentia que estava ficando louco, precisava de ajuda e queria ir para casa dormir.

Mas a lua rugia no céu escuro, a água uivava pelo Government Cut e a leve brisa noturna dava guinchos como uma convenção de bruxas, forçando meus pés a seguirem em frente. A cantoria aumentava dentro de mim como um enorme coro mecânico mandando prosseguir pela fileira de contêineres, me lembrando de mover os pés, me empurrando como se os joelhos estivessem amarrados. Meu coração batia forte e queixoso, eu respirava rapidamente e alto demais, nunca me senti tão fraco, tonto e burro... como um ser humano pequeno e indefeso.

Segui com pés emprestados por aquele caminho estranhamente familiar até não conseguir cambalear mais e me apoiei de novo num contêiner que tinha um compressor de ar-condicionado acoplado, fazendo um barulho atrás que se misturava com o guincho da noite, tudo ressoava tão alto na minha cabeça que eu mal conseguia enxergar. Quando encostei no contêiner a porta se escancarou.

O interior era iluminado por duas lâmpadas tipo lampião a pilha. Na parede

em frente havia uma mesa de operação improvisada feita de caixotes.

E presa à mesa estava minha querida irmã Deborah.

Capítulo 26

~

Por alguns segundos, pareceu que eu não precisava respirar. Apenas olhei. Os braços e as pernas de minha irmã estavam fixados por compridas e grudentas tiras de fita adesiva. Ela usava *short* de lamê dourado e uma blusa curta de seda amarrada acima do umbigo. Os cabelos estavam bem puxados para trás e os olhos, desnaturalmente arregalados; Deborah respirava rapidamente pelo nariz, já que a boca também estava coberta com uma fita adesiva que passava pelos lábios e se prendia na mesa para segurar sua cabeça.

Pensei em dizer alguma coisa, mas estava com a boca seca demais, então apenas olhei. Deborah também lançou um olhar que tinha muitas coisas, a mais simples delas era medo e isso me fez ficar parado na porta. Nunca tinha visto aquele olhar nela e não sabia o que pensar. Dei meio passo e ela se encolheu. Estaria com medo? Claro, mas medo de mim? Eu estava ali para salvá-la. Por que ia ter medo de mim? A menos que...

Eu tivesse feito aquilo?

Na minha "soneca" daquela tarde, será que Deborah foi ao meu apartamento como combinamos e encontrou o Passageiro das Trevas atrás do

volante do carro de Dexter? E sem saber eu a havia levado lá e colocado a torturante fita adesiva, sem me conscientizar do que estava fazendo... o que, naturalmente, não fazia nenhum sentido. Será que eu tinha corrido até meu apartamento, deixado a boneca Barbie para mim, depois subido, deitado na cama e acordado como "eu" de novo, como se estivesse participando de alguma homicida corrida de revezamento? Não era possível, mas...

Como então consegui chegar ao contêiner?

Balancei a cabeça, não tinha como escolher aquele contêiner frio entre todos os outros lugares existentes em Miami, a menos que soubesse onde ele ficava. E eu sabia. A única possibilidade era ter estado lá antes. E se não foi nessa noite, com Deb, então quando foi e com quem?

– Eu tinha quase certeza de que o lugar era este – falou uma voz tão parecida com a minha que, por um instante, pensei que eu tinha dito e no que quis dizer com aquilo.

Os pelos da minha nuca se eriçaram, dei mais meio passo na direção de Deborah... e ele saiu da sombra. Ficou iluminado pela luz suave dos lampiões e nossos olhos se encontraram. Por um instante, o lugar girou para a frente e para trás, fiquei sem saber direito onde estava. Meus olhos passavam de mim, na porta, a ele na pequena mesa improvisada e me vi vendo-o, depois o vi me vendo. Num lampejo ofuscante, me vi no chão, sentado sem me mexer e não sabia o que aquilo significava. Uma sensação muito inquietante... depois voltei a ser eu mesmo de novo, embora sem saber direito o sentido daquilo.

– Eu tinha quase certeza de que era este o lugar – ele repetiu, com voz macia e feliz como a criança problemática do sr. Rogers.[1] – Mas eis que agora estamos aqui, portanto este deve ser o lugar certo. Não acha?

Não consigo descrever de um jeito bonito, mas a verdade é que olhei para ele de boca aberta. Tenho certeza de que eu estava quase babando. Apenas olhei. Era ele. Não havia dúvida. Era aquele o homem nas imagens da câmera de vídeo, o homem que Deb e eu achávamos que podia muito bem ser eu.

Ali, tão perto, pude ver que na verdade ele não era eu e senti uma pequena onda de gratidão ao concluir isso. Viva... eu era outro. Ainda não estava completamente doido. Claro que eu era profundamente antissocial e, de vez em quando, homicida, tá legal. Mas não doido. Havia outra pessoa que não era eu. Três brindes à mente de Dexter.

Mas aquele cara se parecia muito comigo. Era, talvez, uns centímetros mais alto, tinha ombros e peito mais largos, como se fizesse bastante levantamento de peso. Isso, somado à palidez do rosto, me fez concluir que ele estivera preso recentemente. À parte a palidez, entretanto, o rosto dele era bem parecido com o meu, com o mesmo formato e nariz, o melhor olhar vazio do tipo luzes acesas

mas ninguém em casa. Até os cabelos eram meio ondulados. Ele não era igual a mim, mas muito parecido.

– É, na primeira vez é um pouco chocante, não?

– Um pouco. Quem é você? E por que tudo isso é tão... – deixei a frase no ar, porque não sabia o que era tudo aquilo.

Ele fez uma expressão muito desapontada-Dexter.

– Ah, meu Deus. E eu tinha tanta certeza de que você tinha percebido.

Neguei com a cabeça.

– Não sei nem como cheguei aqui – eu disse.

Ele sorriu.

– Esta noite outra pessoa está na direção do carro? – quando os pelos se eriçaram na minha nuca, ele riu de leve, um som mecânico que não vale a pena citar... só que a voz de lagarto no fundo do meu cérebro combinava perfeitamente com ela, nota por nota. – E hoje nem é noite de lua cheia, não?

– Nem minguante – respondi. Resposta não muito sagaz, apenas uma espécie de tentativa que, naquelas circunstâncias, parecia importante. Notei que fiquei meio embriagado com a conclusão de que ali, finalmente, estava alguém que *sabia*. Alguém que não estava fazendo observações inúteis que, por coincidência, batiam com as minhas. Ele achava a mesma coisa que eu. Ele sabia. Pela primeira vez, eu podia olhar a enorme distância entre meus olhos e os de outra pessoa e dizer sem qualquer preocupação: *Ele é como eu*.

Seja lá o que eu fosse, ele também era.

– Falando sério, quem é você?

O rosto dele se abriu num sorriso Dexter-Gato-de-*Alice no País das Maravilhas*, mas, como era tão parecido com o meu, vi que atrás daquele sorriso não havia uma felicidade autêntica.

– O que você lembra de antes? – ele perguntou. E o eco daquela pergunta bateu nas paredes do contêiner e quase despedaçou meu cérebro.

---

1 Referência ao educador norte-americano Fred Rogers, falecido em 2003, que trabalhou durante quarenta anos com crianças com dificuldades de aprendizado. (N. T.)

Capítulo 27

~

O QUE VOCÊ LEMBRA DE ANTES? HARRY TINHA me perguntado.

Não lembro de nada, papai.

Só que...

Imagens brigavam no meu subcérebro. Imagens na cabeça... sonhos? Lembranças?... visões bem claras, fossem lá o que fossem. E estavam ali... naquele contêiner? Não, impossível. O contêiner não podia estar ali há tanto tempo e eu, sem dúvida, nunca tinha estado dentro dele. Mas o espaço apertado, o ar frio saindo do compressor, a luz fraca, tudo me evocava uma sinfonia de volta ao lar. Claro que não era o mesmo contêiner, mas as imagens eram tão claras, tão parecidas, tão quase-iguais, a não ser...

Pisquei; uma imagem flutuava na frente dos meus olhos. Fechei-os.

Vi o interior de outro contêiner. Lá não havia caixas de papelão. Mas havia... coisas. E logo adiante estava... mamãe? Vi o rosto dela, meio se escondendo e aparecendo por cima das... coisas... só o rosto, imóvel, alerta, os olhos parados. Primeiro, tive vontade de rir, porque mamãe tinha se escondido tão bem. Não via o corpo dela, só o rosto. Deve ter feito um buraco no chão.

Devia estar escondida no buraco e com o rosto de fora... mas por que não me respondia, agora que eu a vira? Por que nem piscava? Mesmo quando a chamei bem alto, ela não respondeu, não se mexeu, só ficou me olhando. E, sem minha mãe, eu estava só.

Mas não... não completamente. Virei a cabeça e a imagem virou junto. Eu não estava só. Tinha alguém comigo. Era bem complicado porque era eu... e era outra pessoa... mas parecia comigo... os dois pareciam comigo...

O que estávamos fazendo ali naquele contêiner? E por que mamãe não se mexia? Devia nos ajudar. Estávamos sentados ali numa enorme poça de, de... mamãe devia se mexer, tirar a gente daquele, daquele...

– Sangue? – perguntei, num sussurro.

– Você se lembrou, isso me deixa muito feliz – ele disse, por trás de mim.

Abri os olhos. Minha cabeça pesava terrivelmente. Eu quase via a outra sala sobreposta a essa onde estava. Na outra sala, o pequeno Dexter estava bem *ali*. Eu podia pisar no mesmo lugar. O outro eu ficou ao meu lado, mas não era eu, claro, era outra pessoa, alguém que eu conhecia tão bem quanto a mim mesmo, alguém chamado...

– Biney...? – perguntei, inseguro. O som era o mesmo, mas o nome não parecia igual.

Ele concordou com a cabeça, satisfeito.

– Era assim que você me chamava. Na época em que não conseguia pronunciar Brian. Você dizia Biney. – Deu um tapinha na minha mão. – Que bom, é ótimo ter um apelido. – Ele parou, o rosto sorridente, mas os olhos grudados em mim. – Irmãozinho.

Sentei-me. Ele sentou-se ao meu lado.

– O que... – foi só o que consegui dizer.

– Irmão. Somos gêmeos irlandeses, isto é, irmãos com poucos meses de diferença de idade. Você é só um ano mais novo que eu. Nossa mãe não tomava muito cuidado. – O rosto se contorceu num sorriso horrível, bem feliz, e ele acrescentou: – Sob vários aspectos.

Tentei engolir. Não consegui. Ele... Brian... meu irmão, continuou:

– Estou só supondo algumas coisas. Mas tinha um pouco de tempo livre e, quando me incentivaram a aprender um ofício útil, aprendi. Fiquei muito bom em achar coisas pelo computador. Achei os velhos arquivos da polícia. A querida mamãe andava com um pessoal bem perverso. Na área de importação, como eu. Claro que o produto deles era um pouco mais delicado. – Ele esticou o braço e tirou de uma caixa de papelão um monte de chapéus com uma pantera saltando deles. – Minhas coisas são feitas em Taiwan. As deles vinham da Colômbia. Acho que Mumsy e os amigos dela tentaram um projeto independente, com

produtos que, digamos assim, não eram deles; os sócios não gostaram desse ato de independência e resolveram intimidá-la.

Guardou com cuidado os chapéus na caixa e senti que me olhava, mas eu não conseguia nem virar a cabeça. Um instante depois, desviou o olhar.

– Eles nos descobriram aqui, exatamente aqui – disse. Colocou a mão no chão, no lugar exato onde o pequeno não eu ficou sentado no outro contêiner havia muito tempo. – Dois dias e meio depois. Os dois sentados no chão no meio de sangue seco de uns dois centímetros de altura. – Nesse ponto, a voz dele estava irritada, horrível, e ele disse aquela palavra medonha, *sangue*, exatamente do jeito que eu diria, com desdém e desprezo. – Segundo os relatórios da polícia, havia vários homens aqui. Uns três ou quatro. Um ou dois deles podem ter sido nosso pai. Claro, o serrote dificultou muito a identificação. Mas eles têm certeza de que só tinha uma mulher. Nossa velha e querida mãe. Você tinha três anos e eu, quatro.

– Mas – eu disse. Foi tudo que saiu da minha boca.

– É verdade. Foi muito difícil achar você. Neste estado, os registros de adoção são muito bagunçados. Mas achei você, irmãozinho. Não foi? – mais uma vez, deu um tapinha na minha mão, um gesto estranho que ninguém jamais tinha feito. Claro, eu nunca tinha encontrado um parente de sangue. Talvez tapinha na mão fosse algo que eu pudesse treinar com meu irmão ou com Deborah e notei, meio preocupado, que tinha esquecido completamente dela.

Olhei para ela, que estava a uns dois metros, completamente imobilizada com a fita adesiva.

– Ela está ótima. Eu não quis começar sem você – avisou meu irmão.

Pode parecer bem estranho ter sido essa a minha primeira pergunta coerente, mas eu disse:

– Por que achou que eu ia aceitar?

Talvez, com a pergunta, parecesse que eu ia aceitar mesmo e era evidente que eu não queria explorar Deborah. Evidente. Mesmo assim, lá estava meu irmão mais velho querendo brincar, sem dúvida uma oportunidade bem rara. Acima do nosso parentesco, muito acima, estava o fato de ele ser como eu. – Você não podia saber – eu disse, parecendo bem mais inseguro do que achava possível.

– Eu não sabia, mas achava que havia uma grande possibilidade. Nós dois passamos pela mesma situação. – Ele disse, dando um largo sorriso e levantando o indicador. – O Evento Traumático... conhece esse termo? Já leu alguma coisa a respeito de monstros como nós?

– Li e Harry... meu pai adotivo... mas ele nunca disse exatamente o que aconteceu – respondi.

Brian mexeu dentro da pequena caixa.

– Aconteceu o seguinte, irmãozinho. O serrote, os pedaços de corpo voando, o... *sangue* – ele disse, com a mesma ênfase medrosa. – Ficamos dois dias e meio sentados nisso. É incrível que tenhamos sobrevivido, não? Quase dá para acreditar em Deus. – Os olhos dele brilharam e, por algum motivo, Deborah tentou se debater e fez um som abafado. Ele não deu importância. – Eles achavam que você era bem pequeno, podia se recuperar. Eu estava um pouco acima da idade limite. Mas nós dois sofremos um Evento Traumático clássico. Tudo que se escreveu sobre isso confirma. Aquilo fez de mim o que sou... e achei que devia ter acontecido a mesma coisa com você.

– Foi exatamente igual – concordei.

– Não é uma beleza? Laços de família – ele ironizou.

Olhei-o. Meu irmão. Aquela palavra estranha. Se eu a pronunciasse alto, tenho certeza de que gaguejaria. Era impossível acreditar e mais absurdo ainda negar. Ele me olhou. Gostávamos das mesmas coisas. Ele até gostava de piadas infames como eu.

– Eu apenas... – e balancei a cabeça.

– É, leva um tempo para se acostumar à ideia de que somos dois, não é? – perguntou.

– Talvez um pouco mais, não sei se eu...

– Ai, meu Deus, estamos nos estranhando? Depois do que passamos juntos? Dois dias e meio aqui, mano. Dois meninos no meio de *sangue* durante dois dias e meio – ele disse. Fiquei enjoado, tonto, com o coração disparado, a cabeça martelando.

– Não – eu falei e senti a mão dele no meu ombro.

– Não interessa. Só interessa o que vai acontecer a partir de agora – ele disse.

– O que... acontecer – repeti.

– É, agora. – Ele fez um pequeno e estranho bufo gorgolejante que certamente era para parecer um riso, mas não aprendera a imitar tão bem quanto eu. – Acho que eu devia dizer algo como: minha vida inteira acabou nisso! – Ele fez de novo o bufo. – Claro que nenhum de nós dois poderia lidar com aquilo tendo realmente um sentimento. Afinal, nós não sentimos nada, não é? Passamos a vida interpretando um personagem. Passamos por essa vida recitando versos e fingindo que fazemos parte de um mundo feito para seres humanos sem nunca termos sido um. E sempre tentando *sentir* alguma coisa! Tentando, irmãozinho, ter um instante exatamente como este! Um sentimento verdadeiro, autêntico, sem fingimento! É de tirar o fôlego, não?

E tirou mesmo. Minha cabeça estava girando e não ousei fechar os olhos

outra vez, com medo do que podia estar à minha espera. O pior era que meu irmão estava bem ao meu lado, me observando, exigindo que eu fosse eu mesmo, fosse exatamente como ele. Para ser eu, irmão dele, para ser quem eu era, eu tinha de... de o quê? Meus olhos viraram espontaneamente para Deborah.

– É, eu sabia que você ia perceber: dessa vez, vamos trabalhar juntos – ele disse, com toda a fúria fria e feliz do Passageiro das Trevas.

Balancei a cabeça, mas sem muita convicção.

– Não posso – confessei.

– Você tem que fazer – ele disse e nós dois tínhamos razão. Senti o leve toque no meu ombro de novo, quase igual ao empurrão de Harry que ele jamais conseguiria entender e mesmo assim parecia tão forte quanto a mão do meu irmão, quando me levantou e me empurrou: um passo, dois... Deborah estava com os olhos grudados nos meus, mas com aquela pessoa atrás de mim eu não podia dizer para ela que não ia...

– Juntos, mais uma vez. Chega do velho, vamos em busca do novo. Para a frente, para cima, para dentro...! – Dei mais meio passo... os olhos de Deborah gritavam para mim, mas...

Ele agora estava ao meu lado e alguma coisa brilhava em suas mãos, duas coisas.

– Um por todos, todos por um, leu *Os três mosqueteiros*? – jogou uma faca para cima com a mão direita, ela deu uma volta, foi parar na mão esquerda e ele a entregou para mim. A luz fraca bateu nas lâminas que ele segurava e a faca reluziu para mim, um brilho só comparável ao dos olhos de Brian. – Vamos, Dexter, irmãozinho. Pegue a faca. – Os dentes dele brilhavam como as lâminas. – O espetáculo vai começar.

Deborah contorceu-se na fita adesiva bem apertada. Observei-a. Os olhos tinham uma impaciência frenética e uma loucura cada vez maior. Vamos, Dexter! Será que eu estava mesmo pensando em fazer aquilo com ela? Solte-me e vamos para casa. Certo, Dexter? Dexter? Alô, Dexter? É você, não?

Eu não sabia se era.

– Dexter, claro que não quero influenciar a sua decisão – disse Brian. – Mas, desde que eu soube que tinha um irmão igual a mim, só pensei nisso. E você sente a mesma coisa, vejo pela sua cara.

– Sim, mas tem que ser com ela? – respondi, sem tirar os olhos do rosto profundamente ansioso de Deb.

– Por que não? O que ela é de você?

Realmente, o quê? Eu estava com os olhos grudados nela. Não era minha irmã de verdade, não tinha qualquer relação comigo, claro que eu gostava muito dela, mas...

Mas o quê? Por que fiquei indeciso? Claro que aquilo era impossível. Só de pensar, eu sabia que era impensável. Não só por ser Deb, embora também fosse por isso, evidente. Uma ideia bem estranha surgiu dentro da minha pobre e arruinada cabeça, sem que eu conseguisse afastá-la: *O que Harry ia dizer?*

E assim fiquei indeciso, pois, por mais que quisesse começar, sabia o que Harry diria. Já tinha dito. Era uma verdade imutável de Harry: *Corte em pedaços os caras ruins, Dexter. Não corte a sua irmã.* Mas Harry nunca imaginou nada assim, como poderia? Quando escreveu o Código Harry, jamais imaginou que eu ia enfrentar uma dúvida dessas: ficar do lado de Deborah (que não era minha irmã de verdade) ou do meu irmão cem por cento verdadeiro, num jogo do qual eu queria muito participar. E Harry jamais podia ter imaginado quando me pôs nesse caminho. Jamais soube que eu tinha um irmão que iria...

Espera um momento. Não saia do telefone, por favor. Harry sabia... estava lá quando aconteceu, não estava? E manteve segredo, jamais contou que eu tinha um irmão. Todos aqueles anos vazios, quando eu achava que era o único que existia... ele sabia que não e, mesmo assim, não disse. O fato mais importante a meu respeito (eu não era só), ele não me contou. Será que eu devia alguma coisa a Harry agora, depois dessa enorme traição?

Quanto ao assunto imediato, que dívida eu tinha em relação àquela carne animal se contorcendo e tremendo ali, àquela criatura fingindo que era minha parente? O que podia dever a ela, comparado à ligação com Brian, que era da mesma carne que eu, meu irmão, réplica viva do meu precioso DNA?

Uma gota de suor escorreu pela testa de Deborah e entrou-lhe no olho. Ela piscou freneticamente, fazendo feias caretas num esforço para continuar me olhando e ao mesmo tempo tirar o suor do olho. Parecia bastante patética, indefesamente presa à fita adesiva e lutando como um animal burro, um animal humano e burro. Não era nem um pouco parecida comigo, nem com meu irmão; nem um pouco inteligente, limpa e sem confusão de sangue, dançarina da lua no fio da navalha, Dexter riso silencioso e seu irmão.

– E então? – ele perguntou e senti impaciência, avaliação, um começo de desapontamento.

Fechei os olhos. O lugar me envolveu, ficou mais escuro e não consegui me mexer. Lá estava mamãe me observando sem piscar. Abri os olhos. Meu irmão, atrás de mim, estava tão perto que eu sentia a respiração dele na minha nuca. Minha irmã arregalava os olhos para mim sem piscar, como mamãe. O olhar me segurou, como mamãe tinha feito. Fechei os olhos; vi mamãe. Abri os olhos; vi Deborah.

Peguei a faca.

Ouvi um barulhinho e um bafo de ar quente no ar frio do contêiner. Virei-

me.

LaGuerta estava na porta, empunhando uma pequena e sórdida pistola automática.

– Sabia que você ia tentar isso. Devia matar os dois, talvez os três – ela disse, olhando para Deborah, depois de novo para mim. – Ah, o sargento Doakes devia ver isso. Ele tinha razão sobre você – continuou, olhando a faca na minha mão.

Demorou muito. Brian agiu rápido, mais do que eu achava possível. Mesmo assim, LaGuerta atirou quando Brian perdeu um pouco o equilíbrio ao enfiar a faca na barriga dela. Por um instante, os dois ficaram nessa pose, depois caíram imóveis no chão.

Uma pequena poça de sangue começou a se formar, misturando o sangue de Brian com o de LaGuerta. Não era muito, nem estava se espalhando rápido, mas tirei os olhos daquela coisa horrível e senti algo muito parecido com pânico. Dei dois passos para trás e bati em algo que emitia sons abafados para combinar com o meu pânico.

Era Deborah. Tirei a fita adesiva de sua boca.

– Arre, doeu. Pelo amor de Deus, me tira dessa porcaria e pare de se comportar como uma droga de um doido – ela disse.

Olhei para ela. A fita tinha feito um anel de sangue em torno dos lábios, horrível sangue vermelho que me fez lembrar do outro contêiner com mamãe. Ela estava lá... exatamente como mamãe. Exatamente como da última vez, com o ar frio eriçando os pelos da minha nuca e as sombras escuras batendo em nós. Exatamente como da última vez em que ela ficou lá imobilizada por fita, olhando e esperando como uma espécie de...

– Droga, anda, Dex. Seja razoável.

E agora eu estava com uma faca, ela continuava indefesa, eu podia mudar tudo e podia...

– Dexter? – chamou mamãe... quero dizer, Deborah. Claro que foi isso que eu quis dizer. Não foi mamãe quem, com uma voz candente completamente tem-que-fazer já, em seu grande cavalo negro galopando sob a lua maravilhosa e mil vozes íntimas sussurrando *Faça... faça agora... faça e tudo pode mudar... do jeito que deveria ser... de volta com...,* nos deixou ali naquele exato lugar, exatamente daquele jeito; naquele lugar onde tudo tinha começado e que agora podia finalmente terminar.

– Mamãe? – chamou alguém.

– Anda, Dexter – mandou mamãe. Quero dizer, Deborah. Mas a faca estava mexendo. – Dexter, pelo amor de Deus, larga essa porcaria. Sou eu! Debbie!

Balancei a cabeça e claro que era Deborah, mas não consegui conter a faca.

– Eu sei, Deb. Lamento muito. – A faca levantou mais. Eu só podia observar, não podia impedir nada. Um pequeno toque de Harry, leve como teia de aranha, exigindo que eu prestasse atenção e fosse embora, era tão pequeno e fraco e a necessidade era enorme, forte, mais forte do que nunca, pois aquilo era tudo, o começo e o fim, e me deixou fora de mim e me mandou pelo túnel entre o menino no meio do sangue e a última oportunidade de fazer a coisa certa. Aquilo ia mudar tudo, ia descontar mamãe, mostrar a ela o que tinha feito. Porque mamãe devia ter nos salvado e dessa vez tinha de ser diferente. Até Deb tinha de ver.

– Abaixe a faca, Dexter. – A voz dela estava um pouco mais calma, mas as outras vozes eram tão mais altas que mal consegui ouvi-la. Tentei abaixar a faca, tentei mesmo, mas só consegui uns poucos centímetros.

– Desculpe, Deb, não consigo – eu disse, me esforçando para falar com aquele barulho aumentando em volta de mim, a tempestade que tinha se formado durante vinte e cinco anos... e agora com meu irmão e eu juntos como duas nuvens negras numa noite escura e sem lua...

– Dexter – chamou a fraca mamãe, que queria nos deixar sozinhos ali naquele horrível sangue frio e a voz do meu irmão dentro sussurrou com a minha: “Vadia!”, e a faca desceu...

Veio um barulho do chão. Seria LaGuerta? Eu não sabia dizer, nem tinha importância. Eu precisava terminar, precisava fazer aquilo, precisava deixar acontecer.

– Dexter – disse Debbie. – Sou sua irmã, você não vai querer fazer isso comigo. O que papai ia dizer? – a pergunta me tocou, tenho de admitir, mas... – Abaixe a faca, Dexter.

Outro som atrás de mim e um balbucio. Levantei a faca.

– Dexter, cuidado! – disse Deborah e virei-me.

A detetive LaGuerta estava no chão, ajoelhada numa perna, ofegante, tentando levantar a arma que de repente parecia muito pesada. O cano da arma subiu lentamente, lentamente... apontou para meu pé, meu joelho...

Mas tinha importância? Pois aquilo ia acontecer naquele momento, não importa como e, apesar de eu poder ver o dedo de LaGuerta firme no gatilho, a faca na minha mão continuou abaixando.

– Ela vai atirar em você, Dex! – avisou Deb, desesperada. A arma estava apontada para o meu umbigo, o rosto de LaGuerta se contorcia de concentração e esforço, ia mesmo atirar em mim. Virei um pouco para ela, mas a faca ainda estava querendo descer...

– Dexter! – gritou mamãe/Deborah deitada na mesa, mas o Passageiro das Trevas falou mais alto e se adiantou, segurou minha mão e abaixou a faca...

– Dex...!

– *Você é um bom menino, Dex* – sussurrou Harry atrás de mim, com sua voz fantasmagórica e dura-leve como pluma, o suficiente para eu levantar a faca de novo.

– Não posso evitar – sussurrei, segurando com mais força a faca que tremia.

– *Escolha o que... ou QUEM... matar* – ele disse com o azul duro e infinito dos olhos me vendo agora pelos olhos de Deborah, observando com força suficiente para empurrar a faca meio centímetro. – *Existe muita gente que merece* – Harry disse, tão calmo por cima do queixume irritado da discussão interna.

A ponta da faca tremeu e parou. O Passageiro das Trevas não podia mais enfiá-la. Harry não podia afastá-la. E lá estávamos nós.

Ouvi um som raspante atrás de mim, um ruído surdo e pesado, depois um lamento tão vazio que escorregou pelos meus ombros como um lenço de seda nas patas de uma aranha. Virei-me.

LaGuerta estava com a arma apontada, presa ao chão pela faca de Brian, mordendo o lábio inferior e os olhos cheios de dor. Brian estava a seu lado, agachado, observando o medo no rosto dela. Ele respirava com dificuldade, num sorriso sombrio.

– Vamos colocar as coisas em ordem, mano? – ele perguntou.

– Eu... não posso – respondi.

Meu irmão levantou-se com esforço e ficou na minha frente, balançando de um lado para o outro.

– Não pode? Acho que não conheço essa palavra – ele disse. Pegou a faca da minha mão e não pude impedir o que ele fez a seguir.

Ele olhava para Deborah, mas a voz passou chicoteando por mim e bateu nos dedos fantasmagóricos de Harry no meu ombro.

– Tem que fazer, irmãozinho. *Tem mesmo*. Não há outra saída. – Ofegante, ele dobrou o corpo ao meio por um instante, e aos poucos foi se endireitando, levantando a faca. – Preciso lembrar a você como a família é importante?

– Não – respondi, com minhas duas famílias (a morta e a viva) em volta de mim me chamando para fazer e não fazer. Num último sussurro dos olhos azuis de Harry, minha cabeça ficou balançando e repeti: – Não – e dessa vez falava sério. – Não, não posso. Com Deborah, não.

Meu irmão olhou para mim.

– Que pena, estou muito desapontado.

E abaixou a faca.

EPÍLOGO

~

SEI QUE ESSA É UMA FRAQUEZA QUASE humana e pode ser apenas um sentimentalismo barato, mas sempre gostei de enterros. Por um lado, são cerimônias tão limpas, tão arrumadas, tão caprichadas. E, realmente, aquele foi um enterro dos bons. Havia policiais homens e mulheres de uniforme azul, perfilados com rostos solenes, sérios e... bem, cerimoniosos. Houve a saudação com tiros, o cuidadoso dobrar da bandeira, todos os detalhes... um espetáculo adequado e maravilhoso em honra da falecida. Afinal, ela fora uma das nossas, uma mulher que tinha servido ao lado dos poucos e bons. Ou será que isso é coisa de fuzileiros navais? Não importa, ela fora uma tira de Miami e os tiras de Miami sabem como fazer um enterro para um deles. Têm muita prática.

– Ah, Deborah – suspirei, bem baixo, sabendo evidentemente que ela não podia me ouvir, mas parecia a coisa certa a fazer naquele momento e eu queria fazer direito.

Gostaria de conseguir verter uma ou duas lágrimas. Nós dois éramos tão próximos. E tinha sido uma morte tão confusa e desagradável, não era assim que uma tira devia ir embora, assassinada por um louco homicida. O socorro chegou

tarde demais, estava tudo terminado havia muito tempo quando alguém conseguiu atendê-la. Mesmo assim, por seu exemplo de abnegada coragem, ela havia mostrado como um tira deve viver e morrer. Claro que estou citando o discurso feito no enterro, mas é o principal. Foi mesmo uma cerimônia de alto nível, muito tocante para quem tinha alguma coisa dentro capaz de se emocionar. Coisa essa que não tenho, mas sei reconhecer e aquela era verdadeira. Não pude me conter com a silenciosa bravura dos policiais nos seus asseados uniformes azuis e o choro dos civis, foi muito tocante. Solucei alto.

– Ah, Deborah, minha querida Deborah – solucei, um pouco mais alto, quase sentindo dor de verdade.

– Cala a boca, sacana! – ela disse baixo, dando uma boa cotovelada em mim. Estava linda no uniforme novo: finalmente era sargento, o mínimo que podiam fazer por ela, depois de todo o trabalho duro de identificar e quase prender o Matador de Tamiami. Com o mandado de busca divulgado para todas as delegacias, mais cedo ou mais tarde pegariam o pobre do meu irmão (se ele não os pegasse primeiro, claro). Já que pouco antes fui obrigado a lembrar que família é importante, esperava que ele conseguisse continuar solto. Deborah ficaria em cima do caso, agora que tinha sido promovida. Ela queria muito me perdoar e já estava quase convencida da Sabedoria de Harry. Nós também formávamos uma família, o que ficou provado no final, não é? Não foi muito fácil me aceitar como eu sou, não? As coisas são como são. Aliás, como sempre foram.

Suspirei de novo.

– Pare com isso! – ela sussurrou, fazendo sinal com a cabeça para o final da fileira de empertigados tiras de Miami. Olhei para onde ela mostrou: o sargento Doakes estava me observando. Não desgrudou os olhos de mim nem quando jogou um punhado de terra no caixão da detetive LaGuerta. Ele tinha certeza de que as coisas não eram o que pareciam. Eu tinha certeza absoluta de que ele viria atrás de mim agora, me perseguiria como o cão de caça que é, farejaria meus passos e me acuar por causa do que fiz e que, naturalmente, ia fazer de novo.

Apertei a mão de minha irmã, enfiei a outra mão no bolso e toquei na lâmina fria com uma pequena gota de sangue seco: ela não ia para o túmulo com LaGuerta, mas ficaria para sempre na minha estante. Aquilo me consolou e não me importei com o sargento Doakes, nem com o que ele pensava ou fazia. Como podia me incomodar? Ele agora estava livre para pensar e fazer, tanto quanto qualquer outra pessoa. E viria atrás de mim. Sinceramente, o que mais ele podia fazer?

O que qualquer um de nós pode fazer? Indefesos como somos, nas garras de nossas próprias vozinhas, o que podemos fazer?

Eu sinceramente esperava conseguir derramar uma lágrima. Era tão lindo. Tão lindo quanto seria a próxima lua cheia, quando eu iria fazer uma visita ao sargento Doakes. E as coisas continuariam como eram, como sempre tinham sido, sob aquela adorável lua brilhante.

A maravilhosa, gorda e musical lua vermelha.

JEFF LINDSAY vive na Flórida com sua esposa e três filhas. Também pela Planeta publicou:

Querido e devotado Dexter
Dexter no escuro
Dexter design de um assassino
Dexter é delicioso



Se você estiver usando PC ou Mac:

Para que você tenha uma melhor experiência de leitura e visualização de nossos ePubs, recomendamos usar o leitor SONY® READER™.

Se você estiver usando iBooks (iPad ou iPhone):

Para que você tenha uma melhor experiência de leitura e visualização de nossos ePubs, recomendamos desligar a justificação e hifenização automáticos em AJUSTES/iBOOKS.

Se você estiver usando Android:

Para que você tenha uma melhor experiência de leitura e visualização de nossos ePubs, recomendamos usar os leitores ALDIKO ou SARAIVA DIGITAL READER.

⇒ Se estiver usando **Aldiko**, vá em Ajustes e desative FORMATAÇÃO AVANÇADA.



⇒ Se estiver usando o leitor da **Saraiva**, vá em Configurações, ajuste o Tamanho da margem, SOMENTE A HORIZONTAL, para 0 e ajuste o tamanho da fonte para 20.


Marcador
Anotação
Índice
Páginas marcadas
Anotações
Marcações
Configuração


Configurações
Tamanho da fonte
Brilho da tela
Cor de fundo
Tamanho da margem


Tamanho da fonte
-
20
+


Margem
Horizontal
Vertical
Fechar

Table of Contents

Agradecimentos
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Epílogo